MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO

COLEÇÃO DE OBRAS RARAS
VII

VIAGEM PELO NORTE DO BRASIL

NO ANO DE 1859

PRIMEIRO VOLUME

ROBERT AVÉ-LALLEMANT

traduzido do original alemão por
EDUARDO DE LIMA CASTRO

RIO DE JANEIRO
1961

NO RIO AMAZONAS

CAPÍTULO I

Partida de Pernambuco. A costa até ao Pará. Paraíba do Norte. Rio Grande do Norte. Ceará. Maranhão. O Farol de Salinas.

PRECISEI apenas de poucas horas em Pernambuco para coordenar alguns assuntos relacionados com o prosseguimento de minha viagem, na esperança de que, no fim desta, me demoraria ainda muitos dias lá.

O "Oiapoque", em que voltara de Maceió para Pernambuco, devia partir no dia 31 de maio, às 5 horas da tarde, rumo ao Pará, na sua viagem com escala pelos portos do norte, e preparei-me para embarcar novamente nêle.

Isso, porém, não se realizou sem alguma dificuldade. A maré viva dum mês de inverno e o forte vento de leste impeliam com extraordinária violência os vagalhões contra os arrecifes do pôrto. A espuma branca elevava-se acima do dique rochoso, à altura duma casa, e as ondas mais altas passavam-lhe livremente por cima do que resultaram diversos choques dentro do pôrto. O "Oiapoque" também sofreu com isso. Uma alvarenga carregada de carvão afundara, por ter ancorado muito perto do farol. Caso muito mais triste foi o do capitão dum navio fundeado fora do pôrto, no mar, no chamado Lameirão, que, querendo voltar para bordo, virou seu escaler, ao transpor a barra, e pereceu afogado com dois marinheiros e um passageiro.

Por isso os passageiros do "Oiapoque", embora êste se achasse muito perto da terra, não puderam chegar a bordo sem alguma dificuldade. O violento embate das ondas e sobretudo a forte correnteza das águas das chuvas, que inundavam os arredores de Pernambuco, estorvavam e faziam perigar os botes, que remavam

em redor; e o meu barqueiro teve também a amabilidade, ao atracar no "Oiapoque", de deixar-me cair nágua um saco de roupa, que, porém, pescou novamente.

Depois das 5 horas, os passageiros, com menores ou maiores avarias, estavam todos a bordo, e o belo vapor zarpou. A correnteza, porém, para o mar, era tão forte, que a comprida embarcação não pôde fazer a volta, tendo de dar marcha à ré até ao norte do farol e depois, a uns 20 pés da famosa Tartaruga, aproar ao oceano. O possante corcel a vapor — foi o que me pareceu o nosso barco no momento — encabritou-se contra as ondas. Com alguma dificuldade pôde o pilôto deixar-nos. Não tardou que a arrebentação e as pitorescas, belas cidades de Pernambuco e Olinda, outrora rainha daqueles mares, hoje um nome sem importância, ficassem muito atrás de nós; e ainda por longo tempo na noite um farol intermitente nos fêz lembrar que acabávamos de deixar um pôrto importante.

De Pernambuco para o norte começa uma nova seção do império brasileiro. Pernambuco e Olinda constituem o extremo mais oriental do continente sul-americano, o ponto do qual o sudoeste estende mais longe a mão para o nordeste, para a Europa, e a distribuição de suas bênçãos. Mas a distribuição dessas bençãos foi inteiramente diferente para o norte e para o sul dêsse notável promontório. A Europa, desde os primeiros tempos, procurou sempre o sul mais frio da extensa costa e não tardou a construir um monumento de civilização após outro, de Olinda às margens do Rio da Prata, monumento êsse cujo alto valor e conscienciosa manutenção os povos que lá habitam, numa situação de independência política da Europa e de constituição, não quiseram ainda reconhecer devidamente, nem continuar a desenvolver.

Não obstante de Olinda para o sul predominar um inegável europeísmo, pelo menos francamente manifesto, o desenvolvimento de Pernambuco para o norte e noroeste tornou-se bastante diferente. O noroeste, mais quente e mais insalubre, por muito atraentes e prometedoras de lucros que fôssem suas terras, manteve, não obstante, afastados os normandos europeus daqueles tempos, espanhóis, portuguêses e holandêses, e mal se assinala nalguns pontos qualquer forte desenvolvimento conforme com as normas nórdicas.

Devia-se esperar que o influxo vindo da Europa e desenvolvendo-se ao longo da costa sul tivesse exercido considerável influência sôbre o norte do Brasil, sôbre as regiões a noroeste do Cabo de S. Roque. Tev ecertamente muita influência, mas, nenhuma de grande importância.

Antes da fôrça do vapor afrontar as correntes e os ventos contrários sôbre os vastos oceanos, êsse norte do Brasil sofria as conseqüências das condições altamente peculiares de sua geografia física, cuja desvantajosa influência não pôde ser anulada, contudo está e será cada vez mais atenuada pela navegação a vapor.

A portentosa massa oceânica, acumulada no Gôlfo da Guiné, dada a confluência das correntes do sul e do norte, não acompanha com igual velocidade o giro equatorial da terra, antes desvia-se em maior quantidade para o oeste. Aí os postos avançados do continente sul-americano, os rochedos de S. Paulo, a Ilha de Fernando de Noronha, os arrecifes chatos das Rocas, dividem-na, forçando uma parte na direção noroeste, e outra para sudoeste ou sul; a primeira é a mais impetuosa, mais regular, a última a menos forte e sujeita mesmo a muitas modificações.

A corrente de Pernambuco para o sul varia, segundo as condições locais e meteorológicas, entre 46 e 24 milhas inglêsas, nas 24 horas. Essas foram exatamente a condições observadas pelos diversos navios em que viajei naquelas águas. Viagens em navios de vela do Rio para o norte, ao longo da costa, podem, por isso, com boas, embora não excelentes condições de vento, ser muito demoradas. A mesma viagem, feita em abril de 1859 no excelente vapor "Cruzeiro do Sul", do Rio à Bahia, em 69 horas, realizara-a em janeiro de 1855 no bom veleiro "Calatéia", uma corveta francesa, em 18 dias. Perdemos ao norte dos Abrolhos 44 milhas inglêsas, em 24 horas, por causa da corrente norte-sul. E contudo não era exatamente uma calmaria, embora não tivéssemos vento favorável.

Nos chamados meses de inverno, do sul, quando a monção do sudoeste se estende mais para o norte, essa corrente — assim dizem os navegantes ao longo da costa — torna-se inversa, porquanto o vento impele as massas de água para o norte. E isso parece de fato verdade, porquanto a grande seção da corrente

equatorial atlântica leste-oeste alcança muito mais longe ao sul, do que ficou dito antes. Quase se pode dizer que o sol determina, conforme está mais ao norte ou mais ao sul, tudo o que concerne às condições dos ventos e correntes intertropicais atlânticas. No inverno do sul, as monções do sudoeste alcançam mais longe ao norte e para além do equador do que no verão. Assim é que a água oceânica corre também mais profundamente do sudeste, da África para a América do Sul, e já no sul de Pernambuco, e dadas certas condições, no sul da Bahia mesmo, é interceptada e desviada em grande parte para o norte e mesmo para o nordeste, para correr então rumo ao nordeste. Realmente nasce da Bahia uma corrente de retôrno, modificada, procurando o norte, que, contudo, por certo só depende muito relativamente dos ventos do sul, que, porém, ao que me parece, com o predomínio dêsses ventos mana duma fonte de grandes atrações solares, e corre em direção ao norte, da mesma forma que tôdas as condições no verão do sul atraem dum modo notável para o sul. O mar e o ar correm então largamente para o sul.

Mais importante e mais regular do que essas correntes é a que flui do Cabo S. Roque para o noroeste. Só pode ser vencida por navios de vela, dadas condições muito favoráveis, de maneira que essa parte da costa, desde os primeiros tempos, foi muito pouco procurada, e só recentemente posta em mais estreita ligação com as costas europeizadas do Brasil, por meio duma linha regular de vapôres.

Acho por isso que tive razão, quando disse que, deixando o pôrto de Pernambuco, começava para nós uma nova seção da região do litoral do Brasil, cujo marco é em regra chamado Cabo S. Roque, um marco a que eu preferiria o Recife de Pernambuco, ou a histórica Olinda.

O "Oiapoque" navegou a meia fôrça tôda a noite. O 1.º de junho saiu do mar e das nuvens, pardacento e chuvoso, quando nos encontramos entre as margens inteiramente planas da embocadura dum rio, no lado sul da qual se erguia um pequeno forte, bem situado, porém muito mal conservado, a cêrca de 24 milhas alemãs a noroeste de Pernambuco. Era a foz do Rio Paraíba do Norte, rio sem importância, chamado do Norte para se diferenciar de

outro de igual nome no sul, que desemboca no mar, ao norte do Cabo Frio, e que dera o nome a uma pequena província.

O "Oiapoque" subiu-o na direção oeste e sudeste, por entre mangues, que apenas aqui e ali mostravam algum trecho firme com pequenas plantações. Tudo mangue, água salgada e estreitos canais de ligação entre si. Avançou assim 3 léguas, e ancorou no meio do rio salgado, que até ali e mais acima ainda se podia considerar uma enseada do mar; entrementes a maré vazava e não tardou que a pardacenta e fétida lama das margens se descobrisse até perto do vapor. Da cidade da Paraíba do Norte não se via absolutamente nada; não se podia vislumbrar uma casa, nenhum edifício através dos mangues, nos quais só se avistavam milhares de caranguejos correndo dum lado para outro. Algumas canoas, saindo dos diversos braços do rio, remaram para o vapor. Mas uma chuva persistente, que só cessava por alguns minutos, impediu fôssemos até a cidade, distante meia légua, por trás dos mangues, tanto mais por ter o "Oiapoque" de continuar sua viagem dentro dalgumas horas, e de aproveitar as boas condições da maré, para alcançar novamente o mar.

Não vira ainda capital de província com arredores tão insípidos. Tanto de bordo como a bordo mesmo, tornava-se cada vez mais viva em mim a convicção de que a Europa ficava um pouco mais longe dali. A sociedade a bordo não era muito seleta e notava-se certa impolidez na maioria dos companheiros de viagem. Passamos assim um dia monótono, como ainda não experimentara nas minhas viagens, entre os mangues e lodaçais da Paraíba do Norte. Consolava-me e alegrava-me ser rápida nossa estada ali.

De fato, já às 5 horas, deixamos o tão primitivo ancoradouro. O tempo mostrava-se muito melhor e já clareava mesmo. Por trás do verdor dos mangues, vimos então surgir, sôbre uma colina, a cidade da Paraíba do Norte, que, com algumas igrejas e belos edifícios, proporcionava belo aspecto. Descemos depois o rio calmo, no qual encontramos alguns navios ancorados, e chegamos a sua foz.

Junto ao forte, profundamente escondida entre o espêsso coqueiral, verdadeiro idílio índio, a povoação de Cabedelo, com uma pequena e acanhada igreja; na praia corria muita gente, sobretudo

mulheres e crianças seminuas, dum lado para outro, atrás dos caranguejos. O lindo e umbroso quadro tropical terminava com uma árvore gigantesca, com todos os característicos duma figueira brava * e fazia realmente lembrar um trecho encantador do romance de Paulo e Virgínia.

O forte está em ruína; quadro verdadeiramente deplorável daquilo cuja antiga importância e fortaleza são evidentes. Saímos então para o mar calmo, porque naquelas regiões tudo parece sereno e plácido. Passando pela bóia vermelha assinalando a barra do rio, rumamos a nordeste e a meia fôrça, em direção ao mar alto, para alcançar na manhã seguinte o próximo pôrto, Natal, capital da Província do Rio Grande do Norte. Já às 9 horas da noite avistáramos uma luz clara, fixa, a oeste; mas navegamos tôda a noite para o norte, e quando em 2 de junho, o dia amanhecia, estávamos perto do Cabo de S. Roque. Retrocedemos, então, cortando um mar verde-claro, limitado a oeste por uma praia monótona. Às 8 horas chegamos à barra do Rio Grande do Norte. Um arrecife, que apenas aflora à superfície da água, protege a costa contra as vagas do oceano e proporciona livre entrada a navios de calado médio. Sôbre êsse arrecife fica o Forte dos Três Reis Magos, pequeno, mas em bom estado. Por trás de dunas solitárias, ergue-se a pequena cidade, que, sob coqueiros esguios, oferece, de longe bonito aspecto.

O "Oiapoque" não podia entrar. Um bote trouxe o correio de terra, lutando contra a forte correnteza do rio, cuja principal desembocadura, através dum segundo arrecife próximo, é bastante estreita. Nosso vapor, porém, balouçou, solitário, dum lado para o outro na maré, consideràvelmente arrastado para o norte, até que lhe chegou um companheiro. Surgiu ao norte o "Paraná" e não tardou a aproximar-se de nós; manobraram resfolegando em volta um do outro.

Um tiro de canhão, seguido logo de outro, deu, por muito tempo sinal de partida ao nosso bote, até que, por fim, cêrca do meio-dia, saiu do arrecife, e pudemos movimentar-nos, depois de passar ainda perto da pôpa do "Paraná" e entregar a correspondência para o Rio. Ao arriarmos e tripularmos o bote, que levava

---

(*) Gameleira. N. do T.

êsses despachos, um marinheiro caiu ao mar, sendo imediatamente recolhido. Prosseguimos rumo ao noroeste.

O mar ostentava um verde-claro peculiar, quase leitoso, até onde a vista podia alcançar, agitado apenas nalgumas áreas maiores. Ladeamos um brigue, cruzando ao longo duma costa de dunas, cuja escassa vegetação lembrava a África. Nalguns lugares a areia é represada por uma parede de barro vermelho como um bastião; raramente se vêem ilhotas de coqueiros, deixando pressupor um povoado. O capitão mostrou-me um ponto um pouco mais elevado, com o cimo coberto de mata fechada, estendendo-se em baixo numa duna para dentro do mar, o Cabo de S. Roque, nada vistoso, irreconhecível mesmo, porquanto a costa continua para o norte com o mesmo declive, forma e constituição; as mesmas dunas êrmas repetindo-se sempre. Por trás duma ponta de areia, particularmente deserta, uma pequena baía com belíssimos coqueirais e sob êstes uma cidadezinha solitária, Toiros ou Touros, com a igreja alva como a neve, vista de longe no mar. O "Oiapoque" rumou então a nornoroeste, e desapareceu de repente a costa, tendendo para o oeste. Seguiu-se uma viagem tranqüila na noite morna. Ajudavam-nos as correntes marítimas regulares para noroeste.

Não se via terra, quando raiou o 3 de junho. O vapor corria para oesnordeste, num mar calmo, mais azul, levemente agitado por um fresco sudoeste.

Êsse sudoeste em redor do Cabo S. Roque é fenômeno altamente merecedor de atenção. Enquanto, no alto mar, as monções de nordeste e sudeste, conforme a estação e as circunstâncias, se disputam o domínio do mar, sopra prestimoso nordeste, muitas vêzes nos piores momentos, em auxílio dos navegantes, que inàbilmente cortaram o equador, 30 graus a oeste de Greenwich, arrastados pelas correntes marítimas para o noroeste; ameaçando tornar quase impossível dobrar o Cabo de S. Roque por um caminho mais curto, quando êles, à luz da crítica, se encontram em dificuldades com seus diários de bordo, e conseguem então navegar, em menos tempo, tanto para oeste, que podem ainda com habilidade passar entre as Rocas e Fernando de Noronha e ganhar o sul. Maury, o imperturbável americano, nas suas instruções para navegação a vela, chama a atenção para êsse regime de vento perto da costa, e

com tôda razão. Mas os navios vindos do nordeste e podendo cruzar o equador numa longitude conveniente, não devem nunca deixar chegar o momento crítico de precisar dêsse recurso, sobretudo nos meses de verão do norte, quando a corrente do noroeste e a monção do sudeste alcançam mais longe na direção norte, como costuma suceder nos meses de inverno do hemisfério norte.

Às 7 horas da manhã avistou-se novamente terra, a Ponta de Matacri ou Cascavel, a noroeste do pôrto de Aracati, ao qual precede novamente um litoral de areia amarela. Ergue-se sôbre pequeno ressalto um farol mais baixo, que assinala a extremidade sudeste da quase irreconhecível baía ou pôrto do Ceará. O "Oiapoque" contornou um vasto areal e fundeou em pleno mar, junto a duas barcas inglêsas, diante da cidade do Ceará, capital da província do mesmo nome, situada sôbre dunas mais sólidas.

Ceará, vista do mar, é realmente bonita. Seu ponto central é um forte imponente, motivo pelo qual era antigamente chamada de preferência Vila do Forte. Ao lado dêsse forte, uma igreja branca, completamente nova, e do outro, um hospital novo, ainda não inteiramente acabado, cuja metade deverá ser ocupada por um liceu. Na extremidade mesmo, fica ainda uma cadeia, casa de detenção. Ao lado e acima das casas, elevam-se incontáveis coqueiros.

A areia amontoa-se por tôda parte, em muito maior quantidade ainda. Sem que até aqui se possa ter explicado ao certo donde provém tôda essa areia, ela acumula-se por todos os lados, sobretudo na extremidade sudeste da enseada, como que saindo do mar, de maneira que tanto se pode pensar numa aluvião como mais ainda numa elevação da costa; em todo caso, presencia-se um quadro que lembra o Rio Grande do Sul.

Como, com êsse crescimento da areia, os reais interêsses da cidade, e com êles os de tôda a Província, são prejudicados, mandaram vir, para opinar e indicar os respectivos remédios, um jovem e proficiente engenheiro, P. Berthot, que, depois de cuidadosa e minuciosa inspeção, manifestou muitas dúvidas sôbre a eficácia de qualquer providência. Contudo, o perigo não me parece assim tão grande, porquanto não se trata absolutamente dum pôrto do Ceará, e sim duma enseada inteiramente aberta, nem ao menos tão

abrigada quanto a de Maceió, mas realmente numa região onde rareiam as tempestades e as marulhadas são quase desconhecidas. Há evidentemente certa semelhança das situações e mesmo das cidades, entre Maceió e Ceará.

Grande número de jangadas rodeou logo nosso vapor, dançando com admirável leveza sôbre as ondas. Numa delas vinham diversos sábios brasileiros, membros dessa expedição brasileira tão brilhantemente aparelhada, para saudar o companheiro, Dr. Capanema. Seis de nós, fora os dois jangadeiros, fomos a terra numa dessas jangadas, sôbre uma parte mais elevada, ao centro, segurando-nos num pau disposto para isso; a princípio, todos muito receosos, mas logo armados de mais coragem. E, de fato, chegamos a terra sem dificuldade. Aí, porém, onde as ondas arrebentam, pareceu que tudo ia piorar; mas um jangadeiro saltou na água, amarrou uma corda na frente da jangada e puxou-a para a praia, de sorte que pudemos desembarcar a pés enxutos.

Fui à cidade, atravessando pequeno deserto de areia, e percorri-a em seguida, com o astrônomo da Expedição, Sr. Gabaglia. As ruas são orientadas conforme os pontos cardiais, como traçadas pela bússola, tendo, em parte, bonitas casas. Algumas de bom calçamento, que, contudo, em outras, não passa ainda de barricadas. Ao lado da cidade européia, vêem-se também grandes filas de cabanas pardacentas, nas quais gente de côr de tôda espécie leva vida de preguiçoso. Êsse madracear tem um aspecto romântico peculiar, sobretudo quando essas choupanas ficam debaixo dos coqueiros, rodeadas de maciços de anonáceas, que lhes fornece, sem nenhum trabalho, doces e suculentos frutos, bastando para isso levantar a mão — fruta-do-conde ou ata, chamada também pinha — ou doutra espécie, cujo fruto se chama graviola, uma fruta muito maior, que, quando madura, tem sabor agridoce muito agradável. No meio dêsses bosquetes de anonáceas, que as carrapateiras e os jenipapeiros, com a florescência verde-amarelada odorífera, abundantes lá, tornam mais espessos, vive gente forte, de côr, passando dias inteiros deitada na rêde, sem nada fazer absolutamente. Não admira, assim, se encontre muito perto dali um asilo para órfãos, onde são educados à custa do Govêrno os rebentos dêsse povo, que se afunda na preguiça. Êsse instituto é inteiramente novo e faz

grande honra à Província; aos pais preguiçosos, porém, que sem necessidade mandam os filhos para lá, em lugar de mantê-los com seu trabalho, faz a maior de tôdas as vergonhas.

Vi também o aparelhamento da comissão científica e o pequeno observatório adequado do Dr. Gabaglia. Tudo largamente provido, assegurará a essa comissão, composta exclusivamente de cientistas brasileiros, resultados brilhantes, se a saúde dos seus diversos membros se mantiver inabalada.

Êsses foram os votos que apresentei especialmente ao meu querido companheiro de viagem, quando nos separamos, e voltei numa jangada novamente para bordo do "Oiapoque" porquanto alguns dêles não eram muito fortes, e trabalhos como êsse, exigem, no norte do Brasil, naturezas de ferro, e são sempre perigosos.

Aliás, o Ceará parece-me bem colocado, no que concerne à salubridade. Fica alto e pode ser varrido por todos os ventos. Achei a água potável muito agradável; era colhida numa lagoa nas proximidades, clara e insípida, qualidades que, de comum, não se encontram nas cidades da costa do norte do Brasil.

O Ceará exporta café, algodão e açúcar; acontece-lhe, porém, o mesmo que a tôdas as cidades pequenas perto das grandes: seu comércio é abafado por Pernambuco. Além disso, a província, aliás fértil em muitos setores, sofre dum grande mal, as faltas temporárias de chuvas e aniquilamento de tôda a vida orgânica pela sêca. As plantas e os animais sucumbem nessas ocasiões, e os homens refugiam-se nas cidades para conservar a vida. Tem-se falado, por isso, sèriamente, na perfuração de poços, o que, porém, me pareceu estar muito longe, não obstante já disporem das perfuratrizes.

Mas, seja como fôr, o Ceará é sempre um ponto importante na costa nordeste do Brasil, motivo por que está por muitos modos em comunicação com as províncias vizinhas. Da mesma forma que Maceió, Pernambuco e Bahia, o Ceará é também regularmente visitado pelos vapôres costeiros, que, por um lado, fazem a carreira de Pernambuco para o norte, e por outro, desde o Maranhão, para o sudeste até Granja, a que se pode juntar ainda, todos os 14 dias, a linha geral do Rio de Janeiro.

Ao anoitecer, o "Oiapoque" continuou viagem e, no meio duma noite chuvosa, estava já longe no mar, quando, meia hora depois da meia-noite, começou a estremecer, como se recebesse violento choque a cada revolução das rodas. Gritos no convés, comoção e imediatamente gritos também nos camarotes, não obstante o tempo tão calmo quanto possível imaginar-se, e, na pior das hipóteses, a costa a algumas horas de distância. Deixaram escapar o vapor das caldeiras e pararam a máquina, para reparar pequena avaria numa das rodas. O "Oiapoque" estava tão quieto como não ficaria num rio. Depois dalgum martelar, a avaria parecia consertada. Uma hora depois, repetiu-se, porém, o mesmo desarranjo e desta vez o consêrto foi mais demorado. Finalmente, tudo em ordem, pudemos prosseguir tranqüilos nossa viagem.

A 4 de junho pela manhã, nosso rumo, que durante a noite se afastara prudentemente de terra, voltou novamente a oeste, soprando fresco sudeste. Às 9 e ½ avistamos a Ponta de Jeriquaquara, e cêrca das 4 horas, a costa e a foz do Parnaíba, cuja bacia é formada pela Província do Piauí de que não se pode mais tratar aqui.

A terra achatava-se cada vez mais; ao dia monótono seguiu-se uma tarde calma e noite amena. Avistou-se a luz do farol de S. Ana, que assinala a entrada do pôrto do Maranhão. Rumamos, no dia seguinte muito cedo, a sudoeste com vento sudeste; cada vez mais aparecia terra, com a forma de profunda baía, duma barra, ao sul da qual se ergue o pequeno forte de S. Marcos, sôbre a margem elevada, enquanto na outra, na mais distante do outro lado, fica a pequena cidade de Alcântara, e entre ambas, o mar rebenta com violência, de encontro ao chamado Banco de S. Marcos.

Nosso rumo levou-nos ainda em volta dum forte na praia, o da Ponta da Areia, onde dera à costa um navio desmantelado, e a cidade do Maranhão brilhou diante de nós, na mais luminosa das manhãs.

A impressão não poderia ter sido mais favorável. O mais belo domingo estendia-se sôbre a terra e sôbre o mar. A cidade desdobrava-se sôbre altas colinas, banhada de três lados pelo mar com bonitos, magníficos mesmo, edifícios. Entre tôdas as construções salientavam-se uma bateria, o palácio do govêrno, a catedral e uma

pequena igreja no fim da cidade. Diante da resplendente cidade, ancoravam cinco vasos de guerra brasileiros e uma bonita frota mercante; flâmulas e bandeiras tremulavam ao longe, e devo dizer que, depois das três grandes cidades comerciais, Rio, Bahia e Pernambuco, a cidade do Maranhão merece indubitàvelmente a classificação seguinte, e tem realmente esplêndida aparência.

O desembarque não afeta absolutamente essa boa impressão; ao contrário, aumenta-a ainda mais. Logo ao saltar do navio, fui cordialmente saudado pelo médico e dois oficiais do "Tieté", aquêle vaso de guerra que o Govêrno mandara em março ao Mucuri para salvar os infelizes colonos ludibriados. Já contei essa história, de que guardarei, por tôda a vida, dolorosa recordação.

Um terrapleno, bem conservado e revestido mesmo de lajes, conduz à comprida Praça do Govêrno, um passeio sossegado, porém aprazível, com belíssimos panoramas e imponentes edifícios em volta. De lá saem ruas regulares, a maioria cruzando-se em ângulos retos, descendo e subindo muitas vêzes, e por isso sem dúvida muito limpas. Tôdas correm do sul para o norte, do leste para o oeste, e ostentam belo aspecto.

Seu traçado em linha reta, embora com subidas e descidas, e sua limpeza logo impressionam, dum modo sumamente agradável. Creio poder dizer com bastante certeza que nenhuma cidade no Brasil conta, proporcionalmente ao seu tamanho, tantas casas bonitas, grandes e até apalaçadas, como o Maranhão. A cidade parece ter-se sentido, no tempo do domínio português, chamada a grandes coisas, e ostenta ainda o esplendor duma época infelizmente passada. Reparei por tôda parte nesse fausto, embora me parecesse algo melancólico, que em muitos lugares nos limites da cidade, sólidas paredes negras indicassem grandes construções inacabadas.

A Rua do Sal levou-me numa linha reta através da cidade, em direção ao oeste. Encontram-se aí bonitos edifícios, um teatro, e por último um grande quartel, com vasta praça em frente, e um campo livre atrás, onde num arroubo de patriotismo, a fôrça armada da Província comemorou a coroação do Imperador Pedro II, com um monumento de mau gôsto. Julguei-o a princípio comemorativo duma batalha ganha.

Mas não ouso falar aqui de campos livres. Começa ali, ao contrário, aquêle aprazível agreste, onde ressaltam muitas habita-

ções campestres e plantações, como se postas ali para ornar o magnífico parque natural. Contempla-se com prazer e encanto a macia e odorífera paisagem verde.

Contudo, o curto caminho da Rua do Sal pela Rua dos Remédios é ainda mais compensador. Chega-se por uma rua tranqüila, na direção norte, a uma praça verde, que desce alcantilada para o pôrto. Orlam-na em parte lindos jardins e esplêndidas casas. Aí se ergue a pequena igreja, alva como a neve, de Nossa Senhora dos Remédios — *protetora do comércio e navegação, ano 1804*, conforme a inscrição por cima da entrada — uma espécie de igreja da Boa Viagem! Perto dela, um pavilhão aberto, sob o qual, embora não muito limpo, se descansa com prazer, para contemplar e gozar o encanto do primoroso quadro.

Maranhão estende-se para a esquerda, imponente em cima e ao mesmo tempo tão idìlicamente pobre na praia distante em baixo, onde num pequeno varadouro de canoas, o mundo dos pescadores se ocupa nos misteres da profissão. Em frente, o belo pôrto, com os grandes e bonitos navios; para a direita, estende-se novamente um braço de mar mais calmo, muito sinuoso e subdividido muitas vêzes pela vasta solidão verde. E para além, até onde a vista alcança, tudo é mar cintilante, verde e sombrio. Isso ao norte da cidade.

Ao sul, outro braço de mar. Abaixo da igreja de S. Pantaleão, situada numa eminência, a pequena e modesta igreja de S. Tiago. Um lindo maciço verde-escuro ensombra o templo. Mangueiras, grandes tamarindos, artocarpos e espôndias muito altos, e, por terra, pequenas cássias e um modesto plumbago formam o mundo verde solitário, procurado certamente com prazer, sobretudo num dia quente.

Perto dali, o hospital, casarão sem ordem, com cêrca de 40 doentes, que deixa ainda muito a desejar e, ao que parece, proporciona pouco confôrto e auxílio aos doentes, e aos visitantes poucos ensinamentos e muita estranheza.

Nas ruas do Maranhão circulava gente endomingada. Uma multidão de mulheres e moças de côr, nascidas duma mistura de pelo menos três raças, vagava para cima e para baixo, desembaraçadamente. O calor no Maranhão, a 2 e ½ graus do equador, jus-

tifica a nudez dos ombros, do colo e dos braços até as espáduas, o que faz realçar vantajosamente as formas, muitas vêzes realmente belas, dessas mulheres de côr. Mas um pente, como uma tôrre, que trazem na cabeça, muito enfeitada de flores, é inteiramente sem gôsto. Essa inevitável exibição de adornos na cabeça das mulheres do povo lembra-me os gorros de bico da gente da Madeira, como, aliás, muitos lugares no Maranhão me fizeram lembrar a aprazível Funchal.

Recordou-me também vivamente Funchal, ter encontrado no Maranhão uma família inglêsa, em cuja casa reinava o encanto de fina educação européia, realçado pela rara beleza e graça da dona da casa. Não poderei jamais recordar o Maranhão, sem me lembrar com sincero agradecimento e imenso prazer duma família, distinta em todos os sentidos, que me proporcionou, muito perto do equador, a máxima boa vontade, horas dum reparador ambiente nórdico.

Da casa da amável família européia voltei firme novamente para as cenas da marujada a bordo do vapor sul-americano. Não foi, porém, fácil a volta para bordo, com a forte preamar entrando no pôrto. Situa-se a cidade do Maranhão numa ilha, ao longo do continente, lavada pela preamar no seu lado do nordeste, no ponto mesmo onde ficam a enseada e a cidade. As marés regulares sobem até 18 pés, nas ocasiões das marés vivas até 21, de maneira que os grandes navios não só entram, como podem ficar em sêco com a maior facilidade, circunstância que a Marinha brasileira sobretudo sabe aproveitar para reparos no casco de cobre dos seus navios.

De boa vontade teria me demorado duas semanas no Maranhão, para conhecer alguma coisa do interior, da parte continental da Província. Gostaria sobretudo de excursionar pelo seu principal rio, o Itapicuru, no qual o vapor sobe cêrca de 60 léguas até Caxias, de onde se alcança a Província do Piauí, através de curto caminho por terra, e suas cidades principais, Oeiras e a nova capital Teresina. Mas todos êsses deviam relegar-se à espécie de desejos irrealizáveis; fui para bordo do "Oiapoque" e com êle partimos às 9 horas, com cinco ou seis passageiros, porquanto o grosso dos nossos companheiros de viagem ficara no Maranhão, o pôrto da aprazível

cidade. Os pequenos faróis da Ponta da Areia e de S. Marcos mostraram-nos o caminho, e não tardou vogarmos no alto mar.

A manhã de 6 de junho encontrou-nos rumando a oeste, sob fresco sudoeste; rodeava-nos um ar fresco e límpido; ao sul avistava-se terra plana, de que nos afastávamos, conforme a necessidade, do oeste para o norte, oestenoroeste, etc. Gaivotas libravam-se em vôos ousados por sôbre o mar; grandes bandos de Tapenas ou Pássaro dos trópicos, de caudas profundamente bifurcadas, traçavam seus círculos no ar sob as núvens flutuantes; borboletas adejavam pelas águas para ir morrer no mar; até um morcêgo passou chiando. Transcorreu o dia assim, com êsses pequenos incidentes, trazendo-nos uma noite esplêndida. O vapor cortava tranqüilamente o mar, a cêrca de meio grau ao sul do equador. A lua nova brilhava por cima de nós em áureo esplendor; e quase na mesma altura, defronte um do outro, a Ursa Maior e o Cruzeiro-do-Sul brilhavam com as duas luminosas estrêlas do Centauro. Estando no rebordo mais elevado do esferóide, que é a terra, podíamos alongar a vista até as mais profundas regiões de ambos os pólos; para cima, até ao brilho avermelhado da Estrêla do Norte, e para baixo, para o sul, até onde, no pólo deserto de estrêlas, a pequena cúpula de nuvens faz tranqüilamente seu círculo.

Mas às 9 horas da noite, outra luz prendeu mais minha atenção. Avistávamos a sudoeste o farol de Salinas, uma luz que brilhava até muito longe, a mais de 7 milhas alemãs ao sul da embocadura do grande rio do Pará, não só um indicador do caminho da foz do rio, como também uma advertência para protelar sua aproximação até a manhã clara do dia seguinte, se se quiser levar o navio e a tripulação sem perigo até o desaguadouro do rio gigante.

Fizemo-nos por isso ao largo, logo que avistamos a luz, para, na manhã seguinte, rumarmos à costa e à embocadura do Grão-Pará.

CAPÍTULO II

Chegada ao Pará. A cidade e os arredores. A festa da Páscoa em Cametá, no Tocantins. Regresso ao Pará.

A FORMIDÁVEL bacia fluvial, onde estamos prestes a entrar, começa na parte mais oeste da América do Sul. Algumas das torrentes, que se precipitam dos Andes, naquelas longínquas regiões, têm de percorrer 1 000 milhas geográficas e mais, antes de se lançar no Atlântico. Nascendo nos picos nevados, terminam sob o sol causticante do equador; um único rio em todo o mundo, o Yang-tse-Kiang, pode ufanar-se dalgumas poucas milhas mais de extensão — de maior volume de água, nenhum. Podem citar-se milhares de nomes de riachos e rios formadores da principal torrente da grande rêde fluvial, que, sob o equador e ao sul do mesmo, corre para leste. Imensas ramificações dessa principal torrente são ainda desconhecidas, muito do que devia pertencer à geodésia, está ainda no terreno do mito, das lendas índias e da pura ficção.

Impenetrável floresta ensombra a superfície da maioria dos rios e cobre imensas planícies de eterna verdura que, com as torrentes, oferecem a imagem do infinito. Massas colossais de granito, gargantas e vales profundos formam a moldura de mais de um dêsses rios, sobretudo nas suas fontes, no sopé da cordilheira.

Não posso, porém, bosquejar aqui o Amazonas. Viajante e narrador de minha viagem, só posso dizer do que eu mesmo vi.

A 7 de junho, pela manhã, muito cedo, rumávamos a oeste para a foz do Grão-Pará, ao longo da costa baixa, derramada para o sul, algumas milhas adiante de nós. O azul-escuro do oceano tornara-se puro verde-mar. Sobreveio uma água pardacenta, denunciando o influxo da portentosa torrente.

A duas ou três milhas de distância de terra, rugia o mar contra um comprido banco de areia, chamado Espadarte; a quatro milhas do continente, os traiçoeiros arrecifes de Tijiocas, meio submersos; o vapor navegava hàbilmente entre os dois, enquanto ao norte. um brigue estava sendo guiado por um cúter da praticagem para as águas livres do canal navegável; entre o Espadarte e o continente singravam tranqüilamente barcos menores.

O banco de areia e os arrecifes assinalam a foz do Grão-Pará. Com tempo bom, o rio e o oceano marulham moderadamente, contra êsses baixios. Durante as tempestades, porém, uiva sôbre êles forte rebentação, que se avista de longe e indica aos navegantes, tão seguramente quanto um pilôto, o caminho marítimo para dentro do rio.

O vapor cortava, por certo, com tôda fôrça e a tôda velocidade, a maré pardacenta; avistávamos, é verdade, a sudoeste e a sudeste, trechos de margem, grupos de árvores e ilhas; mas dum rio de duas margens êsse mar pardacento nada queria revelar. Depois dalgumas horas, descobri, com o auxílio dum bom binóculo, e do lugar mais alto no convés do navio, à distância dalgumas milhas alemãs, uma nesga de praia a nordeste. O mar tornara-se uma torrente, correndo três quartos de milha alemã por hora, arrastando enorme volume de água doce. Na verdade, quando se vê êsse formidável caudal assim impetuoso, fica-se convencido de que ali está a mãe do mar, num ininterrupto procriar, e de que o continente não saiu do oceano e sim êste primeiro correu dêle.

A faixa de margem a nordeste faz parte duma grande ilha, que separa o Rio Amazonas pròpriamente dito, do Grão-Pará, um verdadeiro delta, formado pelos dois, quando constituíam em perfeita união uma só massa de água. Essa é a Ilha de Marajó, que não se deve confundir com a Ilha do Maranhão. A existência dessa ilha ensejou a que se separassem os rios Grão-Pará e Amazonas, por muito ligados que estejam, considerando o primeiro como o desaguadouro do Tocantins, para o qual o Amazonas emite um braço, como veremos mais adiante. Se separarmos assim o Grão--Pará do Amazonas, teremos para sua largura 8 milhas alemãs, e para a do Amazonas, calculando do Cabo Norte até a Ponta de Imiritaí, cêrca de 40 milhas alemãs. Se, porém, tomarmos a Ilha

de Marajó e algumas outras ao norte desta como um delta formado pelos dois rios reunidos, dando-lhes uma foz comum, esta teria de Tijiocas até ao Cabo Norte uma largura orçando por 50 milhas alemãs.

Cêrca de meio-dia, o vapor alcançou uma cadeia de ilhas, que dividia o largo rio em dois, no sentido do comprimento, ou antes cortava-lhe uma estreita faixa a sudeste. Aí saudamos um pequeno forte redondo, no meio do rio, e do qual recebemos sinais para a rota do Pará.

Subimos por essa faixa lateral do rio, chamada Guajará, aproximando-nos cada vez mais da cidade do Pará, depois de a têrmos avistado a boa milha de distância. E não tardou fundeássemos diante dela.

Pará, ou antes S. Maria de Belém do Pará, uma cidade de 25 000 habitantes, causa boa impressão, vista do rio, embora tudo nela pareça velho. Destacam-se vetustas igrejas; a Alfândega mesmo é um antigo convento de grandes dimensões. O magnífico palácio do presidente é sem dúvida um dos melhores edifícios do Brasil; desejaria especialmente que o Imperador tivesse um igual no Rio de Janeiro.

As ruas do Pará apresentam igualmente bom aspecto. Vêem-se muitas casas distintas, grandes e bonitas, verdadeiros palácios em miniatura, mas tôdas antigas, do tempo em que Portugal se trasladou para o Brasil, e o Pará deveria ser uma capital.

Uma coisa, porém, me horrorizou! Tinham-me indicado em Pernambuco um hotel do Pará como o melhor. Quando transpus a porta, recuei, apavorado; parecia exatamente um dêsses albergues portuguêses, os cortiços do Rio. Sujidade e um cheiro repelente me causaram positivamente náuseas. Fora êsse, não havia outro hotel na cidade, pelo menos nenhum melhor!

Fui procurar conselho no único estabelecimento comercial alemão existente no Pará, a casa dos Srs. Tappenbeck & Cia. Aí mal acabei de anunciar-me, fui tão amável e insistentemente convidado pelo Sr. Tappenbeck e seu sócio Sr. Brambeer, para hospedar-me em sua casa, que, por muito a contragosto que quisesse aceitar tanta bondade e carinho, tive de ficar. Mandaram buscar minha bagagem, e em poucos minutos instalava-me em casa dos

bons e obsequiosos compatriotas, na mais bela rua do Pará, sorte que nunca poderei agradecer bastante aos citados senhores, por muito pouco valor que tenham dado à sua bondosa hospitalidade.

O mundo peculiar, que se inicia com o Pará e se alonga por tôda a extensa rêde fluvial que ali começa, quase na direção de todos os pontos cardiais, já foi descrito muitas vêzes como de maravilhoso encanto. E oferece de fato tão variadas maravilhas, tal diversidade de belezas que aí especialmente o coração e o espírito se refazem por igual, como em qualquer parte do mundo.

Na verdade, o estado de primitividade da Natureza, mesmo nos arredores da cidade, atingidos pela civilização avassaladora, já recuou várias vêzes, embora, triunfando igualmente por tôda parte sôbre a arte e a cultura, ela tenha deixado seus soberbos representantes e plantado mesmo outros.

Quando se sai das ruas pacatas do Pará, nas quais, por causa do calor equatorial, se evitam todo movimento e esfôrço desnecessários, para o campo, para a chamada "rocinha", encontra-se aí quase tudo transformado num vasto parque. Maravilhosas aléias cruzam-se em ângulos, orladas de terminálias, cujos ramos, sobrepondo-se em camadas, dão uma sombra refrigerante, ou de eriodendros, cujos troncos gigantescos, não obstante muitos parecerem seculares, estão ainda na idade infantil. Ou ainda um vento fresco, soprando do mar, brinca com as altas casuarinas e tira no solo sul-americano, do cimo de árvores néo-holandesas, ecos nórdicos da pátria, caros à alma do peregrino alemão. No cimo de grandes e esguios troncos ciciam as fôlhas flabeliformes da nobre *Mauritia;* mais esbelta e flexível, oscila com o vento a graciosa euterpe, enquanto muitas astrocárias, palmeiras bem providas de anéis de espinhos agressivos, porém graciosas, olham para suas duas rivais. As viçosas bananeiras ensombram lindas casas de campo; a *Tacsonia maracuya,* uma passiflora de frutos gigantescos, trepa de latada em latada e mostra por baixo do verde-escuro da folhagem sua esplêndida florescência. E mais mangueiras, artocarpos e numerosas anonáceas, laranjeiras, cafeeiros e tudo o mais que a viçosa vegetação tropical pode apresentar; tudo isso se aglomera em redor das bonitas casas de campo, nas quais o paraense procura escapar à canícula tropical.

As casas de campo e a vegetação alcançam tôda sua beleza, sobretudo nas proximidades da igreja de Nazaré. Uma pequena igreja, com uma praça relvada, celebra todos os anos a grande festa comemorativa do milagroso salvamento dum naufrágio e das angústias da morte, realizado pela Mãe de Deus. A cidade inteira acorre a essa festa e diverte-se, esvaindo-se em suor os europeus, sob o calor tropical. Aí vi as casas de campo de melhor gôsto e reintegrei-me na mais perfeita cultura nórdica.

E logo ali perto a *cottage* de Mr. Henderson! Mr. Henderson é um comerciante inglês, que disse adeus à caprichosa Fortuna e a Mercúrio, para homenagear o mundo das Hamadríades. Por um caminho solitário, através da floresta úmida, quase encharcada, chega-se a uma clareira, um pequeno prado verde, rodeado de palmeiras e cássias floridas, em volta de cujas corolas abertas enxameiam milhares de abelhas zumbindo. A não ser por isso reina benfazeja quietude na floresta, através da qual nenhum cordeador traçou jamais um caminho reto. Tudo ali é Natureza, paz, sossêgo em tôda a ramaria. E, contudo, a cultura européia, sem perturbar a paz da Natureza, também já penetrou lá. Na cabana da selva vêem-se móveis inglêses simples e uma biblioteca escolhida, revelando ser seu proprietário um filósofo, mas um filósofo cristão, porquanto ao lado de "Aspectos da Natureza" de Humboldt, e outros livros científicos, figuram diversas edições da Bíblia; e tôda a pequena choupana da floresta transpirava um ambiente de cultura e convicção religiosa.

A cidade do Pará tem até um Jardim Botânico. É na verdade um jardim sem estufas, cujo solo mesmo é pouco propício; contudo crescia nêle admirável vegetação, diferente da que se estendia sem peias por centenas de milhas dali pelo interior. Não quero ser injusto para com o Jardim Botânico do Pará e seu honrado jardineiro francês, entretanto, um jardim assim parece-me empreendimento inútil. Têm-se sem dúvida plantado nêle dracenas, incas, agave e cactos; vêem-se até várias plantas raras, uma pequena palmeira-leque, das nervuras de cujas fôlhas se fazem os chapéus-do-chile e semelhantes, mas o jardim botânico, fora dêsse pequeno, maravilhoso viveiro de plantas, é muito maior, superior, muito mais rico e muito mais atraente.

Quem quiser apreciar um quadro completo dessa superioridade, dessa onipotência da Natutreza no Pará; quem quiser haurir a largos tragos na sua cornucópia, na qual a ininterrupta torrente derrama suas bênçãos sôbre o mundo vegetal, siga pelo gigantesco rio até qualquer ponto nas muitas ilhas ou no continente, olhando em tôrno até onde puder enxergar na escuridão da floresta. Ou suba comigo o Rio Pará e penetre por algumas milhas na embocadura do Tocantins! Acompanhe-me só por dois ou três dias!

A festa da Páscoa em Cametá! Linda recordação, sonho maravilhoso, sempre na lembrança dos que o sonharam acordados.

Foi no sábado, véspera de Domingo de Páscoa, a 10 de junho! Meus amáveis compatriotas paraenses tinham-me levado às 9 horas da noite para bordo do vapor fluvial "Cametá", onde esperamos a partida até às 10 horas. Então a corrente da âncora tilintou sua canção noturna; a sirena horrìvelmente estridente interrompeu a quieta solenidade da noite, e, acompanhando a maré enchente, o vapor subiu murmulhante o grande braço do rio ainda muito maior, passando pela cidade, cujos coruchéus e campanários se destacavam singularmente escuros na noite de luar.

Irreconhecíveis as ilhas e o continente na ligeira névoa da noite; cercava-nos profunda solidão; aqui e ali piscava uma luz num ou noutro pequeno barco, ancorado na corrente do vasto lago fluvial. Adormeci sob o tôldo da coberta. Despertou-me o tilintar da corrente da âncora. O capitão queria esperar uma hora, para deixar passar o primeiro ímpeto da preamar que entrava. E ficamos fundeados no meio do vasto rio.

Espetáculo fantástico! Em tôrno, a superfície da água era um espelho. A noite de luar embalava tôdas as ondas, e as estrêlas da noite banhavam-se mansamente na profundeza da água. Não se avistava margem; a orla distante, velada por um leve nevoeiro; estávamos aparentemente num mar de água doce. Na realidade o rio apresenta aí sua maior largura ao sul do Pará, exatamente abaixo do ponto de confluência do Tocantins com o braço lateral do Amazonas, que êste último rio deriva para o Pará e ajuda assim a formar a grande Ilha de Marajó. Por isso essa larga superfície de água doce se chama também a Baía de Marajó, verdadeira angra interna, um lago muitas vêzes açoitado pela preamar e pela vazante,

com grandes ondas nas tempestades, lisa como um espelho em noites serenas de luar.

Antes do amanhecer, o vapor prosseguiu viagem. Entre ilhas distantes, avistou-se uma brecha na qual o céu e a água se tocavam, não deixando ver terra de permeio; era a entrada, a barra do Tocantins.

Muito ao sul da Província de Goiás, em cima das montanhas não muito altas ali existentes, de onde correm para o sul algumas das principais fontes do Paraná, nascem entre 16 e 18º de latitude sul da confluência de muitos pequenos cursos de água, dois rios importantes. Embora sinuosos, correm num singular paralelismo, por bons 10 graus de latitude, mais ou menos, como fazem no sul o Uruguai, Paraná e Paraguai, um ao lado do outro, para o norte; aí o mais oriental, o Tocantins, recebe o Araguaia do oeste, sem que depois dessa confluência, modifique de qualquer forma seu curso. A bacia do Tocantins pode ter assim até 16 graus de latitude de comprimento, porém em parte alguma mais de cinco graus de longitude de largura.

Grande e extenso grupo de ilhas assinala a entrada do Tocantins no Pará, ou antes, do chamado Tocantins no chamado Pará; porquanto êste, como já insinuei, é continuação do primeiro, e ambos deviam ter um só nome — um grupo de ilhas, aparentemente desabitadas e um palmeiral ininterrupto — e contudo só aparentemente, pois não tardaremos a ver quão numerosas são as habitações humanas espalhadas por trás das primeiras orlas de palmeiras na floresta e como êsses palmeirais permitem e protegem milhares doutras espécies de plantas no seu meio.

Quando se passa por essas ilhas no esplendor da manhã, só se pode sonhar com palmeiras, e falar duma espécie delas. Até onde a vista alcança — e atinge muitas milhas até as ilhas mais próximas, as mais distantes e o continente — até onde se avista a olhos nus ou armados, tudo parece imensurável palmeiral, construído como um templo, de uma só espécie de palmeira.

Tronco apertado contra tronco, em admirável uniformidade de altura e espessura, não cedendo espaço em parte alguma a uma árvore menor, a *Mauritia flexuosa* — palmeira miriti, ressalta às margens do Pará e do Tocantins. Nos igarapés vizinhos, emerge

do espelho da água em tão prodigiosa quantidade, que só posso comparar aos nossos mais espessos pinheirais nórdicos. A *Mauritia vinifera*, muito semelhante — parecendo-me, contudo, menor e só a tendo visto em pequenos grupos — vista muitas vêzes no sul do Brasil, e já citada, procura introduzir-se entre as *Mauritia flexuosa* até dentro da água do rio, de maneira que, quando êste sobe algo, ficam alagadas. Os fulgurantes raios do sol da manhã iluminavam vivamente os possantes troncos, que, ao invez de diminuírem de espessura, de baixo para cima, parecem antes espessarem-se mais fàcilmente no alto. Poucas, porém enormes fôlhas, ornam o tôpo dêsses troncos de 60 a 80 pés de altura, embora haja também exemplares que, isolando-se de modo singular inteiramente da linha uniforme das copas do palmeiral, a excedem de 10 a 20 pés, apresentando talvez 100 pés de altura. O pecíolo nu da fôlha mede 6 a 8 pés de comprimento e é forte e pesado; nêle prendem-se as fôlhas em forma de leque com alguns pés dum extremo ao outro, de cujo parênquima se pode obter uma fibra, parecendo, porém, inferior em valor e duração à das bromeliáceas e do caroá. O fruto é particularmente escamoso, quase como uma pinha, e é comestível; dá também, pisado na água e pôsto a fermentar, uma bebida agradável. Êsses frutos pendem em grandes cachos em volta do cimo dos troncos.

Ninguém, abaixo do Tocantins e do Pará, pensa nessa utilidade da *Mauritia*. Na opinião pública e na preferência do povo é inteiramente suplantada por outra espécie de palmeira.

Açaí-i, Açaí-i-si! Por muito quietas que estejam as ruas do Pará, embora muitas vêzes possa parecer reinar silêncio de morte durante o calor sufocante do meio-dia, ouve-se sempre, a cada momento, o pregão penetrante, percorrendo tôda a modulação da escala: *Açaí-i*!, *Açaí-i-si*! Todo estranho julga ver nesse pregão qualquer remédio para o povo, e quando chama a pregoeira de açaí, preta ou fusca, e examina o segrêdo, encontra numa panela um môlho côr de vinho, um caldo de ameixas.

Êsse môlho côr de vinho é na margem do Rio Pará exatamente o mesmo que o mate no Rio Grande do Sul e nas repúblicas espanholas, o café fraco para as mulheres no Norte e o chá para as damas histéricas. Mais ainda do que isso, é, em suma, o principal alimento do povo.

Quando se chega mais perto das espêssas matas de miritis, e se observa com mais atenção a formidável quantidade de frutos dos troncos, descobre-se, em muito maior número, uma segunda espécie de palmeira, muito mais fina, mais delicada e realmente graciosa, que eu já vira nas margens dos rios da Província da Bahia, no Rio Pardo, Jequitinhonha e Mucuri, e que já citei, a delgada e esguia palmeira juçara (*Euterpe edulis*). Eleva-se com um tronco delgado, muitas vêzes ligeiramente curvo, de 20 a 30 pés acima do solo. Onde o tronco escuro termina sùbitamente, para transformar-se num fuste verde, e prolongar ainda uma ponta, aí, muito junto das bainhas das fôlhas, em volta do ôlho, brota a florescência, logo abaixo dêsse fuste, que na muito vigorosa *Euterpe oleracea*, a palmeira do palmito, contém êste, como um cacho compacto de muitas espigas simples que como guelras vegetais, se refrescam e revigoram com o ar e a umidade. Enquanto, porém, nos já citados rios da Província da Bahia, vi no máximo dois cachos, sob o céu abençoado do Pará a juçara produz ao mesmo tempo três até quatro. As flores fêmeas amadurecem como pequenas bagas azuis, que pendem em grande quantidade dos cachos e não podem ser melhor comparadas do que com grandes ameixas bravas.

Por tôda parte se deparam essas palmeiras bacíferas, escondidas na sombra doutras árvores; e em tôdas as estações se encontram essas bagas maduras na Província do Pará. Os meninos trepam fàcilmente nesses troncos, que com o pêso oscilam dum lado para outro, sem se quebrarem, até ao tôpo, e cortam os cachos maduros. As bagas são então destacadas e maceradas por algumas horas ou menos tempo na água. Depois são esmagadas com as mãos, até que tôda a polpa se desligue, formando um môlho côr de vinho com a água, restando só os caroços verdes.

Assim se obtém o açaí. Misturam-no com farinha de mandioca torrada e adoçam-no com um pouco de açúcar; um caldo meio ralo, que, na primeira prova, achei logo muito saboroso, perfeitamente comparável com o das nossas cerejas pretas.

Pela manhã, à tarde, à noite, e quando possível, também à meia-noite, o povo do Pará serve-se de açaí. A cidade recebe o abastecimento necessário dos rios vizinhos, Guamá e Moju, cujas margens são especialmente ricas dessas euterpes, dalgumas ilhas

e mesmo da mais longínqua Marajó, pois sem êsse açaí a cidade do Pará não saberia como arranjar-se. Por felicidade, como já disse, há durante todo o ano bagas maduras de açaí nas vizinhanças do Pará.

Mas precisamos voltar à nossa viagem. Muito ao sul, a cêrca de 6 léguas da chamada barra do Tocantins, descobrimos na margem da floresta, do lado esquerdo do rio, uma cidade, cujos telhados encarnados e igreja, que ressaltava à vista, causaram surpreendente e agradável impressão, porquanto não esperávamos encontrar mais verdadeira cidade naquele labirinto de água e entre aquelas paredes de palmeiras, sobretudo nenhuma coberta de telhas.

Essa boa impressão, porém, modificou-se em parte, quando ancoramos e vimos melhor a cidade.

Cametá fica à margem do rio, sôbre um barranco de 20 a 25 pés de altura, elevação formada de barro e areia, erguendo-se perpendicularmente sôbre a água. Sòmente por ocasião da baixamar, que chega até aí e mais longe ainda, fica uma faixa plana, descoberta em baixo, acessível de cima por muitos degraus de madeira.

Aproximaram tão imprudentemente as casas da cidade da beira do rio, que muitas já correm grande perigo. Por um lado, a maré arrasta com ela parcelas da margem em baixo; por outro, a erosão da parte de cima, causada pelas chuvas, faz com que muitas casas já estejam por demais perto da orla e amparadas por escoras. Em certo ponto mesmo, uma rua pública não passa de uma ponte de madeira, uma galeria de pranchas.

Isso dá à cidade de Cametá um aspecto muito singular. Por tôda parte se vêem escadas de madeira, pilares de madeira, varandas e pontes de madeira. E como essas construções de madeira não estão novas e certamente não foram sempre erigidas por carpinteiros ou construtores, forma verdadeira confusão de madeira, dando-lhe um aspecto de cidade malaia, parcialmente suspensa sôbre andas.

A população, porém, é ainda mais singular. Nosso vapor, único acontecimento que desperta alguma vida em Cametá, trouxe tôda a população à orla da margem e às janelas. De tôdas as varandas e pontes os habitantes olhavam para baixo; mostravam-se em tôdas as côres humanas imagináveis; ou antes pareceu-me que, entre tanta gente de côr, não podia ver brancos.

Concebera, na verdade, pequeno preconceito contra a população de Cametá. Meus companheiros de viagem eram pálidos, murchos, a maior parte gente desagradável; quis a sorte que entre os oito ou dez passageiros houvesse um anão e um maluco; tinham-me também prevenido que a maioria da gente, que ia encontrar lá, era de côr.

Ia despedir-me do amável comandante do vapor, pelos poucos dias de demora em Cametá, quando um homem de muito boa aparência chegou num bote a bordo. Soube ser o Sr. Louis Jean La Roque a quem devia entregar duas cartas do Pará. Tudo o que me haviam dito dêsse homem, e a impressão de bondade e franca obsequiosidade, que me causou, levaram-me, de muito bom grado a concordar imediatamente em ir para terra com êle e hospedar-me em sua casa, pelos poucos dias de minha permanência em Cametá.

Fizemo-nos transportar até o fim da cidade, subimos uma escada de madeira de 20 pés, e vi-me diante dum cenário tão encantador que não se pode traduzir em palavras.

Uma pequena praça, em forma de terraço, no meio dum largo e comprido balcão, estendendo-se para além da orla do rio. Na orla da praça, enorme mangueira e, por trás desta, uma linda casa. Para seu arranjo o proprietário acumulou bastante bom gôsto, em dez anos de residência na Inglaterra, e fortuna suficiente, numa ativa vida comercial no Tocantins. Essa casa, rodeada de dois lados por uma varanda, é tão larga que forma duas salas conjugadas abertas em volta. Ao lado, um jardim conquistado à floresta virgem, onde diversos grupos de astrocárias, providas de espinhos, uma gutífera parasita, alta e viçosa, asfixia uma palmeira, um enorme eriodendro e uma palmeira pupunha falam da floresta, enquanto flores de jardim, cuidadosamente tratadas, espalham longe seu perfume. Dêsse belíssimo belvedere goza-se de todo o panorama do rio a jusante, do rio a montante e do rio defronte, em cuja margem, uma ilha após outra velam parte da colossal largura do Tocantins. Tudo isso moldurado pela orla encantadora da floresta, tendo por cima um céu profundamente azul, cuja límpida abóbada parece suportada pelos troncos-pilastras das miritis. Essa a minha pousada de Páscoa, na extremidade mais baixa de Cametá, tão encantadora como nunca possuíra igual.

Passei horas deliciosas sob a escura sombra dessa mangueira, sonhando acordado diante dêsses quadros da Natureza, quer pela manhã se levantasse o sol por trás das palmeiras das ilhas distantes, ou ao meio-dia soprasse o nordeste do mar longínquo, trazendo refrigério e alívio, ou à noite, duas noites de áureo luar, o rio, cantando, refletisse, trêmulo, a imagem do céu límpido, e sussurrasse de manso, ao desafio com as palmeiras.

Seria talvez a terra maravilhosa, ou o tempo magnífico, ou o humor que a festa da Páscoa traz consigo, ou os três juntos, que me incitaram dum modo tão estranho: sob a influência do que se passou em mim e em meu redor, a bizarra população colorida de Cametá e seus arredores adquiriu singular encanto.

Para a organização e direção das festas de Páscoa, elege-se nas cidades brasileiras, sobretudo no campo, a chamada Imperatriz, que escolhe então Imperador do seu agrado para lhe ajudar. Houve assim um Imperador em Cametá também. Era um conhecido do Sr. La Roque, que por delicadeza devia apresentar-se lá, na véspera do Domingo de Páscoa. E eu o acompanhei com o maior prazer.

Chegamos, quando se organizava na igreja uma espécie de procissão com luzes. Na frente ia uma boa música. Seguiam-na meninas fantasiadas de anjos, altamente variegadas. Vinha depois a Imperatriz, uma jovem bonita, com enorme coroa de papelão, dourada e enfeitada de fitas. Seguia-se tôda Cametá, que encheu a bonita e asseada igreja de figuras singulares.

A população feminina constituía a grande maioria. Não vi mulher branca pura, mas, em compensação, de todos os tons possíveis, desde o branco através do amarelo e pardo até ao mais profundo prêto africano. Evidentemente, o principal tronco, de que todo êsse singular mundo feminino descendia, era índio, a genuína e pura estirpe dos tapuias.

Embora êsse tão numeroso mundo dos índios, na maior parte dos lugares onde o europeísmo se aproximava demais dêles e ameaçava apertar o cêrco, se aprofundassem mais, rios acima, preferindo a vida desregrada nas florestas à vida legal nas cidades e sua vizinhança, muitos se achegaram à civilização e a receberam até onde lhes foi levada. Habitam por isso ainda em Cametá e arredores muitas famílias de tapuias, inteiramente puros, muitos duma

côr mais escura, quase preta, e com característicos verdadeiramente índio-mongólicos, provindos de uma fonte de naturezas calmas, tranqüilas, como a dos chineses no longínquo oriente, que gostam das sombras por trás das palmeiras miritis, nas margens dos rios, e passam aí existência inofensiva e sem propósito. Dêstes quase não vi nenhum na igreja, nem mesmo dentre as mulheres. Uma timidez, que lhes é peculiar, tinha-os impedido.

Mais numerosa era a mestiçagem índio-européia, representada na igreja, nos seus diversos matizes, e ainda mais no dia seguinte, por tôda a cidade, celebrando o esplêndido Domingo de Páscoa, singular mestiçagem, a que chamam mamelucos.

O dia não acabara ainda de nascer, quando entrei na água quieta do rio, sem descobrir em parte alguma um companheiro no banho. Mas já iam saindo dos palmeirais próximos e distantes algumas canoas com famílias tapuias, impelidas por velas brancas ou pelos remos curtos com pás redondas, com os quais os remadores cortam a água numa prodigiosa ligeireza.

Com que alegria passei em revista, através de meu pequeno óculo, êsses grupos de tapuias nas canoas! Na maior parte delas remavam dois homens, adiante e atrás. O último é chamado *iacomã*, timoneiro, ou é também uma mulher, que governa por meio dum leme redondo, fixo. No meio, senta-se a família, sempre mais mulheres e meninas do que homens ou meninos, aquelas de camisas brancas, abertas em cima, e uma saia azul ou doutra qualquer côr escura, em volta dos quadris. As mulheres mais velhas, na maioria, fumam nessas ocasiões por longos canudos delgados, em regra de madeira e côres variegadas, com uma boquilha de chumbo e um fornilho de barro prêto, muitas vêzes dourado. Crianças castanho-escuras, a maioria inteiramente nuas até seis ou oito anos, vão sentadas entre elas. Seguiam assim com tranqüila seriedade, pela manhã dourada, para a igreja; não pareciam conversar. Mais bonitos os grupos formados por essas criaturas fuscas silenciosas. Vi uma mulher moça, governando hàbilmente a canoa com a mão direita, e com a esquerda segurando e acalentando uma criança nua. Na beira duma canoa ia sentada uma moçoila, que parecia não se conformar corresse o belo rio assim pela manhã cedo, sem ser aproveitado. Arregaçou a saia até acima dos joelhos e agitou

as pernas dentro da água. Na verdade, uma cena de pescadores no gôlfo de Nápoles! Ou um quadro do longínquo Taiti!

Fiz um passeio com o Sr. La Roque na mata, cujos postos avançados iam até ao jardim do meu hospedeiro. Veredas estreitas levavam a tôda parte dentro da mata cerrada. Bastam alguns passos, para se encontrarem as habitações dos índios, diante das quais os calmos e modestos habitantes saúdam amistosamente e mostram, contentes, suas pequenas plantações, se é que se quer chamar plantação onde não se pode descobrir nem uma insignificante clareira. Aí vicejam as cabaceiras com seus frutos redondos, cujas cascas, depois de esvaziadas, na maioria das vêzes constituem os únicos utensílios domésticos; aí crescem as laranjeiras concorrendo com as escuras mangueiras, e as altas palmeiras que fornecem aos tapuias, pelo menos, a metade da grande massa de alimento que consomem, grande parte mesmo do necessário à vida. As esguias juçaras alteiam-se em grupos nas margens dos límpidos riachos e fornecem em grande quantidade bagas maduras para o açaí! Ao lado, pompeia uma das mais belas e raras palmeiras que já vi, a bacabeira.

Oenocarpus disticha chamou-se muito acertadamente uma palmeira que, exatamente com a urânia entre as musáceas, só despede fôlhas para cima e para os lados. Não pode o orgulhoso pavão abrir e formar com a cauda leque mais belo e regular, do que a bacabeira com as fôlhas peniformes. Na mais admirável harmonia nasce em cima, no tronco esguio, primeiro uma fôlha para a esquerda, depois outra para a direita, e assim por diante, alternadamente, até completar-se um semicírculo, matemàticamente exato, em que as pontas das fôlhas se igualam. Esta duplicidade de linhas é altamente singular, um capricho da Natureza, que ela, como já disse acima, mostra igual ao que revelou na formação da urânia; com capricho que devemos deixar passar, deleitando-nos com a primorosa forma resultante.

Dos frutos da bacabeira extrai-se um suco oleoso, muito nutritivo e de agradável sabor adocicado. Mas a esguia *Euterpe edulis* sobrepuja aqui, com o açaí, tôdas as outras palmeiras. Ela é e será a benfeitora dos tapuias nas suas pequenas malocas da floresta; nenhuma outra se poderá comparar a ela.

Mas isso não significa tôda a riqueza das habitações índias na selva. Por tôda parte vicejam na floresta os espessos maciços de cacaueiros. De longe brilham as grandes cápsulas amarelas dos seus frutos. Contêm, além dos conhecidos caroços, uma polpa acidulada, que com açúcar se conserva sólida ou sob forma gelatinosa. Os caroços só precisam ser limpos, trabalho que pode ser feito à sombra pelas crianças, e constitui uma espécie de ponto de reunião, para a qual os vizinhos e suas famílias se convidam recìprocamente. Alcançam com pouco trabalho um preço convidativo e proporcionam sempre bom lucro aos seus apanhadores.

Entretanto, o lucro obtido com a apanha do cacau não se pode comparar com o que decorre da *Siphonia elastica.*

A *Siphonia elastica,* a verdadeira árvore da borracha, seringueira, cresce por tôda a floresta em volta de Cametá. Uma euforbiácea esguia, atingindo a altura duma árvore alta, da tribo das crótons, portanto muito pròximamente aparentada com o rícino, a mandioca e a iátrofa, fàcilmente reconhecível pelas fôlhas lanceoladas, em grupos de três, num mesmo comprido pecíolo que, no seu ponto comum de reunião, apresentam pequenas células secretórias, no máximo duas ou três, como as que se encontram em muitas espécies de euforbiáceas. Muitas vêzes os pecíolos comuns dessas três fôlhas estão por sua vez reunidas em grupos de três. É esguia e em regra não possui fronde demasiado grande.

Enorme a riqueza desta árvore. Mal se arranca uma fôlha, mal se fere a casca com a unha do polegar, logo escorre um leite branco, que é aparado num vaso de barro, espalhado sôbre a forma preferida, secado e enegrecido ao fumo de côcos da palmeira ataléia, produzindo a goma-elástica, êsse célebre produto empregado para tantos fins, ainda não destronado por sucedâneo algum, e cujo preço por isso se mantém em alta. Um seringueiro ativo pode enriquecer aí, sem muito trabalho.

Devo lembrar, ao lado de tôda esta riqueza, as diversas espécies de anonáceas, de frutos doces como açúcar: o pacuri crescendo até se tornar árvore colossal, a *Platonia insignis,* talvez a mais alta das gluciáceas ou gutíferas, de frutos comestíveis e muito apreciados, sobretudo, em compota e geléia, exportados e já conhecidos na Europa.

Acima de tôdas essas, acima mesmo das copas mais altas da floresta, destaca-se mais elevada a *Bertholletia excelsa,* da família das lecitidáceas, essencialmente diferente da *Lecythis ollaria,* como se reconhece ao primeiro olhar lançado sôbre ambas. Ao passo que a *Lecythis ollaria,* a verdadeira sapucaia, tem um formidável tronco, quase cilíndrico, com a casca grosseira, elevando-se em linha reta, de 70 a 80 pés, sem emitir um só galho, formando então uma copa muitíssimo pequena em relação ao imenso tronco, o enorme tronco da *Bertholletia excelsa* começa logo a soltar galhos e uma vasta fronde. As fôlhas de ambas são também diferentes; as da primeira menores, as da última maiores e mais compactas. Na sapucaia os grandes e pesados frutos, em forma de pequenos potes, ficam presos aos galhos; a tampa voltada para baixo cai, logo seguida pelos caroços recobertos duma capa coriácea, enquanto o pote adere ao galho, muitas vêzes durante meses. Não assim na *Bertholletia.* Nela, quando o fruto amadurece, o talo apodrece e cai, sem se abrir. É verdade que a parte superior do fruto redondo tem o vinco duma tampa; encontra-se mesmo, algumas vêzes, no meio dêle um pequeno orifício, a cicatriz aberta da coluna do centro, que caiu dentro do fruto, mas não se deixa fàcilmente abrir, sendo necessário um machado para isso. Aberto êle, caem as conhecidas nozes triangulares, de casca áspera e dura, que são vendidas no comércio com o nome de castanha-do-pará. Êsse fruto é tão pesado que, ao cair, se enterra no chão.

Tal é a riqueza que viceja em volta das moradas dos habitantes da floresta, para não falar no variado esplendor da florescência muito alta, no cimo dalgumas leguminosas, nos maciços de numerosas apocíneas, nas graciosas pequenas melastomáceas.

E além disso a encantadora combinação dessas diferentes formas! Nosso caminho passava por uma comprida e singela ponte, por baixo da qual corria um límpido riacho — a Ponte do Curimão. De ambos os lados, pode-se divisar uma pequena extensão dentro da floresta, por entre lindas palmeiras e árvores frondosas, enquanto raios de sol desciam através da fronde de ambos os grupos de árvores agitadas pelo vento fresco, até ao fundo da água clara. Êsse, o encanto da Ponte do Curimão, singela ponte de madeira, e, contudo, eu desejaria fôsse dado a todos, embora por um momento, gozar a vista daí para baixo.

Mas, a par de tôda essa beleza natural, não se realiza surto de maior elevação na alma do habitante da mata; com tôda a riqueza em seu redor, é e permanecerá pobre; não tem prazer em possuir. Encontra-se, em regra, quando se entra nessas casas da selva, muitas vêzes asseadas, de altas cobertas de fôlhas de palmeiras, o homem molemente deitado e baloiçando-se na rêde, salvo quando anda ocupado no mato, na cidade ou no rio. Em geral recebe-nos então uma mulher idosa, que gosta de conversar com o estrangeiro, enquanto meninos bronzeados, caras frescas e travêssas, a maioria inteiramente nus, de cabelos curtos, muito pretos, fortes e muito bem proporcionados, correm dum lado para o outro ou se aproximam, confiantes, do estranho e palestram também de bom grado com êle.

A filha, porém, fica deitada numa esteira, diante da porta, à sombra do telhado saliente, muitas vêzes uma criatura tão encantadora como a fusca Cleópatra não poderia ser mais, sobretudo quando já foi introduzido sangue europeu na família, olhando meio curiosa, meio confusa, para o estrangeiro, que penetrou na floresta sem querer nada. Não se pode compreender como nos climas quentes pode alguém fazer mais do que os movimentos indispensáveis e se mover por prazer.

A raça de mestiços de Cametá! Poderia o viajante fazer um estudo especial, muito excitante, sôbre êsse mundo pardo-amarelado e pardo-escuro, sem esgotar o atraente tema.

Na maioria dos países, sobretudo nas grandes cidades comerciais, está reservado às mulheres e moças de raças mistas a triste e desairosa sorte de constituírem, ao lado das puras descendentes de europeus, uma classe muito menos acatada, menosprezada mesmo, sobretudo no que concerne à moral. Quase por tôda parte quiseram fazer delas bailadeiras * ou raparigas de vida alegre, não podendo jamais crer que nessa classe de criaturas se possam desenvolver e predominar os bons sentimentos e a moral. Não quero contestar que, por centenas de vêzes, nessas raças mestiças, as paixões levem em muitos sentidos a melhor sôbre os princípios. Nota-se nelas realmente certo epicurismo. Pode parecer-lhes per-

(*) *Bailadeiras*, mulheres que na Índia vivem junto dos pagodes, geralmente exercendo a prostituição. N. do T.

mitido esgotar até o último sorvo a taça dos prazeres, desde que ninguém sofra injustiça, dano, ou agravo, com êsse gôzo e êsses prazeres.

Quanto mais longe a mestiçagem está das rígidas normas da Europa, tanto mais natural lhe parece ceder aos apelos da Natureza e às paixões. Quando lemos as histórias de quase tôdas as ilhas dos Mares do Sul, quando percebemos os primeiros ecos vindos de lá, como os trouxeram até nós um Wallace, Byron, Cook, King e todos os seus sucessores, não sabemos, realmente, o que devemos mais pensar e dizer a respeito. Profunda tristeza apoderava-se sempre de mim quando lia sôbre aquelas ilhas, de Havaí e Taiti, onde parece morar e predominar uma Natureza intrìnsecamente poética e, ao mesmo tempo, horrível e inconsciente depravação — uma profunda tristeza quando lia, como as encantadoras filhas daquelas ilhas, depois de curta hesitação, entregavam, de corpo e alma, todo o seu ser aos braços dos europeus que chegavam e dos sujos marinheiros, dêles recebendo como presente um prego de ferro, em troca das suas deliciosas criaturas com todos os seus encantos.

O mundo dos índios no Tocantins pode ter ido ao encontro dos europeus com muito maior simplicidade e muito menor riqueza de colorido. Por isso a população mestiça é também, como conseqüência natural, muito mais simples, tranqüila e modesta. Pelo menos assim me pareceu o povo de Cametá. Calmos e alegres iam todos para as festas da Páscoa, um igual ao outro, nenhum menosprezado por causa de sua côr, sua origem, quer tivesse mais feições européias, mais característicos índios ou mesmo mais do colorido africano. Em parte alguma se notava grande alvorôço, desordem, a menor ofensa à moral e aos bons costumes. Por certo com tôda a razão me dissera o culto Dr. Peixoto, Juiz Municipal da cidade, que, quer nessas ocasiões, quer na vida usual corrente, nunca se registava um caso de polícia e talvez tivesse sob sua guarda o povo mais pacífico que se poderia encontrar, um pequeno povo de meninos muito grandes.

E eu acreditava-o perfeitamente. Todo êle estava na rua, mas nenhum trancara antes sua casa ou encostara a porta. Homens e mulheres, moças e rapazes andavam misturados, ao acaso, mas

nenhum se aproximava demais do outro ou o ofendia. Êsse mundo humano de côr revelava na verdade algo encantador.

Dois fatôres emprestam a essa gente um matiz todo especial: a preguiça e o banho, ambos tão inerentes a Cametá como a face dupla de medalha comemorativa.

A preguiça e o banho! Não fôsse a preguiça o primeiro de todos os vícios, afirmaria, sem rebuço, ser ela uma graciosa virtude em Cametá. E se o banho não fôsse tão grande virtude, como pai do asseio, acreditaria que êle em Cametá se tornara vício; um vício roubador de tempo.

Nenhum ruído de trabalho perturba o sossêgo público em Cametá. Onde quer que se vá, para onde quer que se olhe, vê-se logo uma rêde baloiçando, na qual alguém, descansando de nada fazer, dá um ligeiro impulso. Êsse regime da rêde é comum e geral. A rêde é cama, cadeira, sofá, e em muitos quartos, caso se possa falar nisso, a única mobília, sempre usada e sempre em movimento. Nela não se descansa do trabalho, e sim do banho. Em parte alguma e quase que nem nas ilhas dos Mares do Sul, pode o banho ser tão profissionalmente praticado como no Tocantins. Aí todos se banham; e quando a êle se assiste, julga-se que a gente do Tocantins é aquática e só por pouco tempo sai para o enxuto. Essas cenas de banho são tão peculiares, que precisamos consignar-lhes algumas palavras.

Irresistível atração do majestoso rio! Muitas vêzes se vêem homens, mulheres, meninas e meninos entrarem nêle sem nenhuma intenção. O homem quer embarcar na canoa, porém mal as ondas lhe chegam aos pés, despe a ligeira roupagem e joga-se na água. A mulher desce os degraus do quintal, para lavar uma cabaça ou um pote e, assim que a água fria lhe lambe as pontas dos dedos, tira também a nívea camisa e apenas de saia, ou inteiramente despida, salta na água, dá umas braçadas, e sai vestindo de passagem outra vez a camisa.

Quando a mãe manda o filho ao rio, em baixo, para ajudá-la em qualquer coisa, pode ficar certa de que êle não voltará sem ser chamado. Ofegante, batendo a água, nada com os companheiros de sua idade, de um lado para outro, dando expansão à sua natureza anfíbia; mergulham, ficam em cima ou em baixo da água por muito

tempo, e para ir bem fundo, levam dois grandes torrões de barro da margem, mergulham com êles, e muitas vêzes fica-se esperando ansioso. Mas êsses garotos fuscos não se afogam. Quantas vêzes vi êsses meninos amulatados, de oito a dez anos, em plena enchente, atirarem-se, de cabeça para baixo, do alto dum tronco, de cima duma estaca ou duma cêrca. Quantas vêzes os vi brincando na água, imitando os golfinhos que, no momento de interromper a meio o mergulho, o que fazem constantemente, descrevendo um semicírculo, aspiram o ar, roncando. O mesmo fazem êsses meninos. Saem da água num meio arco, aspiram o ar, roncando, e mergulham novamente. Os pequeninos que ainda não se podem aventurar aos banhos tumultuosos dos maiores, contentam-se em subir com dificuldades a uma canoa e atirar-se de cima dela na água. Depois de quatro ou cinco braçadas estão novamente na margem, para recomeçar, com muito trabalho, as mesmas peripécias.

Mocinhas mesmo, de 12 e 14 anos, de cujos troncos os botões de florescência, se intumescem para alcançar desenvolvimento completo — tomam também parte, sem nenhum acanhamento, nos banhos em comum, — enquanto as raparigas adultas se banham em pequenos grupos na orla da floresta, alguns passos mais adiante. Passeando uma vez por uma vereda solitária, quase intransitável, encontrei quatro dessas jovens, esbeltas como euterpes, banhando-se num tranqüilo riacho da floresta. As lindas jovens pardo-claras entraram até aos quadris na água fresca e tentadora, de que não se podiam fartar. Depois, uma ou outra nadava em lentas braçadas em volta do grupo, com os bastos cabelos negros flutuando sôbre as espáduas. Duas se agarraram, rindo e lutando para mergulhar indo, porém, ambas na luta para o fundo onde desapareceram por um momento, até que levadas pela corrente reapareceram separadas, algumas braças mais adiante, nadando para as companheiras. Voltaram então tôdas para a margem, onde se acocoraram e, antes de se vestir, expremeram de lado, por cima dos ombros, os opulentos cabelos negros, encharcados, escorrendo a água perlejante por sôbre lindas espáduas.

Um grupo como êsse nas águas do Tocantins, sob as palmeiras e sombrios maciços de cacaueiros, é um quadro adorável, um plácido e fiel retrato da floresta.

Apreciei, no entanto, um ainda mais encantador. Uma jovem mestiça chegou perto do rio, com um lindo garoto nu, de seis anos mais ou menos. A mestiça esbelta entrou na água, vestindo apenas uma saia curta, azul, em volta dos quadris. Mãe e filho nadaram com infinita graça em redor, até que aquela se acocorou perto da margem, para que o garotinho lhe lavasse às costas, o que de fato fêz. Mas, depois de ter passado as mãosinhas três ou quatro vêzes pelas belas curvas, deu-lhe uma palmada com tanta fôrça que ecoou longe. A jovem mãe voltou-se depressa, ameaçando-o, brincando, e a criança desatou a rir. O tolo brinquedo, que só tinha sentido, significação e infinito encanto para mãe e filho, continuou por muito tempo.

Êsse constante banhar, nadar e mergulhar tem um efeito duplo. O povo em Cametá, sobretudo o feminino, é o mais asseado que já encontrei em tôda minha vida e pode servir de modêlo e exemplo para tôdas as demais raças claras ou escuras, que gostam menos de se banhar. Essas mulheres e moças de Cametá têm a pele dos braços, espáduas, pescoço e rosto tão limpa como realmente é raro encontrar-se; mas isso lá é o comum. Sua cútis exala exatamente o mesmo perfume das emanações do rio, sem ter como é, aliás, muito comum no equador e entre mestiços, o menor cheiro de transpiração. Por muito apertados que andássemos nas ruas, durante as festas da Páscoa, embora a igreja regurgitasse, por mais perto de mim que passassem os numerosos transeuntes, ninguém acusava a mais leve emanação cutânea, senão a do maior frescor e asseio. Mesmo em casas que denotam abastança e educação, vi nas jovens, que olhavam os festejos da Páscoa nas ruas, uma graciosa negligência, que numa cidade mundana se tomaria por faceirice selvagem, que a mim, porém, pareceu a mais pura e natural ingenuidade. Se há loja de modas em Cametá ou costureira parisiense, que corta os vestidos para as moças, não sei. Mas teriam precisado pelo menos pouca fazenda para a parte de cima. As mangas mediam apenas dois ou três dedos de largura; tudo assentava folgado e sôlto, leve e vaporoso, e as belas formas femininas, sem serem apertadas e sustentadas por um corpinho, eram melhor banhadas pelo refrescante nordeste e refrescadas pelas ondas do Tocantins, abundante de palmeiras. Parecia-me, como já disse, haver uma infinita ingenuidade nesse traje, aliás, de per-

feito bom gôsto. Recordavam-me vivamente que as avós de muitas destas raparigas, mesmo muito claras, de aspecto quase europeu, talvez tivessem andado por aquêle mesmo Tocantins, ostentando apenas alguns enfeites de penas, enquanto as netas atravessavam agora um período de transição para uma indumentária inteiramente européia.

É surpreendente como na mestiçagem com o elemento europeu as feições e a côr também se evidenciam ràpidamente. Vi filhas de índias puras e pais europeus, realmente quase brancas. Sobrancelhas pretas, nìtidamente delineadas, longas e sedosas pestanas e olhos negros, com singular expressão de melancolia, além de certa elegância, certa graça franzina das espáduas, a par de belos pomos, bem desenvolvidos, e pés e mãos infinitamente pequenos, denunciavam a neta, ou mesmo a filha da índia. O que essa neta, essa filha apresenta de mais belo são os cabelos pretos. Enquanto as índias puras os têm muito pretos, porém duros e estirados, as moças de origem mestiça, as mamelucas (as mulheres originárias de mestiçagem índio-africana são chamadas mestiças, no norte do Brasil) os possuem finos e sedosos. A abundância dêsses cabelos pretos, meio anelados, engrinaldando a fronte fusca, é realmente soberba; verdadeiro diadema sôbre uma fronte trigueira.

Tirei assim muitos ensinamentos da contemplação do rio, da floresta e da gente de Cametá — que era certamente a entrada para o mundo índio da bacia do Amazonas e mestiçagem com os europeus.

E por isso uma saudade singular misturou-se em mim a todos os encantos dessa típica região, embora muito brilhantes as côres e muito belas as formas com que se apresentava exatamente nas festas da Páscoa.

Aqui dominará também um dia, aqui, no largo e indômito Tocantins, chegará também um tempo, em que os rostos pálidos, que no clima tropical parecem mais pálidos e macilentos, dominarão também pelo número, como já agora pela superioridade. Dia virá, em que os homens fuscos, silenciosos, desaparecerão inteiramente. Cametá será então maior, centro importante, com todos os lados sombrios e tôdas as vantagens duma grande cidade. E as graciosas raparigas, que agora, na sua natural ingenuidade,

traem e deixam adivinhar seus encantos de meio índias, e se entregam, fiéis a um só, sem achar necessárias às bênçãos duma igreja mal administrada, para essa vida marital conforme a Natureza, se transformarão em hábeis merceeiras e vendedoras, com a mesma graça que acaba de me impressionar, com a graça das miritis e euterpes.

Estas as sensações que se apoderaram de mim nos últimos momentos, à sombra da mangueira do jardim do Sr. La Roque.

Descemos a escada para o bote. Meu novo e bom amigo acompanhou-me até a bordo; separamo-nos, para nunca mais esquecê-lo, nem sua encantadora morada.

Com o rio transbordante, precipitou-se o vapor em grande velocidade pelo caudaloso Tocantins abaixo. À esquerda ficava ainda a pequena e simpática aldeia dos Parijós, uma antiga missão, onde se procurava educar a tribo tapuia dos parijós; mais adiante, a ainda menor Pacajá. Diante da igreja de ambas, tremulava a bandeira branca da Páscoa. Depois, tudo floresta espêssa. Só se divisavam malocas pardacentas, por entre troncos de miritis. Cametá submergiu-se e em seu lugar o horizonte do rio tocava novamente o céu por trás de nós.

Surgiu ao longe a enseada de Marajó. O vapor atravessou-a, enquanto dormíamos. Quando rompeu o dia, avistamos os coruchéus denticulados do Pará, e meia hora depois, estávamos em terra.

Guardei desde então a impressão inapagável do idílio da vida tropical, meio índia e meio européia, de Cametá; jamais o poderia esquecer, um eco da Natureza, desde então indelével, como os que ainda mais tarde me traziam, por sôbre o rio, os harmoniosos acordes da floresta e das ilhas. Tinham-me dito também que nunca mais acharia tão peculiar encontro de comêço de civilização e Natureza virgem como em Cametá.

Lá não se vê romântico, de luvas de pelica, a remar em pequenos barcos, como no lago de Enghien, em Paris; nenhuma florista em traje de Vierlande, vendendo rosas, como nas esquinas de Hamburgo, e, sob os lindos disfarces, tecendo muitas outras intrigas; nenhum romantismo na arquitetura e literatura, ao gôsto da supercivilizada Europa.

Se ler, escrever e contar já é comum em Cametá, não sei. Nas malocas mais próximas, a juventude não chega nem mesmo a contar.

Postara-me diante duma dessas malocas, perto do rio. Uma mulher idosa apontava-me as árvores em volta, quando saiu duma vereda uma sua sobrinha, bonita cabeça de criança sôbre os belos ombros e corpo esguio duma donzela em botão; a mais linda anomalia que se poderia ver.

Para me explicar êsse fenômeno, perguntei-lhe: "Que idade tens?" Depois de silenciar e refletir por um momento, respondeu-me: "Quarenta anos!" Tomei isso por um gracejo, e disse-lhe: "És então muito moça; eu já tenho 80 anos". Ela olhou-me sem a menor expressão de dúvida. A mulher idosa, porém, adiantou-me: "Essa menina ainda não aprendeu a contar".

E só então vi que a menina grande, de certo *in growth a woman but in mind a child,* não estava gracejando, e sim dera sua idade em algarismo, só para não parecer muito estúpida diante do estrangeiro. Pareceu-me então que no fundo dos olhos ingênuos se refletia algo da verdadeira natureza de Eva. Se na requintada Europa quisermos mandar uma jovem de 14 anos para a classe das crianças, ela irrita-se logo, porquanto preferiria ter 16.

Sentimento semelhante era o daquela menina pardo-clara. Não sabia certamente qual a diferença entre 10 e 40 anos, se não lhe tornassem claro ao mesmo tempo a diferença numérica entre 10 e 40 castanhas-do-pará ou caroços de cacau. E, na incerteza, não respondeu: "tenho 10 anos" e sim: "tenho 40 anos!" Seguro é seguro; não queria passar por verdadeira criança, ou antes não o queria absolutamente; mas a natureza de mulher afastou desta vez a da criança, sem consultar a dona de ambas, e deu uma idade, na qual por certo não se é mais criança.

Contudo, estava ali a criança! Empunhava um par de bonitas botinas de enfiar, de procedência francesa, que olhava meio furtivamente, com visível prazer. Evidentemente a família queria ir à cidade, a menina trajava um vestido azul, de tecido leve de algodão, abotoado em cima no pescoço e franzido em volta dos quadris por meio duma fita. Parecia não ter roupa de baixo; não lhe vi também meias, quando andava dum lado para outro, mas

uns pés lindos, cujo encantador formato indicava que as botinas de enfiar eram provàvelmente as primeiras que possuíra na vida. Incomodavam-na, porém, e por isso queria levá-las na mão até perto de Cametá; lá poderia também parecer mais bonita com elas.

Não ostentava o menor adôrno, nem mesmo uma flor na cabeça, como costumam trazer na floresta e na cidade. Do cabelo, ao contrário, escorria ainda a água do banho, que acabara de tomar; tôda ela cheirava como um prado em maio, depois dum aguaceiro. Devia casar-se dentro de duas semanas! Isso contou ela própria sem nenhum acanhamento. E dum modo singular não disse: "Vou casar-me em duas semanas", e sim: "Quero casar-me". A criança, que pouco antes parecia não poder contar até cinco, pelo menos até quinze, tinha já, evidentemente por sua livre vontade, arranjado um casamento, queria casar dali a duas semanas, e casará com certeza, por mero capricho de criança grande.

E é assim, exatamente assim, tôda a geração de transição no baixo Tocantins. Enquanto a raça pura de índios, os genuínos tapuias, subiram o rio, diante da aproximação dos europeus, e lá vivem sob o regime de tribos, em número de 4 000 indivíduos, se podemos fiar nos seus algarismos, esta geração de transição, de côr mais clara e formas mais perfeitas, ficou habitando o Cametá e seus arredores, meio escondida na floresta. A civilização avança cada vez mais, ao longo do rio, para cidades menores e por veredas estreitas, porém viáveis, vai da cidade para as malocas espalhadas na mata, procurando fazer dos filhos das selvas criaturas civilizadas, fortes e hábeis.

Isso a civilização consegue também em muitos sentidos. Os telhados são mantidos mais em ordem, as roupas leves são cortadas convenientemente e melhora o modo de viver. Paira, todavia, sôbre tudo isso algo infantil, acriançado, como a cabeça daquela jovem sôbre formas desenvolvidas de adolescente. Ali onde o sol brilha todo o tempo a prumo sôbre a floresta, e só se inclina um pouco, ora para um lado, ora para outro, onde as palmeiras miriti estão eternamente verdes, o escuro cacaueiro oferece frutos amarelos côr de ouro e a linda juçara produz cacho após outro, e umas após outras amadurecem as bagas azuis do açaí, não se contam os anos nem se diz a idade, e ninguém deve admirar-se de encontrar meninos grandes, que não sabem contar.

Menos ainda se deve admirar de que não trabalhem! E consigno aqui, com tôda seriedade, a pergunta: E para que haveriam de trabalhar? Arrotear e cultivar trechos da floresta, que lhes dá açaí, palmito, côcos, cacau, borracha e além disso caça saborosa? Perturbar o sossêgo, a paz, a tranqüila harmonia da Natureza com o bater do machado e o crepitar do fogo, para obterem alimentos inferiores e, ainda por cima, estranhos?

Deverão êles, se lhes tiram a mata, seu primeiro elemento de vida, e a preguiça na selva, desistir ainda do segundo elemento de vida, o rio e o banho no mesmo? Deverão êles, por mero entusiasmo pelo trabalho, tornar-se sujos e repelentes? Ademais, que profunda significação não tem o banho para êles!

Quase não há estrada ou passeio. Além disso, o andar aquece, a equitação igualmente, e faz transpirar. E quem afinal possui cavalo, se o rio e seus largos braços constituem a única estrada?

O Tocantins substitui assim o passeio público, e o nadar nêle é exatamente o exercício mais agradável num clima quente. Os pés quase não precisam carregar o corpo, quase não é necessário mover mãos e pés para ser levado pelas ondas e flutuar sôbre elas dum lado para o outro. E com êsse movimento não se sente mais calor nem se transpira, além de que, assim, passam em parte mais depressa o tempo e o tédio.

O banho tem também sua significação para as jovens. Em Cametá ainda não há vida social, bailes, teatro e ópera. E para compensar essa falta, vão banhar-se juntas. Ficam dentro da água ensombrada pela floresta em volta, ou nadam em redor umas das outras, riem ou queixam-se entre si dos seus males, e falam dos segredos do coração, que só o Tocantins ouve. Estão aí no verdadeiro elemento índio, a que pertencem pela metade, conforme sua origem; e muitas podem bem pensar no tempo em que as moças tapuias vagavam como agora pela floresta e não precisavam senão duma pena de arara para completar a *toilette*. Rivalizam no nadar, não porém, na dança; por isso não é de admirar levem os sapatos na mão, nas veredas solitárias da floresta, e só os calcem perto da cidade, e quiçá muitas vêzes não os calcem.

Mas receio deter meus leitores por longo tempo na floresta e no rio de Cametá com minudências. Terminemos, pois, com o lindo mundo das palmeiras!

Tive que adiar, quase sem exceção, tôdas as excursões aos arredores do Pará, projetadas para depois do meu regresso de Cametá. Mas um passeio à tarde a S. João, cêrca de meia milha alemã ao norte do Pará, me despertou grande interêsse. Lá fica uma fazenda simples, porém extensa, dum brasileiro bem educado e amável, Sr. Bruno. Nos verdes tapêtes conquistados à Natureza selvagem, elevam-se sem nenhuma regra e, contudo, em bem controlada ordem, viçosos coqueiros de tôdas as idades, e entre o coqueiral, mangueiras escuras e uma espécie muito alta de espôndia, cajàzeira, de aparência muito mais viçosa do que as que vira no Rio. Mostraram-me também pela primeira vez a árvore muito galhuda, que dá a fava-de-tonca (*Dipteryx odorata*), uma papilionácea, de que existem 600 a 700 espécies, só encontrada na América tropical, e a que provàvelmente ainda se pode acrescentar todo um têrço dêsse número. Chamou sobretudo minha atenção o gigantesco tronco dum jenipapeiro, que, graças à sua grossura e irregularidade, me pareceu o duma gameleira. A parte inferior dêsse tronco podia medir bem três pés de diâmetro. Talvez tivéssemos observado nesse *Genipapa brasiliensis*, cujas flôres têm um aroma muito agradável, semelhante ao da gardênia, o máximo de grossura de tronco entre as chinchonáceas. Perfume e parentesco com a família, porém, faziam lembrar ao viajante nórdico a pequena e modesta *Asperula odorata*, a muito cantada aspérula.

Uma árvore mais alta entre estas me pareceu estranha. Fronde opulenta e ramagem flutuante, fôlhas verdes suculentas, deixando quase concluir por uma clusiácea. Opunham-se a isso os frutos, que me recordavam nossa castanha-da-índia. A árvore chama-se andiroba (*Carapa guianensis*); de suas castanhas extrai-se um óleo combustível.

Lá a andiroba, uma árvore alta da floresta; a nhandiroba, também chamada andiroba nas margens ensombradas dos rios, é uma espécie peculiar mais delicada de cucurbitácea, tendo também sementes oleaginosas! Penso que a palavra andiroba não quer dizer senão óleo, na língua tupi. Andiroba seria, então, árvore que dá óleo; nhandiroba uma planta pseudo oleaginosa, porquanto o prefixo *nh* exprime negação, como, por exemplo, entre os botocudos, *ampiep* = bom, *nhampiep* = não bom.

Pelo menos esta explicação é, ao que me parece, a única, quando se encontram no dialeto da floresta virgem duas plantas de formas e desenvolvimento inteiramente diferentes, designadas pelo mesmo nome.

É muito interessante e lucrativa para seu proprietário, a pedreira de S. João, que não se podia esperar no solo de aluvião do Pará. A pedra mesmo, se assim se pode chamar, é arenosa, muito pouco consistente, um conglomerado grosseiro de areia, duma côr prêto-avermelhada, evidentemente com forte mistura de ferro, o que em muitos lugares determina pêso e coesão metálica muito mais consideráveis. É muito usada para construções e pavimentação das ruas.

A chuva e o crepúsculo, que começava, impediram-nos de ir ver um veio mineralógico, o que mais me induzira a visitar S. João.

Em Pernambuco encontrei entre os montões de pedaços de granito e de pedra calcária pardo-esverdeada, com que foi construído na Boa Vista, muito junto da água, um grande liceu, fragmentos pretos, de pêso e compacidade metálica consideráveis. Da mesma forma que me indicaram exatamente os lugares onde eram encontradas as outras pedras, disseram-me que essas, duras e pesadas, provinham da Ilha de Fernando de Noronha. Eu não tinha razão alguma para duvidar, tanto mais por apresentarem vestígios indiscutíveis de influência vulcânica, tais como se encontram em abundância naquela ilha. Para experimentar sua ação sôbre a bússola, levei alguns pedaços, e observei que a ponta dum fragmento comprido dessa pedra negra fazia pender a agulha magnética para o leste, e quando eu voltava para baixo a parte de cima da mesma ponta, ela inclinava-se para oeste. Dei um pedaço dela ao meu amigo Dr. Capanema. Êste mostrou-a na nossa viagem de Maceió para o Ceará, no Rio Grande do Norte, ao presidente daquela província, Beaurepaire Rohan, que informou ao Dr. Capanema, provirem duma pedreira no Pará. E êsse presidente investigara com o Sr. Bruno, na propriedade dêste, o veio ali existente. O proprietário levara certa vez uma quantidade dela ao fogo, obtendo 40% de ferro. Uma análise mais exata não fôra ainda feita.

Diversas compras para minha viagem no Rio Amazonas obrigaram-me, nos últimos dias de minha primeira estada no Pará, a

andar dum lado para o outro, o que me proporcionou ver muitos aspectos da vida peculiar da cidade, na qual tudo é original, desde a variedade das côres da população mestiça até aos abutres negros que, mansos como galinhas, passeiam nas ruas e praças, e pousam em grandes bandos, como os pombos, nas cumeeiras das casas. Gostam sobretudo da praça fronteira à alfândega, que também procura rival em sujidade.

Fazem grande economia para a Municipalidade e limpeza das ruas, comendo tôdas as imundícies imagináveis, e gozam por isso de plenos direitos de cidadãos em tôda a cidade.

A alfândega mesmo, diante da qual os urubus montam guarda, é um antigo convento, talvez o maior edifício do Pará, de paredes muito grossas e de construção sólida. Tanto em baixo, nos antigos recintos, como em cima, onde, com a demolição das antigas celas, se obtiveram salas imensas, podem ser armazenadas, e são de fato, grandes quantidades de mercadorias. E quem se quiser dar ao trabalho de percorrer essas coxias, e apreciar a vida e o movimento lá dentro, poderá fazer uma idéia da importância comercial da cidade do Pará, que supre tôda a imensa região do Amazonas com os artigos de que precisa, e coordena tôda a atividade comercial, como se verá, no portentoso rio.

No entanto, o cais, onde se descarregam os produtos da terra, chegados diàriamente do interior, é muito mais interessante para o estrangeiro do que a grande alfândega.

Na larga e quente praia, ao longo de cujo ancoradouro corre a torrente pardacenta, aglomera-se uma multidão humana inconsistente, mas cujos diversos elementos não se pode fàcilmente separar. Assim como se cruzam os caminhos na azáfama dêsses singulares lazarones, assim também se mesclam suas raças nos caminhos da vida. Desde o negro azeviche, do tapuia pardo-escuro até o mameluco quase branco, tôdas as côres, tôdas as formas estão ali representadas. O pintor mais caprichoso não as poderia misturar, agrupar e pintar melhor.

Pequenas canoas e grandes barcos fluviais, verdadeiros juncos do Yang-tse-Kiang sul-americano, iates ligeiros e barcos pesados, estão atracados ao cais, com suas singulares guarnições ou antes tripulações, porque também se contam mulheres entre elas. E de

tôdas essas variedades de embarcações saem sacos meio rotos, derramando caroços de cacau; cestos desatados e barris abertos com borracha em bolas ôcas, grossas pranchas e tubérculos sujos, e depois o pau-d'arco, um produto vegetal altamente original. Essa bela bignônia, de flores amarelas e encarnadas, que brilham de longe, em diversos lugares, por tôda a mata, como, por exemplo, nas encostas dos tabuleiros de Alagoas, e fornece excelente madeira, forma na entrecasca, tão finas camadas, tão fáceis de se separarem, que êsse fino alburno é usado em lugar da palha do milho para enrolar os cigarros, usados por ambos os sexos e tôdas as idades. Tôdas as manhãs chegam à cidade pacotes dessas mortalhas. A princípio não podia compreender o singular produto. Êsse alburno-papel não procede absolutamente da *Bertholletia excelsa*, cuja casca fornece antes uma estôpa peculiar, que serve para calafetar.

E ainda côcos, as castanhas-do-pará, triangulares, e o pirarucu! Do mesmo modo que a carne-sêca se transforma em fresca, o pirarucu se muda em peixe fresco.

Sêco, contudo muito reconhecível pela forma, substância e cheiro, o pirarucu, o "peixe encarnado", vem como uma espécie de bacalhau oblongo pelo rio abaixo, para alimentar as classes baixas. Açaí e pirarucu, a palmeira na margem e o peixe na água, ambos filhos do rio, tornaram-se no Pará condições vitais para os habitantes ribeirinhos, de maneira que a natureza mesmo dêsses habitantes se tornou meio vegetal e meio aquática. O homem transforma-se por fim naquilo que come. Quem comeu sempre e por muito tempo açaí e pirarucu, toma a natureza da euterpe e dêsse peixe; torna-se verdadeiro filho do rio, uma criatura da água, respirando com pulmões.

Assim me aconteceu, com o açaí. Quanto mais o comia, tanto maior era a atração sentida pela enorme bacia fluvial do equador; e preparei, impaciente o que me era necessário para a viagem no Rio Amazonas, a fim de gozar, durante semanas ou meses, o rio e o seu mundo de palmeiras.

O vapor fluvial "Marajó" devia levantar ferros à meia-noite em ponto, entre 17 e 18 de junho. Meus bons amigos e compatriotas Tappenbeck e Brambeer vieram de sua casa de campo, para

me acompanhar até a bordo. Na verdade, muito raramente dois compatriotas se mostraram tão solícitos e obsequiosos para comigo como êsses dois. Até mesmo à meia-noite quiseram acompanhar-me.

Descemos a larga torrente, para alcançar o vapor na maré enchente. Aí já encontramos alguns passageiros e sobretudo um comandante tão obsequioso como não se poderia esperar a bordo dum paquête. Como recomendado especial do Barão de Mauá a todos os gerentes das companhias de vapôres do Amazonas, fui alojado no seu camarote, enquanto o Sr. Marcus Williams, um norte-americano duma atividade pouco comum, e muito conhecido em todo o Rio Amazonas, que me acompanhara também a bordo, se dava ao trabalho, no convés, de escrever ainda diversas cartas, recomendando-me a habitantes de várias localidades à margem do rio. Ordenava, com instância, ao primeiro pilôto do navio, um norte-americano, que se "fizesse útil", tudo no modo mais original, de maneira a provocar uma risada homérica em todos os circunstantes, que atingiu ao auge quando Mr. Williams, no zêlo pela mais importante das cartas, para o Vigário Geral da Província e Diretor dos índios em Manaus, o Cônego Joaquim de Azevedo, em lugar de areia, derramou-lhe tinta em cima. Por felicidade, um aguaceiro interrompeu a cena da meia-noite, os amigos voltaram para terra, e o "Marajó" levantou ferros, enquanto eu, muito cansado, me deitava no beliche, e, dormindo ou acordado, sonhava, na mais feliz das disposições, com todos os fenômenos, que me poderiam esperar no Amazonas.

CAPÍTULO III

A Rio Amazonas até a embocadura do Rio Negro. Chegada a Manaus.

Como, ao tempo da conquista, tôda a Europa se mantinha tensa, recebia pasmada tôda notícia de continentes recém-descobertos e enfeitava com fábulas e quimeras tudo o que não era positivo, houve época, em que se estava inteiramente convencido do aparecimento, nalguns afluentes do grande rio sul-americano, de mulheres gigantescas, e da existência de homens de cauda. Por êsse tempo, reconheceu-se exatamente a grande importância da bacia do Amazonas, e fundaram-se colônias em locais bem escolhidos, até que a expulsão dos jesuítas e a declaração de independência do Brasil interromperam todo desenvolvimento no rio, ameaçando asfixiar novamente a semente da civilização, apenas plantada. A imensa Província do Pará, estendendo-se do Oceano Atlântico à fronteira do Peru, só apresentava alguma atividade nos setores de leste e esta nem sempre para bem. Movimentos revolucionários, entre os quais mencionarei apenas o dos Cabaneiros, abalaram aquela região, e uma espécie de colonização com elementos alemães, muito longínqua para ser útil, malogrou-se tão completamente, que lançou uma negra mancha na história da colonização do Brasil, como tudo o que se tentou com alemães ao norte do Rio, com exceção, talvez, da Colônia de S. Isabel, no Espírito Santo.

Não faz ainda um decênio, resolveu o Govêrno ir em auxílio do longínquo oeste do Rio Amazonas, e constituir em província essa parte da enorme Província do Pará. A pequena cidade — a êsse tempo apenas arremêdo de cidade — na foz do Rio Negro, chamada Manaus, do nome dos índios manaus, que ali viviam, mais

conhecida pelo nome de Barra do Rio Negro, foi elevada a capital e provida dum presidente e dum corpo administrativo.

Isso trouxe certamente algum impulso ao oeste abandonado. Mas não se podia contar com êsse auxílio. Continuava ainda a província longínqua, no meio das florestas e rêde de rios, sem uma ligação mais fácil com a metrópole, nem mesmo com o Pará. As embarcações levavam outrora cinco meses da cidade do Pará até Manaus. A violência da corrente só podia ser vencida por velas; remos e varas não auxiliavam muito contra a correnteza da massa de água do mar de água doce. Por isso a viagem, subindo o rio, era mais difícil do que para as Índias orientais.

Então um homem de raro tino comercial e arrojado espírito de iniciativa, a par de sólida cultura, sentiu o que faltava ao rio e à sua longínqua província ocidental. Irineu Evangelista de Sousa, Barão de Mauá, a quem o Brasil, nos últimos tempos, deve especialmente todos os seus progressos materiais, viu também que só pela fôrça do vapor se poderia tornar possível o impossível. Fundou a Companhia de Navegação e Comércio do Amazonas sob dificuldades quase insuperáveis; e há seis anos que navios a vapor sulcam a imensa rêde fluvial do Amazonas. Duas vêzes por mês parte um paquête do Pará para Manaus, e duas vêzes por mês um vapor de Manaus para o pôsto fronteiriço de Tabatinga, indo mesmo até a cidade peruana de Nauta, até que ùltimamente, dada a instabilidade da situação peruana, esta última escala foi suprimida, e a viagem termina em Tabatinga. Manaus fica, assim, precisamente no meio da grande linha de vapôres do Rio Amazonas.

É, todavia, quase certo que as viagens até ao Peru serão reiniciadas. Estão por demais ligadas ao desenvolvimento, à vida mesmo dos distritos peruanos a leste da Cordilheira, e aproxima muito mais o importantíssimo empório de Moyabamba, num afluente do Rio Huallaga, que deságua no Amazonas, do comércio mundial. A ligação de Moyabamba com Trujillo, na estrada da Cordilheira, é infinitamente penosa, embora exista uma chamada estrada comercial, que, partindo do vale do Amazonas, leva com bastante segurança ao Pacífico, da mesma forma que muitas pessoas, que conheci então, foram de Lima ao Pará por Trujillo e Moyabamba. Eu mesmo tencionava fazer essa viagem, e tê-la-ia sem dúvida feito,

se a perda de tempo no Mucuri e, depois, as graves notícias da guerra na Europa não me tivessem obrigado a pensar no regresso à pátria, com a desistência dessa excursão, que, como projeto favorito, me ocupara e mantivera tenso por alguns meses.

No dia 18 de junho, ergueu-se glorioso o sol de Waterloo, por trás da floresta de miritis, flutuando no nevoeiro da manhã. Nosso vapor, no meio da extensa baía de água doce, a Baía de Marajó, navegava para sudeste, passando pelas longínquas ramificações da água que formavam a desembocadura do Tocantins no Grão-Pará. Essas ramificações são tão extensas, tantas as ilhas e tão uniformes, que só um pilôto perito se pode orientar nesse vasto labirinto. À noite os navegantes, que vêm, apressados, do Rio Pará para o Amazonas, orientam-se por um pequeno farol, numa ponta, chamada Goiabal, à margem esquerda do rio. Às 11 horas, avistamos o poste da lanterna, junto de pequena casa solitária na mata, e tínhamos com isso deixado para trás a Baía de Marajó. Muitas angras e ilhas indicavam aí o canal para o Rio Amazonas. Na Ilha de Marajó, encontra-se a pequena Baía do Tenório, e serve de orientação para encontrar-se um canal seguro, porém muito estreito, entre duas ilhas cobertas de mata. Chega-se depois rumo oeste, ao sul das ilhas Paquetá e Conceição, onde o canal se alarga outra vez consideràvelmente, retomando a aparência dum lago.

A viagem continuou tranqüila e sem incidentes. Pela manhã, tivemos uma temperatura igual da água e do ar, 28½° C. A tarde foi mais quente, 30° C e depois até 33° C mesmo, o que, para um tempo chamado de inverno, é ainda bastante quente. Lembrei-me instintivamente de Lajes, na Província de S. Catarina, onde, um ano antes, celebrara o 18 de junho com o velho guerreiro de Waterloo, Sr. Trüter. Lá a geada cobria os campos até às 11 horas; não podia segurar a pena para escrever e muito gostosamente nos acocoramos, embrulhados nos ponchos e cobertores, em volta do alguidar de barro com o carvão ardendo. Semelhante diferença de clima à mesma data recorda espontâneamente a imensidade do Império brasileiro, que se estende através de 37 a 38 graus de latitude.

O mundo das palmeiras nas margens do Pará e do Amazonas tem caprichos peculiares. Quase usurpam sòsinhas todo o solo,

muitas vêzes até mesmo uma única espécie, trechos inteiros de margem. A margem do Tocantins, poucas milhas a leste, no canal do sul, mais abaixo da Ilha de Marajó, era tôda uma floresta de miritis, entremeada de muitas esguias euterpes. E agora, embora descobrisse sempre ambas as belas palmeiras, encontrei verdadeira mata de fronde, sôbre um solo mais firme e menos atingido pelas cheias do rio.

Calmaria absoluta pairava sôbre a floresta e sôbre a água. As vigilengas e gambarras, barcos originais do Amazonas, de velas murchas, aguardavam, junto às margens, um bom vento, que as pode fazer esperar, exatamente ali abaixo da Ilha de Marajó, por dias e semanas, e muitas vêzes, mesmo quando sopra uma rajada, não é forte bastante para vencer a corrente, embora mais moderada no sul de Marajó.

Muitas embarcações do Amazonas são verdadeiros navios de alto mar, iates, escunas e brigues, que sobem o rio até muito acima, e podem alcançar o mar, além do Pará. Com vento fresco, êsses navios fazem, de velas pandas, de que podem usar até sete, um efeito maravilhoso contra a floresta verde. Têm, como navios de alto mar, formas e manejo inteiramente europeus.

É muito diferente com as canoas ou *canuas,* como se gosta de pronunciar a palavra no Rio Amazonas. Deve-se, quando se fala ali numa canoa do comércio, afastar logo a idéia dum tronco escavado, como já vimos, tratando do S. Francisco. As grandes canoas no Rio Amazonas são enormes batelões, que podem carregar até 4 000 arrôbas (a arrôba tem 32 libras). Sem dúvida, muito toscos, de proporções grosseiras para a frente, e mais estreitos para trás do que no meio; terminam, contudo, na proa por uma superfície plana, oblíqua, e têm atrás, salientando-se por cima do leme, uma grande caixa ou câmara, onde habita o capitão, às vêzes um branco, nunca, porém, um tapuia. A tripulação se compõe de índios, a que se junta uma índia, eleita do capitão e cozinheira de todo o pessoal.

A fôrça da corrente, o aspecto grosseiro das embarcações, os chineses pardos do oeste — tudo me fazia lembrar constantemente o extremo oriente e o Yang-tse-Kiang! "Parece que estamos em Cantão", exclamou uma vez, despreocupado, um companheiro bra-

sileiro de viagem, quando passávamos por um dêsses barcos. Estávamos realmente na China! Muitas vêzes, um único olhar ou exclamação espontânea, sem qualquer reflexão, dum espectador de passagem, são valiosa sugestão para um observador atento.

Ao pôr-do-sol, deixamos para trás, à nossa esquerda, a pequena Ilha Jutaí; ela também tem um lampeão, um farol. Aí começam as verdadeiras águas do Rio Amazonas, embora seja muito estreito o canal que conduz até êle. Enorme quantidade de massas flutuantes de muruti ou pontederiáceas, que derivavam com a menor correnteza, davam à água, lisa como um espêlho, um belo aspecto. Indicavam também um nível elevado do Rio Amazonas. De fato, já me haviam informado no Pará que o rio, nesta enchente periódica, atingira desta vez um nível como ninguém se lembrava de ter jamais alcançado. Essa cheia causara enormes danos, sobretudo entre o gado. Morreram milhares de reses, e as malocas dos tapuias nas margens estavam vazias, e seus tristes destroços emergiam da água e da lama sob as copas da floresta.

Lembrar-me-ei sempre com grande prazer da primeira noite que passei a bordo do "Marajó". O sol pusera-se havia muito. Avançávamos marulhando sôbre a água escura. O canal estreitava-se sempre mais; e a floresta, sempre mais densa, mais escura e fantástica, aproximava-se cada vez mais de nós. A luz zodiacal no oesnoroeste irradiava um brilho suave sôbre seu contôrno negro. Lá longe resplandecia a Via-Láctea abaixo do Escorpião. A lua nascente pôs fim a todos os conflitos de luz. Na água agitada tremeluzia atrás de nós uma faixa de luz. Um luar opaco tornava as formas da floresta ainda mais misteriosas; formas espectrais claras e silhuetas escuras perpassavam, deslizando, por nós. Muda paz no maravilhoso noturno da Natureza!

Pela meia-noite sibilou estridente o apito do vapor. Chegáramos a Breves, primeira escala da viagem, distante 131 milhas do Pará.

Breves é uma localidade com cêrca de 600 almas. Algumas casas pareceram boas, vistas ao luar, sob as palmeiras. Na praia, febril lufa-lufa, porquanto a chegada do paquête do Pará é o grande acontecimento do dia e, mesmo à noite, o mais seguro rebate. Parecia que todos estavam de pé, e vieram muitos visitantes a bordo. Entre outros chegaram duas mestiças, a quem permitiram ver a

câmara, embora o pequeno e simples recinto pouco tivesse que ver. Nunca tinham visto algo tão suntuoso; emudeceram de espanto. Vieram-me à idéia aquelas duas andaluzas, que nos visitaram a bordo do "Novara", quando ancoramos diante de Fuengirola, antes de deixarmos o Mediterrâneo.

Depois de nosso "Marajó" tomar lenha para as fornalhas, prosseguimos viagem. Passamos em plena noite — pelo menos assim parecia no canal — o estreito de Aturiá, tão apertado que o vapor não poderia manobrar nêle. Contudo, não podíamos ver exatamente na escuridão da noite e da floresta as condições do espaço.

A manhã de 19 de junho encontrou-nos no Canal de Tajapuru, na direção do noroeste. Forma-se aí um rio calmo, quase sem correnteza. Reaparecem muitas miritis e euterpes, e a placidez dos elementos favorece a linda flora aquática. As massas das pontederiáceas (murutis) estendem-se muito longe. Entre os milhares de aróideas sem ramos, porém, que formam tronco — a anhinga — floresciam muitos exemplares semelhantes à nossa planta de salão, a cala, com espata branca, espadice amarela e colorido mais avermelhado no fundo da flor. Poucas fôlhas ornam o tôpo do pequeno tronco dessa singular aróidea. Por trás delas, vicejam, em muitos lugares, belos maciços de acácias, de fôlhas peniformes e flores delicadas, de finos estames encarnados e brancos, muitas vêzes abafadas por bignônias trepadeiras, cuja esplêndida florescência encarnado-clara, onde se mostra, sobrepuja tudo o que pode florir na selva.

A palmeira buçu pareceu-me, porém, ostentar maior encanto. Um tronco muito curto, encimado por um imenso leque de fôlhas. É a *Manicaria saccifera.* Nunca vira fôlhas de palmeira maiores. Elevam-se quase verticalmente; têm até 30 pés de comprimento, dando a impressão de grande dureza e consistência. São sem dúvida peniformes, mas só num período mais avançado de seu desenvolvimento, de sorte que as fôlhas mais novas formam uma grande superfície lisa. Essas fôlhas inteiras dão uma idéia de vigor e pujança. Além disso são extraordinàriamente duradouras e constituem por isso excelente material para cobertas. Todos os telhados das malocas no baixo Amazonas são de fôlhas de buçu.

Duma única fôlha, cortada convenientemente, faz-se uma porta inteira para a oca simples do índio. Enquanto um telhado de fôlhas de *Euterpe oleracea* ou geonomas resiste de três a quatro anos, uma boa coberta de buçu dura até 20. Servem-se também dessas grandes fôlhas, encostando-as do lado de fora das frágeis paredes de barro das ocas, para protegê-las contra os fortes aguaceiros. Por isso muitas malocas de tapuias parecem feitas de fôlhas sêcas de buçu e, de fato, seria fácil construir uma casinha só com essas belas fôlhas de palmeira, cuja orla serrilhada faz realçar ainda mais a beleza da planta.

Mais originais ainda do que as cobertas de buçu me pareceram, porém, seus habitantes, na maioria tapuias, puros ou mestiços. O homem deitado na rêde, na casa aberta, baloiça-se, enquanto a mulher e pelo menos meia dúzia de filhos nus, sentados no chão, o queixo apoiado nos joelhos levantados, contemplam, indiferentes e apáticos, o vapor que passa. Diante da porta, uma pequena canoa meio enterrada na lama com seus remos de pás em forma de prato; um cachorro e um papagaio constituem os agregados da casa. Quando alguém se dispõe a fazer algum trabalho, é sempre a mulher; o homem dificilmente faz alguma coisa; o trabalho está abaixo de sua dignidade e só é próprio das mulheres.

Vimos um exemplo altamente original dessa atividade feminina. No Canal de Tajapuru vive uma mulher muito conhecida, de origem meio índia, casada com um homem mais escuro. Essa mulher faz, viajando sòzinha numa canoa, um grande negócio com artigos que recebe do Pará. Rema só, por todos os pequenos igarapés, para vender seus artigos ou trocá-los, e deve ter junto assim uma fortuna. Para maior segurança, leva sempre consigo uma espingarda carregada e um grande facão; conserva-os junto dela na rêde, quando dorme. Vimo-la com tôda a família, de pé diante da porta, uma mulher incomumente robusta, bem parecida, rindo gostosamente, quando todos a saudavam em altas vozes; pois quase ninguém passa pelo canal do Pará para Manaus, que não conheça a célebre amazona Dona Maria, do Canal de Tajapuru, e não mostre grande respeito pela corajosa figura.

Subdivide-se o Canal de Tajapuru em diversos braços, num dos quais, o Canal do Limão, nós entramos. Cêrca das 2 horas da

tarde, chegamos ao seu extremo, exatamente no meio duma pequena ilha na mata cerrada, Itucuara, que se erguia como um bloco da floresta, emergindo do espelho da água.

É a Bôca de Itucuara, a entrada para o verdadeiro Rio Amazonas, da qual a vista não pode alcançar tôda a largura, por causa das muitas ilhas. Talvez seja mais acertado chamar a êsse lugar Itacoara, de conformidade com a etimologia da floresta.

Corriam as águas pardacentas do caudaloso rio num forte turbilhonar, no qual entramos, entre as margens cobertas de matas, oferecendo um quadro perfeito de fôrça impetuosa e plenitude inesgotável. Rio acima e rio abaixo, a torrente pardacenta parece que confinava com o céu, como o horizonte do mar. Um vento fresco soprava de leve por sôbre ela. O termômetro caiu quase imediatamente de 32° para 29°. Tive mesmo a impressão de sair sùbitamente dum pôrto apertado para o mar largo. Apenas me pareceu diferente entre ambos o baloiçar do vapor; não jogava e sim movia-se dum lado para outro, afastado do seu rumo pelo violento remoinhar das águas.

Isso acontece sobretudo nalguns ângulos e ressaltos. Junto da margem, na proximidade da floresta, a correnteza é sempre muito mais fraca do que no meio do rio, motivo por que as embarcações, subindo o rio, procuram sempre manter-se junto à margem. Por trás de ressaltos e em pequenas enseadas, muitas vêzes não se nota mesmo a menor correnteza, ou, junto à margem, uma muito pequena corrente contrária, um remanso. Saindo-se daí, ou dobrando-se o ângulo seguinte da mata, sente-se, mesmo no vapor, tôda a fôrça do mar de água doce enchendo. O vapor manobra, tomando a direção da corrente, e é logo arrastado por ela, rio abaixo, até retomar novamente seu curso, ao alcançar águas correndo normalmente. O choque é tão violento que muitas vêzes me acordou e, mesmo na cama, senti a posição inclinada do vapor sendo arrastado.

A temperatura do rio, era, durante o dia, a mesma observada na Baía de Marajó, um pouco acima de 28° C. Observei até Manaus uma estabilidade pouco comum da temperatura da água e uma surpreendente conformidade de calor entre o ar e ela.

A floresta, em cuja proximidade podíamos navegar, tornava-se cada vez mais diferente. Enquanto o rio, em ocasiões de águas

mais baixas, corre mais baixo que as altas paredes de floresta, êste ano subira 40 pés, e transbordara, penetrando profundamente nela, de maneira que a proximidade de sua orla era navegável e podia ser bem observada.

O seu colorido, sobretudo, me parecia digno de reparo. Encontrei na realidade camadas de frondes pardo-esbranquiçadas, verde-amareladas, encarnadas, verde-escuras e pardo-escuras. Muitas vêzes julguei divisar de longe maciços de florescência; chegando perto, porém, o êrro se desfazia. As florescências brancas transformavam-se em fôlhas de cecrópias, as encarnadas em fôlhas novas nas pontas dos ramos dalgumas mirtáceas, embora, ao mesmo tempo, apesar da estação de descanso, houvesse maravilhosa florescência.

O que, porém, mais atrai a atenção e decepciona mormente os que, em regra, esperam encontrar troncos de dimensões colossais nas florestas brasileiras, é a sua invulgar delgadeza. Não só as palmeiras, como as árvores de fronde são tôdas admiràvelmente esguias, até onde se avista da margem para dentro da floresta. Confundem-se e são em tão grande quantidade, que muitas vêzes se deixa de reparar num tronco esguio, perfeitamente convencido de que é duma palmeira; no entanto apresenta no tôpo pequenos galhos e poucas fôlhas. Direi por isso que nas florestas, noutras partes, na Província de S. Catarina, por exemplo, vi troncos muito mais grossos do que em tôda a viagem do Pará a Manaus, 250 milhas geográficas, e notei muito mais as árvores de formas esguias do que as de dimensões colossais, até onde as podia ver de bordo do vapor. Declaro, porém, de bom grado, que de bordo dum navio, e viajando através de grandes extensões, muitas dimensões nos parecem muito menores do que são na realidade.

Se tentarmos agora, logo de comêço, fazer ressaltar as formas de árvores mais encontradiças, quase ininterruptamente, no baixo Amazonas, diremos que em número, em grandeza de formas e peculiaridade de tôda a aparência, as bombáceas ocupam o primeiro lugar.

Sumaumeiras (*Eriodendron sumauma*) chamam-se as árvores colossais, vistas periòdicamente ao longo das margens, inteiramente afilas ou com muito pouca fronde. Um tronco perfeitamente liso,

com escassos galhos extensos, e copa rarefeita, as extremidades abundantemente providas de botões, algumas flores alvas, e sobretudo aquela cápsula oval, encarnada, que brilha de longe e conserva o pistilo, da qual, quando rebenta, voa uma lã branca e leve, são característicos que permitem identificar fàcilmente esta bombácea à primeira vista. Sua madeira é quase tôda mole e muito leve, como é peculiar a tôdas as bombáceas. Perto doutras árvores, avantajam-se quase sempre em altura. Muitas vêzes, porém, formam por si grandes trechos de floresta e dão-lhe o aspecto de mata sêca ou devastada pelas lagartas, na qual sòmente alguns frutos vermelhos pendentes dão sinal de vida.

Vimos assim, logo nos primeiros dias de viagem no Rio Amazonas, as sumaumeiras saindo da água, nas margens inundadas, rodeadas de numerosas mungubas (*Bombax munguba*), rivais dos citados eriodendros e, em muitos respeitos, semelhantes a êles. Vimos flocos encarnados e brancos da lã de ambas as árvores voando em grande quantidade por cima do rio.

Muito menores do que aquelas grandes rivais, providas de muito menos e escassos galhos, ostentando nas extremidades fôlhas de longos pecíolos e profundamente recortadas, medram em quantidades ainda maiores do que as bombáceas as cecrópias, por tôda parte, na orla da floresta. Já falei muitas vêzes dessas árvores singulares, cujo tronco ôco, em cada cicatriz de fôlha forma uma parede divisória, servindo de morada às formigas e sobretudo à preguiça. Invadem às vêzes tôda a floresta, prados inteiros e tôda a ilha. Parecem mesmo ter certa propriedade de formar praias. Uma cecrópia será sempre a última árvore a manter-se num terreno pantanoso, e a primeira a criar raízes num terreno recém-inundado e transformá-lo, pela proliferação em solo firme. Uma ilha de cecrópias assim, uma floresta de cecrópias como essas, tem o aspecto tão bonito e tão em ordem quanto qualquer plantação, e diferencia-se muito da floresta bravia.

Quase igual na grossura, e da mesma altura, porém muito mais bonita na espêssa fronde verde-escura do que as citadas bombáceas, eleva-se, sobretudo perto do Rio Negro, acima da floresta, a muritinga. Não pude na rápida passagem identificá-la exatamente, mas, de conformidade com o exterior e sua propriedade de

dar leite, pertence talvez ao número das figueiras bravas. Sua madeira não tem aplicação. Supõe-se, todavia, que a fricção com o seu leite nas partes afetadas pelo reumatismo produz efeito maravilhoso. Sua situação botânica permaneceu-me estranha.

A essas árvores da floresta juntam-se espôndias, a pujante *Bertholletia*, as belas mimosas, lauráceas, a copada e oleaginosa andiroba, pertencente à família das meliáceas, e ainda centenas de outras, que não se podem identificar de bordo do vapor, por muito que quisesse descrever minuciosamente a formação da floresta virgem, ao longo da qual corria o "Marajó".

Mas esqueci ainda outra espécie de madeira peculiar à orla da mata; quero referir-me à madeira flutuante.

O impetuoso e caudaloso rio pardacento arranca por tôda parte pedaços das margens, árvores e mato. Do mururi flutuante já falei. O capim-canarana e o cortante canamepique são arrancados em grandes pedaços, e derivam rio abaixo como ilhas verdes. Muitas vêzes são mesmo arrancados por um tronco flutuante e formam uma moldura em volta do gigante da floresta afogado, sôbre o qual pousam aves aquáticas.

Geralmente os troncos quase sem fôlhas ou galhos flutuam sós. Mergulhando e voltando à tona no meio do rio, causam uma impressão singular; poder-se-ia tomá-los por um barco naufragado ou por algum monstro aquático. Se um dêles abica a lugar mais raso, encalha e concorre para o aumento do banco de areia em comêço. Um tronco deve ter sido certamente a primeira base de muitas das belas ilhas do Amazonas, sôbre a qual as cecrópias estabeleceram então a segunda.

A maior parte dêsses troncos são arrastados para as margens, onde formam uma moldura singular, muitas vêzes um pequeno cais ou um desembarcadouro natural. O viajante nórdico pensa instintivamente no inverno na pátria longínqua, e lamenta a tremenda perda de tanta lenha. Na maior parte, são de boas madeiras, sobretudo lauríneas e amirídeas! Começam já a tirar muitos troncos da água para fazer tábuas.

Assim prosseguimos a 20 de junho nossa viagem pela larga via fluvial. Cêrca das 7 horas, depois de têrmos partido, na noite escura, de Gurupá, na margem direita, onde deixamos a mala

postal e tomamos alguma lenha, passamos a embocadura do Xingu, distante e quase irreconhecível, escondida mesmo por trás dalguns grupos de ilhas.

O Xingu é um afluente importante do Rio Amazonas, na sua margem direita. Nasce mais ou menos a 15° de latitude sul e corre, embora muito sinuoso, como o Tocantins, bastante paralelamente a êste. Pode ser navegado por cêrca de 50 milhas. Na sua foz, está a pequena localidade de Pôrto de Mós. Dantes, o vapor tocava também aí. Como, porém, o lugar não tem importância, a mala e encomendas para Pôrto de Mós são entregues em Gurupá, para onde devem ir também os passageiros que querem ir de vapor do Xingu ao Pará. Pombal fundou uma outra pequena povoação mais acima e mais adiante fica Souzel, um pôsto de Missão. A poucas milhas daí, a primeira cachoeira que muito dificulta um comércio mais ativo rio acima. Devemos uma inteligente e exata descrição do Xingu à penosa viagem do filho dum príncipe alemão, através das florestas dêsse rio.

Seguimos ao longo dum paraná, um braço lateral do Amazonas, porquanto é isso o que significa a palavra paraná. A temperatura da água pela manhã era de 28°C, a do ar 28°C; exatamente como no dia anterior.

As margens verdes começaram então a mostrar alguma vida animal. Pequenas andorinhas cinzentas voavam dum lado para outro; garças, brancas como a neve, passavam como meteoros diurnos dentro da floresta verde, e alcíones, sobretudo a grande ariramba, faziam seu trabalho de pescadores. Na floresta mesmo apareciam algumas geonomas e estrelítzias, ao lado de maciços de alpínias; no caos da mata um número cada vez maior de espécies deixava-se identificar, até que saímos do paraná e nos encontramos novamente na larga torrente.

Exatamente a noroeste da foz do Xingu, fica uma das mais grandiosas paragens do baixo Amazonas. Dada a imensa largura da vasta torrente de água pardacenta, que corre para leste, não se avista terra em ambas as direções, nem para cima nem para baixo. Parece que se navega num estreito de água doce, dum mar de água doce para outro. E quando se atribui a origem da palavra Maranhão, com que se designa pelo menos o primeiro têrço, e

muitas vêzes, erradamente, todo o rio, à pergunta: *Mare, an non?* (É um mar ou não?), essa deve ser realmente sua origem, porquanto só um mar de água doce se poderia estender assim diante dos recém-vindos, só um mar poderia mostrar tais horizontes a Orelana que em 1540, pela primeira vez, desceu o rio desde o Peru.

A região, onde se mostra essa impetuosidade do rio, chama-se também por isso a costa de Guaricuara. Um braço lateral, um igarapé vindo do Xingu, entra aí no Amazonas; mais adiante, sai um rio independente, o Guajará, da floresta do mesmo lado.

O rio gigante assume então uma beleza tôda regional. Para o norte e mais tarde para o oeste, iluminado pelos raios do sol poente, a Serra de Almeirim estende-se em quatro ou cinco tabuleiros, saindo ridente do escuro crepuscular da floresta. Mais longe, a oeste, flutuava no amarelo-dourado da luz crepuscular a Serra de Paru. Algumas araras gritavam na mata; um bando de esmerilhões voava calmamente para a dormida; da floresta mesmo emanava o forte hálito noturno da baunilha, até nós. Raramente vira um dia despedir-se com formas mais puras, côres mais brilhantes, e silêncio mais deleitoso.

Horas depois, porém, desabou sôbre nós violenta trovoada. Os relâmpagos iluminavam a mata sob o ribombar dos trovões e a chuva açoitava o rio. Foi uma noite tormentosa.

Mas a 21 de junho, a manhã, que rompera sob nuvens tempestuosas, correu calma e apenas um pouco chuvosa. Verifiquei ser de 28°C a temperatura da água e de 26°C a do ar. Na selva apareceram novas espécies de palmeiras, de nomes bastante familiares aos meus companheiros.

A palmeira javari (também chamada airi) surgiu como guarda avançada; a mesma ou muito semelhante à que eu encontrara no Mucuri com o nome de frejaúba ou brejaúba, uma astrocária terrìvelmente armada como nenhuma outra, pelo que um distinto botânico a classificou como *Toxophoenix aculeatissima*, porque de fato serve para fazer arcos, sobretudo entre as mais rudes tribos de índios; é tão provida de espinhos que o tronco parece inteiramente prêto. Apenas um pouco menos espinhosa, mas menos entroncada, é a palmeira marajá, que me pareceu também uma astrocária sôbre a qual, entretanto, além do nome, nada mais pude saber.

Às 11 horas chegamos a Prainha, a primeira localidade do Rio Amazonas que pude ver de dia, a 374 milhas inglêsas do Pará e 123 de Gurupá, distante 120 milhas inglêsas de Breves.

Prainha foi fundada recentemente. Antes se erguia aí (e existe ainda) mais para o interior, uma capela com algumas casas, chamada Nossa Senhora do Oiteiro. Uma pequena ligação por água, um igarapé, levava até lá, pois Oiteiro tinha um pequeno comércio.

Desde, porém, que os vapôres começaram a circular, e fizeram naquela zona uma estação para abastecimento de lenha, a população de Oiteiro ou Outeiro mudou-se para a margem e fundou Prainha.

Uma pequena clareira na floresta, um renque de casas subindo, em cujo alto se levanta uma capela muito pobre, de barro, coberta de telhas, um cruzeiro em frente, e por trás, muitos ranchos de barro, cobertos de palha, num chão firme e enxuto, alguns pés mais alto, habitados por gente pacífica, poucos inteiramente brancos e muitos de côr — eis mais ou menos Prainha, um lugarejo humilde.

Entre grandes troncos flutuantes, viam-se diversos barquinhos e canoas, indicativos dalguma atividade comercial. Uma canoa grande, carregada de lenha, encostou no "Marajó" e uma turma de tapuias pardos descarregou-a, sem pressa, para dentro do nosso vapor, enquanto os passageiros visitávamos a povoação.

O que mais prendeu minha atenção em terra foi a quantidade de urubus, abutres pretos, carúnculas cinzento-escuros no pescoço. A matança de gado nas povoações ribeirinhas do Amazonas, os despojos das tartarugas, que são comidas em grande quantidade, os restos de peixe, as sobras da salga do pirarucu e todos os outros resíduos, atraem-nos em numerosos bandos. E como gostam que venham e procuram positivamente atraí-los, ficaram tão mansos e atrevidos, que se vêem diante de tôdas as portas em companhia de galinhas e porcos, exatamente como animais domésticos. São certamente muito úteis para a limpeza e saúde públicas.

Muito selvagem me pareceu uma pequena onça pintada, que vi numa jaula de madeira, ao lado duma casa. Êsse animal mostrava-se terrìvelmente arisco e furioso, quando alguém se aproximava dêle, exatamente como um gato doméstico zangado, que não

pode fugir. Aliás, aqui no Amazonas, a onça é mais perseguida do que temida. A onça vermelho-escura, muitas vêzes verdadeiramente preta, de que vi uma pele em Maceió e no Mucuri, inspira mais mêdo. A suçuarana, que, pela descrição do povo, me parece ser o puma, um pequeno leão sem juba, persegue mais o gado miúdo e as galinhas do que o grande gato malhado da floresta.

Prainha vive de pesca e salga do pirarucu, da preguiça e dum pequeno negócio de cuias pintadas, essas escudelas da casca do fruto da *Crescentia cujeto,* já tantas vêzes descritas. Compram-se essas escudelas chinesas — pois são pintadas em estilo chinês — muito barato em Prainha. Fariam certamente sucesso na Europa como genuínos produtos naturais do Amazonas e da arte tapuia.

Para maior satisfação da boa gente de Prainha, o comandante comprou um novilho em terra. Teve que nadar para bordo, rebocado pelo bote do vapor. Foi difícil fazê-lo entrar na água, o bastante para poder nadar e oferecer assim menos resistência. Mas então a correnteza interveio; o animal e o bote foram arrastados do caminho, pouco faltando para que pelo menos o novilho perecesse afogado, perda certamente muito penosa para nós, porque, além dêle, só havia para vender um bezerro magro e em precárias condições de saúde. E já não tínhamos carne fresca a bordo.

Depois do boi e da lenha, embarcamos também e o vapor prosseguiu viagem.

Foi imediatamente apanhado por forte corrente; a correnteza remoinhava e espumava fortemente. Muitos troncos flutuavam rolando em volta. Para completar o quadro de Cila, * um golfinho corcovava, brincando nas águas agitadas, quase a cem milhas alemãs de distância do mar, seu *habitat* natural. Nosso "Marajó" não tardou, porém, a recuperar seu govêrno, entrou mais profundamente no rio e retomou seu rumo oessudoeste.

Quanto mais forte a correnteza, mais os pássaros se detinham sôbre ela. Bandos de patos bravos passavam voando; aumentava o número de garças brancas; vimos também a espécie cinzenta, muito maior (chamada manguari), de asas escuras, crista e cauda

(*) Os célebres escolhos de Cila e Caribdes. N. do T.

pretas. Vi uma vez um *Plotus anhinga* (Caracará), aves encontradiças desde o Rio Grande do Sul até o Amazonas.

Duma grande ilha verde de canarana flutuante levantou vôo com tanta pressa quanto violência um belo falcão; pude segui-lo por algum tempo com o meu binóculo; quase o tomei por uma águia, tão imponente era; deu-me até, a princípio, a impressão de ver uma grande harpia, como a que vira cativa no Rio.

Ao cair da noite, vimos surgir das águas no horizonte, a oeste, a Serra de Montalegre, enquanto atrás de nós, a igual distância, a Serra de Paru excedia em altura a floresta da margem. Três tucanos pousados no alto dum galho sêco, iluminados pelo sol poente, formavam um lindo grupo com os grandes bicos purpurinos e peito de brilhantes côres. Não vira até então, tucano de bico encarnado. Embora as côres dessas aves sejam muitas, considero-as simples variações, pois do contrário haveria muitas espécies de tucanos.

Daí por diante, misturavam-se grandes araras e araraúnas no cenário amazônico. Espetáculo soberbo, e realmente esplêndido, quando nos galhos mais altos das sumaumeiras trepavam nuns e noutros com o auxílio do bico, dos pés e da cauda, exatamente como faziam no Mucuri no cimo das barrigudas. Mas seus gritos não tardavam a denunciar que já nos tinham visto; voavam então dali com altas gralhadas, aos pares, muito juntas, ostentando ainda melhor as côres brilhantes, espargindo verdadeiras centelhas.

As araraúnas produzem também maravilhoso efeito de côres, quando voam. Mais tímidas do que as araras, voam com mais rápido bater de asas, com o que o azul de cima e o amarelo de baixo se fundem num só cambiante.

Ao amanhecer de 22 de junho, encontrávamo-nos do lado esquerdo do rio, rumando do sudoeste para o oeste. Ao longe, na margem direita, avistava-se por trás duma floresta baixa uma terra mais alta; depois divisamos mesmo à beira da água uma bonita casa branca, com uma grande plantação de cacau, indicando um habitante mais culto e a proximidade duma povoação. A temperatura do ar pela manhã era 26°C e da água 27°C.

Depois de passarmos, cêrca das 10 horas, pelas embocaduras, na margem esquerda, de dois pequenos rios, Taperamirim e Taperaçu, descobrimos na margem oposta as primeiras casas da

cidade de Santarém. Atravessamos diagonalmente o rio pardacento que, ao aproximar-se daquela margem oposta, de súbito se enegrece com uma nítida linha divisória. As camadas de água corriam sem se misturar, ao lado uma da outra, cada uma mantendo sua margem, fenômeno altamente surpreendente.

Essa é a chamada "água preta" do caudaloso Tapajós, em cuja margem direita se ergue Santarém.

O Tapajós é o segundo rio, em tamanho, que corre do sul para o Amazonas. Nasce também no coração do Brasil. Sua nascente mais distante poderá encontrar-se quase sob 15º de latitude sul. Da sua embocadura para cima, correndo quase paralelamente com o Xingu e o Tocantins, é navegável, perto de 60 milhas, até Taituba; então rápidos e cachoeiras interrompem a navegação de barcos maiores. É curioso que todos êsses três rios, Tocantins, com o Araguaia, Xingu e Tapajós procedam de regiões de igual formação e quase do mesmo grau de latitude, corram regularmente ao lado um do outro, formem quase na mesma latitude suas cachoeiras inferiores e deságuem quase na mesma proximidade equatorial no Amazonas e no Grão-Pará, comparação em que naturalmente não entra cálculo matemático exato. Três rios fluindo para o sul, Paraguai, Paraná e Uruguai, êste último, é verdade, mais sinuoso, oferecem algo semelhante.

Antes de se afastar inteiramente da margem esquerda do Amazonas, goza-se, diante da desembocadura do Tapajós, belíssima vista. As águas dos grandes rios correndo do noroeste para sul, e as superfícies de seus afluentes, quando se contemplam, são realmente infindas; em três direções vê-se o horizonte encostar na água. *Mare an non*? desejaríamos exclamar diante dessa perspectiva. O continente parece na verdade um arquipélago. A água do Tapajós é cristalina e perfeitamente limpa, sobretudo comparada com a água turva, pardacenta, do Amazonas. A profundidade, porém, fá-la parecer preta. Essa água preta irrompe pela embocadura, assinalada à direita por uma ilhota, e à esquerda, do lado de Santarém, por uma colina, e corre então ao lado do Amazonas, no leito dêste, fenômeno, como já disse, muito surpreendente.

Mas Santarém, na margem direita do Tapajós, avulta ainda mais cativante, ainda mais bonita; surpreende certamente todos os

que entram pela primeira vez na embocadura do rio e fundeiam a alguma distância da cidade. Porque realmente essa aprazível localidade se apresenta como cidade.

Na margem estende-se bonito renque de casas, sólidas e grandes, de alvenaria e entre elas uma apalaçada. Um pouco mais recuada e numa praça, a igreja, cuja fachada lembra na verdade um teatro. Mais adiante ainda, por trás da primeira fileira de casas, vêem-se os telhados doutra rua; em resumo, tem-se uma impressão extraordinàriamente favorável de Santarém, distante tantas milhas, Amazonas acima, no solitário Tapajós. A cidade tapuia, parda e irregular, espraia-se rio acima e perde-se na floresta e no matagal.

Fomos a terra. Antes, porém, de desembarcar, tem-se que ser recebido por muitas das mais bonitas cenas de banho. Santarém não podia ser habitada, na sua maior parte, pelo menos, por genuínos tapuias e localizar-se à beira das águas claras do Tapajós, não fôsse o banho a principal ocupação dos seus habitantes. Lembrei-me realmente de Cametá e do belo Tocantins, ao ver as figuras fuscas, metade dentro dágua ou nadando.

A chegada do vapor é o principal acontecimento em Santarém. Todos olhavam para o "Marajó". Logo ao desembarcar, pude entregar aos respectivos destinatários as cartas que me facilitariam o acesso, caso quisesse ficar em Santarém; uma para o agente da companhia, Sr. Joaquim Rodrigues dos Santos, outra para o tenente-coronel e comandante, Miguel Antônio Pinto Guimarães, um dos homens de grande prestígio na província e o primeiro em Santarém.

De bom grado ter-me-iam cumulado de tôdas as amabilidades possíveis, mas a nossa efêmera permanência não dava tempo para isso. Ambos me agradaram muito pela franca obsequiosidade.

Interessou-me especialmente o velho comandante, português de nascimento, homem que se fêz por si e que, como me disseram, iniciara sua carreira no Tapajós, dirigindo sua própria canoa, na qual seu pessoal tapuia se entregava à pesca. Chegara a acumular uma fortuna de cêrca de 300 000 táleres, com uma indústria tão simples, o que não é por certo fácil. Seu comêço e seu fim muito honram o velho, que me pareceu invejado por muitos.

A casa, à margem do Tapajós, magnífica, apresentando no andar térreo sete janelas de frente. Sucediam-se os aposentos limpos e bem mobiliados; na sala de visitas via-se até piano vertical. Tudo muito bem arranjado; e sem a criadagem fusca na casa, julgar-se-ia não estar no Brasil, para não falar no Tapajós.

O velho Pinto Guimarães falou-me do pequeno a calmo trabalho no rio, ainda não despertou para uma vida mais ativa; de como os cuiabanos de Mato Grosso e do coração dessa província desciam o rio, através de grandes dificuldades, para comprar, a dinheiro de contado ou com alguns couros de boi, sobretudo sal, que levam através de tropeços ainda maiores, para sua longínqua terra, enquanto os índios vêm com guaraná, que trocam por bugigangas, ou trazem salsaparrilha para o mercado. As singelas histórias dêsse homem simples eram extremamente atraentes, e despertaram em mim vivo desejo de demorar em Santarém e observar pessoalmente as condições no longínquo Tapajós. Entretanto, não era possível, se não quisesse transtornar todo o plano de minha viagem.

Tive por isso de contentar-me com um relancear de olhos pela cidade, sob um calor meridiano realmente mortífero. Subi por uma vereda a um outeiro, que assinala, ao norte da cidade, a embocadura do Tapajós, do lado direito, e domina os arredores.

Encontrei aí uma ruína por cima da próspera cidade.

A vereda que seguira caía de súbito perpendicularmente de ambos os lados e quando explorava no matagal espêsso a singular direção dêsse caminho, encontrei-me à bera duma parede muito grossa. Corredores, salas, portas e aberturas estendiam-se por todos os lados, porém por tôda parte o tempo carcomera tudo, e a vegetação ainda mais. O parasitismo apoderara-se com verdadeira avidez dessa bem colocada fortaleza, de onde se podiam descortinar e dominar tôda a embocadura do Tapajós e grande parte do Amazonas. Nas muralhas, em tôdas as fendas, em tôdas as divisões cresciam palmeiras, euforbiáceas, melastomáceas, apocíneas, mirtáceas e lantanas; inumeráveis insetos zumbiam entre velhos muros e o mundo novo de plantas, no singular *Schlüsselburg.* *

(*) Fortaleza insular russa, no Lago Ládoga, que até 1905 serviu de prisão para presos políticos e desde 1917 é um museu. N. do T.

Maravilhosa a vista dêsse ponto elevado. Alcança ambos os rios, florestas e ilhas, tudo nas mais portentosas condições de espaço; porquanto no Amazonas tudo é de extensões colossais, um caos de ilhas, um mar de florestas, um oceano de água doce. A cidade, vista lá de cima, avulta também muito bonita. Pela quantidade de cobertas de telha calculei pelo menos 6 000 habitantes, mas o velho Comandante Pinto Guimarães avaliava apenas em 4 000 almas.

Junto do velho forte, sôbre o qual não me puderam dar maior esclarecimento, fica a pedreira, de onde tiram o sólido material para as construções. A pedra é um conglomerado consistente, grosseiro, de areia e seixos, cujo elemento de liga contém ferro. Pelo menos assim me pareceu, e lá mesmo me afirmaram possuir alto teor dêsse metal. Mais acima, nas margens do Tapajós ou nas suas proximidades, encontra-se uma antiga formação calcária. Deram-me um pedaço dela, semelhante a um mármore verde-acinzentado, o que indica claramente haver na margem do Tapajós uma jazida de precioso material de construção, embora a alguma distância da cidade.

Santarém apresenta ainda um cemitério novo, extra-muros. Essa grande praça fica isolada na mata; orna-a uma pequena capela no meio. Observei apenas um monumento grande no campo-santo. As outras sepulturas ostentavam apenas, assinalando-as, uma cruz preta e um número, e a velha horaciana *Nos numeri sumus* encontrou também no Tabajós sua inteira aplicação. Talvez também muitos índios não tenham possuído nome em tôda sua vida.

Cheguei, então, à verdadeira seção tapuia da cidade. Ali só se vêem pequenas veredas atravessando o mato. Por uma rêde dessas veredas e atalhos vai-se duma casa pardacenta a outra. E em cada uma, construída de barro e fôlhas de palmeiras, encontra-se uma tapuia, uma verdadeira tapuia, ou três ou quatro, sentadas numa grande esteira tendo diante de si qualquer pequeno trabalho; muitas vêzes uma costura, outras entrançando um cesto, a maioria porém sem nada fazer. Dessa ociosidade os indolentes filhos da Natureza saem para o rio, donde essas figuras fuscas, de cabelos pretos lustrosos, voltam depois dalguns minutos com as cabeças escorrendo água.

O interior duma oca de tapuia é bastante original. Lá dentro tudo é desordem; no máximo uma rêde, uma panela em cima dum pequeno fogo e diversas cabaças como utensílios. A pesada espingarda do guarda nacional e o tambor figuram ao lado dos trastes domésticos dos índios, o que é muito singular, porque, mesmo civilizado, se serve ainda de preferência do arco, da flecha e da sarabatana, de pequenos dardos envenenados, como armas silenciosas mais seguras.

Por tôda parte, no meio das ruas, via-se cacau secando, um produto vendável que dá pouco trabalho. Um trecho da rua, que a chuva escavara, fôra aterrado com côcos uricuri, certamente o material mais extraordinário, jamais empregado até hoje na construção de estradas.

O côco uricuri desempenha importante papel no preparo da goma-elástica. Quando o seringueiro encontra um bom exemplar da *Siphonia elastica*, faz-lhe uma ferida bastante funda com uma machadinha, e apara o leite branco num vaso. Quando se esgota todo o leite branco duma árvore, depois de ferida muitas vêzes — uma árvore assim esgotada precisa de dois ou três anos para recuperar tôda a seiva perdida — mergulha no leite uma fôrma escolhida, uma garrafa, uma fôrma de madeira ou uma pequena cabaça. O leite seca, aderindo à fôrma e, enquanto seca, rodam com êle por cima do calor dum fogo de côcos uricuri. A fôrma é mergulhada repetidas vêzes e novamente defumada, até ficar bastante espêssa para entrar no comércio como goma-elástica. Tiram-na então da fôrma, e recomeçam o processo.

Essas qualidades de goma-elástica, preparadas em fôrmas redondas e defumadas regularmente, são as melhores. Seguem-se as obtidas em grandes blocos, e por fim uma espécie de bolas de raspas de borracha, chamada sernambi. A borracha do Xingu, do Tapajós e do Madeira é especialmente preferida.

Fazem também por brincadeira diversas figuras de animais, crocodilos e monstros, muitas vêzes bem cômicas. Já sabem mesmo fabricar sapatos muito bem, embora prefiram contentar-se com a produção mais simples da borracha, e deixar o mais para as fábricas na Europa, onde os produtos manufaturados alcançaram certa elegância e variedade.

O côco uricuri é o fruto duma bonita palmeira *Attalea excelsa*, pertencente à família das cocoíneas, sem espinhos, parenta da famosa palmeira piaçaba, da qual falaremos mais adiante. O fruto tem boa polegada de comprimento, bastante pontudo na extremidade superior, muito consistente e duro. Onde não o podem obter em quantidade suficiente para defumar a borracha, recorrem para o mesmo fim ao côco tucumã.

A palmeira que dá o côco tucumã é também uma astrocária, depois da javari certamente a mais bem armada, de maneira que não se pode chegar perto dela. As bainhas das fôlhas sobretudo são providas de numerosos espinhos pretos compridos. O côco prêto é duro; quando o cacho da palmeira está maduro, tem em volta uma polpa encarnado-amarelada, de que as crianças, que afinal comem tudo, muito gostam. Não os apreciei.

O côco mesmo é quase esférico, tem de 1 a 2 polegadas de diâmetro, e os três pontos germinantes ornados de bonitas e pequenas espirais. É muito duro e empregam-no no fabrico de berloques, argolas e rosários. Usam-no também em grande quantidade para defumar a borracha. Os pequenos objetos torneados, feitos com êles, chamam-se bilros.

A *Astrocaryum tucuma* — escreverei daqui por diante de preferência tucumã, porquanto todos os tapuias a quem perguntei o nome, o pronunciavam assim, a sílaba final com um acentuado tom nasal, como se ainda se lhe seguisse um g (tucumang) — é uma das palmeiras que em regra nascem em volta das malocas dos tapuias. Conservam-nas de bom grado e cuidam delas também. As crianças e o gado comem a polpa, e os côcos são utilizados para os fins acima indicados.

Não se deve absolutamente confundir a palmeira tucumã, com a que dá o tucum, de que tratarei mais adiante. A palmeira do tucum é também uma astrocária, mas difere da que tenho citado até aqui, e excede tôdas em importância técnica.

Nosso vapor devia partir às 3 horas, mais ou menos, e apesar de meu grande desejo de conhecer melhor Santarém e o Tapajós, devia reembarcar e deixar a interessante localidade.

Não subimos o rio em direção a sua embocadura e sim oblìquamente, rumo a um igarapé muito estreito, que se prolongava para

dentro da floresta. Dessa entrada gozamos mais uma vez duma bela perspectiva de Santarém, estendendo-se ao longo do Tapajós, e perdemo-nos depois, por entre campos e matas, rumando do noroeste para o oeste.

Poderia comparar as margens do estreito e tranqüilo igarapé por onde deslizávamos a um parque inglês. Uma grande campina semeada, em desordem, de maciços de verdura; grupos de árvores e matas rarefeitas à beira da água; por trás dalgum cacaual ou laranjal, malocas isoladas, construídas de fôlhas de palmeiras, muitas vêzes arruinadas pela água ou mesmo enterradas na terra inundada. No canal remansoso circulam canoas com a gente cujas casas se afundaram, remando descuidada e alegre, porquanto, afinal, nada possuíam, as jovens com muitas flores na cabeça; na proa um monte de cacau, que querem vender na cidade para divertir-se nas festas de junho (dias de S. João, S. Pedro e S. Paulo). Êstes, os aspectos do igarapé e do Amazonas, nas proximidades de Santarém. Muitas vêzes essas canoas navegavam superlotadas de gente; "falta só o cachorro e o papagaio", diziam meus companheiros; a não ser isso, tudo o mais estava ali, um verdadeiro pequeno mundo chinês do Yang-tse-Kiang no Extremo Oriente, sòmente num pequeno e alegre esbôço.

Ocorrera, por êsse tempo, singular movimento de doentes a Santarém. Antônio Francisco da Costa, num pequeno povoado, Paracari, dizia ter descoberto a cura da morféia, da lepra tuberculosa, mais conhecida pelo nome grego de elefantíase. Realmente houve em Paracari casos de considerável melhora, no dizer de algumas pessoas; e como as autoridades aceitaram de bom grado a notícia do remédio secreto e o recomendavam, muitos doentes, na maioria gente pobre e desenganada, viajavam para Santarém para serem tratados por Costa em Paracari com o remédio a que dera o nome do lugar onde morava, paracari. Da aglomeração de tantos doentes sem recursos resultou grande miséria; escasseava tudo, só não faltava paracari. Fizeram-se subscrições, a administração pública auxiliou, até que depois de extensa aplicação, o paracari, como acontecera decênios antes com o afamado acaçu, mostrou-se ineficaz e alguns doentes do paracari voltaram para Santarém, como veremos depois.

De Santarém em diante, o Amazonas toma, subindo, uma acentuada direção noroeste; quando acordamos no dia 23 de junho, nosso rumo era norte.

Não tardou avistássemos Óbidos, situada alto, na margem do rio. Um ponto merecedor de muita atenção na geografia do grande rio.

Acima de Óbidos, o Amazonas, vindo de oeste, descreve grande curva para o nordeste, até que é detido por êsse ponto mais alto, onde se ergue Óbidos, e se desvia para sudeste. Essa colina tem cêrca de 120 pés de altura; no seu tôpo, levanta-se uma bateria. Em baixo, e protegida por ela contra a correnteza, uma baía, na qual barcos grandes e canoas podem ancorar em segurança, enquanto muito perto de suas águas mansas o rio rumoreja num furioso remoinhar.

Fui a terra e subi a encosta de barro vermelho. O forte, na verdade, era só uma bateria inteiramente descoberta, numa praça livre, sem quaisquer fortificações. Doze peças de 80 libras dispunham-se em círculo para dominar o rio. O major alemão Brokenhuus, um dos poucos oficiais alemães que souberam conservar seu pôsto por mais tempo no exército brasileiro, é o engenheiro da bateria. Mas não lhe prestam ajuda para manter e conservar o forte em ordem.

Fiz com êle um pequeno passeio pela localidade alta e ventilada, por trás da qual a floresta se ergue, ainda mais alta.

Encontrei uma igreja muito decente, na qual se faziam os preparativos para a procissão do Corpo de Deus. Os rapazes vieram endomingados para ver as moças que iam de chapéu de sêda, xale e vestido de sêda para a igreja. Chamou por certo minha atenção o atavio dalgumas mulheres. Entre as damas mais ou menos brancas, contrastavam maravilhosamente com as moças espartilhadas as fuscas tapuias, que, com as leves anáguas e as camisas brancas flutuantes, circulavam dum lado para outro. A camisa larga e o corpinho de sêda, apertado, ainda terão de manter demorada guerra no Amazonas, embora a primeira já tenha abandonado a liça, vencida num ou noutro lugar. Vi índias espartilhadas, com vestidos de sêda preta e calçadas. Mas como pareciam desajeitadas, mortificadas e sufocadas! Como, ao contrário, anda-

vam leves e alegres as fuscas tapuias, só de camisa e saia, subindo a encosta do rio com o pote de água na cabeça!

Cheguei por fim à extremidade da pequena cidade roqueira em cima na floresta, onde uma capelinha teve a construção interrompida e só é visitada e habitada por urubus. Daí se goza um panorama maravilhoso e vasto até à portentosa curva do Amazonas, imensa nas direções de sudoeste e sudeste.

No entanto, o panorama do rio é ainda mais encantador, quando nos aproximamos da sua beira a oeste do forte.

A barranca vermelha desce quase verticalmente para o rio, cuja fragorosa torrente é interceptada exatamente aí e desviada oblìquamente. O rio bramindo arranca um pedaço da barranceira após outro, sem, todavia, poder destruí-la inteiramente. Todo êle é uma torrente remoinhante, como se a preamar e a vazante se chocassem num impetuoso encontro.

Aí fica o seu ponto mais estreito. Mede exatamente 800 braças. Sua profundidade calcula-se em 60 braças. Desenvolve a velocidade duma milha alemã por hora. Se avaliarmos sua profundidade em 40 braças, para obter um resultado o mais aproximado possível, teríamos, com os elementos dados, 800 x 40 x 4 000 braças, um total de nada menos de que 128 000 000 de braças cúbicas passando numa hora por diante de Óbidos, ou 2 133 333 braças cúbicas por minuto, massa de água que por certo nenhum outro rio fàcilmente arrasta. No entanto, faltam ainda as águas do Tapajós, do Xingu e também as do Tocantins, se quisermos incluí-los. Isso são massas de água de cujo volume e eterno renovamento não se pode fazer fàcilmente uma idéia. Não há em parte alguma o que se lhe assemelhe.

Minhas reflexões sôbre Óbidos e a estreiteza do rio foram interrompidas por uma série de convites, para ver diversos doentes, por não haver um médico na localidade. Fiz isso de muito bom grado, mas tomou meu tempo. Mesmo depois de já estar novamente a bordo e em preparativos para a partida, tive de ir ainda uma vez a terra, a fim de dar conselhos médicos, com a promessa de que, depois de minha volta do Rio Negro, veria novamente todos os doentes.

Mas levantamos ferros e o vapor saiu lentamente do remanso de Óbidos. Mal, porém, meteu a proa na correnteza, fomos arras-

tados com incrível impetuosidade, com o que ficou o vapor fortemente adernado. Para não quebrar o leme, deixou-se o navio ir à garra por um momento pela corrente, na qual não tardou a retomar seu rumo a oeste, e deixamos Óbidos para trás. Nosso vapor lutou forte e corajosamente contra a impetuosa torrente.

A uma pequena milha de Óbidos, rio acima, fica a chamada Colônia Militar. Um renque de casas na orla da floresta escura prende-nos a atenção. Não obstante, a colônia é um verdadeiro absurdo. Tem um diretor que havia oito meses estava em Santarém, um tenente vice-diretor, um capelão, um médico, um almoxarife ou comissário, um escriturário — e dois colonos. A história custava muito dinheiro e não tinha nenhuma utilidade. Chamava-se, porém, uma colônia e é uma prova dos esforços para colonizar o Amazonas. A utilidade deixo em suspenso.

Apresenta-se muito melhor a margem direita do rio, junto da qual passamos, com longa seqüência de plantações de cacau, o chamado Cacaual Imperial, provàvelmente uma antiga propriedade da Coroa, agora cultivada por tapuias, cujas malocas ficam meio escondidas nêle, a intervalos bastante regulares.

Infelizmente não vimos uma só dessas pequenas malocas que não estivesse danificada pela água. Diversas tinham ruído completamente, outras pelo meio; muitas só apresentavam a metade das paredes de barro, tendo sido a parte de baixo solapada e levada pela água.

Por isso, na sua maioria, no meio do cacaual, metade dentro da água, estavam desabitadas. As famílias já tinham voltado para algumas, vivendo metade em casa e metade na lama, sentindo-se, porém, bem em ambos os casos, como no seu elemento. Sentados com verdadeira expressão de imperturbável paz de espírito, muitas vêzes num tronco, que ficara em sêco, os originais anfíbios agitavam os pés dentro da água! Sabiam com certeza que o rio baixaria de novo. E realmente já baixara três pés.

O quadro na outra margem, para onde passamos à tarde, não era mais consolador. Aí vimos três cavalos dentro da água, afastando as canaranas, sem encontrar onde se deitarem. Muito perto dêsse local, um pequeno povoado, onde se arranjaram dum modo genial. Tinham armado sob fôlhas de palmeira um balcão de ripas,

sôbre o qual a família passou a morar, quando a água começou a subir lentamente. Fôramos também em auxílio de certo número de cabeças de gado, construindo-lhes, sôbre troncos de árvores, um pequeno cercado com uma rampa até a água; dessa maneira podiam à vontade andar pela água, pastando a relva viçosa, e à noite subir para descansarem no enxuto. Diante disso, tem-se realmente que pensar muito na arca de Noé.

Tratando-se dum pequeno número de animais, podia-se resolver assim o caso. Mas onde havia grandes rebanhos, quando faltavam terras altas na vizinhança, foram completamente destroçados. Milhares de reses morreram afogadas. Nós mesmos vimos muito gado morto, levado rio abaixo pela corrente. Inúmeros cadáveres deviam estar atascados nos prados e charcos mais distantes, onde seus donos presumiram um refúgio seguro diante das formidáveis cheias do rio.

Não se poderia crer que a superfície da colossal massa de água pudesse subir mais de 40 pés e que as mesmas habitações, pelas quais se ia passando, quando o rio está baixo, ficassem no alto do barranco!

Anualmente, porém, e com absoluta regularidade, o Amazonas sobe e baixa, num ritmo perfeitamente igual ao do Nilo.

Em novembro e dezembro, quando o sol volta do norte e traz consigo ainda mais calor para a região quente, aludes começam a derreter-se na cordilheira. As águas das montanhas descem então em grande quantidade e enchem cada vez mais os afluentes do Amazonas; os aguaceiros desabam dos céus com mais freqüência e mais abundantes; tudo corre para o Amazonas, que engrossa cada vez mais até atingir seu máximo em abril e manter-se nêle por algumas semanas. "De 8 de junho em diante as águas começam a baixar", disseram-me muitas vêzes, quando me informava das condições. Tão exato e regular é o tempo dêsse elemento no caudaloso rio. Realmente a 23 de junho já baixara três pés.

Por isso a subida do rio não é chamada uma inundação. As habitações, plantios, cercados para o gado, tudo é feito de conformidade com essa subida; todos vêem sem receio o rio crescer e alcançar seu nível máximo. Os animais da floresta afastam-se do rio e fazem, quando êste sobe ou desce, as suas migrações típicas.

Quanto mais as águas baixam, mais altas se tornam novamente suas margens, em tanto maior número repontam os bancos de areia, da extensão dos marítimos, e as ilhas nuas de lama. "O tempo das praias" chamam a êsse período. E então ressurge ativa vida animal nas margens. Aparecem os tapires, capivaras e outros roedores; as onças vêm pescar na margem, mergulham a cauda na água, atraindo os peixes, e matam destramente sua prêsa em terra com as patas. As garças e maçaricos pupulam em número cada vez maior; onde os peixes dantes nadavam, correm emplumados habitantes do ar e da mata, um contínuo e variegado formigueiro e bulício.

Quando "o tempo das praias" atinge o seu auge, e com êle o rio seu nível mais baixo, começa o mais singular dos fenômenos, que só se observa no Amazonas, e constitui verdadeiro característico do rio.

Milhares de tartarugas afluem, à noite e sobretudo antes do amanhecer, às areias sêcas e quentes, para pôr e enterrar os ovos. O número dêsses ovos deve ser enorme. Pode-se calculá-lo pelo número dos seus destruidores. Os jacarés e as onças atiram-se a êles com grande avidez, e travam às vêzes lutas sangrentas por essa prêsa. Devoram grandes quantidades dêsses ovos de tartaruga. Muitos são desenterrados e comidos pelas aves.

Quantidade igual é, porém, consumida pelo próprio homem. Os índios e mesmo os habitantes das cidades descem no tempo das praias e dos ovos de tartarugas, em grandes bandos, para o rio, apanham milhões dêsses ovos, que comem como um acepipe especial, guardando um número muito maior em potes, depois de rasgar a casca pergaminácea e extrair a gordura das gemas, expondo-as aos raios do sol na canoa, de mistura com água.

Uma tartaruga, assim me disseram, deve pôr mais de 100 ovos numa noite. Não posso crer nisso, porquanto os ovos são extraordinàriamente grandes em relação ao animal. Mas aceitemos que põe 100 ovos, e que para um pote de "manteiga de tartaruga" é preciso a postura de 30 a 40 tartarugas, e teremos já 24 000 000 de ovos tendo visto serem enviados num ano para o Pará, de 4 000 a 6 000 potes daquele produto. Quantos ovos seriam necessários outrora para manter uma exportação regular de 40 000 potes?

Quantos ovos e mesmo tartarugas recém-nascidas são comidos no local pelos aficcionados, pelas onças, crocodilos e pássaros, não se pode calcular. Poderão ser centenas de milhões. No entanto as tartarugas não se acabam, embora seu número tenha certamente diminuído muito.

Come-se cada vez menos essa manteiga de tartaruga, de preferência usada como óleo para iluminação, importando-se manteiga da Europa.

Consome-se, ao contrário, muita tartaruga em todo o Amazonas. Vi por tôda parte, nas margens dos rios, seus cascos queimados para fazer cal. Eu mesmo passei mais tarde a gostar de sua carne, embora, depois de comê-la por muito tempo, se ache um pouco desenxabida.

A 24 de junho tivemos manhã bastante fresca, o ar com a temperatura de 25ºC e a água de 28ºC. Na margem direita do rio, eleva-se uma cadeia de montes cobertos de floresta a prumo acima da água, com o nome de Serra de Parintins e onde, como em Óbidos, o rio corria com extraordinária impetuosidade, tendo também uma enseada mais tranqüila, na praia, a oeste da cadeia de montes. A conformação do terreno e do rio parece muito conveniente para situar uma povoação como a do forte de Óbidos.

Aí fica a fronteira entre as províncias do Pará e Amazonas. Atravessamos o rio para evitar a impetuosa corrente dêsse lado e, chegando ao meio, tivemos essa ilusão de ótica, comum no Rio Amazonas, uma elevação aparente dos objetos acima do nível da água, mas realmente em posição natural.

A superfície da água no horizonte parece agitada, quase tempestuosa. De ambos os lados, as florestas e molduras das margens parecem suspensas, assim como os objetos isolados, que na verdade flutuam na superfície, como troncos de árvores, massas de muruti e ilhas de canarana, tudo em maiores proporções. Observei o mesmo fenômeno no Uruguai; ocorre também muitas vêzes na baía do Rio de Janeiro. É uma Fata-Morgana, em ponto menor, dos desertos africanos, ou também um singular paralaxe, exatamente como a da lua nascente, cujo luar vemos, embora ela esteja ainda por trás do horizonte.

A selva, individualizava-se cada vez mais; as palmeiras e as copas destacavam-se mais nítidas; o solo tornava-se mais firme.

Dos galhos mais altos dalgumas sumaumeiras pendiam ninhos de japus, em forma de sacos compridos; ouvíamos a miúdo êsses pássaros singulares ralharem dum lado para outro nas árvores, como já os ouvíramos no Rio Pardo, na Província da Bahia.

Mais singulares ainda os ninhos de vespas e formigas no alto das árvores.

Os feitios dos cortiços das vespas melíferas e das abelhas no Brasil são tão vários quanto numerosas as suas espécies. Dois modelos atraíram especialmente minha atenção na viagem. Um, eu poderia comparar a um prato ligeiramente arqueado, que pende por um delgado pedúnculo no centro da parte de cima, em forma de escudo, dum caule fino ou duma fôlha. A parte inferior é formada pelas células hexagonais. Não se pode imaginar mais delicado trabalho de abelhas.

Outro é muito complicado. Começa também por um pedúnculo muito delgado, seguem-se porém, em camadas, pequenos discos de células, unidos por invólucro branco argênteo. Parece um tubo de papel passento, côr de pérola, e é extraordinàriamente delicado. Vi êsses cilindros pendentes sobretudo de altas leguminosas, muitas vêzes com dois pés de comprimento e três polegadas de diâmetro. Poder-se-ia mais fàcilmente tomá-los por frutos do que cortiços aéreos.

As formigas dão-se a maiores trabalhos. Da mesma forma que as abelhas acima citadas, que não se contentam em construir suas células nos buracos das árvores, muitas formigas também não se satisfazem com os troncos ocos das cecrópias para nêles instalar um palácio maravilhoso, nem mesmo construir com indizível trabalho um ninho sólido de terra, muitas vêzes uma construção dura como pedra no chão; fazem de preferência suas habitações firmes, arredondadas, resistentes ao vento e ao tempo, suspensas muito alto, para evitar todos os imprevistos das inundações.

Vê-se muitas vêzes no cimo duma árvore, a sessenta ou setenta pés de altura, uma aparente tumefação dum galho. Chegando-se perto, verifica-se que não passa de um esbôço regular de terra. Quem levaria aquela massa de terra lá para cima e a teria aplicado tão firmemente no galho? Quando se observa mais atentamente, descobre-se na casca lisa do tronco um pequeno caminho coberto,

que leva até ao tôpo. Dentro dêle fervilham formigas para cima e para baixo com algum átomo de terra, areia ou fôlha nas mandíbulas. Todo o enigma da construção de terra no ar está decifrado; é um formigueiro, uma casa de formigas, sólida, bem construída, que o Amazonas nunca poderá alcançar.

O menor dos animais sabe assim proteger-se com habilidade contra seu poderoso vizinho.

Não tardou avistarmos, a uma distância de seis milhas inglêsas, na margem direita do rio, Vila Bela da Imperatriz, outrora chamada Vila Nova da Rainha. Prosseguimos pela margem esquerda, até defronte da cidade. Atravessamos então a corrente extraordinàriamente impetuosa, e logo ancoramos junto à praia da pequena cidade, para tomarmos lenha.

Vila Bela da Imperatriz fica a 20 pés de altura acima do nível mais elevado do rio, sôbre um campo verde, que encosta na floresta por trás da cidade. Um renque de casas forma uma espécie de frente, mas nenhuma delas tem algo que chame a atenção. Uma casa branca, com duas seteiras dos lados da porta, é um pequeno quartel. A igreja é difícil de encontrar a princípio, uma casa de barro, coberta de fôlhas de palmeira, enfeitada em cima com uma cruz e acima desta um falcão, o símbolo do rio.

Tudo em volta é inteiramente tapuia, na sua perfeita quietude e inabalável paz. De ordinário a preguiça apenas lhes é permitida; no dia de S. João, porém, lhes é oferecida. E por isso essa preguiça oferecida à gente de Vila Bela era então especialmente bela e genuìnamente patriarcal. Não vi um só índio ocupado com qualquer trabalho.

Podiam-se ver, até ao mais profundo recanto das casas, todos os seus habitantes. Não possuem nada, que queiram esconder, como também nenhum caso doméstico, que procurem ocultar. Tudo está aberto; nenhuma porta, nenhuma janela impede a entrada e o olhar para o interior das casas. Com a mesma ingenuidade com que as crianças andam nuas até muito crescidas, com que as raparigas se banham na praia, com essa mesma ingenuidade nenhuma parede divisória separa a vida doméstica do mundo. Algumas palmeiras tucumã perto de casa, algumas galinhas e porcos e grandes postas de pirarucu secando ao sol, além das crianças nuas,

são os atributos duma casa tapuia em Vila Bela. Bandos incontáveis de urubus passeavam pela cidade, sobretudo onde cortavam a carne de duas vacas abatidas, para secar. Êsses animais quase arrancavam a carne das mãos dos homens ocupados em cortá-la.

Uma vereda levou-me até dentro da floresta. Aí estava quieto e fresco. Pombos selvagens esvoaçavam dum lado para o outro; uma bela convolvulácea amarela floria uma lindíssima acantácea branca, de cálice encarnado, destacando-se, resplendente, na sombra das astrocárias, entre as bainhas de cujas fôlhas todo um exército de plantas — aróideas e fetos — parasitavam. Na orla da floresta banhada pelo sol, uma linda magnólia, cujos botões quase triangulares se abriam, correndo o risco de ser completamente envolvida por uma lorantácea parasita que a envolvera.

Depois de embarcarmos a lenha, prosseguimos nossa viagem.

O rio pareceu-nos surpreendentemente deserto de embarcações, como se tôda navegação com as grandes canoas a vela terminasse em Santarém e Óbidos. Desde Óbidos não víramos uma só; é, com efeito, muito difícil possa uma canoa vencer aquela impetuosa corrente. Em tôda viagem, pudemos chegar à conclusão exata de que a correnteza se torna tanto mais impetuosa quanto mais se sobe o rio.

Tarde da noite entramos num seu braço lateral, o paraná Pacoval, assim chamado, graças à quantidade de musáceas, que crescem lá, e que, no dialeto dos nativos, se chama pacova. Aí a corrente era muito mais moderada, e durante três horas, o vapor marulhou entre as escuras matas, avançando mais rápida e mais tranqüilamente.

Acordou-me no dia 25 de junho uma grande gritaria de araras. Verdadeira manhã de ouro pairava sôbre o rio e suas florestas, e as côres vivas dalgumas araras brilhavam mais do que nunca nos galhos mais altos duma sumaumeira. Transpuséramos durante a noite um outeiro na selva, Cararaaçu, pelo qual os pilotos do rio se orientam. Quando nenhuma localidade importante, nenhum ponto bem caracterizado, nenhum farol assinalam exatamente o rio, recorre-se sempre ainda a outeiros da floresta, bastante difíceis de avistar, grupos de árvores, e sobretudo a nomes índios, por muito difíceis que sejam de se pronunciar, quando se pode guardá-los de memória.

Alcançamos assim uma ilha, Urucurituba — certamente de urucuri, aquela palmeira, e *uva* ou *üva*, muito, numeroso —, que deixamos à direita. Segundo alguns, chamam-na também uricurituba, como igualmente denominam uricuri a palmeira urucuri.

Avançando-se por entre essa ilha e a margem direita do rio, chega-se novamente a uma vasta distensão dêste, semelhante a um lago. Lugares assim são sempre atraentes, excitam sempre fortemente, sobretudo quando se imagina que, nessas dimensões de muitas milhas, tôda essa massa de água flui numa corrente contínua, numa portentosa e majestosa torrente. A vasta superfície do rio forma novamente o longínquo horizonte a sudoeste e a oeste; lembram-nos sempre que estamos no Amazonas, que se supôs um mar de água doce.

Caracterizam a extremidade superior do canal, entre a Ilha Urucurituba e a margem direita do rio, grande quantidade de palmeiras; justificam a derivação acima indicada da palavra e ortografia, e assinalavam também o canal aos que desciam o rio, até que depois de muitos anos, a civilização que chegava dizimou as palmeiras urucuri, só deixando ao lugar um nome sem significação.

Crescia também aí, em plena exuberância, o "capim-flecha" (*Arundo* ou *Phragmites sagittaria*), uma gramínea um tanto semelhante à cana de açúcar. Êsse capim alto e grosso só tem fôlhas na sua extremidade superior, e arranjadas em forma de leque. A florescência brota do meio delas, numa haste muito esguia e consistente; no desabrochar as flores são muito semelhantes ao nosso junco, porém, muito mais viçosas; de longe vê-se o pendão cinzento, oscilando ao vento.

A haste dessa florescência é um artigo muito importante. Colhem-na em grandes quantidades; os índios sabem provê-las hàbilmente, em cima, duma ponta de osso, madeira dura, bambu ou mesmo ferro, e na outra extremidade, com uma pena de cada lado, e transformá-las assim nas melhores setas, bastante leves para alcançar distâncias enormes, porém bastante pesadas para penetrar com profundeza e produzir ferimentos perigosos. Uma flecha dêsse capim, com uma boa e larga ponta de taquara, mata a onça da floresta com a maior segurança, abrindo-lhe uma larga e sangrenta ferida.

Ao lugar onde cresce muito dêsse capim-flecha chamam *freiral,* * nome dado a muitas localidades. Quando, nesses *freirais* ou por trás dêles, crescem muitas cecrópias em densos maciços, como ambas nascem juntas com certa regularidade, julga-se estar diante duma vasta plantação. Nessa mesma tarde, passamos muito perto duma ilha, ocupada, numa extensão de seis milhas inglêsas, exclusivamente por cecrópias. Apenas na sua extremidade superior encontramos floresta copada, doutras espécies, como prova de que essa parte da ilha era mais antiga, mesmo porque, na formação dessas ilhas no rio, a ponta superior é sempre formada primeiro.

Num caniçal de cecrópias — a expressão é apropriada, embora seus troncos ocos tenham muitas vêzes mais dum pé de diâmetro — ventilado e ensolarado, os periquitos fazem a sua gritaria, sem ser perturbados, como o nosso pardal dos juncais; bandos inteiros ralham, voando dum lado para outro, até que a aproximação do vapor os faz, primeiro calarem-se por um momento, e depois voarem assustados com estridente gritaria. A bela tarde do dia 25 de junho alegrara-os especialmente; víamos e ouvíamos como gralhavam por tôda parte, enquanto papagaios maiores, particularmente os de cabeça amarela e um de cabeça azul, procuravam as regiões mais altas. As grandes araras subiam mais, porque gostam também de voar muito alto. Não me podia fartar de ver essas esplêndidas aves, quando, em pares isolados, subrevoavam a floresta ou o portentoso rio, cintilando aos raios do sol da tarde.

Ao anoitecer, as margens trescalavam novamente o perfume da baunilha. Avistamos então uma pequena canoa com dois homens, descendo o rio e ocorreu-nos que durante o dia não encontráramos uma só. Assim é que o homem em longos trechos do rio passa para último plano, desempenhando pequeno papel de comparsa, no grande drama da Natureza, até não repararem mais nêle.

A uma hora da manhã, aportamos a Serpa, situada na margem esquerda sôbre um alto barranco. Mas à noite só pudemos distinguir algumas silhuetas.

Entre os visitantes — porquanto, mesmo alta noite, nos pontos de escala da linha, vem gente a bordo, para ter notícia das novi-

(*) Evidentemente *freixal,* em lugar de frechal ou flechal. N. do T.

dades — encontrava-se o Sr. Becher, ex-oficial de artilharia das últimas tropas alemãs enganjadas. Agora estava empregado como chefe numa grande serraria a vapor, que a Companhia do Amazonas montara perto de Serpa. Eu conhecera no Rio, muitos anos antes, um seu irmão. Êle mesmo causara-me a melhor das impressões, no nosso encontro fortuito, e combinamos que o visitaria no regresso do Rio Negro.

Embarcaram alguns passageiros com destino a Manaus. Depois de têrmos tomado a lenha, prosseguimos às 2 horas.

Na manhã de 26 de junho, encontramo-nos no paraná de Trindade, com um ar maravilhosamente puro e fresco, com a temperatura de 26°C no ar e 27½°C na água.

No fim do paraná, mostraram-me muito ao longe a embocadura do Rio Madeira. Estava, porém, tão escondida entre ilhas que não se podia reconhecer o grande rio. Conheceremos essa embocadura mais tarde.

De todos os rios que deságuam no Amazonas, é o Madeira o mais importante; o Rio Negro mesmo lhe é inferior em extensão. Seus afluentes mais importantes vêm da Cordilheira, de cêrca de 20° de latitude sul, a escassos dois graus de longitude, em linha reta, do Pacífico. Os cursos sudoeste e oeste recebem as águas do Rio de Cochabamba, descrevem formidável arco em volta do ressalto oeste da Cordilheira, as Serras Altíssimas, e correm, sob o nome de Rio Mamoré, para o noroeste, norte e depois para o nordeste, até quase ao 10° de latitude sul, onde o rio alcança o território brasileiro. Aí se junta sob o 12° de latitude sul aos rios reunidos Ubaí, que nasce no 20° de latitude sul e, correndo paralelamente com o Mamoré, atravessa a vasta região dos índios Chiquitos, — e o Guaporé que nasce no longínquo oeste da província brasileira de Mato Grosso, e corre, muito sinuoso, para o noroeste e oeste, até alcançar o Ubaí.

Depois do encontro dêsses dois rios com o Mamoré, sob 10° de latitude sul, o rio assim formado passa a chamar-se Rio Madeira, que, depois de muito serpear na direção do noroeste e do norte, alcança o Amazonas, cêrca de 3° de latitude sul. Chama-se Rio Madeira, graças às imensas florestas de boas madeiras, através das quais flui, como fonte de inesgotável riqueza.

Infelizmente, porém, o rio parece querer opor-se agora e por muito tempo mesmo, a um comércio regular com o interior das regiões circunvizinhas. Uma navegação livre só é possível até a localidade Crato, cêrca de 6 graus de latitude sul; o vapor "Guajará", em janeiro de 1859, fêz uma viagem de exploração no Rio Madeira, tendo podido chegar até a citada localidade sem encontrar tropeços. Daí para cima, o rio se encachoeira, desce por degraus ao sair de suas florestas; e as canoas, que querem viajar, têm que contornar os saltos, sendo transportadas com grande trabalho por terra, até que no Mamoré, no Ubaí e no Guaporé lhes seja em parte possível a navegação fluvial, que, por meio de curiosas ligações por água, leva até ao Ucaiali.

A impetuosidade do rio refletia-se nos seus habitantes. Mais do que todos os outros índios, algumas tribos do Madeira têm resistido a tôdas as tentativas de civilização. Os araras, que habitam nas margens do Madeira, ainda hoje são canibais, que apanham outros homens para comer. Os botocudos no Mucuri comiam os cadáveres dos inimigos, por acharem que fazia pena, uma vez que estavam mortos, desperdiçar tanta carne boa para comer. Os araras, porém, matam para comer. Os seringueiros no Madeira sofreram muito com êles. Perseguem sobretudo os Muras, menos selvagens, uma tribo muito espalhada. Êstes últimos já não são tão refratários e adaptam-se a uma espécie de civilização. Por acaso, um dos passageiros embarcados em Serpa, era o diretor dos otas e dos muras no baixo Madeira. Calculava em mais de 1 000 almas o número de índios da sua aldeia, gente que, embora bastante moderada, muitas vêzes se insubordinava. O Sr. José Lopes da Gama — creio que êste era o seu nome — contou-me muitas coisas singulares dos seus índios. Nós mesmos podíamos, olhando de bordo, apreciar muita coisa interessante nas margens do rio, cada vez mais altas, onde começava a vida tranqüila dos muras. Diante duma cabana muito pequena, contamos 19 pessoas, três cachorros e algumas galinhas e porcos. Todos, porém, encontram lugar no rancho apertado e mesquinho.

Não tardamos, porém, a chegar a um ponto ainda mais singular, a maloca dos índios de S. José de Amatari. Uma pequena igreja de barro e casas ainda menores, também de barro, caracte-

rizavam êsse aldeamento. Numa casa da tribo, um pouco maior, morava um inspetor branco, cuja bonita filha sobressaía entre as outras mulheres fuscas. Algumas companheiras de viagem saudaram a família. Conheciam-se. A saudação foi correspondida de terra pelas raparigas, com um sorriso desajeitado, meio indiferente. O vapor, que se aproxima, atrai agora os habitantes das aldeias às margens altas do rio. Dantes, não era assim. Quando o vapor apareceu pela primeira vez, subindo o rio, todos saíram das malocas, e correram para a mata. Quando lhes perguntavam por que tinham corrido, retrucavam que sentiam muito mêdo da "grande serpente". E quem os poderia censurar por isso? A pequena maloca é para o simples povo fusco o mundo inteiro, tudo o que conhecem. Nunca saem da aldeia mesquinha, não conhecem outro lugar, nenhuma cidade, não conhecem nada melhor! E aparece-lhes um monstro fumegando!

Nunca esquecerei os estranhos grupos, de pé, na beira da margem, as crianças inteiramente nuas e os adultos meio vestidos, todos com a mesma expressão de indiferença, todos com a mesma cara, homens, mulheres, crianças! Apenas algum gado corre em volta dêles. Sôbre varas compridas secam o peixe tambaqui que — assim dizem — em certas épocas não pode ouvir, deixando-se então apanhar com incrível facilidade.

Mais para cima, repetiu-se diante dalgumas casas essa mesma cena da maloca. De uma vez, vimos mesmo diante de sua habitação tôda uma família tapuia completamente nua; só a mulher trazia uma sainha azul muito curta; o grupo fusco, bronzeado, imóvel como fundido no bronze, ficava muito bem perto da floresta, onde sobressaíam portentosas bertolécias.

Viam-se também novas espécies de palmeiras, a pupunha (*Guilielma speciosa*), cujos frutos eu já comera em Cametá. O tronco redondo e esguio é provido de anéis de espinhos, a intervalos mais ou menos regulares, mas em muito menor quantidade do que as citadas astrocárias. Sob o farto e belo penacho de fôlhas, que acenam, pende um grande cacho de frutos amarelo-avermelhados. Os frutos ovais são do tamanho duma ameixa regular; mais adiante, brilha o belo colorido da pequena maçã dourada, verdadeiro χsυδεα μῆλχ.

O que mais interessa nesses belos frutos da pupunha, muito mais conhecida sob o nome espanhol de palmeira pirijau, é o singular abortar de seus caroços. Acontece à maioria dêles o mesmo que à banana, não formam caroço, e, sim, massa farinácea inteiramente homogênea. São por isso cozidos em água, constituindo um excelente alimento. Provei-os pela primeira vez em Cametá, em casa do Sr. La Roque, que possuía uma bela pirijau no seu jardim; souberam-me exatamente como as nossas verdadeiras castanhas. A pele sendo de consistência meio coriácea, são fáceis de pilar.

Por isso plantam a popular pupunha perto das habitações e protegem-na contra o corte. Sua madeira é muito semelhante à da palmeira javari; é dura, preta, com desenhos lineares amarelos intermitentes, dum belo efeito quando polida.

Não muito longe desta, viam-se outras; a Mururu, de importância econômica também, uma outra espécie de astrocária, bem armada, cujos frutos meus companheiros exaltavam como o melhor alimento para porcos; vimos também a bela *Oenocarpus bacaba* ao lado da nobre taperebá, essa espécie de espôndia que dá o agradável fruto acidulado cajá e além disso, os soberbos troncos de muritinga, em cujos tôpos cresce o uambé, o filodendro parasita do alto do seu pôsto, como protótipo dos estolões afilos, estendendo longos tentáculos vegetais.

Mas um crepúsculo escuro e fresco pôs têrmo à nossa digressão botânica; seguiu-se uma noite quase fria, que na verdade seria contada entre as mais quentes do verão na Europa, e só parecia gelada ao viajante, graças à pele molhada pela contínua transpiração.

À 1½ da madrugada fomos despertados pelos apitos estridentes do navio e ruidosa escapação de vapor. Aportáramos ao nosso destino e estávamos no meio do Rio Negro. As luzes, brilhando na margem, indicavam que nos achávamos diante de Manaus, outrora chamada Barra do Rio Negro, embora a cidade se erga mais acima da barra dêste rio.

Ancoramos, e não obstante a hora tarde demais para a noite e cedo demais para a manhã, fomos logo depois para a cama.

Manaus dista de Belém do Pará, segundo nosso primeiro pilôto, Charles Collier, 971 milhas inglêsas; contudo, acha que a distância deve ser maior e, em números redondos, de 1 000 milhas inglêsas; deve, pois, ser também calculada em 250 milhas alemãs.

A escassa distância medida de 971 milhas inglêsas foi dividida assim:

Do	Pará	a	Breves	131	milhas	inglêsas
De	Breves	"	Gurupá	120	"	"
"	Gurupá	"	Prainha	123	"	"
"	Prainha	"	Santarém	100	"	"
"	Santarém	"	Óbidos	76	"	"
"	Óbidos	"	Vila Bela	105	"	"
"	Vila Bela	"	Serpa	186	"	"
"	Serpa	"	Manaus	130	"	"

Assim sendo, a maior proximidade entre duas localidades no baixo Amazonas seria de 76 milhas inglêsas, igual a 19 milhas alemãs, e a maior distância de 186 milhas inglêsas ou 46½ milhas alemãs, uma extensão colossal, êrma de população, se quisermos comparar com margens de rio bem aproveitadas.

CAPÍTULO IV

Manaus no Rio Negro e a permanência lá. Condições de vida dos índios no Rio Negro.

QUANDO me preparo para escrever sôbre minha estada em Manaus, sinto-me embaraçado, mesmo no caso de serem meus leitores muito indulgentes. Notam-se ali tantos pequenos e grandes fenômenos, contrastes e enigmas, que muita coisa me deve ter certamente escapado. Tenho, porém, tanto a relatar, que o leitor talvez se entedie com a superabundância. Só posso dizer aqui, em minha desculpa, o mesmo de que me compenetrei, atravessando as coxilhas nas margens do Uruguai: a individualidade dos viajantes tem todo direito, pelo menos tôda desculpa. Uma descrição do país pode ser feita em mesa de estudo, quando, quem o descreve, tem de eclipsar-se. Falo por isso do que me interessa.

Levamos muito a mal que o povo de Manaus não nos tenha acordado e sim a ridente manhã de 27 de junho, que começava a clarear; em volta de nós começou a surgir lenta e silenciosamente a grande Natureza das margens do Amazonas ou antes no Rio Negro.

Ancoramos num rio de certamente 1 500 braças de largura, distinto, à primeira vista, do Rio Amazonas, por uma correnteza muito menor, e de água preta, em lugar de pardacenta, como a do grande rio. Em vastidão, porém, pareceu-nos quase igual ao Amazonas, como o víramos em alguns lugares na tarde anterior. Corria tranqüilamente do oesnoroeste, por longos trechos, não formando moldura no seu horizonte na água, e volteando depois uma eminência para o oeste, causava uma impressão de profunda serenidade, certa melancolia, junto a uma expressão de perfeita majestade.

Ainda mais alegre parecia do lado da cidade, onde tudo se sucedia no mais alegre contraste. Terras altas e baixas — casas nos oiteiros e à beira da água — sólidos edifícios em estilo europeu e primitivas casas tapuias de barro — ora rua, ora igarapé — ali uma estrada, aqui uma comprida ponte de madeira; junto à margem, um vapor; perto dêle, uma canoa do Amazonas; numa porta, boceja uma cara branca; bem perto daí, banha-se um menino fusco — e assim tudo gira, pára, anda e nada confusamente.

Mas o quadro é ainda bastante pequeno, modestas ainda tôdas as formas e minúcias, a quem quer que pertençam, ou ao europeísmo, que avança, ou à floresta virgem, que se afasta cada vez mais. Não há ainda intensa luta de vida ou morte entre fôrças poderosas, antes agradável reconciliação dos diversos elementos. O europeísmo brasileiro parece, sob o equador, exercitar-se nessa agradável indolência dos índios, enquanto os descendentes dos manaus, que habitavam outrora em volta da Barra do Rio Negro, vestiram calças e casacos, batizaram-se, são guardas nacionais puro sangue, e deixam que dêles se utilizem para intrigas eleitorais, votando em pessoas e para cargos que não conhecem.

No entretanto, chegavam de terra alegres toques de corneta, sobretudo da parte norte, onde ficava um quartel. No ressalto mais alto devia ser erigida uma bateria; muitas traves a prumo indicavam um comêço de construção. Nosso comandante, que não via bem sem óculos, notou, admirado, que, depois de sua última viagem, já tinham montado três canhões. Singular engano! A intervalos regulares, estavam deitados lá três pacíficos bois, que gozavam, ruminando, o ar fresco da manhã. Em volta dêles, em geral em cima dos telhados, vagavam urubus dum lado para outro, como se fôssem peruas domésticas — duas novas reconciliações em Manaus de elementos opostos, o boi nórdico e o urubu indígena, aquêle o símbolo de perseverança, êste o do eterno errar e do nomadismo das aves de rapina.

Fui para terra com o amável comandante e em poucos minutos, aboletava-me em casa do agente da "Companhia de Navegação e Comércio do Amazonas". Em parte alguma poderia estar melhor hospedado. A casa era, depois do palácio do Presidente e do edifício da Polícia, sem dúvida a melhor da cidade. Eu dispunha de

um belo gabinete de trabalho, com quarto de dormir anexo, e adaptava-me, como viajante *à toute épreuve*, inteiramente à casa de solteiro, que o amável gerente da companhia, Sr. Guimarães, mantinha. Não incomodava ninguém e ninguém me incomodava. Podia entregar-me, sem ser perturbado, às minhas observações, passeios e apontamentos.

Manaus está na verdade lindamente situada. As ruas da cidade, se é que se pode falar de ruas ou duma cidade, consistem em meros lanços, términos, esquinas e interrupções. Sobe-se e desce-se. Quase por tôda parte, o largo, tranqüilo e escuro rio, em baixo, ou segue-se por um caminho, descendo, para atravessar, por uma modesta ponte de madeira, um igarapé, tão escuro quanto o próprio Rio Negro. Nenhuma correnteza encrespa a superfície negra, na qual palmeiras miriti, javari e tucumã, ao lado das sumaumeiras, podem refletir-se, à vontade, como num espelho, até que a superfície treme, e a plácida imagem começa a alegre dança das ondas. Um bando de meninos fuscos de tapuais, banhando-se, entraram de repente na água, ou algumas sereias escuras saíram, nadando e rindo, da mata nas margens, o corpo elástico meio escondido sob os cabelos negros, flutuantes, e sob o ligeiro pardo-avermelhado da água, até desaparecer novamente sob a mata — anfíbias raras, que eu desejaria designar como ictióideos entre os homens, e classificar entre os lacertinos e proteus semelhantes a serpentes, estas últimas parindo até filhos vivos.

Nas verdes matas que descem até ao manso igarapé, espalham-se sem ordem as plácidas malocas pardacentas, em cujo interior a rêde, símbolo primordial, título de nobreza da floresta, não cessa de balançar um só momento, e embala, até finalmente adormecer o *dolce far niente* herdado pelo tapuia dos seus antepassados.

Manaus a êsse tempo não apresentava uma igreja regular; a outrora existente tinha-se em parte incendiado, fazia oito anos; iniciavam uma nova; pelo menos já se podia reconhecer o lugar onde seria construída. A pequena igreja ou capela de Nossa Senhora dos Remédios ministrava à cidade de Manaus os bens espirituais mais necessários e bênçãos.

Nossa Senhora dos Remédios, como está admiràvelmente situada essa pequena igreja! Sai-se da cidade, por uma comprida

ponte de madeira, prestes a cair, para o outro lado do remansoso igarapé, em direção ao oeste, e chega-se ao ponto mais alto de Manaus. Daí se avista, 100 pés abaixo, a vasta curva do caudaloso Rio Negro; do outro lado e por tôda parte a floresta; aí se respira a última vida índio-européia nos primórdios da floresta virgem, sem recuar de mêdo diante do seu sombrio aspecto. Não conheço lugar em todo o Rio Amazonas, como a praça de Nossa Senhora dos Remédios, onde reine tão completa e santa paz, uma paz de palmeiras, que não se pode realmente descrever com palavras, e sim se deve respirar naquele lugar, consagrado igualmente pela cristandade e pela Natureza, no coração mesmo da América do Sul.

Aliás, ninguém se apressava em engrandecer a nova capital da Província do Amazonas, a antiga Barra do Rio Negro. O chamado palácio do presidente parecia mofar um tanto maliciosamente do seu nome e se sustinha sôbre pés fracos. A casa defronte de mim, onde morava o Chefe de Polícia, um sobrado com seis janelas de frente, era muito mal construída. Só edificaram alguns novos sobrados; tudo parecia esperar alguma coisa, que deveria dar o verdadeiro impulso.

Até que essa qualquer coisa chegasse, dividiram a cidade em diversas paróquias: S. Vicente, a oeste, com o hospital e o quartel; a paróquia da matriz e a de Nossa Senhora dos Remédios, de cujas três paróquias só a última possuía igreja.

O Chefe da Igreja na Província é o Vigário Geral, Cônego Joaquim de Azevedo, diretor de todos os índios, que mora num velho seminário perto do pôrto, na mesma casa em que, 37 anos antes, devia ter residido o nobre von Martius.

Falta realmente à cidade de Manaus o brilho duma residência presidencial; contudo, isso a torna mais alegre e atraente. Por tôda parte a Natureza acumula bananeiras, palmeiras, jenipapeiros, laranjeiras, etc., até junto das casas dos brancos e dos fuscos, sem considerar as pessoas, e nos lugares altos e telhados dos grandes e dos pequenos pousam e correm urubus às dúzias dum lado para o outro, com a intenção pacífica de zelar o melhor possível pela limpeza pública.

Fui recebido em Manaus o mais atenciosamente possível por tôdas as personalidades, mesmo as que mais de longe me podiam

interessar. Embora o privilégio de ser um viajante, e muito recomendado, me abrisse muitas portas, fui ainda mais procurado, depois que descobriram minha qualidade de médico, e se aproveitaram largamente dela.

Ambas as circunstâncias me proporcionaram muitas ocasiões para penetrar mais profundamente em todos os pesares e alegrias da sociedade local. Conforme os dados do "Dicionário topográfico, histórico, descritivo da Comarca do Alto Amazonas" do capitão-tenente da Armada, Lourenço da Silva Araújo e Amazonas, do ano de 1852, os habitantes da cidade de Manaus estavam assim distribuidos:

900 brancos
2 500 mamelucos ou descendentes de índio-europeus
4 080 nativos (índios)
640 mestiços de negros e índios
380 negros escravos

8 500 almas ao todo, que tinham o seu variegado *ménage* em 900 fogos.

Não creio que êsse número de 8 500 almas tenha aumentado muito desde então. O aparelho administrativo da Província deve ter atraído muito mais gente educada, como também maior número de pequenos comerciantes especuladores; mas quanto a um maior movimento, uma produção mais abundante, volume de exportação, Manaus antes retrogradou do que progrediu, enquanto a importação certamente aumenta à custa da população. E embora dantes se tenham feito belas fortunas em Manaus, parece que hoje o enriquecer lá não está absolutamente na ordem do dia; nota-se, antes, a decadência dos abastados.

Aliás, todos mandriam também em Manaus, tôdas as categorias e classes em geral, brancos, de côr, livres e escravos.

A maior atividade é desenvolvida naturalmente pelos brancos, mesmo porque têm mais necessidades e famílias regulares. Quase todos os de alguma instrução são pequenos negociantes e possuem uma loja de tudo o que é necessário ao corpo e à alimentação. Não posso compreender como todos ainda ganham alguma coisa com a forte concorrência.

Acresce ainda uma circunstância que torna a vida algo difícil. A querida Natureza quer ter população suficiente no Amazonas. E como decrescem as tribos errantes e não se interessam muito pelos cuidados com as crianças, as famílias têm que se confinar a Manaus e cuidar das novas gerações.

A produtibilidade nas famílias estabelecidas em Manaus é realmente espantosa. As mulheres têm quase cada ano um filho, com resignada satisfação, raiando quase por uma alegria suicida; e como, na maioria, casam muito moças, êsse processo de dar vida, vai até dúzias de rebentos. Fui chamado à casa do negociante e major da guarda nacional, Sr. Tapajós. Tinha 4 filhos da primeira mulher; com a segunda, ainda robusta e moça, mais dez. Com essas 14 crianças, a ativa e extraordinária dama tinha um trabalho de que, em cidades com todos os recursos para os cuidados e criação de tantos filhos não se pode fazer idéia. Mãe de boa família branca deseja que as crianças, particularmente as meninas que estão crescendo, andem decentemente vestidas, e o pai cuida sejam devidamente educadas. Aprendem música em casa, e estudam francês e italiano, tudo através de infinitas dificuldades. As meninas mostravam-se particularmente gentis. As mais velhas ajudavam as mais moças e procuravam tornar mais fácil a vida de sua mãe, enquanto alguns menores e travessos lutavam contra tôdas as teorias e planos de educação, e corriam dum lado para outro, de camisinhas ou vestidos curtos, para engendrar mais fáceis e cômodas travessuras. E diante disso a mãe não deve nunca mostrar-se impaciente! Por tôda parte faltam ainda escolas, professôres etc., e faltarão ainda por muito tempo. Em casa do Chefe de Polícia (*) da Província encontrei oito crianças, a mais velha com apenas 11 anos, todos vestidos e asseados, limpos como os tubos do órgão duma igreja. A linda oitava de crianças estava muito alegre; alguns não chegavam a contar um ano de diferença de idade entre si, arranjados artìsticamente, conforme a escala, que apresenta também um pequeno intervalo entre *E* e *F* e entre *H* e *C*.* Tôda a casa oferecia um quadro de família perfeitamente europeu. E depois que o bravo casal se pusera suficientemente a par das imensas

(*) E, F, H e C, notas musicais equivalentes a mi, fá, si e dó. N. do T.

(*) - Caetano Estellita Cavalcanti Pessoa

dificuldades, que o esperavam em Manaus para uma cuidadosa educação dos filhos, transferiram o marido para Tefé, a antiga Ega, cêrca de 90 a 100 milhas alemãs, rio acima, na direção da fronteira. O Ministro da Justiça no Rio podia, se não quisesse ter consideração com o funcionário cheio de serviços, ter sido um pouco mais atencioso para com a senhora bem educada e mãe de cinco filhos, e pensar cavalheirosamente no *jus trium liberorum.*

As crianças pululavam por tôda parte em Manaus; e parece realmente que os urubus, os abutres, que têm a importância e gozam do mesmo prestígio da nossa cegonha nórdica, exercem nas margens do Rio Negro, no que concerne a trazer as crianças, as mesmas funções que a cegonha do honrado Klaus Groth, no pântano do Schleswig-Holstein.

A sociedade fusca torna tudo isso muito mais fácil. Aliás, os tapuias são os maiores filósofos que já vi. Os mais fiéis discípulos de Diógenes, satisfazem-se perfeitamente com a caça, frutos silvestres, côcos de palmeira e castanhas da bertolécia, que a Natureza lhes atira aos pés. Além disso, quando sua ambição sobe um pouco mais alto, preparam um pouco de borracha, apanham algum cacau, vendem diversos outros produtos da floresta, pescam algum peixe e tartarugas para vender, e ganham assim algum dinheiro para comprar os tecidos brancos mais necessários, porquanto a ambição do tapuia do Rio Negro ainda não subiu ao ponto de adquirir qualquer pedaço de tecido leve. Adotaram da civilização tudo o que lhes é cômodo, com exclusão do que implica qualquer processo de trabalho. Adquiriram de bom grado os direitos de cidadão, porque lhes dá direito a não serem forçados a trabalhar e viver no pleno gôzo de todos os outros, de maneira que, por exemplo, seria muito arriscado dar um tapa num índio. Fazem também o serviço da Guarda Nacional em qualquer trabalho e é antes para êles uma espécie de diversão que lhes desperta certo orgulho patriótico.

São igualmente fervorosos católicos; a riqueza de formas do culto divino, as variegadas vestes sacras, as luzes, o incenso e os repiques agradam-lhes muito e não os incomodam em nada.

A isso, porém, limita-se tudo. Nêles vivem ainda os velhos ecos da floresta. Falam perante o mundo português; e, contudo,

ouve-se por tôda parte a língua geral, que me parece derivar diretamente do guarani, falada por êles, quando se encontram no seu ambiente.

Acontece-lhes a mesma coisa no que concerne à Igreja Católica; guardam conscienciosamente todos os dias santificados, sobretudo no que se refere ao descanso nesses dias. Às demais celebrações misturam, porém, muitos costumes, certamente ainda do tempo do paganismo.

Festejam dum modo peculiar a véspera do S. João, o que haviam feito dois dias antes de minha chegada. Fabricam uma espécie de arco leve, muito enfeitado, além de muitas outras grinaldas, e levam-nos dum lado para outro, ao som de cantos e danças rítmicas. O desfile deve ser muito bonito e fazer lembrar muitas danças semelhantes nalgumas ilhas dos Mares do Sul.

Vi um outro cortejo, logo depois de minha chegada, desta vez em homenagem a S. Pedro e S. Paulo. Chamaram-no bumba.

De longe ouvi de minha janela uma singular cantoria e batuque sincopados. Surgiu no escuro, subindo a rua, uma grande multidão que fêz alto diante da casa do Chefe de Polícia, e pareceu organizar-se, sem que nada se pudesse reconhecer.

De repente as chamas dalguns archotes iluminaram a rua e tôda a cena. Duas filas de gente de côr, nos mais variegados trajes de mascarados, mas sem máscaras — porquanto caras fuscas eram melhores — colocaram-se uma diante da outra, deixando assim um espaço livre. Numa extremidade, em traje índio de festa, o tuxaua, ou chefe, com sua mulher; esta era um rapazola bem proporcionado, porque mulher alguma ou rapariga parecia tomar parte na festa. Essa senhora tuxaua exibia um belo traje, com uma sainha curta, de diversas côres, e uma bonita coroa de penas. O traje na cabeça e nos quadris duma dançarina atirada teria por certo feito vir abaixo tôda uma platéia em Paris ou Berlim. Diante do casal postava-se um feiticeiro, o pajé; defronte dêle, na outra extremidade da fila, um boi. Não um boi real, e sim um enorme e leve arcabouço dum boi, de cujos lados pendiam uns panos, tendo na frente dois chifres verdadeiros. Um homem carrega essa carcaça na cabeça, e ajuda assim a completar a figura dum boi de grandes dimensões.

Enquanto o côro acompanha o compasso do batuque, entoando uma espécie de *bocca chiusa* monótona, o pajé, o feiticeiro, avança em passo de dança para o seu par e canta:

O boi é muito bravo
Precisa amansá-lo.

O boi não gosta disso e empurra com os chifres seu par, também dançando, para trás, para o lugar do tuxaua. Mas, com a mesma fórmula amansadora, o pajé dança e empurra o boi novamente para trás; e depois êste o pajé, e assim durou a singular dança, em meio de tôda sorte de voltas e trejeitos de ambos os atores, diante de cuja exibição, mesmo o mais mal-humorado dos solteirões não poderia ficar sério por muito tempo e indiferente ao rítmo do maracá e ao canto dos circunstantes.

Por fim, o boi fica manso, quieto, absorto, desanimado, cai por terra, e no mesmo instante tudo silencia. Reina em volta um silêncio de morte!

Que aconteceu ao boi? Está morrendo ou já está morto, o bom boi, que ainda há pouco representava tão bem seu papel? Chamam depressa outro pajé para socorrê-lo; dantes iam mesmo buscar um padre, que devia meter-lhe na bôca o santo viático. Isso, porém, é proibido agora, e têm de contentar-se só com o pajé.

Êste começa a cantar diante do boi uma melodia muito sentida que, porém, não produz efeito. O boi não se mexe. Ensaia uma melodia esconjuratória ainda mais eficaz, mas em vão; o boi, imóvel! E depois de sòzinho, nada ter conseguido, tôda a companhia ajuda, infelizmente, porém, com o mesmo resultado. O boi está morto.

Irrompeu então, acompanhada de cânticos, uma dança de roda, em saltos regulares e cadenciada, que exigia certamente apurado estudo e ensaios. As mãos na cintura, formando uma longa cadeia, todos os dançarinos dão a um tempo um passo para frente e outro para trás com o pé direito, fazem então a pausa dum compasso inteiro, e repetem os mesmos movimentos com o pé esquerdo, com graciosos meneios do corpo para o lado que faz os movimentos. Dançam assim em volta do centro, perto dos archotes atirados

junto do boi, o que faz com que os variegados vultos animados produzam maravilhosos efeitos de luz. Cantam particularmente sôbre a palavra "lavandeira", como pronunciam o vocábulo lavadeira, que lhes dá um lenço limpo, para que se possam fartar de chorar, e que provàvelmente deverá lavar também o boi. O pajé, porém, canta sempre, nos intervalos, versos aparentemente improvisados, exatamente como num descante vienense, levando nisso muito tempo.

E como, por fim, todos devem estar convencidos da triste realidade da morte do boi, decidem-se, como último grande ato, por uma intimação geral cantada:

.... chora
O boi já vai-se embora,

isto é, vai ser enterrado.

E partem, cantando e batucando, com o seu boi, enquanto êste, exatamente como um herói morto de teatro, depois de cair o pano, resolve, por uma louvável consideração, acompanhá-los com os próprios pés, isto é, com os que o tinham trazido; pára na primeira esquina, e assim repetidamente, até altas horas, morrendo cinco ou seis vêzes na mesma noite.

Até onde se vislumbram aí, o espírito e alusão ou reminiscência duma antiga festa na selva, não posso dizer. Para mim, porém, representava, com seus coros e saltos cuidadosamente cadenciados, algo atraente, algo de lídima poesia selvagem.

Se o boi parece representar um papel prosaico, então aconselho ir a Paris, pelo carnaval, e procurar lá o *boeuf gras*, atrás do qual todo Paris corre, sobretudo os Faubourgs St. Marceau e St. Antoine, onde a alta sociedade olha pelas janelas, tensa, como se aguardasse a passagem dum herói, dum César:

And if you saw his chariot but appear
Did you not make a universal shout?

Assim a grande tragédia inglêsa faz puxar o carro do seu tribuno popular, a plebe romana que ainda ontem ovacionava Pompeu para hoje aclamar César.

No carnaval, porém, o parisiense contenta-se em deixar viver o *bouef gras,* enquanto em Manaus, na véspera de S. Pedro e S. Paulo, o que agrada é o "boi bravo". A propósito devo consignar que o odor do povo de Paris, por ocasião dessas aglomerações, é extraordinàriamente penetrante, e se deve chamar fétido, ao passo que o do bom povo de Manaus, sobretudo das raparigas fuscas, com os cabelos escorrendo, cheira à água do Rio Negro ou a uma odorífera flor de jenipapeiro, prêsa atrás da orelha.

Assim como introduzem nas festas católicas um cortejo pagão, assim também surgem ainda na vida civil muitos paradoxos, por exemplo na comida. Comem muito e com gôsto, mas não são bastante gulosas para ganhar bons acepipes pelo trabalho. Sobretudo as mulheres parecem muito fáceis de contentar. Enquanto o tapuia por seu lado vai à caça, para matar qualquer peça — e não tardaremos a acompanhá-lo numa dessas caçadas — a das mulheres é muito mais simples e modesta. Podemos contar uma pequena caçada de mulher.

Enveredara por um atalho perto da cidade e ainda dentro desta, encontrei, no meio da estrada, quatro índias sentadas em círculo em volta dum buraco, algo como a entrada da toca duma topeira; eram avó com a filha e duas netas adultas. Tôdas tinham ao lado algumas tiras delgadas de pecíolos de palmeira. Introduziam-nas por alguns segundos ou meio minuto no buraco, e quando as retiravam, traziam 6 a 12 formigas prêsas a elas pelas mandíbulas, mas formigas dum tamanho enorme. Mediam bem uma polegada de comprimento, extraordinàriamente grandes e gordas, de cabeça muito crescida e tórax volumoso, provido de três pontas de cada lado, animais repugnantes, de aspecto pardo-claro-clorótico, e intenso odor de percevejo. Juntavam com muito cuidado êsses animais enormes e pouco ágeis numa pequena panela com água ou numa fôlha de bananeira. Quando lhes perguntei o que iam fazer dêsses repelentes e malcheirosos animais, responderam-me que iam assá-los e comê-los, pois as manicoaras eram muito gostosas.

Senti náuseas ao imaginar que aquêles animais horrendos eram para comer. Uma das netas, linda rapariga de 20 anos e fartos cabelos negros, com a bôca mais fresca e os dentes mais bonitos que se pode imaginar, enrolou com extraordinária destreza

suas manicoaras num pedaço de fôlha de bananeira e passou-lhe hàbil e graciosamente em volta o talo duma gramínea. Encostou depois o pacotinho verde no ouvido e escutou, com a expressão de perfeita alegria infantil, o formigar dos animais, que queria assar em casa.

A caçada dos homens, não obstante sua condição de civilizados, como chamam a essa mesquinha vida de meia civilização, está ainda cheia de reminiscência da floresta virgem e é sumamente curiosa para o viajante europeu.

Em contato com a sociedade, e sobretudo através do serviço na Guarda Nacional, aprenderam a usar a espingarda e apreciar seu valor. Na luta com animais maiores, na caça do tapir e da onça, servem-se dela, quando podem obter a pólvora e as balas; para a caça menor, porém, a espingarda ainda não substituiu o arco e a flecha. Vão ainda para o rio com o arco e a flecha, e matam com grande segurança o pirarucu e a tartaruga. Quanto ao primeiro, sabem perfeitamente como devem apontar a flecha, para evitar o ligeiro desvio causado pela corrente. Quanto à segunda, devem disparar a flecha, fazendo um alto e bem calculado arco, de maneira que caia verticalmente sôbre o animal e o traspasse, sem ricochetear pelo casco, como aconteceria, se atirassem em linha reta.

A flecha e o arco conservaram inalterada a forma primitiva. O arco é feito da madeira dura, pesada, e contudo elástica do pau-d'arco, aquela bignônia de magnífica florescência de flores encarnadas, e noutra espécie, côr de ouro. O arco mede cêrca de 6 pés de comprimento, muito esguio e as mais das vêzes perfeitamente reto, muitas vêzes escavado dum lado, em forma de canelura, com o que deve tornar-se ainda mais elástico, de côr preta ou parda muito escura, quase idêntica à do jacarandá, do qual o pau-d'arco é próximo parente. O cordão é geralmente de tucum ou de fibras retorcidas de ananás, caroá, e não esticado, quando o arco não está distendido.

As flechas comuns são uma simples cana ou antes a haste do pendão do flabeliforme capim-flecha; a cana é dura, tem o miolo celuloso, é leve e perfeitamente reta; a maioria das flechas mede de 3 a 4 pés de comprimento e até mais. À extremidade mais grossa

adapta-se uma ponta dura de pau-darco de 1 a 1½ pés de comprimento, e os pontos de junção são nítida e seguramente enrolados. A extremidade pontiaguda dêsse acréscimo de madeira é guarnecida de anéis intervalados e provida também de agudas farpas.

A extremidade inferior da flecha é muitas vêzes enrolada com fios de tucum, recebendo uma leve camada de resina por cima. O apêndice das penas parece ter ficado na floresta virgem e não é necessário à segurança da direção da flecha.

Muitas vêzes, em lugar da ponta de madeira, põem uma de osso, ou embutem hàbilmente na de madeira uma espinha de peixe farpada e aguçada, cujo engaste é também cuidadosamente enrolado. Ou colocam na extremidade um pedaço de taquara, e embutem na ponta afilada uma espinha como farpa, de maneira que as pontas das flechas se tornam extraordinàriamente variadas. Muitas são também feitas inteiramente de madeira de bignoniáceas, bastante pesadas, e têm, quando disparadas com fôrça, extraordinário poder de penetração.

Para aumentar seu poder, envenenam ainda muitas, particularmente as usadas contra os jacarés. Êsse veneno das flechas, ouari, conforme pronunciam no Rio Negro, é conservado em segrêdo pelos índios nas matas virgens e preparado com diversas espécies de loganiáceas, estrícneas e vendido ou negociado. No comércio aparece em pequenos boiões chatos de barro; tem uma superfície brilhante, côr prêto-esverdeada e sabor amargo. Os caçadores levam-no consigo para seu uso próprio em pequenas cabaças. Fui presenteado com êle sob ambas as formas em Manaus, onde constitui grande artigo de comércio.

O veneno, ao ser usado numa flecha, é amolecido e esfregado sobretudo nas pequenas grêtas da ponta da madeira. Uma flecha assim passa a chamar-se "flecha ervada"; penetrando profundamente e ficando na ferida é morte certa, porquanto o veneno ouari não é inferior ao famoso *Upas tieuté* dos javaneses, e sim da mesma origem e de igual atividade.

Como um ferimento acidental com essas pontas envenenadas pode acarretar sérias conseqüências, guardam-nas, metendo-lhes as pontas numa comprida aljava, onde cada uma tem a sua bainha.

Essas aljavas são linda e delicadamente trabalhadas, como também todo o aparelhamento assassino, arco, flechas, aljava e cabaça de ouari, parecendo mais um brinquedo do que feito para um ataque sério.

As flechas não envenenadas colocam-se numa aljava mais curta, de cipó entretecido, revestido de resina, sem que, nela, fiquem separadas umas das outras.

Para matar pássaros pequenos, servem-se da sarabatana, do tubo de soprar. Fazem-nos com 10 a 12 pés de comprimento, de duas peças ôcas, adaptando-se exatamente uma à outra com um cordão de tucum ou caroá, ou com uma espécie de líber consistente. Provêem-na, em baixo, duma boquilha mais larga.

Atiram com ela bolas de barro molhado ou dardos muito pequenos, os chamados gravatanas. Êstes são simples e nìtidamente cortados das nervuras laterais das fôlhas das palmeiras, que são duras e fortes; do comprimento dum pé ou mais. Provêem-nas de flocos da lã da sumaumeira, para que esta lã ofereça resistência ao sôpro e impila o dardo. A arma assassina atinge a uma altura extraordinária, e não se desprega do pássaro atingido por ela.

E assim seus utensílios, embora insignificantes, são sempre bonitos. Em mobília, mesas, armários etc., nem se fala. Não têm na verdade muito o que guardar, não precisam de mesas; para isso têm o chão diante de si. Sua ambição eleva-se muitas vêzes até uma cadeira, um banco, essa, porém, não se ergue fàcilmente a mais de 5 ou 6 polegadas acima do solo. Consiste numa tábua ligeiramente escavada, assemelhando-se a uma gamela chata, com quatro grossos pés quadrados, ligados novamente em baixo, na direção do comprimento, por um pedaço de madeira. Parece assim mais um trenó lapão do que uma cadeira do Amazonas. Evidentemente serviu-lhe de modêlo uma tartaruga. O mais admirável é que tôda essa obra artística é em geral feita dum só pedaço de pau, da mesma forma que se faz uma canoa, um barco inteiro, dum tronco. Teria sido mais fácil pregar os pés na tábua; mas isso custaria quatro a oito pregos, o que seria muito caro. Preferem por isso o penoso trabalho de cortá-la tôda dum só bloco.

As esteiras onde se sentam no chão, nas malocas e as que penduram diante das janelas e põem diante das portas são entretecidas

de folíolos de palmeiras. Uma olaria em Serpa e mais ainda a de Breves abastecem Manaus de louça de barro. Vêem-se vasos etc. no gôsto peculiar índio, lindas bacias de mãos e bilhas para água, cujo variegado colorido é encantador. As côres principais da louça de barro são o amarelo e o encarnado. O amarelo é preparado com ocre de terra, um vermelho-amarelado extraído do amarelo-avermelhado urucu ou *Bixa orellana*, e um encarnado muito intenso com as fôlhas duma bignônia (*B. chica*). Essas fôlhas são cozidas, e juntando-se-lhes depois uma casca, araiana, forma-se um precipitado vermelho. Fazem então pequenos bolos que vêm ao mercado, enrolados em fôlhas, com o nome de carajuru. Pode confundir-se muitas vêzes com a côr da verdadeira *Bixa*, ou serem ambas misturadas. Em Manaus diferenciam o orucu ou urucu amarelo e encarnado, sem que me pudessem indicar a diferença exata entre ambos.

As demais vasilhas necessárias numa casa índia são fornecidas pelas imortais cabaças. Êsses frutos singulares de todos os tamanhos pendem dos galhos grossos e do tronco da árvore. O miolo mole é fácil de se extrair, de maneira que fica só a casca resistente, córnea, mal tendo duas linhas de espessura.

Existem cabaças inteiramente redondas e oblongas, de maior número de formas do que já vira alhures. Uma pequena, cortada no sentido do comprimento, é uma colher; cortada pelo meio, é uma xícara. Uma cabaça grande, com uma única abertura redonda em volta do lugar onde ficava o talo, é um balde, e pode conter até oito garrafas de líquido. Algumas são compridas e ovais, como abóboras ou pepinos compridos, parecem verdadeiras cucurbitáceas. Se só tem uma pequena abertura, é uma garrafa, que pode conter 6 a 8 libras de água. Se a cabaça comprida é cortada pelo meio, as duas metades formam dois grandes copos; se a cortam no sentido do comprimento, cada metade forma um excelente colherão. Em resumo é possível cortar vasilhas à vontade.

Com as cabaças redondas, cortadas ao meio, praticam uma arte econômica. Laqueiam o interior e o exterior de prêto, ou o exterior de cinzento-esverdeado, o interior prêto com anéis encarnados, arabescos variegados e quadrados dourados. Alguns lugares no Amazonas fazem comércio com essas cabaças; mas em Manaus foi que

vi as mais bonitas. Contudo, Prainha é a mais conhecida pelo seu comércio de cabaças pintadas.

E depois de tudo isto, desejaria repetir também em Manaus, como em Cametá no Tocantins, a pergunta: Se a floresta, o campo e o rio dão ao natural simples e sóbrio dos índios a comida e a bebida, por que haveriam de arrancar mais dessa dadivosa Natureza? Para que coberta de telhas, se as euterpes e geonomos se prestam tão fàcilmente a fazer um telhado, se a buçu há 20 anos cobre as casas? A buçu, que coisa maravilhosa! Em Manaus foi que conheci a magnífica fôlha em tôda sua extensão. Um tapuia consertava num relvado seu telhado de buçu; trouxera as fôlhas de longe. Estas, novas e ainda não muito batidas pelo vento, tinham uma superfície lisa, sem a menor solução de continuidade, exatamente como uma fôlha nova de bananeira. O belo serrilhado da orla indicava o número de nervuras em que a fôlha se dividiria. Superfície essa com 25 a 30 pés de comprimento por 3 a 4 de largura! Dez fôlhas cobrem inteiramente o piso duma grande sala; um homem só pode carregar algumas fôlhas duma vez. Vinte delas são suficientes para cobrir em camada dupla a casa de barro dum índio.

Uma coisa, porém, não pode faltar numa verdadeira oca de tapuia: a imprescindível, a famosa rêde!

Mas, por Deus, não quero falar dessas variegadas rêdes de algodão, que já se tornaram artefato anglo-americano, e são em todos os desenhos e tamanhos importados como artigo importante de comércio no Pará, e vendidas às gerações que, embora não criadas em rêdes, preferem caro e mais largo artefato como um artigo de luxo importado da Europa.

Quero dizer aqui sòmente daquelas rêdes e trabalhos de malha e entrançados, cuja matéria-prima cresce nas airosas palmeiras, ou se oculta nas polposas fôlhas das bromeliácias, das esteiras e rêdes tecidas ou entretecidas de tucum e caroá.

Na série das astrocárias espinhosas, entre as quais se distinguem pelas suas várias utilidades as já citadas javari, tucumã, murumuru etc., que eu já encontrara, subindo o Rio Negro, deve mencionar-se em primeiro lugar a *Astrocaryum vulgare*, uma palmeira que excede tôdas as outras astrocárias em brandura e resis-

tência do parênquima dos folíolos, e que por isso fornece material técnico para vários usos.

O epitélio arrancado do folíolo das fôlhas novas e retorcido é esfregado e enrolado com as mãos em cima da perna, dum modo tão destro e tão hábil, que formam fios compridos e extraordinàriamente consistentes e fortes, por sua vez reunidos e retorcidos até formar um cordão relativamente grosso, com o qual tecem uma grande rêde de malhas frouxas e elásticas. Em ambas as extremidades dessa rêde, prendem-se cordões mais grossos de tucum, reunidos num só feixe, presos a uma corda, para ser pendurada à vontade nos pontos fixos escolhidos. Assim nasce a mais encantadora rêde-cama que se baloiça no ar, e cujos cordões e malhas muitas vêzes são tintos de encarnado e amarelo-claro. Qualquer pessoa pode armá-la e deitar-se nela sem o menor receio; duas pessoas mesmo precisam ser muito pesadas para que ela se rompa sob seu pêso reunido. A dormida nessas camas suspensas e baloiçantes é muito fresca e agradável, sobretudo quando, depois dalguma prática, se acerta em deitar-se oblìquamente e estender-se cômodamente nelas.

Pode-se fazê-las ainda muito mais macias, quando os cordões de fio de tucum são torcidos bem finos e fortes. Essas rêdes mais finas, semelhantes a verdadeiras rêdes de pesca, ou a maqueiras, podem dobrar-se, fazendo um volume muito pequeno, e assim, uma cama portátil, ocupando o menor espaço possível. Algumas de fato caberiam no bôlso.

Estas duas formas são as originais no Amazonas. Mas entretecem às vêzes as malhas umas com as outras, dum modo perfeitamente artístico. Fazem verdadeiro tapête de grandes malhas, com desenhos coloridos, arabescos e figuras, cuja confecção exige muito tucum, tempo e trabalho manual. Pregam-lhes também freqüentemente na orla rendas e bicos doutras fibras, de caroá por exemplo, e entretecem-lhes mesmo custosos ornatos de penas. São então modelos de elegância e riqueza, e só se ostentam em ocasiões especiais, e feitas por encomenda. As comuns, ao contrário, são oferecidas à venda e encontram-se sempre em muitas lojas no Pará. Obtêm-se, porém, muito mais barato ao longo do rio.

Considero, todavia, o caroá ou grauá um material ainda mais fino. Já travamos conhecimento com êste e com a macambira no S. Francisco. Parece realmente que empregam as fibras delgadas e sedosas do caroá para trabalhos mais leves, enrolamentos delicados, etc. Contudo, nem sempre é fácil distingui-los num mesmo trabalho; existem artigos de tucum de extraordinária delicadeza e tecidos tão consistentes que realmente não se pode dizer se são de fibras da palmeira ou de caroá.

Onde a palmeira tucum é mais rara, e as bromeliáceas macambira e caroá não são encontradas, o tapuia sabe arranjar-se com sucedâneos como os que lhe fornecem a miriti e outras astrocárias. Ou planta algum algodão, com o qual as índias tecem uma saia sem costura, como a que eu mesmo possuo.

Para trabalhos mais grosseiros, porém, para cordas e cerdas mais grossas empregam no Rio Negro, muito especialmente nos seus afluentes, um material cujas várias aplicações já se enraizaram mesmo na Europa; refiro-me à piaçaba.

Em muitas, sobretudo nas cocoíneas mais grossas, em que as bainhas das fôlhas abraçam quase todo o tronco, ambos, tronco e bainha, estão firmemente entreligados por um tecido mais grosseiro ou mais fino. As principais fibras são formadas duma substância córnea, muito dura, semelhante às barbas de baleia, duma natureza inteiramente peculiar. Poderia compará-las às grossas cerdas pardas do porco.

A *Attalea funifera* (e o gênero *Leopoldinia*) fornece a maior parte da piaçaba, remetida em bruto em grandes amarradas para Manaus e de lá ao Pará, ou rebocada em ro os, inteiramente ao modo russo, pelo Rio Negro abaixo. Tem um belo aspecto pardo e brilhante. Assim a vi muitas vêzes desembarcar em Manaus. Com o uso, porém, toma uma côr preta suja; dura, no entanto, muito e é extraordinàriamente flexível, fazendo-se mesmo até grossos cabos de âncora de piaçaba.

A civilização vestiu o tapuia em Manaus, como já disse. Na simples indumentária branca dos homens nada me chamou a atenção. Muito mais vistoso me pareceu o traje das mulheres e raparigas. Consistia na maioria das vêzes numa camisa e saia. Esta

é apertada por cima da primeira, em volta dos quadris, e é em regra dum tecido escuro ou xadrez. Mas à saia não é dispensado cuidado especial.

Cuidam, ao contrário, muito mais da camisa. Sempre limpa, freqüentemente com bordados e, sobretudo aos domingos, dum tecido fino e transparente, através do qual aparecem a côr e as formas.

Se o tecido se torna assim, por seu aspecto de bisso, denunciador de formas e côr, também o é a miúdo pelo corte. A camisa sai muitas vêzes da saia, quando sua portadora se mexe, se abaixa ou se espiga, mostrando assim que não passa dum casaco. Acontece sobretudo às raparigas, que guardam, quando adultas, uma bonita camisa-casaco de sua juventude, deixar ver alguns dedos de corpo nu, em volta do cós da saia, enquanto os ombros, as espáduas e os seios ficam cobertos. Isso, na orla da floresta virgem, é encantador e dá uma impressão de ingenuidade.

Mas no domingo pela manhã, quando termina a missa de Nossa Senhora dos Remédios, nota-se mais cuidado no traje das pessoas que saem da igreja, como tive ocasião de observar a 3 de julho.

Convidaram-me na véspera para ver o estabelecimento dos "Educandos", um instituto inteiramente instalado ao modo da "Rauhes Haus" de Hamburgo. * Meninos, quase todos índios, perambulando sem nenhuma vigilância, e ameaçados de vagabundagem, são recolhidos a êsse instituto e transformados em homens trabalhadores e úteis.

Já às 7 horas da manhã, estávamos a caminho; galgamos o outeiro dos Remédios e chegamos a um pequeno sítio, onde mora o inspetor do Tesouro Provincial, que ao mesmo tempo cuida dêsse instituto, com uma família de oito filhos, o mais velho com oito anos. Um largo e tranqüilo igarapé, de cujas águas emergiam maciços floridos e árvores, separa a casa do instituto. Atravessamo-lo e tive o prazer de observar um esmêro e desvêlo na direção dêsse instituto, fundado a expensas do Estado, e na educação dos 19 meninos ali internados, que realmente me surpreendeu. Se as caras fuscas e sadias dos pequenos índios não me fizessem lembrar que

(*) Um reformatório para crianças, fundado em Hamburgo em 1833 por Wichern. N. do T.

estava em Manaus, julgar-me-ia num bem dirigido asilo de órfãos na Alemanha.

A educação girava em tôrno de religião, instrução elementar, trabalhos manuais e música. O regulamento é meio militar, o uniforme dos meninos limpo e simples, e aos domingos, quando lhes permitem ir à cidade, vestem um pequeno uniforme de marinheiro — jaqueta de pano azul com aplicações encarnadas, gorro azul redondo sem pala, com debrum encarnado, tendo em cima, ao centro, uma bola vermelha. Isso fica muito bem nos pequenos fuscos.

Suprem as despesas da casa com o que apuram, fazendo mesas, bancos, armários, barcos e remos. Depois de adultos, podem seguir o caminho que quiserem.

O que mais me atraiu foi sua música. Seu professor de música, um rapaz pernambucano, de côr, por nome Francisco da Silva Galvão, com evidente talento para música, foi conosco para fazer sua pequena banda tocar.

Sete instrumentos de sôpro estavam representados em dôbro, os dois cornetins tinham 10 e 11 anos. Nenhum dos pequenos músicos poderia contar mais de 15 anos. E tocaram duas marchas com tal entusiasmo, precisão e desembaraço que fiquei realmente surpreso. O cornetim menor, sobretudo, uma figurinha robusta, o garoto mais engraçado que se podia ver, soprava como um homem e parecia compenetrado de que a regência de tôda uma banda dependia dum bom cornetim.

A instituição, embora criada há pouco tempo, já produziu grandes benefícios. Mostra à gente de côr que, se quiserem trabalhar regularmente, estarão aptos para tudo, e que mesmo pequenas energias de crianças, já podem em conjunto produzir algo útil e manter perfeitamente seus pensionistas.

Acham, contudo, a instituição desnecessária e querem riscar a música do seu programa. Dei um bom conselho a propósito: mandar os pequenos fuscos tocarem suas marchas diante das janelas dêsses discordantes, e êles os deixarão continuar com sua música e a instituição também, com todos os seus benefícios.

Terminara a missa, justamente quando voltávamos pelos Remédios. Afastamo-nos para um lado e deixamos passar os devotos.

Poucos os brancos puros que saíram da igreja, quase todos homens de casaca preta, que não demonstraram interêsse por mim.

As mulheres, ao contrário, tôdas de côr, índias e mestiças ou mamelucas mais claras e mais escuras, de diversas categorias. Os vestidos claros, domingueiros, de tecidos leves quase transparentes, assentavam sôbre as formas admiráveis das raparigas, a quem, no corte de bom gôsto dos trajes, certamente nenhuma costureira francesa ajudara. A cada passo o tecido fino da camisa abotoada no pescoço tremia sôbre os seios firmes e elásticos, cuja exuberância não precisava ser sustida por nenhum colête. Os constantes banhos no rio mantêm a tensão da pele e a turgescência dos tecidos celulares pela idade madura adiante. Nenhuma delas trazia chapéu, muitas ao contrário, pequenas sombrinhas de sêda azul nas mãos delicadas, menos, certamente, para se abrigar do sol do que para evitar que as lindas e frescas flores nos cabelos pretos murchassem depressa. E gostei infinitamente da tranqüila atitude de recolhimento daquelas bonitas figuras trigueiras.

E assim desceu o bando peculiar de índio-europeus e de singulares mulheres afro-índias nos seus belos trajes domingueiros, do outeiro para o igarapé, e atravessou corajosamente e sem vacilar o estreito tabuleiro da ponte de madeira, que se curvava com o pêso, enquanto no fundo do quadro matinal o Rio Negro, na sua portentosa largura, corria, subindo para o noroeste, e entre margens que desapareciam com suas águas tocando aparentemente o céu ao longe e desaparecendo também.

Êsses, aproximadamente, os principais aspectos sob os quais se me apresentou, em Manaus e no baixo Rio Negro, a civilização, a vida índia aproximando-se do europeísmo, nêle diluindo-se aos poucos, obscura e modestamente, duma forma poético-elegíaca mesmo, que me encheu de prazer, mas de certa melancolia também. Eu já havia percebido, com razão, em Cametá, que no Amazonas o tempo das peles bronzeadas já passara, e que os rostos pálidos dominarão.

E já dominam; já dominam no Rio Negro também. Êsse domínio parece certamente ainda muito pequeno e o é de fato; parece mesmo retrogradar. Cada vez se arruína mais o que o português construiu outrora com muito trabalho e sacrifício. Cidades como

Airão, Moura, Barcelos, Moreira, Tomar, Castanheiro, estão decaindo ràpidamente e cifram-se hoje em parte a poucas casas, ao lado de igrejas em ruínas.

Isto não deve, entretanto, causar estranheza nem preocupação. Exatamente como outrora nas Missões dos jesuítas, nas margens do Uruguai e do Paraná, os índios das florestas virgens foram também capturados pelos mesmos jesuítas, entre os quais figuram muitos nomes alemães, e depois pelos portuguêses, levados para as margens do rio, para os chamados Descimentos, e forçados pelos meios mais bárbaros, a trabalhar, por mais ordens que freqüentemente pudessem chegar da Europa contra essas barbaridades.

Surgiram assim algumas vilas e cidades que atingiram algum progresso, mas não houve o livre desenvolvimento dum povo. Só nos últimos tempos foram assegurados aos índios direitos e plena liberdade de fazerem de si o que quisessem.

Predominou nêles sem dúvida, com tal liberdade, a tendência nata para a indolência, e decresceram a grandeza e a atividade forçada de outrora das colônias no Rio Negro. Tôdas as tribos estão se convencendo cada vez mais de que a vida civilizada das colônias é preferível à vida nas florestas, sobretudo desde que lhes são permitidas tôdas essas reminiscências das selvas e dos antigos lares, que acabei de descrever, na vida dos índios em Manaus, como brincadeiras inofensivas. Os prelúdios da civilização chegam-lhes às vêzes em circunstâncias inteiramente inconcebíveis. As trocas com aventureiros ou traficantes podem estabelecer o primeiro contato. Quando recebi de botocudos inteiramente nus, na Província de Minas Novas, entre outras coisas, colares de sementes da floresta e dentes de capivara, encontrei entre os ornatos genuínos da mata uma conta de vidro. O rude botocudo achara tão importante, tão valiosa aquela pequena conta de vidro, que a incluíra no colar da floresta. Talvez essa conta tivesse sido o motivo de não se ter dado um reencontro sangrento entre os botocudos e os civilizados; êstes possuíam miçangas que trocavam por ipecacuanha.

As mulheres no Rio Negro conservam na floresta o sentimento do pudor, inato no sexo frágil, desde a perda do paraíso, que eu não deparei entre as botocudas. O menor trapo de pano, porém,

basta-lhes para atender a êsse sentimento. Possuo um avental de tucum, maravilhosamente bordado com miçangas, medindo 8 polegadas de largura por 3 de altura. Se essa hábil filha da floresta, que julgava satisfazer com êsse rudimento de saia tôdas as exigências da moral, tivesse obtido outras miçangas da civilização, teria empregado tôdas na sua tanga, e por fim arranjado um verdadeiro saiote, igual ou pelo menos da metade do comprimento dos que as índias usam em Manaus. Não se pode exigir dêles tudo duma vez. As índias de Manaus só agora vestem casaco e saia em lugar da camisa. Na maioria, jamais calçaram uma meia ou um sapato. Dentro de vinte anos ou mais tarde, tôdas possuirão sapatos e meias. Como muitos primitivos, que atam de preferência uma pequena gravata de sêda em volta do pescoço, antes de vestir uma camisa e uma calça; ou preferem usar um colête variegado em cima da pele fusca. Não se deve mofar dêles por isso, e sim deixá-los tranqüilamente fazer. As botocudas selváticas traziam apenas um cordão prêto abaixo do joelho. Em Manaus obtive belas tiras ornadas de variegadas penas, que as mulheres no Rio Negro enrolam em volta da testa, dos braços e dos joelhos. As raparigas índias, que vi sair da igreja de Nossa Senhora dos Remédios, a 3 de julho, usavam verdadeiros pentes; suas primas, lá em cima nas matas, ainda se serviam de pentes de palmeiras, muito bem feitos. Os espinhos córneos e duros das astrocárias são cortados, chatos, de ambos os lados, e também aguçados nas pontas mais grossas. Êsses espinhos são metidos entre dois pedaços de pau bem limpos, e êstes atados com fibras de tucum, formando um bonito pente com duas ordens de dentes. Muitas vêzes uma das filas de dentes é delicadamente entretecida de fibras de tucum e orlada de belos arabescos, trançados, que embebem com um bálsamo. Cheiram às vêzes por tôda a vida. Quando enfeitados com fios de penas pendentes, a mais vaidosa Berenice não poderia desejar pente mais bonito. Um pente com penas, perfumado, uma faixa de penas variegadas para a testa, braceletes e ligas macias de penas para os braços e para os joelhos e uma bonita tanga de miçangas de 8 polegadas de largura e 3 de altura, provida de colchêtes e botõezinhos — e tudo isso em cima duma fresca jovem fusca das florestas, em cujos cabelos negros belas cinchonáceas, gardênias e flores de jenipapeiro exalam capri-

chosos perfumes — é certamente quadro raro e, na sua espécie, encantador.

E contudo, embora já muito em a natureza dos habitantes da floresta se incline para a civilização, atraí-los espontâneamente para ela é muito difícil e trabalhoso; um descimento dalgumas tribos por via de persuasão é emprêsa excessivamente árdua e extenuante; o incumbido dela pode fàcilmente arriscar a saúde e a vida.

Seja-me permitido apresentar aos meus leitores o retrato e o infatigável trabalho dum homem, cuja personalidade me atraiu antes de tudo em Manaus, cujos relatórios e comunicações me interessaram muito especialmente, um homem cuja missão era domiciliar índios na fronteira.

É o capitão de artilharia Joaquim Firmino Xavier, bravo filho do meu bom e velho colega Dr. Firmino, em Santos.

Mal terminara os estudos na Academia Militar, foi no ano de 1849, com 20 anos de idade, para Pernambuco com o fim de ajudar a debelar as chamas da revolução, que Nunes Machado então ateara. Depois dalgum descanso, que lhe foi permitido, no Rio, foi mandado para Montevidéu e para o Rio da Prata, e de lá pelo Uruguai até S. Borja. Depois que as complicações militares foram ali aplainadas, enviaram-no como comandante do Forte Macapá, exatamente sob o equador, na embocadura do Amazonas, do lado oposto na fronteira do Império; sua atividade militar ia até a colônia militar de S. Pedro de Alcântara, defronte da fronteira de Caiena. Depois que se desempenhara dum modo notável de sua missão ali, creram não poder encontrar melhor oficial de artilharia para melhorar a fortaleza fronteiriça do oeste, Tabatinga, 500 milhas geográficas Amazonas acima, e o Capitão Firmino serviu dois anos como comandante na fronteira com o Peru, na mais profunda solidão das selvas.

Agora, porém, chegara sua grande tarefa. Tendo adormecido tôda a atividade no Rio Negro, pareceu necessário despertar a vida índia e reanimá-la nesse rio. Queriam sobretudo colonizar com índios o último afluente do Rio Negro em território brasileiro, o Rio Içana, à margem direita do grande rio, e o Xié, que corre no

mesmo paralelo norte com o Içana, e estabelecer lá um grande descimento, uma importante série de aldeias. Ao mesmo tempo, o velho Forte de S. Agostinho, em ruínas, defronte da fortaleza venezuelana de S. Carlos, devia ser restaurado sob o nome de Forte do Cucuí e retomar aspecto novo e ativo, tanto mais por terem irrompido antes muitas perturbações no desenvolvimento dessa região, se é que aí se podia falar em progresso.

Pouco tempo antes, um tal Venâncio vagara pela fronteira da Venezuela, querendo fazer-se passar por Cristo. Muitos índios se deixaram levar por êle e sua mania. Como êsses alvoroços não são absolutamente sem importância, mandaram para lá um jovem oficial com alguns soldados. Êste procedera com violência e crueldade, destroçando o Cristo e seu bando, mas também pequenas aldeias, com as quais principiara a civilização.

Partiu o Capitão Firmino a 22 de novembro de 1857 de sua residência em Cucuí para o Içana, numa canoa tripulada por 12 homens, para se inteirar dos acontecimentos e reunir os índios que vagavam perdidos. Onde, porém, êle chegava, êstes fugiam para a floresta ou já se tinham passado para o território da Venezuela, ao longo dos rios Arari e Coari, depois de terem incendiado uma pequena povoação de Tanuí.

A 23 de novembro, chegou à embocadura do Xié no Rio Negro, onde encontrou o povoado de S. Lourenço — 11 casas de palha, uma capelinha e um cemitério, mas ninguém. Tudo coberto de mato. Voltou para Nossa Senhora da Guia, na embocadura do Içana, onde deparou 15 casas de palha e uma pequena capela, porém um só habitante, Manuel Joaquim de Oliveira, que o informou de que todos os demais haviam fugido diante das crueldades da primeira expedição. Por isso o cura local, Manuel de S. Ana Salgado, mudara-se também dali para S. Gabriel.

A canoa subiu então o rio. Por tôda parte onde o Capitão aportava, a mesma deserção das pequenas colônias. Só tinham ficado muito poucas pessoas, que lhe deram notícias daquele Cristo. Surrara seus adeptos, e outros se haviam agrupado em volta dêle, só para dançar e beber.

A penosa expedição no rio durara quatro semanas, tendo que vencer 42 cachoeiras, algumas sem importância, outras, porém, ver-

dadeiras quedas de água, até com 30 pés de altura, de maneira que os corajosos navegantes tiveram muitas vêzes de arrastar sua canoa, contornando os saltos. Por tôda parte o Capitão Firmino entabulava relações amistosas com os tuxauas ou caciques, atraía novamente os índios fugidos, providenciava a criação de pequenas capelas, dava-lhes roupa e utensílios, o que sempre trazia, e explorava também pequenos afluentes e lagos. Seu minucioso relatório é o quadro mais fiel da floresta, que jamais se possa encontrar. Vemo-lo vestir aqui um tuxaua, contornar, ali, arrastando a canoa, uma queda de água, entre cujos blocos rochosos uma bela rupícola (o galo-da-serra) volteia; ora cercado de índios, que lhe pedem enxadas, machados e outros instrumentos, ora um bando nu acompanha-o até a canoa, muitos desejando segui-lo até à povoação de Marabitanas no Rio Negro, no caminho para Cucuí. Consola depois um tuxaua vindo do Rio Negro, que havia pago um preço formidável em produtos da mata por alguns cestos de sal, o que dá um exemplo perfeito de como êsses traficantes espertos das regiões civilizadas exploram vergonhosamente a ingenuidade dos índios, desejosos de conservá-los para sempre assim. Atraem-nos para tôda sorte de trabalhos, e depois de o pobre trabalhar um ano e mais como servo, dão-lhe uma camisa de algodão e duas calças iguais. E o pobre diabo pensa que realmente não ganhou mais.

Num relatório posterior, informa o Capitão sôbre as condições das zonas visitadas e o resultado de sua atuação, resumindo ao mesmo tempo o que já começara antes, do modo seguinte:

"Quando em outubro do ano de 1857 cheguei a Marabitanas, os índios de tôdas as aldeias e povoações, com exceção de S. José de Marabitanas, estavam dispersos e as localidades abandonadas e invadidas pelo mato.

"Diversas razões e causas tinham levado os índios a abandonarem suas habitações, a fugirem para as florestas e retirarem-se para os confins dos igarapés, e mesmo a emigrarem para as Repúblicas de Venezuela e Nova Granada.

"Os manejos dum índio venezuelano, por nome Venâncio, que teve a habilidade de fazer crer aos nativos que era um segundo Cristo e um enviado do Criador do Mundo, influiu particularmente nessa emigração.

"Meu primeiro cuidado foi aplacar a excitação causada pelo mêdo de que os índios estavam possuídos. Com muito trabalho e paciência, consegui que os habitantes de S. José de Marabitanas, S. Marcelino, Nossa Senhora da Guia, S. Filipe e S. Ana voltassem para suas antigas habitações.

"Em dezembro do mesmo ano, subi até as nascentes do Içana, e só com muito trabalho, perigo e sacrifício consegui fazer os índios saírem da floresta e voltarem para suas aldeias, que, com exceção de duas, estavam inteiramente abandonadas.

"Depois de ter visitado tôdas as aldeias e povoados, e atraído os habitantes novamente para seus lares, onde os mantive para lavrarem a terra, plantarem mandioca e outros produtos alimentícios lucrativos, ordenei-lhes melhorassem suas habitações e construíssem novas, para que não morassem mais cinco ou seis famílias sob o mesmo teto, do mesmo modo que fiz melhorar as capelas e construir outras onde não havia.

"A resenha das aldeias e povoações era, a 1 de janeiro do corrente ano, a seguinte:

Povoação de S. José de Marabitanas

"Na margem direita do Rio Negro, 238 léguas acima de sua embocadura, 1°38' de latitude norte, 68°25' de longitude de Greenwich, compunha-se de 35 pequenas casas, mal rebocadas, cobertas de palha, sem divisões internas, tôdas velhas e ameaçando ruína, com uma pequena capela de paredes reentrantes, pilares carcomidos, telhado esburacado e o interior em ruína.

"A população, inclusive a guarnição de linha e os guardas destacados, monta a 300 almas.

"As pequenas plantações que os habitantes possuem são campos de mandioca sem importância, dos quais mal tiram a alimentação diária. As casas nessas plantações são pequenos ranchos cobertos e feitos de palha, sem divisões.

"Durante o ano de 1858, os moradores de Marabitanas, estimulados por mim, começaram a construção de 12 casas novas com quartos e outros cômodos; algumas delas já estão cobertas e rebocadas. Diversas habitações maiores foram melhoradas, fizeram-se plantações maiores, não só de mandioca como doutros produtos ali-

mentícios. Construíram-se casas nessas roças, a capela foi melhorada, coberta de novo, rebocada e caiada.

"Infelizmente, insinuações e má conduta do vigário local interino deram causa a que 77 pessoas se mudassem para o Rio Vaupez e S. Gabriel. Mas 37 voltaram logo, arrependidas do passo dado, e só 40 não regressaram.

"Durante o ano morreram um homem, 3 mulheres e 2 meninas pequenas. Nasceram 10 meninos e 5 meninas; foram batizados 4 meninos e 3 meninas.

Existem assim presentemente em Marabitanas 45 casas de moradia, das quais 6 ainda não concluídas, 6 estão sendo melhoradas e 6 quase em ruínas. Conta 260 habitantes, incluindo 21, que estão no Cucuí. A capela está melhorada, coberta e caiada interna e externamente. Sente-se, porém, com tristeza, a falta dalguns adornos, duma lâmpada e dum sino. Os pequenos recursos dos habitantes não lhes permitem que se quotizem para comprar.

"Os moradores de S. José de Marabitanas são alegres e vivem contentes; trabalham de bom grado nos seus campos. Mas a formiga saúva, que come tudo, dá-lhes muito que fazer.

"Estão hoje civilizados e aprendendo a conhecer as vantagens duma vida social e o valor do trabalho, até que aparece alguém, que os desvia para o mau caminho. Porquanto são por natureza gente fraca e crédula; um homem mau pode fàcilmente levar a cabo maus propósitos com êles.

"Descendem dos bambos, baris e aeroquenas. Quase todos os homens falam mal o português; entre as mulheres poucas falam esta língua. Falam comumente a língua geral. As crianças não falam Português e vivem entregues às leis da natureza, sem rudimentos de civilização e religião. A maior parte das crianças precisa dum professor elementar, que deverá ser virtuoso e digno.

Cucuí

"Em janeiro de 1858, nada mais havia em Cucuí além dum péssimo quartel e ainda inacabado. O chão inteiramente coberto de galhos e troncos das árvores gigantescas derribadas.

"Meu primeiro cuidado foi desentulhar o solo e mandar limpá-lo. Hoje a povoação se compõe de 15 casas cobertas de palha, todas em linha, das quais, porém, nenhuma concluída. Sua população compreende 20 índios, 1 sargento, 11 soldados e 20 pessoas de suas famílias.

S. Marcelino

"No fim de dezembro de 1857, esta povoação na embocadura do Rio Ichié foi abandonada e invadida pelo mato. Contava 11 casas pequenas, cobertas de palha, mal rebocadas e ameaçando ruína, uma pequena capela, também coberta de palha, e um pequeno cemitério cercado.

"Quando, a 1 de janeiro, os habitantes já tinham voltado para suas casas, a povoação foi limpa e as casas melhoradas. Contei ao todo 75 pessoas, entre homens, mulheres e crianças. Nas nascentes do Rio Ichié, mantinham-se dispersos vários índios da tribo dos aeroquenas. Mandei chamar o seu tuxaua, ordenei-lhe estabelecesse uma aldeia nas nascentes do rio, e se esforçasse para reunir todos os índios.

"A povoação prosperou. Os moradores melhoraram as casas e amanharam os campos; o tuxaua Diogo, dos aeroquenas, começara sua aldeia, quando enviados de Frei Manuel de S. Ana Salgado espalharam a notícia de que eu queria prendê-los e matá-los todos. O mêdo e o terror apoderou-se dos nativos, que deixaram a povoação, se esconderam na floresta ou emigraram.

"A êsse mesmo tempo, apareceu um desertor, Basílio Melgueiro, que se dizia um novo Cristo e repetiu as cenas de Venâncio. Os índios abandonaram o trabalho e entregaram-se a uma vida relaxada de preguiça.

"Quando em julho o delegado de polícia convocou os habitantes na margem do Ichié, poucos foram os que compareceram, porque, antes da chegada dessa escolta, já tinham atravessado a fronteira para a Venezuela, sendo fácil o caminho por terra para lá. O tuxaua Diogo, convidado pelo Dr. Delegado a reiniciar a construção de casas na povoação, atendeu-o. Mas quando o Doutor, se retirou, tudo voltou à situação primitiva, se não ficou pior ainda.

"O tuxaua Diogo desconfiou do convite, abandonou a aldeia começada nas nascentes do rio, passou-se com tôda sua gente para a Venezuela. Os habitantes emigraram também, de sorte que S. Marcelino conta apenas 6 casas em bom estado, cinco em ruínas, e uma em construção. Seus habitantes compreendem 5 homens, 10 mulheres e 11 crianças, segundo me informou nesse mês o primeiro sargento Rapôsa, que eu mandara lá.

"Os habitantes de S. Marcelino e do Ichié pertencem à tribo dos aeroquenas; os homens falam o Português; algumas das mulheres falam a língua geral, o resto um jargão (gíria particular).

"A facilidade com que se pode ir do Rio Ichié para a Venezuela é a causa de não se poder contar com os índios dêsse rio para um fim geral ou particular. Plantam apenas alguma mandioca para seu sustento; pescam e caçam sua alimentação quotidiana. Poucos andam vestidos, e isso mesmo só diante de brancos. O comum entre êles é uma pequena tanga de tururi ou casca de pau, do comprimento dum palmo.

"Pouco se pode esperar dessa gente, graças à sua preguiça, moleza e indolência inatas.

Nossa Senhora da Guia

"A povoação de Nossa Senhora da Guia, num terreno elevado ao norte da embocadura do Içana, compunha-se, em outubro de 1857, de 15 casas e uma capela, cobertas de palha e bastante arruinadas. O mato invadira-a e apenas numa casa havia moradores; os restantes tinham fugido e estavam escondidos na floresta. A 1 de janeiro tinham voltado 148, homens, mulheres e crianças.

"Durante o ano de 1858, fiz melhorar as casas da povoação e construir outras nas plantações de mandioca. Entretanto, não é possível conseguir dessa gente que more na povoação. Espalhados por pequenos sítios, em longínquos igarapés, vivem na mais completa independência, e não se querem entregar a trabalho algum, nem à construção da Cucuí. Os homens vagueiam e preguiçam; as mulheres trabalham para êles e para si próprias.

"Em dezembro mandei lá o sargento Rapôsa, que contou 47 homens, 39 mulheres e 33 crianças. Existem hoje na povoação 14

casas melhoradas, uma em condições precárias, uma em construção, e uma igreja pequena, porém em boas condições.

"Os homens todos falam o Português, as mulheres, porém, não. Descendem de barés, aeroquenas e banibas. Pescam e plantam o estritamente necessário para sua alimentação diária. As mulheres tecem rêdes de tucum e caroá, vendem-nas, porém, por uma ninharia aos ambulantes, seus conselheiros preferidos, para que não se deixem levar por outros compradores melhores, e fiquem sempre à mercê dêsses atravessadores.

S. Filipe

"A povoação de S. Filipe, um pouco ao sul da embocadura do Içana, fica em terreno baixo e contava, em outubro de 1857, nove casas pequenas e uma capela, tôdas cobertas de palha e arruinadas.

"A povoação estava abandonada e invadida pelo mato. Quando, a 1 de janeiro de 1858, reuni os habitantes, contei 20 homens, 26 mulheres e 14 crianças.

"Os homens são quase todos mamelucos e falam bem o Português; as mulheres, ao contrário, são bronzeadas e só falam a língua geral.

"Só ficaram juntos por pouco tempo; porquanto, dois meses depois, já não havia lá ninguém. Tinham seguido o conselho de Frei Salgado e abandonado a povoação. Pouco tempo depois, reuniram-se nos igarapés e entregaram-se, escondidos nêles, à bebida, à libertinagem e danças selvagens. Com muito trabalho fi-los voltarem para suas habitações. E teriam ficado nelas, se Basílio, o desertor, não os tivesse reunido novamente em S. Ana, para as mesmas danças, como Venâncio.

"Tirei-lhes as cruzes e dispersei-os. Alguns fugiram para a Venezuela, outros para o Rio Vaupez, de maneira que hoje poucos habitantes existem ali.

S. Ana

"A povoação de S. Ana fica um pouco abaixo de S. Filipe, na margem fronteira. A 17 de outubro de 1858, fôra abandonada;

só havia lá duas pequenas casas velhas. Os habitantes tinham-se mudado para S. Filipe, e só haviam conservado suas terras. Mas ouvi dizer que há agora lá cinco pessoas e a estão limpando.

"Na capela de Marabitanas existiam algumas imagens, na de Guia apenas uma, nas de S. Marcelino e S. Filipe nenhuma.

"Os livros de registros de casamentos, batizados e óbitos não foram encontrados em nenhuma dessas cinco povoações.

"Em Marabitanas apenas dois habitantes sabiam ler e escrever, em Guia um, e nas outras nenhum.

"Desconhecem o sacramento do matrimônio, e nada sabem sôbre a confissão e a comunhão. A religião, que é por tôda parte a base da civilização, é ainda desconhecida dêsses habitantes. Suas festas limitam-se a uma bebedeira geral, por três ou quatro dias, com aguardente de cana e de mandioca, que preparam.

"Em Marabitanas os moradores deram um passo para a civilização; e o contato com as autoridades existentes os tiraria paulatinamente do estado de ignorância em que se encontram, se essas autoridades fôssem instruídas, decentes, e dessem o bom exemplo. Nas outras povoações, porém, há pouco que esperar; retrogradam, se o Govêrno não mandar para lá autoridades estranhas a essas povoações, que saibam cumprir seus deveres, ou que não se decidam a manter todos os habitantes reunidos e as povoações fundidas numa só agremiação, em que o vício possa ser prevenido, o trabalho estimulado e as energias aproveitadas.

Aldeia do Carmo

"Esta é a primeira aldeia do Içana, situada em terreno elevado, na sua margem direita, a dois dias de viagem de sua embocadura.

"Em dezembro de 1857, consistia em sete casas velhas, uma quase pronta, duas abandonadas e em ruínas e uma capela ameaçando desmoronar-se.

"Reuni 12 homens, 9 mulheres e 14 crianças, todos da tribo banibá, sob seu tuxaua, o índio Marco Antônio, que fala português. A 1 de dezembro dêste ano, havia lá, segundo a informação do sar-

gente Rapôsa: uma boa capela, sete casas em bom estado, duas em construção e uma em ruínas, 14 homens, 14 mulheres e 18 crianças.

"O tuxaua não tinha fôrça moral; os índios não lhe queriam obedecer, nem construir casa na aldeia, nem se ocupar nos trabalhos públicos mais necessários; grande parte dêles vivia em malocas, nos igarapés vizinhos, a seu bel-prazer, trabalhando quando queriam, sem que êsse trabalho lhes aproveitasse. O tuxaua veio verme nesse mês, e declarou-me que só pela violência se poderia fazer sair e reunir os índios refugiados nas florestas, e obrigá-los a voltarem para a aldeia.

"Os trabalhos da construção da Cucuí, para a qual as aldeias fornecem o pessoal, são a causa de os índios fugirem delas e esconderem-se nas nascentes dos igarapés, onde não é possível apanhá-los, senão recorrendo à fôrça. As índias e os índios, que ficam nas aldeias, escondem-se, a exemplo dos primeiros, nas matas, para se eximir ao serviço do corte de madeira, que é de fato pesado. Trabalhariam, porém de bom grado, se não prestassem ouvidos a certos ambulantes, que, para se utilizar dêles em proveito próprio, e tirar disso enormes proventos, os aconselham a irem à floresta apanhar salsaparrilha e resinas, que trocam por ninharias. O tempo, que os índios empregam em Cucuí, redunda em prejuízo para os ambulantes, que por isso lhes dão êsses conselhos.

"Um dêsses ambulantes adianta a um índio não civilizado 100, 200, 300 mil-réis de artigos que, pagos pelo seu valor real, mal perfaziam 10, 20 ou 30 mil-réis. E a fim de pagá-los, o índio tem de trabalhar anos inteiros, evitar a atenção das autoridades, deixar a aldeia e não empregar-se em serviço público.

"O tempo que devia levar, plantando mandioca, arroz, milho, feijão e outros gêneros necessários, desperdiça-o à procura de drogas, e dêsse enorme desperdício de tempo aufere muito pouco resultado.

"Êsses ambulantes são cancros, que infestam as margens do Rio Negro, e causadores do atraso dos índios. O que sucede na aldeia do Carmo, acontece também nas demais.

Aldeia de Nazaré

"A aldeia de Nazaré fica num terreno elevado, na margem direita. Em dezembro de 1857, contava cinco casas em bom estado, duas em ruínas e uma capela prestes a concluir-se. Quando subi o rio, não havia ninguém lá; porém, quando desci, encontrei um índio com cinco pessoas de sua família, que queriam apresentar-se a mim. Pouco tempo depois, voltaram o tuxaua João Batista e os índios da aldeia, todos da tribo dos mutuns. No corrente mês de dezembro, o sargento Rapôsa contou lá 12 homens, 10 mulheres, e 7 crianças. Os moradores desta aldeia são bastante ativos e trabalhadores. Quase todos filhos ou sobrinhos do tuxaua, homem trabalhador e respeitado por êles. Possuía ainda alguns habitantes, que havia muito foram para as nascentes apanhar salsaparrilha para diversos ambulantes, e não tinham regressado.

Aldeia de Tunuí

"A aldeia de S. Antônio de Tunuí, na margem direita do rio e acima de sua maior cachoeira, fôra inteiramente destruída pelo fogo, e em dezembro de 1857, quando por lá passei, encontrei apenas os restos de 12 casas. Os habitantes estavam espalhados pela floresta. Quando voltei, o tuxaua saiu da mata com a sua gente e começou a construir outra aldeia na margem oposta. Segundo o relatório de viagem do sargento Rapôsa, no corrente mês de dezembro, quatro casas estão quase concluídas, e existem lá 15 homens, 10 mulheres e 20 crianças.

"Em companhia do sargento veio o índio Xavier de Sousa, filho do recém-falecido tuxaua, e entreguei-lhe a direção da aldeia. Disse-me que grande número de índios de sua tribo — acaiacas — estavam escondidos nas selvas, sem querer construir casas nas aldeias, porque não querem ser governados por ninguém.

Aldeia de S. Ana

"A aldeia de S. Ana de Coari, na embocadura do Rio Coari, habitada por índios da tribo sisucis, consistia, em dezembro de

1857, de 11 boas casas, três em ruínas e, além do tuxaua Ângelo Simão, de 17 homens, 18 mulheres e 6 crianças. No corrente mês de dezembro, havia lá, segundo o relatório do sargento Rapôsa, 13 boas casas, uma em construção, uma em ruínas e uma boa capela, 21 homens, 15 mulheres e 12 crianças. O tuxaua da aldeia é respeitado pelos seus, mas não pôde ainda reunir grande número de índios de sua nação, que habitam nas nascentes dos igarapés vizinhos e afluentes do Coari, porque não querem fazer trabalho, segundo me dissera muitas vêzes o próprio tuxaua.

Aldeia de S. Luís

"Quando, em dezembro de 1857, fui ao Içana, encontrei o índio João Batista, que estava só. Falava bem o português, e disse-me ter diversos parentes; haviam, porém, fugido para a Venezuela; êle próprio possuía um trato de terra com plantação. Examinei o local do plantio, e onde começaram a construir uma casa, e achei-o muito conveniente para uma aldeia. Incumbi o índio João Batista de procurar reunir seus parentes e fundar uma aldeia sob a proteção de S. Luís, e, se tivesse êxito, seria feito tuxaua.

"Soube, depois, que chamara e reunira seus parentes, todos da tribo dos mutuns, mas falando o espanhol. Segundo o relatório do sargento Rapôsa, tem atualmente 18 homens, 15 mulheres e 26 crianças. Estavam sendo construídas seis casas.

"Os índios desta nova aldeia são trabalhadores e têm grandes plantações de mandioca. Mas não perderam ainda o hábito duma vida de vagabundos, o que só se pode esperar, quando todos tiverem construído suas casas. Batista, que acompanhou o sargento, explicou-me que esperava ainda muitos parentes, que havia chamado.

Aldeia de S. José

"Esta aldeia, outrora habitada por índios sisucis, estava desabitada e abandonada, quando fui ao Içana, em dezembro de 1857. Segundo o relatório do sargento, ainda se encontra nas mesmas condições. Os índios vivem nas margens do Rio Arari, e não querem sair de lá. Dizem-me que o número de malocas espalhadas e habitadas por lá não é pequeno.

Aldeia de S. Lourenço

"A aldeia de S. Lourenço, na cachoeira de Iandu, estava deserta, quando passei por lá, em dezembro de 1857. Reuni os índios da tribo iandu, dispersos, sob o tuxaua Ebibão, que falava bem o português. Contei cinco casas velhas e duas em construção, 6 homens, 8 mulheres e 8 crianças; os outros se achavam mais longe na floresta. Hoje existem lá uma casa boa, quatro em construção, quatro em más condições, 10 homens, 12 mulheres e 9 crianças. O tuxaua Ebibão, que veio com o sargento, explicou-me que muitos índios de sua tribo viviam na selva e ao longo dos rios Guaraná e Pamari, em numerosas malocas, mas não queriam construir casa na aldeia, nem sujeitar-se à vida nos aldeamentos. A fácil comunicação entre as nascentes do rio Guaraná e a Venezuela enseja a que êsses índios sejam providos por aquela República e levem seus produtos para lá.

"O sargento foi até essa aldeia, porquanto a cachoeira não deixava ir mais adiante.

Aldeia de S. Francisco

"Em dezembro de 1857, a aldeia de S. Francisco foi abandonada pelos índios quatis. Reuni-os novamente e contei 11 casas pequenas, porém em boas condições, das quais uma era destinada às autoridades. Apareceram apenas 9 homens, 6 mulheres e 5 crianças; mas o tuxaua disse-me que havia muitos espalhados nos arredores.

"Os últimos índios dessa aldeia, que vieram para o trabalho, contaram-me que, hoje, existem 14 casas, 26 homens, 32 mulheres e 24 crianças; no entanto, há ainda muita gente que não quer ir para a aldeia, sobretudo a que mora no lago Gavião, onde se vêem numerosas malocas juntas e habitadas, cujos habitantes em dois dias vão por terra a Maroa (Venezuela), levando para lá tôda a droga que apanham.

Aldeia de S. Rita

"Quando, em dezembro de 1857, subi até as nascentes do Içana, encontrei lá um terreno elevado, plano e com uma bela vista. Nêle havia um pequeno rancho arruinado. Achei o lugar muito conveniente para uma aldeia, e incumbi o filho do tuxaua de S. Roque de situá-la. Em novembro seguinte, o tuxaua mandou-me gente para trabalhar, e soube existirem então lá 6 casas, 23 homens, 27 mulheres e 19 crianças. Os índios são da tribo dos ipecas, e a aldeia tem o nome da padroeira, S. Rita.

Aldeia de S. Roque

"Em dezembro de 1857, estava abandonada e deserta. Reuni os índios da tribo dos Suaçus, sob o seu tuxaua, o índio Manuel da Gama. Havia lá 8 casas; reuni 10 homens, 6 mulheres e 8 crianças; os restantes estavam dispersos, muito longe, na floresta. Quando o tuxaua me visitou a última vez, disse-me que havia lá 12 casas, 30 homens, 37 mulheres e 24 crianças, e que havia ainda muitos outros, que não tinham vindo ainda para a aldeia. Êsse tuxaua gozava de muito prestígio entre sua gente.

Aldeia de S. Pedro

"Esta aldeia da tribo dos Ipecas fica no igarapé do Turaté e num ponto elevado. Em dezembro de 1857, não tinha habitantes. Quando convoquei os moradores, compareceram apenas 5 homens, 6 mulheres e 4 crianças; contava cinco casas boas e uma quase construída. Nenhum índio falava a língua geral. Quando o ajudante, em novembro último, me trouxe gente para trabalhar, soube que existiam 7 casas, 24 homens, 30 mulheres e 19 crianças; grande número se mudara ainda para os igarapés e lagoas, sem querer domiciliar-se.

Aldeia de S. Joaquim

"Fiz situar essa aldeia pelos índios da tribo dos tatus, que estavam em S. João Batista. Ordenei-lhes instalassem a aldeia

acima de João Batista; mas acharam melhor situá-la abaixo. Êsses índios, que se diferenciam dos outros pela estatura elevada, côr escura e completa nudez, falam só um estranho jargão; pela primeira vez saíam da floresta, onde erravam sem morada fixa.

"Soube que na aldeia, a que dei o nome de S. Joaquim, existem 5 casas, 20 homens, 22 mulheres e 14 crianças. Mas nenhum dêles se apresentou ainda para trabalhar.

Aldeia de S. João Batista

"Em dezembro de 1857, a aldeia de S. João Batista, na cachoeira do Apuí, a quadragésima terceira e última do Rio Içana, compunha-se de 5 casas grandes. Reuni aí 18 homens, 17 mulheres e 13 crianças da nação dos Tapiíras. Pelos últimos índios, chegados de lá para trabalhar, soube que existem ali atualmente 7 casas, 24 homens, 27 mulheres e 30 crianças. Mas há ainda muita gente dessa tribo espalhada pelas florestas em volta, sobretudo no Rio Caruru. Êsses índios estão em fácil comunicação com S. Fernando. Nenhum fala a língua geral.

Aldeia de S. Firmino

"Fiz situar, em dezembro de 1857, uma povoação num lugar chamado Poço Uinambi, a um dia de viagem do término do Rio Içana, pelos índios da tribo dos acaris, que encontrei lá.

"Não conheço o estado dessa povoação, a que dei o nome de S. Firmino.

"Quando comparamos a situação atual de ruína das aldeias e povoações com a prosperidade do tempo do governador Manuel da Gama, verifica-se uma diferença assustadora.

"O índio precisa de alguém que o incite ao trabalho, o anime, o faça conhecer o proveito que tiraria do seu labor.

"Na minha opinião, poder-se-ia alcançar extraordinário surto de povoações e aldeias, se o Govêrno estabelecesse depósitos de objetos de que os índios mais necessitam, e mesmo que lhes incitam a vaidade. Teriam então de levar a êsses depósitos seus produtos, drogas e trabalhos artísticos, para que os comprassem aí, e obti-

vessem em troca os objetos de que precisam. Desta maneira não seriam logrados, veriam o fruto do seu trabalho e rivalizariam uns com os outros, porquanto o mais trabalhador adquiriria os melhores artigos.

"Aprenderia que com o seu trabalho poderia obter uma série de coisas, que olha com indiferença, por estar convencido de que nunca as poderá possuir. O tempo que olha com indiferença será melhor aproveitado, e em lugar de passar os dias na mais completa indolência, aproveitá-los-ia em coisas úteis."

O relatório está datado da Fortaleza de Cucuí, na fronteira, 31 de dezembro de 1858.

Tal relatório, embora morra no pó da Repartição Central do Rio de Janeiro, é altamente valioso. Mostra o colossal esfôrço e paciência, que é preciso ter-se, para reuni-los numa pequena povoação. Revela igualmente que há quem se dê de fato a êsse trabalho, e procure os índios, com sacrifício de todos os outros interêsses. O capitão Firmino expôs em alto grau sua saúde nas florestas úmidas, nos vapôres úmidos das cachoeiras, canoas encharcadas e com o mais miserável passadio; seu rosto pálido, amarelado, sua côr terrosa traduzem um grande abalo de tôdas as funções vitais, do qual, de volta à vida social burguesa, só muito lentamente se pode refazer. Nesse ínterim, mandaram outro oficial para a continuação dos trabalhos mais fáceis no Cucuí, e discute-se por muito tempo no Rio sôbre como se deve recompensar devidamente um capitão, fiel cumpridor dos seus deveres.

Qual a razão, porém, de ser o índio, o homem da floresta, tão difìcilmente atraído à civilização, à vida em comunidade nas povoações e a um trabalho remunerador?

O índio é um caçador nato, um pescador nato. Para poder satisfazer sua dupla natureza, requer, acima de tudo, muito espaço. Uma grande devesa na floresta deve ser sua, todo um igarapé deve pertencer-lhe. O bucolismo da vida solitária nas florestas, a vida do pescador é a nota tônica na existência do índio. Está inconscientemente ligado a ela por tôdas as fibras do seu ser, e arrancar-lha é operação perigosa, que põe a vida em perigo.

O igarapé na floresta possui igualmente maravilhoso poder de atração, cuja magia experimentei em Manaus em tôda sua extensão.

Tinham-me falado muito numa bonita queda de água, a uma boa meia milha de Manaus, no meio da floresta, e cujo estrondo, quando as águas não estão muito altas, se ouve distintamente na cidade. Quiseram muitas vêzes levar-me até lá, mas surgia sempre um impedimento para os que desejavam acompanhar-me. Por isso, uma bela manhã, a 6 de julho, tomei só o caminho que, saindo da cidade, seguia na direção norte, passando pelo cemitério.

Pequenos maciços de verdura, verbenas, melástomos, azevinho, a bela escrofulária angelicona, com que as moças fuscas sabem tão bem enfeitar os lustrosos cabelos pretos, e um labirinto doutra vegetação formavam o caminho para a floresta. Assinalavam a entrada admiráveis voquisiáceas. Criaturas singulares! Não se sabe onde colocá-las no sistema. E, depois, as árvores que assinalam a entrada da floresta, ali, por trás do cemitério de Manaus! A forma característica dessas árvores ramalhudas é a das mirtáceas. As fôlhas são ovais alongadas, aos pares, uma defronte da outra, sem pecíolo, ligeiramente reentrantes, em forma de coração na ponta, reentrância em que a nervura central muitas vêzes se salienta como uma pequena ponta; medem 1 a 2 polegadas de comprimento, são duma contextura resistente, como as fôlhas do buxo; a nervura central salienta-se fortemente no reverso; linhas finas, muito juntas umas das outras, correm para a orla ligeiramente curvada para baixo. A côr é verde brilhante.

Na florescência tudo é irregular. Saem com um pecíolo curto das estípulas das fôlhas. O pecíolo desenvolve-se num cálice muito irregular, composto de duas partes essenciais. Uma parte, o verdadeiro suporte das flores, compõe-se de quatro escamas em forma de telhas sobrepostas. As duas do meio são maiores, as duas exteriores menores. Engastada nessa parte, e defronte dela, articula-se a segunda, uma fôlha comprida, em forma de lança, levemente colorida, voltada para baixo, como um esporão curvo.

A corola é uma grande pétala, delicada, oval cuspidata, arqueada no centro, branca, com bonitos salpicos amarelo-avermelhados no centro, pendendo sôbre os dentes centrais das divisões quadridentadas do cálice.

Nessa pétala, ligeiramente intumescida na base, fica o único estame da flor. Êsse filamento, duro e redondo, é do mesmo ta-

manho da antera, e ligeiramente curvo. A antera está firmemente pegada à extremidade inferior do filamento, um pouco curvada para trás, e provida duma fina felpa, na orla voltada para o pistilo. A antera é bicelular.

Se a pétala e o estame pertencem mais ao primeiro compartimento do cálice, parece que o pistilo é mais do grande dente do segundo compartimento do cálice. O pequeno ovário é tricelular, o pistilo tão comprido quanto o estame, redondo, ligeiramente curvo, o estigma ligeiramente intumescido, inclinado para a orla felpuda da antera; o pistilo fica de pé, enquanto o fruto amadurece.

O fruto é uma cápsula oblonga, arrebentando em três compartimentos, cada um de parede dupla, o interior provido, por sua vez, duma parede divisória dupla, no sentido do comprimento, que se deixa desprender fàcilmente, de maneira que, em cada compartimento fendido, ficam duas pequenas meias células, ao lado uma da outra, do feitio dum bote.

No comprido botão em ponta, o grande dente do cálice contém a pétala. Esta envolve o pistilo e estames. A antera encerra o pistilo com o seu limbo felpudo.

A flor exala o suave perfume da violeta. E de fato, vendo-se a forma singularmente irregular do cálice com um esporão, a corola esquisita e a forma da cápsula, que me fizeram lembrar as violáceas rio-grandeses, não se pode negar a semelhança dessas voquisiáceas com as violáceas, por muito estranho que pareça às nossas pequenas caçadoras de violetas ouvir falar em pés de violeta com 40 e 50 pés de altura, formando altas e escuras florestas, nas margens do longínquo Rio Negro.

Demorei-me mais, falando dessas flores, porque os botânicos não têm muitas oportunidades de examinar as voquisiáceas ainda frescas. Mas estávamos a caminho da floresta, perto de Manaus. E por isso prossigamos.

Silêncio e frescor na floresta. Nenhum animal ramalhava na mata espêssa, não ressoava um grito de pássaro. Só alguns pingos do aguaceiro da noite anterior gotejavam do cimo das árvores. Ninguém veio ao meu encontro na vereda solitária.

Numerosas, porém, não muito altas palmeiras, varavam para cima, por entre as árvores de fronde. Sobretudo astrocárias com

seus terríveis arnêses de espinhos; não se pode realmente chegar perto delas. Por tôda parte medravam palmeirinhas novas. Pode-se encontrá-las de tôdas as idades, e convencer-se, diante delas como das fôlhas das Palmeiras maiores, que a fôlha de tôdas as palmeiras só têm uma forma, uma superfície lisa, que só com o crescimento se separa, pela ordem das nervuras laterais, com os parênquimas necessários agrupando-se em folíolos separados. As formas intermediárias entre superfícies unidas das fôlhas, como vimos na sua forma colossal na buçu, a mancária, e nas perfeitamente peniformes, como por exemplo a juçara, encontram-se por tôda parte na floresta, de acôrdo com a idade das fôlhas.

Vagara por cêrca duma hora, e não ouvira ainda o estrondo da cachoeira. Mas ouvi o bater de machado, e cheguei de súbito a uma grande e bela clareira no meio da floresta, descendo para a água escura dum rio. No meio, erguia-se uma grande casa.

Com grande surprêsa encontrei aí o Comandante da Praça de Manaus, Sr. Amorim Bezerra, que me conhecia do Rio, e que, ao saber de minha chegada a Manaus, me procurara o mais amistosamente possível. Fêz construir na profunda solidão daquela floresta, onde possuía uma meia légua quadrada de terra, um belo retiro, e havia oito meses começara a derribada e a queima da mata. Mas já havia uma vasta extensão de terra desbravada no meio da floresta, onde estavam sendo cultivados em grande escala aipim, mandioca, café, cana de açúcar; em volta cresciam cucurbitáceas. Tudo medrava com rara exuberância e frescor.

Mas pairava a imagem do aniquilamento, sobretudo para aquêles que vagavam pela floresta silenciosa e se compraziam com a profunda solidão. Sôbre as colinas, viam-se alguns troncos carbonizados e outros só meio queimados. Deixaram de pé, por ordem do proprietário, as belas palmeiras tucum, não as podendo, todavia, salvar do fogo. Seus espinhos tinham sido queimados, seus troncos carbonizados, suas nobres fôlhas esturradas. Algumas lutavam visìvelmente com a morte; outras de pé, hirtas como cadáveres. A floresta olhava, muda e sombria, com as suas árvores gigantescas, para o quadro da horrível civilização e da lavoura aniquiladora.

O rio em baixo, separando a roça da floresta, subira e alagara parte da plantação. Perguntei ao meu velho amigo pela cachoeira.

Estávamos quase defronte dela. Mas as águas estavam tão altas, o Rio Negro empurrara até tão longe a sua água escura pelo Rio da Cachoeira acima — assim se chama êsse igarapé — que não se via sinal de cachoeira. O rio despenha-se, aliás, duma altura de 14 pés, cascateando por cima de belos blocos de rocha, mas no momento êsse ponto estava 6 a 8 pés debaixo da água, nenhuma onda se levantava mesmo em ligeiro remoinhar, onde a água, de ordinário, turbilhonava e enchia a floresta de seu estrondo.

Eu e o velho Comandante da Praça giramos dum lado para outro, numa elegante canoa, através da floresta. Flutuamos entre as copas de grandes árvores que dantes se elevavam muito acima do rio. A mata refletia-se na água negra com tôda sua beleza e os mais nítidos contornos. A palmeira inajá mirava-se com infinita graça na água, vendo seus cachos verdes no fundo. Pode-se bem empregar essa metáfora, quando se avista a nobre *Maximiliana regia* à margem do tranqüilo igarapé. Esguia e sem espinhos, armada só de sua candura, eleva-se a 40 até 50 pés de altura acima da mata; suas fôlhas airosas e leves sobressaem no tôpo dos nobres troncos. Mas os folíolos são infinitamente delicados e flexíveis, como grandes fôlhas de gramíneas. Pendem em encantadora desordem dos pecíolos, e sussurram as velhas e misteriosas canções da floresta em eterna mocidade, dum modo juvenil. Essa música da Natureza é escutada com especial agrado pelo europeu que constrói seu domicílio à margem da sussurrante queda do igarapé, no meio da floresta, longe da vida cansativa da cidade. O que admira, pois, se o primitivo, o filho da floresta, o filho do igarapé e da palmeira inajá, não quer deixar seu lar por uma aldeia pardacenta, incolor, e o trabalho numa triste fortaleza da fronteira?

Nota-se também logo nesses verdadeiros habitantes da mata, quando chegam vestidos a Manaus, que não se sentem à vontade, numa cidade com seu formalismo restritivo. Aconteceu algumas vêzes durante minha estada em Manaus, descerem grandes canoas de Rio Branco, para trazer produtos de lá, sobretudo gado de corte. Dantes já houve uma civilização em Rio Branco e muito boas colônias. Aconteceu-lhes, porém, o mesmo que àquelas colônias no alto Rio Negro e no Içana. Só há agora mato em volta das casas em ruína. Isso já me dissera o tenente-coronel Pederneiras, no Jequitinhonha; e o mesmo me contavam em Manaus. Só resta

lá, como resultado dos esforços pela civilização e progresso, uma boa criação de gado. Os índios voltaram inteiramente à vida na floresta e mantêm-se nos igarapés, em lugar das plantações de mandioca.

Encontrei uma vez duas dessas índias do Rio Branco diante da casa do Major Tapajós. Chamamo-las para dentro de casa. As raparigas fuscas, sérias e embaraçadas, contrastavam singularmente com as amáveis filhas do Major. Só uma dessas índias sabia algumas palavras em português; a outra ficou inteiramente muda. Via-se perfeitamente em ambas, que prefeririam andar sem roupa, a vestir aquelas coisas azuis, pegadas no corpo. Cortei uma porção de cabelo duma delas e dei-lhe dinheiro por êle. O primeiro importava-lhe tanto quanto o segundo. Quisemos saber dela a idade da companheira; não sabiam, nem podiam perguntar, porquanto ambas não tinham noção de contar. Contudo a maior das duas, embora no comêço estivesse visìvelmente acanhada, foi atraída pela amabilidade da família do Major e ficou mais alegre. Observava tudo atentamente e sorria, exatamente como se estivesse sonhando. Foram-se novamente juntas.

Grande obstáculo para a civilização dos índios é certamente a dificuldade da língua.

Um povo que não tem nada que dizer, não forma também uma língua. Por isso que não se encontra em nenhuma tribo uma língua perfeitamente articulada. Suas línguas são gírias, jargões, e entendem-se com os seus vizinhos conforme podem. As tribos não tinham entre si nenhuma língua de grande alcance nem trato lingüístico entre si. Nos conflitos, que se decidem na Europa, por via diplomática, recorrem ao arco, flecha e pontas envenenadas com ouari; êstes são tão eloqüentes quanto as nossas balas cônicas ou nossas atas de congresso e penas de plenipotenciários.

Quando, porém, as raças brancas chegaram, ao tempo da conquista, avançaram cada vez mais; e Pedro Teixeira, já no ano de 1648, subia o Rio Napo e era recebido em Quito "com homenagens correspondentes a um acontecimento que, no maior rio do mundo, equivalia ao empreendimento dum Gama no oceano", vindo, depois, o trato com os jesuítas, entre os quais se encontram muitos nomes alemães também, como Anselmus Eckart, Anton Meistem-

burg, Samuel Fritz, Rochus Hunderfund, que fundaram as povoações de Coari, Tefé e S. Paulo no Solimões, que queriam conquistar os índios para trabalharem em proveito da Ordem de Loiola, e operaram até com canhões, como seus irmãos no Uruguai. Tornou-se então premente a necessidade duma língua comum, o que deu origem a uma língua geral, certamente nas suas formas principais, sons, e declinações, a mesma falada ao longo do Uruguai, Paraná e Paraguai, como guarani, e que já em 1639 foi dalgum modo, gramatical e lexicogràficamente organizada de diversas maneiras e impressa.

Admirou-me encontrar em Manaus os mesmos nomes que em S. Borja para os objetos mais usuais na vida. No Rio Negro ouvi articular os mesmos sons que no Uruguai, embora êsses pontos distem em linha reta 500 milhas alemãs um do outro. *Ita, oca, cunhã* (pedra, casa, mulher); *paraná,* rio que corre ao lado do outro; *pira,* peixe; *pirapó,* um riacho com peixe, — e alguns nomes de animais: *Capivari,* porco da água; *tatu,* armadilha; *quati,* paca, êsse conhecido roedor, — além de muitas aves: *urubu, inhamu;* em resumo, são numerosíssimos os nomes que se encontram tanto no guarani como na língua geral no Amazonas.

Contudo, a língua geral é apenas uma transição, ou antes a língua duma transição. As línguas européias já penetram profundamente na floresta. No Rio Negro o português é falado mesmo pelos seus mais remotos habitantes, e onde terminam os últimos ecos do português, nos mais longínquos afluentes do Içana, onde quaisquer possibilidades de entendimento com os bárbaros parecem cortadas, vêm ao nosso encontro os índios venezuelanos, que falam espanhol. No noroeste do Rio Branco, onde o português avança lentamente, surge das matas um inglês estropiado e, mais para o interior, vestígios de holandês. Estou convencido de que a palavra "tuxaua" data do tempo em que a influência holandesa alcançava longe, e originou-se da expressão do vocábulo "Toschauer", capataz, inspetor, do baixo alemão, que tôdas as tribos aceitaram de bom grado, como significando uma dignidade na língua estrangeira. Os botocudos do Mucuri não entendiam uma sílaba de português, mas Potão, Macgirum e Juquirana intitulavam-se com orgulho — capitão, exatamente como em português um grande número de dignidades são designadas por articulações árabes e até mesmo o

título da dignidade mais elevada, "Rei", é ainda, nos países católicos, acompanhada na vida particular e sobretudo na vida oficial, do prefixo árabe: "El-Rei", o Rei.

E assim o hábito vivificante do progresso, a língua, vai de rio em rio, levando consigo os frutos maduros da civilização e sobretudo o Evangelho, a Igreja, por muito falhas que muitas coisas ainda pareçam. Em Manaus, por certo, não há índio que, tendo-se demorado lá, mesmo só poucas semanas, não fale um pouco de português, e não tenha sido batizado. E embora os índios vindos do Rio Branco, sorumbáticos citas do extremo oeste, não entendam, sobretudo as mulheres, uma palavra de português, repetem, com prazer, seus nomes de batismo: Úrsula, Maria etc.

Êstes proêmios da civilização trazem já consigo um trabalho livre e independente. É verdade que dantes se trabalhava e produzia muito mais no Rio Negro do que hoje, e que para o fim do século passado, ao tempo do governador Manuel da Gama Lôbo de Almada, já ali se tinha desenvolvido a maior prosperidade, ainda hoje citada como um tempo feliz.

"Cultivava-se o índigo, o algodão, o arroz, o cacau e o tabaco. A exportação do primeiro montou, no ano de 1797, a mais de 1 400 arrôbas. Seis fábricas em Barra (Manaus), Barcelos, Carvoeiro, Moura, Curiana e Loreto fabricavam tecidos de algodão, dos quais o Tesouro do Estado exportava para os distritos do Pará o que sobrava do consumo da capitania. Uma cordoaria em Tomar fabricava cordas de piaçaba. Em Barra uma fábrica provia de cêra as igrejas da capitania, e uma olaria abastecia a povoação de telhas e tijolos. No Rio Branco criava-se em três fazendas o gado, que abastecia a capital da Província. Havia um arsenal em plena atividade, e assim por diante".

Tudo isto está certo e é verdade, e contudo não era bom que assim fôsse. Era o poder da tirania, os satélites de "El-Rei" de Portugal que manejavam o chicote do domínio pela violência, e mantinham os índios sob o jugo da escravidão. Pôsto de lado êsse chicote, abolido o jugo da escravidão, devia certamente haver uma pausa, sobrevir um retrocesso; e, dêste, Manaus só se pode restabelecer lentamente, fortificando-se pelo trabalho livre e voluntário.

E para dar uma pequena idéia dêsse despertar, apresento a seguinte lista de produtos, que foram transportados em 1858 só pela Companhia de Navegação e Comércio do Amazonas, de Manaus ao Pará. Devo a lista à bondade do Sr. João José de Freitas Guimarães, gerente da citada companhia em Manaus, em cuja casa estava hospedado. Foram os seguintes e respectivas quantidades e valôres:

Nome	*Quantidade*	*Valor aproximado*	*importância total*
Pirarucu	14 794 arrôbas	a 5 mil-réis	73 970 mil-réis
Seringa	1 928 "	" 16 "	29 948 "
Cacau	1 780 "	" 5 "	8 900 "
Piaçaba em cordas	894 polegadas	" 2 "	1 788 "
Piaçaba em bruto	672 arrôbas	" 2 "	1 344 "
Chapéus do Chile	57 505 unidades	" 5 "	287 525 "
Tabaco	230 arrôbas	" 2 "	4 600 "
Castanhas	271 alqueires	" 2 "	542 "
Pururi	213 arrôbas	" 20 "	4 260 "
Cumaru	2 "	" 10 "	20 "
Sumaúna	5 "	" 20 "	100 "
Guaraná	6 "	" 30 "	180 "
Café	37 "	" 5 "	185 "
Fibra de tucum ..	6 "	" 10 "	60 "
Couros de boi ..	98 unidades	" 4 "	392 "
Manteiga de tartaruga	47 potes	" 9 "	423 "
Estôpa	37 arrôbas	" 2 "	74 "
Rêdes de tucum	1 269 unidades	" 6 "	7 614 "
Salsaparrilha ..	1 565 arrôbas	" 25 "	39 125 "
			461 050 mil-réis

Muitos outros produtos, na importância de cêrca de 300 000 réis, descem o rio em grandes canoas.

São necessárias palavras explicativas sôbre os diversos produtos.

O pirarucu já é conhecido dos meus leitores, um peixe enorme, de até 8 pés de comprimento e de 150 libras de pêso, que é morto

com arpão ou flecha e tratado e secado como o bacalhau. Êsse peixe é uma verdadeira bênção para o povo, que se comprime por tôda parte para obtê-lo, tornando-se uma verdadeira nação de ictiófagos. O consumo do "peixe encarnado" é enorme: Porquanto o comem também fresco, no local onde o apanham. E êsse consumo não é certamente menor do que a exportação.

Da seringa, da goma elástica, já falamos. Seringa chama-se também ao instrumento para seringar, injetar e outros usos. Como a melhor borracha é feita, derramando-se a seiva sôbre fôrmas, garrafas, etc., formando bolas ôcas que, providas duma ponta, dão excelentes seringas de tôda sorte, deram ao produto o nome de sua forma. A quem procura borracha na floresta, chamam seringueiro, ou homem da seringa.

Os chapéus-do-chile vêm todos de Moyabamba por Tabatinga. Sua matéria-prima é tirada da palmeira leque bombonaça (provàvelmente uma espécie de *Thrinax*) cujas fôlhas são delicadas e quase como as duma gramínea. No jardim público do Pará vi uma palmeira bombonaça pequena. Êsses chapéus-do-chile são muitas vêzes duma rara perfeição, e nas lojas do Rio de Janeiro aparecem alguns, que custam 60, 120, 200 mil-réis, e ainda mais.

As castanhas são as nozes triangulares, já citadas, quando da minha excursão a Cametá, contidas na cápsula dura da *Bertholletia excelsa*. Extrai-se delas também um óleo excelente, como faz por exemplo na cidade do Pará o vice-cônsul suíço, — esqueci o seu nome — que mandou vir para isso uma pequena máquina a vapor e obtém um óleo ótimo.

A árvore gigantesca é importante, não só pelas excelentes nozes e bela madeira, como, dum modo singular, por causa de sua casca. Forma, quando sêca, a chamada estôpa, uma espécie de estôpa vegetal que serve para calafetar navios e dizem ser duma extraordinária duração, pelo que a preferem à estôpa comum.

Agora o pururi. Esta palavra passou um pouco alterada para a linguagem técnica de nossas farmácias, onde se chama fava de pixurim. O povo chama-o em geral pureri (pronuncia-se *puchiri*), sem mais nada. Essas favas, assim chamadas, são frutos duma bela laurínea, nectandra, que cresce na floresta com muitas outras lauríneas. Mas é agora menos apreciada porque, ao que parece,

há menos procura para ela e suas favas. Os índios trazem freqüentemente da floresta essas favas aromáticas, enfiadas num cordão de tucum, para trocar.

O cumaru é a fava-tonca, fruto da leguminosa *Dipterix odorata*, uma árvore pouco densa da mata, de fronde rarefeita, cujo agradável aroma é muito conhecido. A vagem cai fechada da árvore. Cada uma contém uma única fava, e é muito grossa e dura. Quando a gente se acha na floresta, no lugar onde os caçadores de favas abriram as vagens e as deixaram numa pilha de cascas, julga-se realmente ter encontrado um monte de anodontes modificados, de casca muito grossa.

A sumaúma encontra-se como uma lã sedosa, muito fina, em volta das sementes contidas na bela cápsula encarnada das sumaumeiras ou mungubas, aquelas bombáceas gigantescas, que crescem nas margens de todo o Amazonas. Essa lã leve e macia é empregada para encher travesseiros. Mas não é elástica bastante, e é muito quente. Não gostava de deitar minha cabeça sôbre um travesseiro de paina ou sumaúma, porquanto a lã de ambas essas bombáceas é muito semelhante, com pequena diferença. Os índios enchem com ela seus pássaros variegados, que querem guardar como jóias. Eu mesmo possuo algumas espécies de ampélios, cotingas e pompaduras assim conservadas.

Sôbre o guaraná já falei, quando em Santarém, no Tapajós, como da manteiga de tartaruga.

Só resta assim a salsaparrilha (*Smilax*). No Brasil pululam as espécies similares, sobretudo nos lugares mais claros das florestas, em volta das roças e campos abertos, onde com suas gavinhas representavam o papel de nossas amoras silvestres. Onde quer que se vá e se entre na floresta, desde o Rio Grande do Sul até ao norte do Amazonas, encontra-se com certeza uma espécie semelhante. Essas espécies trepam por todos os arbustos, tôdas as árvores, muitas vêzes por grandes extensões, e formam um compacto emaranhado de trepadeiras. As fôlhas colocadas alternadamente a grandes distâncias, defronte umas das outras, muitas vêzes acompanhadas de compridas gavinhas, onde têm por baixo do talo um espinho muito duro, têm feitio dum coração, muitas vêzes lindamente arredondadas em cima e peculiarmente nervadas,

com arpão ou flecha e tratado e secado como o bacalhau. Êsse peixe é uma verdadeira bênção para o povo, que se comprime por tôda parte para obtê-lo, tornando-se uma verdadeira nação de ictiófagos. O consumo do "peixe encarnado" é enorme: Porquanto o comem também fresco, no local onde o apanham. E êsse consumo não é certamente menor do que a exportação.

Da seringa, da goma elástica, já falamos. Seringa chama-se também ao instrumento para seringar, injetar e outros usos. Como a melhor borracha é feita, derramando-se a seiva sôbre fôrmas, garrafas, etc., formando bolas ôcas que, providas duma ponta, dão excelentes seringas de tôda sorte, deram ao produto o nome de sua forma. A quem procura borracha na floresta, chamam seringueiro, ou homem da seringa.

Os chapéus-do-chile vêm todos de Moyabamba por Tabatinga. Sua matéria-prima é tirada da palmeira leque bombonaça (provàvelmente uma espécie de *Thrinax*) cujas fôlhas são delicadas e quase como as duma gramínea. No jardim público do Pará vi uma palmeira bombonaça pequena. Êsses chapéus-do-chile são muitas vêzes duma rara perfeição, e nas lojas do Rio de Janeiro aparecem alguns, que custam 60, 120, 200 mil-réis, e ainda mais.

As castanhas são as nozes triangulares, já citadas, quando da minha excursão a Cametá, contidas na cápsula dura da *Bertholletia excelsa*. Extrai-se delas também um óleo excelente, como faz por exemplo na cidade do Pará o vice-cônsul suíço, — esqueci o seu nome — que mandou vir para isso uma pequena máquina a vapor e obtém um óleo ótimo.

A árvore gigantesca é importante, não só pelas excelentes nozes e bela madeira, como, dum modo singular, por causa de sua casca. Forma, quando sêca, a chamada estôpa, uma espécie de estôpa vegetal que serve para calafetar navios e dizem ser duma extraordinária duração, pelo que a preferem à estôpa comum.

Agora o pururi. Esta palavra passou um pouco alterada para a linguagem técnica de nossas farmácias, onde se chama fava de pixurim. O povo chama-o em geral pureri (pronuncia-se *puchiri*), sem mais nada. Essas favas, assim chamadas, são frutos duma bela laurínea, nectandra, que cresce na floresta com muitas outras lauríneas. Mas é agora menos apreciada porque, ao que parece,

há menos procura para ela e suas favas. Os índios trazem freqüentemente da floresta essas favas aromáticas, enfiadas num cordão de tucum, para trocar.

O cumaru é a fava-tonca, fruto da leguminosa *Dipterix odorata,* uma árvore pouco densa da mata, de fronde rarefeita, cujo agradável aroma é muito conhecido. A vagem cai fechada da árvore. Cada uma contém uma única fava, e é muito grossa e dura. Quando a gente se acha na floresta, no lugar onde os caçadores de favas abriram as vagens e as deixaram numa pilha de cascas, julga-se realmente ter encontrado um monte de anodontes modificados, de casca muito grossa.

A sumaúma encontra-se como uma lã sedosa, muito fina, em volta das sementes contidas na bela cápsula encarnada das sumaumeiras ou mungubas, aquelas bombáceas gigantescas, que crescem nas margens de todo o Amazonas. Essa lã leve e macia é empregada para encher travesseiros. Mas não é elástica bastante, e é muito quente. Não gostava de deitar minha cabeça sôbre um travesseiro de paina ou sumaúma, porquanto a lã de ambas essas bombáceas é muito semelhante, com pequena diferença. Os índios enchem com ela seus pássaros variegados, que querem guardar como jóias. Eu mesmo possuo algumas espécies de ampélios, cotingas e pompaduras assim conservadas.

Sôbre o guaraná já falei, quando em Santarém, no Tapajós, como da manteiga de tartaruga.

Só resta assim a salsaparrilha (*Smilax*). No Brasil pululam as espécies similares, sobretudo nos lugares mais claros das florestas, em volta das roças e campos abertos, onde com suas gavinhas representavam o papel de nossas amoras silvestres. Onde quer que se vá e se entre na floresta, desde o Rio Grande do Sul até ao norte do Amazonas, encontra-se com certeza uma espécie semelhante. Essas espécies trepam por todos os arbustos, tôdas as árvores, muitas vêzes por grandes extensões, e formam um compacto emaranhado de trepadeiras. As fôlhas colocadas alternadamente a grandes distâncias, defronte umas das outras, muitas vêzes acompanhadas de compridas gavinhas, onde têm por baixo do talo um espinho muito duro, têm feitio dum coração, muitas vêzes lindamente arredondadas em cima e peculiarmente nervadas,

como as fôlhas das melastomáceas, com flores pequenas agrupadas, quase em forma de umbelas, cujas partes constituintes, cálice, corola, estames, estigma, pistilo e ovário se apresentam em número de três, sendo os estames seis em cada, com o que me faziam lembrar as pátrias parisetas e bútomos.

Grande número de espécies entram no comércio. No Rio a japecanga é a mais eficaz, sobrepujando tôdas as outras. A forma delicada de embalá-la é conhecida. Enrolam um pequeno molho comprimido com os estolões pendentes, da arudendrófila, de cuja natureza na Europa não se pode fazer uma idéia, porquanto crescem até 60 ou 70 pés de comprimento com poucas linhas de diâmetro.

Aliás, os peruanos da fronteira são melhores colhedores de salsaparrilha do que a gente de Manaus e do alto Amazonas, até onde pertence ao Brasil.

A lista que acabo de dar é digna de consideração e devia ser tomada muito a peito pela boa gente de Manaus. Quase a têrça parte dos carregamentos dos vapôres de Manaus são produtos da indústria peruana; os chapéus-do-chile e uma grande parte da salsaparrilha provêm de Moyabamba. A maior parte do restante é de meros produtos naturais que só precisam ser colhidos. Tudo, ao contrário, que tem de ser plantado, tabaco, algodão, índigo etc. diminuiu. O povo é pobre no meio da riqueza e merece a pobreza; merece, sem nenhuma compaixão, ser pobre, porque não quer trabalhar nem fazer esfôrço.

Nos últimos tempos, extraíram por curiosidade um pouco de essência etérea resinosa dalgumas árvores. Vi uma garrafa cheia de "óleo de sassafrás". Devia ter sido extraído duma magnífica espécie de amiris, abundante nas florestas; seu cheiro era ainda bastante diferente do sassafrás, assemelhando-se antes a uma mistura de terebentina com bálsamo de copaíba e óleo de cubebas. Supõe-se curar com maravilhosa rapidez tôda sorte de feridas, mesmo golpes recentes e contusões, para o que empregamos muito no Rio o bálsamo de copaíba e até com excelentes resultados.

As maravilhosas e alterosas amirídeas formam florestas inteiras nas margens do Rio Negro e seus igarapés. Com suas belas e espêssas frondes, êsses "cedros" rivalizam em altura, grandeza

e também em esbelteza por tôda parte com os troncos das lecitídeas, e fornecem sobretudo uma magnífica madeira para se trabalhar, como cedro branco e vermelho, consistente, duradoura e contudo leve e fácil de ser trabalhada. Tem também a boa qualidade de flutuar, o que facilita muito o transporte dos enormes toros ou blocos, depois de cortados na floresta, para as serrarias. A madeira da coerana não lhe é inferior. Tôdas as três espécies de madeira provêm de diversas espécies de icicas.

Na época das cheias no Amazonas, êsses cedros são arrancados das florestas frondosas pela torrente, e constituem grande quantidade de troncos flutuantes, que tantas vêzes vi flutuarem ao nosso encontro no rio caudaloso. Apanham-nos e serram-nos em pranchas; uma cuidadosa pescaria dessas árvores desgalhadas na época das cheias daria talvez para ocupar uma serraria todo o ano.

Êsses troncos flutuantes têm ainda uma utilidade muito singular para a navegação em pequenas canoas e igarités, como chamam as embarcações leves de tamanho médio. Quando a canoa, descendo com a corrente do rio, está em perigo de ser impelida para trás pelo forte vento contrário, os tripulantes fuscos amarram-na a um grande tronco flutuante de amiris, que arrasta fàcilmente a canoa e o tripulante contra o vento. Se, porém, as ondas revôltas pelo vento e açoitando por todos os lados, ameaçam encher a canoa ou fazê-la virar, há ainda um outro meio fácil de evitá-lo. Levam-na para uma ilha flutuante de canarana. O capim meio mergulhado na água quebra tôda a fôrça das ondas, ondula só ligeiramente, e o índio prossegue arrastado pela grande árvore da floresta, e protegido pelas gramíneas flutuantes da margem, bem acomodado sob o teto de fôlhas de palmeira de sua canoa, no meio da caudalosa torrente, sem mêdo do vento nem das ondas.

As melhores canoas são escavadas nessas amerídeas ou cedros. Vi algumas com 30 a 40 pés de comprimento que pressupunham um tronco de 4 pés de grossura e mais. Em Manaus faziam, como já disse, só o fundo e uma parte dos lados dum só tronco; as bordas são feitas com outras madeiras, não obstante eu ter visto canoas feitas dum só tronco sem essas bordas postiças.

Mas basta do mundo fusco em Manaus e da sua vida na floresta e no igarapé.

Lancemos ainda um olhar pelo mundo branco, pelos 900 brancos que, conforme resenha dada acima, deviam existir há sete anos em Manaus, se quisermos considerar brancos todos os que figuram como tais nesse conjunto.

As pessoas de posição, funcionários na sua maioria, vieram de fora; encontra-se entre elas gente de tôdas as províncias, mesmo das mais remotas do Sul. Essas têm uma educação perfeita.

Há, contudo, um grupo importante de brancos em Manaus, que reside lá há muitos anos, e que cuida honestamente de que, com a natural renovação das gerações, a côr branca não diminua de número. Mas entre essas famílias aparecem, sobretudo nos rostos de muitas mulheres, certo ar, que me lembra a avó índia. Mas êsse indianismo se apaga depressa sob os brancos, e na intimidade com os brancos, e pode-se falar duma verdadeira sociedade de brancos em Manaus, muito agradável através do ligeiro transluzir de indianismo.

Ressente-se, porém, ainda de muitos pontos fracos. Já me referi à situação defectiva da igreja e da escola. Poderia fazer muitas acerbas observações a respeito, mas não quero comprometer a Igreja Católica. Ela precisa de uma completa reforma desde o longínquo Uruguai até ao Rio Negro, porque sucedem coisas horríveies entre os seus servidores.

A matriz, cuja construção parece completamente paralisada, será erigida por meio duma loteria, no que o povo não enxerga a menor impropriedade. Uma loteria é uma manobra pecuniária como qualquer outra. Não se força ninguém a arriscar dinheiro e esperança num bilhete. Estou porém certo de que a igreja não ficará pronta em dez anos, não obstante a paixão do povo de Manaus pelo jôgo.

Quem em julho de 1859 se arriscasse a atravessar a ponte inteiramente arruinada, que leva do Bairro da Matriz, em baixo, aos Remédios, através do tranqüilo igarapé, e subisse o outeiro para a igreja, podia, antes de chegar a esta, ver à direita do caminho a ereção dum edifício singular, dando nas vistas pela sua extensão, seu material e ainda mais pelo seu destino.

Sôbre altos pilares, que cercavam um grande espaço, tinham pôsto um grosso telhado de fôlhas sêcas de palmeira, ao meio exa-

tamente dos grandes ranchos nas províncias do Sul, sob os quais abrigam durante a noite as cargas, os volumes transportados pelos muares, mediante o pagamento de certa taxa. Mas o telhado dêste era alto demais para isso. Os andaimes na entrada indicavam, também, que pretendiam acrescentar-lhe uma fachada bonita e de gôsto. As paredes estavam sendo feitas, aos poucos, de fôlhas de palmeiras entrançadas, sem que se pudesse ver janela alguma. E quando me informei a que potências tenebrosas seria dedicado o monstruoso porco-espinho — pois a construção com o que mais se parecia era com isso — disseram-me que ia ser o teatro. Pensei sem querer no teatro alemão de amadores em Pôrto Alegre. Um ideal, comparado com aquêle horror de Manaus. E, contudo, êste estava infinitamente mais conforme com a Natureza.

Se o triste teatro de Manaus pode ser olhado como um lado fraco da boa sociedade, esta já se eleva também às mais completas manifestações de vida social duma grande cidade.

O Chefe de Polícia da Província, Dr. Caetano Estelita Cavalcante Pessoa, foi, exatamente quando eu estava em Manaus, nomeado Juiz de Direito de Tefé ou Ega, e devia deixar a 14 de julho um lugar e um cargo, onde grajeara o respeito e a simpatia geral. Um grupo dos seus amigos reunira-se e resolvera oferecer-lhe um baile de despedida.

Para êsse baile foram convidados, por meio de cartões impressos com letras douradas, todos os que em Manaus estavam em condições de ir a um baile.

Um convite impresso com letras douradas para um baile no palácio do Govêrno de Manaus! Isso já é um sinal dos tempos. A quem, aliás, se admirar de que em Manaus, no Rio Negro, já se imprima, observarei que lá já aparece um jornal, a "Estrêla do Amazonas", duas vêzes por semana, impresso em grande quarto, e em papel melhor do que o da maioria dos jornais alemães, embora esta "Estrêla do Amazonas" não estenda até muito longe seus raios de luz e não seja nenhuma estrêla de primeira grandeza.

O palácio do Govêrno estava bem iluminado e, para um edifício no Rio Negro, por certo imponente. Mas quando o construíram, não tinham pensado em nenhum baile e por isso o espaço para danças era algo apertado. Além disso, dava-se ainda uma circuns-

tância que é característica. A boa gente de Manaus, de cujos numerosos filhos já falei, só raramente tem oportunidade de se divertir. E quando se apresenta uma oportunidade para isso, querem aproveitá-la com as mulheres e crianças. E naturalmente, dessa vez também, os convidados levaram a família tôda. Nas salas e nos quartos contíguos, formigavam meninas quietas e meninos travessos. As mães dançavam à porfia com os filhos e os pais com as filhas.

Tudo era contentamento e alegria. As *toilettes* das senhoras eram em grande parte bonitas, muitas de gôsto mesmo, nenhuma ridícula. Agradaram-me, porém, sobretudo, as maneiras discretas de todos. Não se notava diferença de classes ou distinção de postos e posições. Essa chaga das capitais provincianas alemãs não se conhece absolutamente no Brasil. A senhora do Presidente em exercício, uma figura interessante e atraente, em plena mocidade, era a imagem da perfeita discrição e franca jovialidade, de quem me disseram particularmente, que não só possuía a casa cheia do bulício de crianças alegres, como também, mais do que tôdas as outras senhoras da cidade, amparava os pobres e necessitados com consôlo e auxílios.

A música era certamente um pouco manca; saía-se, porém, bastante bem das dificuldades. Tudo o mais que fazia parte dum baile, estava muito bem e correto. E se alguém se escandalizava por estarem tôdas as criadas, que serviam no quarto de *toilette* das senhoras, em adiantada gravidez, embora isso não fôsse certamente muito próprio num baile, era perfeitamente característico em Manaus. Tôdas têm filhos lá, e isso, aliás, é uma grande bênção para uma província, cuja extensão excede a área de meia dúzia de reinos europeus.

Chegava ao fim a minha estada em Manaus. Mas, antes de terminar definitivamente, fui mais uma vez ao belo Igarapé da Cachoeira, do qual me separava tão a contragosto quanto um índio do seu paraná da floresta.

O Comandante da Praça fazia questão de ver-me novamente na sua nova residência do campo, onde sem saber, o tinha surpreendido. E fixamos o dia 12 de julho para isso.

Uma bonita canoa de família levou-nos juntamente com todo o pessoal do velho bigodudo, seguida ainda doutra canoa com os utensílios da cozinha, do Rio Negro mesmo para o rio tranqüilo, de cujas águas transbordantes emergia a floresta na plenitude de sua beleza. Grandes cachos de melástomos brancos e lindas malpighiáceas pendiam por cima do espelho da água; numerosas pequenas amirídeas floridas; uma esplêndida catléia, inteiramente encarnada, com florescência dupla, deixou-se apanhar como uma esplêndida borboleta no seu pouso aéreo.

Após um curto trajeto, chegamos à vivenda de campo, onde paramos. Depois de pequena pausa, prossegui com o Comandante pelo pequeno rio, no meio da densa floresta. Passamos por cima do lugar onde, no período das águas baixas, formava uma cachoeira de 12 a 15 pés de altura, mas que na ocasião não se notava absolutamente. Subimos o pequeno rio serpeante, que não tardou a mostrar uma corrente contrária mais forte. Reconhecemos como motivo uma rocha alcantilada, que, com a água baixa, formava uma bela cascata, agora, porém, com um pequeno remoinhar. Por fim, pôs têrmo à nossa excursão uma verdadeira cachoeira, até onde canoa alguma tinha podido subir, porque jamais se vira altura igual das águas do Amazonas e seus confluentes.

Já antes superáramos muitas dificuldades no igarapé. Quase sempre, troncos caídos, que barravam nossa canoa, certamente grande demais para a pequena expedição fluvial.

Nessas ocasiões era verdadeiramente cômica a fleuma com que um dos nossos tapuias, munido dum machado, saltava da canoa para cima do tronco dentro da água e começava a rolá-lo. Quando o tronco principiava a estalar e a ceder, o calmo índio pulava novamente para a canoa, com a mesma fleuma com que passara desta para o tronco. Muitas vêzes eu não podia compreender, como conseguia êle andar por cima daquele tronco escorregadio, embebido de água e em parte já sem casca, sem que na sua fisionomia se notasse qualquer expressão de cautela. Mas essa gente, que jamais calça sapatos, tem o sentido do tato tão apurado na sola dos pés e nos calcanhares, que nos sentimos inclinados a classificá-la entre os quadrúmanos. Ficam de pé sôbre o tronco liso, inabalàvelmente seguros de si, e operam sôbre êle, como um

acrobata, com as mãos no trapézio. Além disso, a maravilhosa agilidade de nadadores torna-os ainda mais seguros sôbre o tronco escorregadio. Estou certo de que, se um tapuia nessas ocasiões escorregasse e caísse nágua, seus camaradas só se assustariam por êle poder escorregar, e não de cair na água. Ou não se assustariam absolutamente, nem reparariam na infelicidade do companheiro, o que é mais provável.

Quanto mais avançávamos no rio pequeno e estreito, mais bela se tornava a vegetação. Não sòmente troncos grossos como também mais altos e retilíneos cresciam numa simetria singular, e, contudo, numa franca comunidade, ao lado uns dos outros, atraindo minha atenção para êles.

Entre as palmeiras, predominavam pelo número as espinhosas astrocárias. Por tôda parte, a bem armada tucum ameaçava os que se aproximavam. Muitas vêzes, a parte superior do tronco e as bainhas das fôlhas parecem inteiramente pretas, graças aos espinhos de que se cobrem. As simples e pequenas euterpes desaparecem inteiramente ao lado das rústicas vizinhas.

Vimos também muitas vêzes a palmeira caraná, uma pequena palmeira flabeliforme, do grupo das maurícias (*Mauritia aculeata*). Todos os troncos baixos, mas os pedúnculos das fôlhas, elevando-se retos, não tinham menos de 6 pés de comprimento e sustinham fàcilmente os leques muito regulares. As fôlhas da palmeira caraná fornecem um material muito estimado para telhados; um bom telhado de caraná dura até oito anos.

Alguns formatos de pequenas palmeiras são tão extraordinàriamente singulares que à primeira vista se hesita em classificá-las como palmeiras. As fôlhas não são nem exatamente peniformes, nem flabeliformes. Têm antes, de ambos os lados dos pecíolos das fôlhas, segmentos foliáceos, lobados, de formas rombóides irregulares, exatamente como barbatanas de peixe. Lembram a forma das fôlhas da *Taxinea phylocladus*. Todos os segmentos pareciam mordiscados. Mas não o foram absolutamente; êsse *formatio praemorsa* era antes a condição natural dos lóbulos das fôlhas. O último segmento, quando lhe passei a mão por cima, causou-me evidente sensação de queimadura. Só na última cachoeira, que impediu continuássemos nossa excursão, vi os pequenos exemplares,

que me proporcionaram os característicos, a que acabo de referir-me. Nunca os vira antes nem os tornei a ver depois.

Conheci também a palmeira patauá (*Oenocarpus pataua*) — assim me foi soletrada a palavra pelo meu velho Comandante; — parenta daquela palmeira de fila dupla, que admirei na floresta em Cametá, no Tocantins; palmeiras com troncos anelados inermes e fôlhas peniformes, muito próximas das belas euterpes, não só na floresta, como também no sistema botânico e mesmo na sua aplicação econômica.

Colhem-se e juntam-se os frutos, muito semelhantes a azeitonas escuras, que crescem em grandes cachos, tratando-os em seguida exatamente como os frutos da euterpe, quando se quer fazer açaí com êles. Entre a casca prêto-esverdeada e o caroço pardo alongado, envôlto em bonitas fibras amarelas compridas, há uma camada fina de polpa, que, depois do fruto cozido, tem um sabor oleoso muito agradável.

O açaí feito com êsses frutos da patauá é diferente na côr e no gôsto do dos frutos da euterpe. Assemelha-se muito ao nosso chocolate, e se o quisessem perfumar como o chocolate, poderia confundir-se com êste. Bebi com gôsto o açaí de patauá simplesmente adoçado com açúcar, quando voltamos, e acho que ambas as bebidas, a feita com a euterpe e a de *Oenocarpus*, são duas bebidas excelentes do Rio Negro, onde bebi o açaí mais bem preparado do que no Pará mesmo, embora o apreciem menos em Manaus do que naquela cidade.

O suco do fruto da patauá é muito oleoso. Vêem-se as pequenas gôtas de óleo flutuando em grande quantidade no chocolate pardo-avermelhado, sobretudo nas bordas da xícara ou do copo, quando é bebido aristocràticamente num copo. Dessa azeitona do oeste pode-se extrair fàcilmente muito óleo.

A mais bonita, porém, era sempre a graciosa palmeira inajá, nas margens umbrosas do Rio da Cachoeira. Tem uma singular expressão sonhadora, nas fôlhas como de gramíneas pendentes dos pecíolos e folíolos agitados pela mais leve brisa; expressão que eu chamaria duma donzela tímida, enleada. E olhava sempre com prazer para os folíolos sussurrantes, levemente agitados, escutando

enlevado as doces canções de "Lorelei"* das alegres criaturas da floresta. Vimos também fôlhas da buçu, mas muito menores do que as das margens do Amazonas. Estavam muito rasgadas, portanto completamente desenvolvidas. Talvez sejam inteiramente diferentes das palmeiras mais embaixo no rio, e constituam uma nova espécie. Causaram-me impressão inteiramente diferente.

Entre as árvores de fronde, vimos muitos troncos esguios e muito altos. Entre algumas boas madeiras, meu velho Comandante mostrou-me a itaúba (uma *Broussonetia*) e outras, das quais, infelizmente, além do nome indígena, não se pode ver mais senão o tronco liso.

Mostraram-me também uma bonita árvore da floresta, de cujo fruto se faz muito alarde em Manaus. Êsse fruto chama-se sôrva, e a árvore, portanto, sorveira (*Collophora utilis*). A árvore é alta, esguia, com fôlhas dum bonito verde, com muito leite em tôda ela. Tôdas estavam carregadas de frutas redondas e verdes. Lembravam mais vivamente as belas platônias do Tocantins, cujos frutos, pacuri, são igualmente afamados. De fato, porém, fazem lembrar mais um fruto já antes descrito, a mangaba (*Hancornia*) que, como a sorveira, pertence à família das apocíneas.

Para colherem os frutos maduros, em setembro, cometem verdadeira barbaridade, que raia pelo incrível! Derribam a árvore, embora isso seja proibido pela Polícia; e quando ela fica prêsa a outra próxima, derribam-na também. Dessas árvores derribadas chegam cestos cheios, canoas carregadas de frutas a Manaus, porque a sorveira é muito comum na floresta.

O parasitismo das plantas oferecia também aspectos singulares nas margens do rio. Finos, esguios, retos e sem galhos, como frutas de palmeira, descem de árvores de 60 pés de altura estolões com 1 a 3 polegadas de diâmetro até a terra, onde se fixam. Se se procurasse em cima, nas elevadas copas, o ponto de partida dêsses estolões, depressa se descobriria uma clusiácea parasita, fácil de reconhecer-se pelas fôlhas grossas, coriáceas, branco-esverdeadas. Cortei um pedaço da haste duma parasita. Era muito pesada e escorria em grande quantidade uma seiva branca, sobre-

---

(*) Lorelei: Ondina do Reno. N. do T.

tudo do líber, entre a casca e a madeira. Esta apresentava uma consistência mole e esponjosa. Nessa corda vegetal dez homens se poderiam pendurar confiantes; não se partiria certamente.

Um cipó de filodendro, de 50 pés, pendia por cima do rio, a cêrca de 8 pés de sua superfície. Um pássaro aproveitara-o, pendurando nêle com grande trabalho seu ninho-bôlsa. A habitação aérea pendia exatamente da extremidade mais baixa; estava vazia; consegui mesmo apoderar-me dela com um pedaço de imbé, como se chama o cipó dessa aróidea, mas o ninho ficou bastante avariado.

Assim um pássaro parasitava sôbre ou por baixo do cipó da aróidea parasita. Na extremidade superior, porém, medravam outros parasitas. Consegui arrastar com o cipó do imbé todo um filodendro do alto do seu pouso aéreo. Quando examinava o singular entrelaçamento de fôlhas verdes e raízes aéreas, senti uma dor intensa na mão que o segurava, e fortes dentadas na mão e no antebraço. Grandes formigas pretas, que fizeram sua morada de parasitária na planta, julgaram ter descoberto um concorrente em mim. Mordiam-me com tal fúria e fôrça que, quando as despregava, largavam a cabeça, deixando-a prêsa na pele. Enquanto um inseto rasteiro vive na planta inteiramente estranha à árvore que a suporta, e embaixo um pássaro alegre pendura-lhe seu ninho, o longo cordão mesmo não fica isento dum terceiro parasita. Uma espécie de vespa de bugalho elege o talo aromático e mesmo um tanto venenoso do filodendro, e põe, por meio dum ferrão, os ovos sob a casca mole do parasita. O comprido estolão intumesce então a intervalos, formando nós e tomando o aspecto dum rosário. Quando o inseto fica maduro, fura a casca, deixando a um pequeno buraco, sem que a vida normal do cipó sofra interrupção com isso.

Tudo na floresta virgem aspira a subir para o ar e para a luz. E se o portentoso Amazonas nas suas enchentes anuais transborda, inundando a mata, empurrando as águas dos pequenos igarapés, que correm para êle até para além de suas quedas de água, e tudo corre o perigo de afogar-se, a Natureza também providencia para que muita coisa escape à violência do cataclismo. Lá muito em cima nos galhos, pegados a enormes troncos de árvores, pendurados em cipós de poucas linhas de diâmetro, e bem acamados sob a epiderme de finas lianas, a vida das plantas e dos animais perdura bem resguardada.

O homem da floresta parasita, no entretanto, no tronco ôco duma amerídea ou da grossa itaúba com 6 ou 7 pés de diâmetro. Seu ancoradouro fica ao pé de tôda palmeira, que oferece frutos maduros. Na canoa, onde tôda a família habita com êle, seu pequeno fogo nunca se apaga, de maneira que à noite seu brilho se reflete na água, e todo o grupo humano, parasitando entre palmeiras e bombáceas, em troncos escavados, sôbre a água, parece viver no ar ou sôbre as árvores.

Ao colono, ao contrário, que, deslocado nesse mundo anfíbio, precisa dum terreno firme para levar uma existência artificial, afoga-se-lhe o cavalo, o gado, depois de ter por muito tempo vadeado e nadado nas águas transbordantes. Vêm-lhe então a feliz idéia duma vida parasitária. Constrói entre árvores ou sôbre troncos de árvores caídas um pequeno curral enxuto para seu gado, e alimenta-o com a viçosa canarana, que cresce nas margens, ou deriva em grandes ilhas, até que as águas baixem lentamente e a terra firme surja novamente.

Esperava-nos uma mesa com cerveja inglêsa, vinho do Duque (um finíssimo vinho do Pôrto) e champanha, improvisada sob um telhado de fôlhas de palmeira e abundantemente provida de iguarias adequadas ao luxo dessas bebidas, quando chegamos novamente com a nossa canoa à casa de campo do Comandante.

Mas, durante o alegre repasto, o sol se pôs mais depressa do que dantes. Nosso pequeno e grande mundo tornou a embarcar. Os nossos tapuias remaram hàbilmente com os seus remos de pá redonda em forma de prato, por entre as árvores da mata inundada. Saímos de novo do umbroso labirinto para a calma superfície do Rio Negro, exatamente quando o sol desaparecia por trás da floresta ao longe, e quando só nos faltavam alguns minutos para o desembarcadouro.

Altivas palmeiras pupunha, aquêles magníficos troncos de pirijau sussurravam lá com as suas nobres folhagens um melancólico noturno sôbre o "Rio Negro". A mim, porém, a incursão que acabávamos de fazer no Igarapé da Cachoeira, no meio e através da floresta, parecia um lindo conto de fadas entre palmeiras, que não se pode contar exatamente.

CAPÍTULO V

O Solimões. Viagem até Tabatinga, na fronteira do Peru. Coari. Tefé. Fonte Boa. Tonantins. O Forte de S. Antônio, no Rio Içá. S. Paulo ou Olivença. Chegada a Tabatinga.

Por que tornam tão difícil a separação? Tôdas as notabilidades da cidade de Manaus se reuniram a 14 de julho, em casa do Chefe de Polícia, para dar a extrema-unção à sua estada ali. Foi tanta gente assistir à triste cerimônia, que não tiveram cadeiras para todos, tendo sido preciso pedir nas casas vizinhas.

Iniciou-se depois a marcha fúnebre. Na frente, as oito crianças da casa, acompanhadas dum bando de amiguinhos e amiguinhas. Depois, diversas senhoras, em grande *toilette*, e, por fim, todos os grandes dignatários da cidade de Manaus. Ao todo deviam participar do cortejo centenas de pessoas.

Juntei-me a êle como admirador do Chefe de Polícia e como companheiro de viagem; e marchamos para o pôrto, em baixo. Aí se abraçaram efusivamente, e estava feita a primeira despedida. Metade dos acompanhantes ficou em terra.

Os outros embarcaram em diversos barcos e canoas e dirigiram-se para o "Tabatinga", nosso vapor, ancorado perto da margem. Começou então a despedida mais séria. As senhoras beijavam-se e choravam; os homens abraçavam-se e as crianças, diante da cena comovente, irromperam também em soluços. Por fim, choravam todos os presentes.

Não sei quanto tempo teria durado essa desagradável cena, se o trovão não começasse a ribombar no sudoeste. Despediram-se então definitivamente; uma parte voltou para terra e outra ficou a bordo. O "Tabatinga", um vapor pequeno, porém agradável e

para o momento suficiente, de 150 toneladas, levantou ferros; fizemo-nos ao largo no rio, contemplamos mais uma vez a romântica Manaus e dobramos no primeiro ângulo da floresta. Eram mais ou menos 5½ horas.

Nuvens carregadas cobriam o céu em volta, relampejava por todos os lados, mas não se desencadeou tempestade séria. Rumamos a oeste, e, depois, mesmo em direção ao norte, descendo o Rio Negro, quase sem correnteza. À luz baça da lua, nascendo envôlta em nuvens, a água do Rio Negro parecia inteiramente negra. Aportamos em uma ilha, onde o canal parecia separar-se para o leste e para o oeste. Ligeiro recuo do vapor avisou-nos que entráramos em águas agitadas, abandonando o Rio Negro.

Estávamos no Solimões. É o nome dado ao Amazonas, desde o Rio Negro para cima, até a fronteira do Peru, até o Javari. Quando se descobriu o grande afluente do Amazonas, o Rio Negro, ficou-se em dúvida se era êle o principal ou o outro. E, para não ofender nenhum dos dois, adotaram um terceiro nome, deixando o Amazonas como nascendo do Rio Negro e do Solimões.

Entretanto, só na manhã seguinte pudemos reconhecer melhor o Solimões. Uma garoa obrigou-nos a refugiar-nos no salão e a recolher-nos às nossas camas depois do chá.

O Solimões veio, a 15 de julho, ao nosso encontro, em plena magnificência. O sol vinha nascendo e fazia empalidecer a lua cheia no ocaso. Um bando de alcíones brigava entre si ou com o vapor, que lhes perturbara a manhã. Dois dêles tentaram atacar um gavião, que se esquentava ao sol, no galho alto dum eriodendro. Foram, porém, repelidos com enérgicos protestos. Alguns jacus, que faziam também sua *toilette* da manhã, apressaram-se em fugir, quando nos aproximamos. Um macaquinho, depois de nos ter observado por algum tempo, sumiu-se com horríveis guinchos dentro da floresta.

Só a vegetação ficou quieta, perto de nós, e seguiu-nos rio acima. Depois, como antes, formavam a selva sumaumeiras e esterculáceas ou bombáceas, calófilas, cecrópias, e dentre as palmeiras, a espinhosa tucum, a graciosa inajá e a altiva pupunha ou pirijau, como amirídeas, loureiros e mirtáceas. Na terra cresciam

musáceas, aróideas e gutíferas nas árvores. Por trás dos vastos capinzais de canarana, porém, por trás das aningas e acima de delicadas mimosas peniformes, elevavam-se outros representantes das florestas tropicais, espessos e repetidos bamburrais, de viçosas frondes graminifólias, e graciosas pontas, acenando, inclinadas — prova evidente de que as margens do rio eram de terreno firme, porquanto a taquara, embora exigindo terras úmidas, gosta delas firmes, e procura mesmo as alturas.

Realmente as terras ribeirinhas, à nossa direita, da margem esquerda do Solimões, eram, em muitos pontos, elevadas, e tôda uma série de casas, diante das quais os inevitáveis bandos de tapuias olhavam-nos com indiferença, tinham entrado pela floresta. A comprida cadeia dessas casas chama-se Manacapuru. Falou-se em reuni-las, formando uma comunidade, uma freguesia. Parece, todavia, que a pequena despesa ligada a isso assustou, e deixaram aquela gente sem igreja e com as crianças crescendo sem nenhuma instrução. No entanto, desperdiçam-se vultosas somas com as colônias perto de Óbidos, onde nada existe. Contradições muito comuns no Brasil.

Meus companheiros de viagem, negociantes brasileiros e peruanos, mantinham, porém, conversas altamente originais. Sobretudo um dêles era de opinião que se devia agradecer a Deus não terem ainda em Manacapuru nenhum frade, porquanto os padres eram os piores — dava-lhes um nome feio — que existiam na terra. As freiras também não eram poupadas. Um dos passageiros lembrou mesmo sèriamente que se devia reparti-las pelas margens do Amazonas, ao modo dos antigos partenianos, para povoar a província mais depressa. Acordes como êste, em dó maior, ouvem-se freqüentemente no Brasil.

Mas êsses senhores conversavam também sôbre coisas melhores do que êsses sacrilégios. Interessaram-me sobretudo muitas observações sôbre o comércio com o Peru.

Poder-se-ia imaginar que, apesar da navegação do Amazonas, havia um comércio nas margens do Solimões, de Lima, via Trujillo para Moyabamba, que deixava um lucro de 60 a 80 por cento? Os impostos no Pará pesavam tanto sôbre alguns artigos de comércio,

como, por exemplo, manufaturas de algodão e de sêda, que os mandavam vir de Trujillo, atravessando a Cordilheira, transportados por animais ou mesmo por homens, para Moyabamba, para vendê-los até Manaus com grande vantagem. Essas opressões do comércio constituem grandes inconvenientes, que não podem ser corrigidos na atual situação financeira do Brasil, mas que ensejam tôda espécie de defraudações possíveis e seguidas dum descontentamento, que se volta em geral, sobretudo, contra um exército colossal de funcionários preguiçosos e supérfluos. Pelo menos era essa a opinião de meus companheiros comerciantes.

No entanto, a pequena família do Chefe de Polícia, composta de oito pessoas, continuava sua vida alegre. Crianças tão contentes e bem educadas, que realmente não seria fácil encontrar quem o fôsse melhor. Deixava-me de bom grado interromper por elas no trabalho, contemplação e meditação. As meninas sabiam mesmo entreter-se com pequenos trabalhos manuais tão apurados que passavam despercebidas muitas horas.

À tarde entramos num grandioso labirinto de ilhas, em cujas sinuosas curvas os diversos canais divisórios pareciam os meandros dum parque inglês. Aí encontrávamos com particular freqüência uma espécie de grande pato selvagem, de pescoço cinzento-claro, barriga côr de ferrugem e asas pretas. Já os vira antes junto com galinhas e gansos, e de fato êsses patos domesticam-se muito fàcilmente, reproduzindo-se também com facilidade no cativeiro voluntário, o que, dado seu tamanho, muito os recomenda.

Com êles competindo, sòmente muito mais alto e com maior esplendor de côres, araras, aos pares ou em pequenos bandos, voavam dum lado para outro por cima da floresta. A isso juntava-se a superfície do rio, lisa como um espelho, estriada de ouro e azul. Quatro golfinhos vieram à tona da água junto ao nosso vapor, e acompanharam-nos até dentro da maravilhosa noite, que se seguiu iluminada por um luar mágico, em perfeito estilo Tieckeano. *

No meio da noite, tomamos lenha numa fazenda solitária. Mal transparecia o rubor da aurora, fomos despertados pelos gritos das

(*) De Ludwig Tieck, poeta romântico, nascido em 1773 e falecido em 1853. N. do T.

araras e dos diversos papagaios. Macacos chiavam e assobiavam perto de nós; algumas espécies de penelopídeos voavam dum tronco para o outro. À proporção que o dia se adiantava, essa vida animal ia-se aquietando, até que desaparecia na fôrça do calor, ao meio-dia, como acontece geralmente na mata virgem.

Cêrca das 9 horas, passamos a embocadura do Purus, um rio que nasce em Mato Grosso, a 10° de latitude sul, e corre na direção norte para o Solimões. Não apresenta a extensão de muitos outros afluentes do Amazonas, mas deve ser navegável até muito em cima, e ter muitas ligações com o Madeira. Nada pude apurar sôbre se poderia transformar-se numa via comercial fácil para Cusco. Sua embocadura solitária e sem nenhuma grandiosidade não indica um rio importante. A água é um pouco mais escura e mais limpa do que a do Solimões. Até agora o comércio nêle ainda não se desenvolveu muito.

Quanto mais avançávamos no labirinto de ilhas do Solimões, mais baixavam as águas e mais firme se mostrava a terra. Com isso a vida animal ia-se tornando também cada vez mais ativa. Surgiam cada vez mais bandos de pequenos e céleres macacos, correndo com incrível agilidade ao longo dos galhos. As grandes araras e ararunas, gargalhavam sempre mais nos galhos das árvores mais altas ou voavam, cruzando o ar límpido. Garças pequenas, inteiramente brancas, e uma outra espécie cinzento-claro, flutuavam através do éter, por cima da floresta. Seguiam-nas, fugindo, assustados com o ruído do vapor, íbis inteiramente pretos com desenhos encarnados na cabeça e bicos vermelhos. Pelo menos assim me pareceram os fugitivos. Abundavam urubus e açôres; grandes bandos de alcíones e periquitos perseguiam-se ao longo da mata, nas margens do rio, dum lado para outro, enquanto pequenos bandos de crotófagas, mais tímidas, se escapuliam para dentro da floresta. Avistamos também alguns japins, — uma espécie de icterídeo — as belas côres amarelo e prêto dêsses pássaros resingueiros brilhavam de longe. Não cessavam de passar pequenos bandos de patos selvagens, e até os golfinhos vinham incessantemente à tona.

Aparecia também novamente gente nas margens rasas. Uma família acabava mesmo de voltar para o lugar inundado de sua

habitação e removia alguns objetos numa balsa. Na noite de 16 de julho, passamos perto dalguns pequenos sítios, onde os tapuias nos saudaram com fachos. As caras fuscas destacavam-se muito vantajosamente à luz dos archotes, junto da floresta escura, onde a lua, que vinha surgindo, se esforçava por derramar seus primeiros raios.

A floresta oferecia também muitas outras formas vegetais. Entre as já citadas árvores, apareceu a bela palmeira uauaçu, de tronco liso e esguio e com o parênquima das fôlhas semelhante às gramíneas, quase como a inajá. O pau-mulato destacava-se na floresta em muito maior quantidade e espécimes mais vigorosos do que jamais vira, um tronco mais vermelho e talvez um parente próximo da araçarana. Aliás, todos os troncos, à proporção que avançávamos, subindo o Solimões, pareciam mais altos e mais vigorosos.

Na tarde de 17 de julho, passamos através duma entrada estreita, donde saía uma água escura, descendo com o Solimões, sem se misturar com êle, para um calmo e vasto lago, formado pelo Coari, pouco antes de sua embocadura.

O Coari é um rio muito semelhante ao Purus, que se estende do mesmo modo do Solimões, na direção do sudoeste, até cêrca de 10º de latitude sul. Mas ainda nada se conhece sôbre seu curso. Um homem, que veio ver-nos a bordo, subiu-o durante 15 dias, sem ter encontrado seu fim. Uma selva ininterrupta cobria suas margens.

Logo na margem oeste do lago, encontramos algumas casas, diante das quais flanava um público domingueiro misturado. A lenha para o vapor estava empilhada na praia, e assim que chegamos, o pessoal na margem começou a embarcar lentamente o combustível, e a levá-lo ainda mais lentamente para bordo, de maneira que a cena se transformou em verdadeira mandriice, roubando-nos muito tempo.

Tôda a Natureza partilhava dessa preguiça. O lago do Coari semelhava um espelho diante de nós. O sol inclinava-se cada vez mais para a margem oeste do lago. Tôda a região flutuava num mar de côres e emanações da floresta. Numerosos golfinhos brin-

cavam na superfície da água. Os lombos prateados vinham à tona, fazendo pequenos remoinhos cintilantes. Nas margens, bandos de urubus gozavam a sesta nas árvores. Mas, depois do sol se pôr, tudo mergulhou em verdadeiro sono. A luz zodiacal flamejava ainda no horizonte longínquo, muito alta no céu, rivalizando com o suave brilho da Via-Láctea, sob a bela constelação do Escorpião. A Estrêla Polar luzia no céu ao norte, na sua marcha lenta, rodeada pelos Setentriões.

Mas tôdas se retraíram, perdendo o brilho na amplidão do céu, quando a lua nasceu, e com os seus claros raios despertou os milhares de vozes de animais para o mais singular dos concertos, de sorte que ficamos acordados quase tôda a noite.

A floresta tornava-se cada vez mais bonita. A manhã de 18 de julho foi talvez a mais bela, que passei no Solimões. Todo o mundo animal, macacos, capivaras, araras, alcíones, andorinhas, patos e garças, estavam em pleno movimento. Um crocodilo enorme nadava lentamente para a margem, sôbre cuja alta e extensa ribanceira de barro vermelho cresciam as maravilhosas formas e flerescências da floresta.

Gigantescas bertolécias, carregadas de incontáveis frutos, semelhantes a balas de canhão, que, ao tempo da colheita da castanha, ao caírem, já muitas vêzes mataram gente; a seu lado, altas cesalpinas e esbeltas mimosas, através de cujas delicadas frondes peniformes verde-escuro, transparecia o azul do céu mais belo; além de palmeiras de tôdas as espécies, também a rara *Iriartes ventricosa* ou pachiúba-barriguda, uma palmeira com um grande bôjo no meio do tronco, de que os índios se servem para fazer canoas; e entre as revôltas copas eriçadas das palmeiras javari outra espécie de iriartéia (*Iriartea setigera*) sempre pequena, e junto a ambas uma bela pachiúba simples (*Iriartea exorrhiza*), cujas fôlhas formam nos seus segmentos certas formas de lóbulos, quase como a palmeira cariota — tudo isso formava esplêndido e viçoso palmeiral!

Além disso, uma florescência ininterrupta de leguminosas, bignoniáceas, e um verdadeiro mar de flores de taquiá, uma árvore esguia, elegante, de fôlhas compridas, que floresce em cachos compactos de espigas de flores, brancas, encarnadas e pardas; pode-se

reconhecer de muitas milhas de distância os maciços floridos na margem longínqua; — estava assim o Solimões a 18 de julho, resplendente, cheio de vida, de formas variadas, de côres e de música harmônica, quer do canto dos pássaros, do marulhar da corrente ou do vento nas frondes da floresta.

Cêrca de meia-noite, subíamos sob um céu encoberto o rio Tefé, um afluente do Solimões, que, até onde é conhecido, tem elementos comuns com o Coari e o Purus, e ancoramos.

Quando, na manhã de 19 de julho, avistamos a terra, estávamos num belo e calmo lago. Numa espécie de península formada pelo Tefé e um lindo igarapé, ficava a vila de Ega, ou como é chamada atualmente, de Tefé, um lugarejo miserável, no qual, aliás, se viam algumas casas de alvenaria, mas onde as casas de barro com telhados de palha constituíam a grande maioria.

Fui a terra para conhecer mais de perto a localidade fundada pelo jesuíta Samuel Fritz, e verifiquei que a antiga cidade Ega não tinha na realidade nenhuma importância. A igreja em ruínas, uma casa de barro rebocada, por trás da qual haviam construído uma espécie de capela coberta de telhas. Através de diversos buracos e fendas, podia-se ver o interior do templo, que se poderia tomar antes por uma maloca de índios muras do que por uma casa de Deus. Dentro reinava a mesma solidão, a mesma desordem. As casas ficam em grupos separados, em fins de ruas e praças cobertas de relva. Nos quintais sem cêrca, cresciam laranjeiras, espôndias e alguns coqueiros, que chamaram minha atenção por nunca tê-los visto tão longe do mar. Logo por trás da pequena cidade, da solitária e triste aldeia, da maloca dos índios mansos, porque Ega ou Tefé não merecia outro nome, há um pasto ligeiramente inclinado, um relvado, no qual pastavam algumas boas reses. De qualquer outra vida ou movimento na cidade não havia absolutamente sinal. Nenhuma localidade decepcionara tanto minha expectativa quanto Tefé.

Imediatamente depois do prado, a floresta fecha novamente a clareira. Melastomáceas, cesalpinas, lantanas e rubiáceas florescem lá; entre as primeiras encontrei uma branca, bonita, com pétalas grossas e anteras sem apêndice, mas certamente uma bela melástoma. A não ser isso, a floresta estava num tranqüilo repouso

de florescência, exatamente como a cidade de Tefé e tudo que lhe pertence.

Visitei na triste cidade — como uma Tomi entre os citas retardados do oeste — algumas pessoas, para quem trouxera cartas, reuni alguns objetos índios, para levar, quando regressasse, e encomendei outros, como armas e utensílios, que se podiam comprar lá.

Já ia deixar o triste local, quando um espetáculo comovente me feriu ainda a vista. Meu amável companheiro de viagem, o Chefe de Polícia de Manaus, viera tomar posse do seu novo domicílio e da sua nova casa.

No rés do chão úmido só havia um quarto ladrilhado; todos os outros tinham por piso a terra nua, fria e úmida. Fiquei literalmente pasmado diante daquela morada. Tais remoções duma família digna são ordenadas do Rio, enquanto lá se constrói um teatro lírico, que custa 2 a 3 milhões de táleres. Despedi-me daquela gente honrada e seus queridos filhos, não sem um profundo azedume contra êsses processos errôneos, sem método, do Ministério da Justiça no Rio de Janeiro, que não conhece nem o Chefe de Polícia, nem Manaus ou Tefé. Que lugar excelente não seria Tefé para aquêle tocador de flauta nu do "Oiapoque"!

Prosseguimos novamente a viagem. Dos 18 passageiros só restavam seis. Um pequeno braço lateral do Solimões, cuja água suja contrastava dum modo singular com a escura do Tefé, e corria paralelamente com esta, nìtidamente separada dela, levou-nos, depois duma hora, de volta a um grande rio, por onde avançamos ligeiros sob a espêssa floresta.

Quanto mais avançávamos, subindo o Solimões, quanto mais se acentuava o declínio das águas nas margens, tanto mais animada se tornava a vida animal. Já tínhamos mesmo passado por algumas praias, bancos de areia que as águas deixavam a descoberto.

Nessas praias formigavam então os sêres vivos. Diversas espécies de garças, patos, colheireiros, maçaricos e uma gaivota de água doce, — pois assim devo chamar êsse pássaro, cujos característicos, hábitos de vida e piados são semelhantes aos da gaivota, sòmente tendo bicos muito mais fortes, de ponta cônica, — voavam de mistura dum lado para o outro. Nos galhos sêcos dos troncos

flutuantes, que não tardariam a ficar meio enterrados na areia, pousavam urubus e açôres, êstes de três ou quatro espécies. Uma bonita espécie de faisão côr de ferrugem, com uma bela coroa de penas, voava de moita em moita; penelopídeas voavam entre os ramos das sumaumeiras; macacos fugiam com incrível agilidade, guinchando e fazendo caretas; tartarugas aqueciam-se ao sol, sôbre troncos caídos, ou derivavam, dormindo, na superfície da água. Crocodilos enormes, do mais horrendo aspecto, nadavam até muito perto de nós, não se podendo quase distinguir de troncos flutuantes meio apodrecidos. Serenos e atrevidos, sem prestarem a mínima atenção ao vapor, nadavam lentamente dum lado para outro, muitas vêzes com um forte bater das queixadas das fauces hiantes, abocanhando como fazem os cachorros. Ora é mais a cabeça, ora é mais o dorso curvado que emerge da água e a cauda ao mesmo tempo. Tinham certamente perto de doze pés de comprimento.

De todos os animais, nenhum é tão temido no seu elemento, a água, quanto o aligátor. Da onça ninguém tem mêdo. No perigo da jibóia, a serpente gigante, ninguém pensa. Têm-nas até em casa no Pará a fim de apanhar ratos. Mas um jacaré é sempre um animal terrível, e existem exemplos demais de que êsses monstros têm morto criaturas humanas, despedaçando-as e devorando-as.

Podíamos perceber cada vez mais quanto baixara o rio. Quanto mais, porém, as águas recuavam, mais arrastavam consigo elementos da floresta. Enquanto penetraram até muito longe nela, enquanto exerceram uma contrapressão nas margens íngremes do seu leito, as árvores e o matagal ficaram seguros na borda do rio. Assim, porém, que a cheia desceu abaixo da orla do barranco, a corrente, por assim dizer corroendo-o e solapando-o, arrastava a terra, e as árvores da floresta caíam em filas inteiras no rio, ficando outros tantos troncos prestes a ruir também, muitas vêzes já inclinados sôbre o rio. Uma vez vi um grupo de cinco maravilhosas palmeiras javari, pitorescas, porém, perigosamente suspensas por cima da água, prestes a caírem e afundarem nela a qualquer momento.

Às 3 horas da tarde (20 de julho), passamos a embocadura do Rio Juruá, que mal se distinguia na floresta e entre o labirinto de ilhas; um rio que parece ter elementos muito semelhantes aos

do Tefé e necessita de uma exploração mais exata, como todos os outros seus vizinhos.

Às 10 horas da noite, navegávamos com alguma dificuldade num braço lateral do Solimões, estreito como um corredor na mata. O vapor encontrou finalmente seu caminho, e ancoramos para receber lenha.

A localidade sem importância, a cuja margem nos encontrávamos, chamava-se Fonte Boa. A princípio não a podíamos distinguir bem; mas quando a lua surgiu por detrás da floresta escura, iluminou uma pequena e modesta povoação, que nos saudou afàvelmente com uma enorme nuvem de mosquitos — carapanãs — de maneira que demos graças a Deus, quando, depois da meia-noite, prosseguimos novamente, vendo-nos livres duma parte pelo menos dos visitantes, embora os restantes nos atormentassem ainda bastante.

Mas essas carapanãs não são nada, comparadas com uma outra praga do Solimões. Quando numa localidade qualquer, à margem dêsse rio, se anda um pouco pela relva, ao voltar para bordo, sente-se em volta dos pés e artelhos um ligeiro fervilhado, e em seguida um torturante ardor, que produz uma violenta coceira. Examinando-se, descobre-se com dificuldade, ou revela-se uma grande quantidade de pontinhos vermelhos, em parte reunidos em densos grupos, em parte, porém, espalhados por tôda a pele; são pequenas ferroadas, senão outros tantos pequenos ácaros, apenas um pouco maiores do que o da sarna, que se aninham por tôda parte na epiderme, e se alastram por todo o corpo até aos ombros. Essas picadas se transformam em pequenas pústulas, e não se pode suportá-las sem coçar. Por fim pensa-se estar com sarampo.

Apanhara em Tefé uma grande quantidade dêsses mucuins, como chamam aos ácaros vermelhos, que se faziam sentir violentamente. Passei particularmente mal a 21 de julho; tinha todo o corpo coberto dêsses pequenos pontos, estava febril e de bom grado me recolheria ao leito, se os bandos alados de borrachudos, fincudos, maruins e pior do que todos, o das carapanãs, já não me estivessem espreitando lá.

Êsses são pequenos inconvenientes microscópicos, que podem tornar uma viagem no Amazonas muito desagradável, sobretudo

nos dias bonitos, quando não sopra vento e nenhum aguaceiro detém a bicharia alada.

A 22 de julho, tivemos por um quarto de hora um dêsses aguaceiros que limpam; e contaríamos com uma noite tranqüila, não tivéssemos alcançado, ao pôr do sol, uma nova parada, depois de têrmos, às doze horas da noite anterior, passado pela embocadura do Jutaí.

O Rio Jutaí é um afluente do Solimões, maior do que os mencionados rios Juruá, Tefé e Coari, embora tenha, até onde é conhecido, elementos bastante semelhantes aos dêles. Deve, sem dúvida, porém, nascer mais para sudoeste e mesmo receber alguns afluentes vindos da Cordilheira, pois já em 1560 Pedro de Orsua, descendo o rio do Peru, passou dêle para o Juruá, alcançando assim o Solimões. Na viagem de volta, foi assassinado por seus oficiais. O Jutaí pode certamente oferecer um belo futuro, no entanto, tão imaginário para os próximos decênios quanto para os outros três rios seus vizinhos, porquanto em todos há falta de trabalho ativo.

Quase ao pôr do sol, aportamos a uma linda enseada, na qual desembocava, quase sem se ver, um tranqüilo rio da floresta. Um percurso dalguns minutos nas águas escuras dêsse pequeno rio, cujos diversos braços penetravam profundamente sob a ramagem da floresta, levou-nos a uma clareira, em cujo centro, sôbre uma elevação arenosa, se erguia uma pitoresca aldeia de pescadores, chamada Tonantins, como o rio onde fica, e se estendia diante de nós. Uma simples e pequena igreja, algumas cabanas, tôdas acinzentadas ou brancas, constituíam tôda a sua beleza; mas a deliciosa amenidade do rio escuro, do lusco-fusco na floresta, o resplendente arrebol por cima do negror da mata e, no meio disso, o simples e fusco mundo tapuia com a sua alegria por causa da chegada do vapor, tudo isso fazia da pequena Tonantins um recanto profundamente romântico da floresta.

Mas, quem tencionasse entregar-se completamente a qualquer idéia romântica na pacífica Tonantins, devia resguardar-se das carapanãs. Desvanecem-se as melhores disposições e os melhores sentimentos; e não se pode realmente fazer nada para se defender dos incontáveis animaizinhos. Quando, além disto, se está coberto de pústulas de mucuim, como me achava a 22 de julho, pode-se

perder a paciência e desejar ver-se longe das zonas próximas das margens.

O Tonantins estende-se profundamente para o norte e noroeste na selva, onde, reunido a um braço do Japurá, forma um afluente da margem esquerda do Solimões. Sôbre estas articulações e ligações com o Solimões e Rio Negro teremos algo que dizer mais adiante.

Infelizmente o nosso Capitão deixou-nos travar profundo conhecimento com a bicharia em Tonantins. Ficamos a noite tôda parados no rio, e demos graças a Deus, quando às 6 horas, na manhã seguinte, pudemos sair daquele recanto de selva.

Às 10 horas da manhã seguinte, avistamos sôbre algumas elevações acima do rio, e rodeada de matas, a Fortaleza de S. Antônio, o forte da fronteira no Rio Içá, defronte do limite da Nova Granada, cujo comandante apanháramos em Tonantins, e desembarcávamos agora diante do forte.

Nada de formidável ostenta a fortaleza. Semelhantes, em sua perfeita inocência e singeleza, uma colônia de índios no rio, em baixo. Nenhum sinal de temerosos canhões ou quaisquer outros aparelhos guerreiros! Algumas mulheres e crianças fuscas aguardavam em silêncio o grande momento da passagem do vapor. A bandeira brasileira pendia dum pequeno mastro, sem que nenhum vento a agitasse; um outro mastro, com uma pequena bandeira branca, assinalava a igreja, uma construção de barro e muito pequena. E isto é tudo o que registei sôbre a Fortaleza de S. Antônio na embocadura do Rio Içá.

Alguns minutos mais acima do forte, sai o rio da floresta, correndo muito mansamente. Sôbre sua importância nos alargaremos mais adiante. Na embocadura inferior — tem outra mais acima — as praias (bancos de areia) já estavam de fora, e um bando de índios, homens e mulheres, já tinham começado a construir suas feitorias, suas cabanas e armações para a salga e secagem do pirarucu, feitorias e outros aprestos para a caça ao peixe, como as que encontramos freqüentemente dali por diante.

A pesca e a salga do pirarucu dão ao rio uma feição típica, peculiar, e pode-se mesmo dizer que, sem a pesca do pirarucu, não haveria um Amazonas e não se poderia pensar em nenhum Solimões.

Logo acima da feitoria do Rio Içá, avistamos uma canoa com dois índios, que haviam apanhado um pirarucu. Paramos e gritamos, chamando-os; vieram e venderam-nos por 700 réis (cêrca de 15 sgr.) * uma tartaruga de água doce e o peixe, pelo que ainda lhes demos um gole de aguardente.

O pirarucu media 7 pés de comprimento, e seu pêso foi calculado em 4 arrôbas (128 lbs.), uma monstruosidade. A forma dêsse peixe é mais ou menos cilíndrico-alongada, como nosso lúcio, mas a cauda é muito menor. No mais, faz-me lembrar a nossa tenca e a trairaçu do Rio S. Francisco. Tem duas barbatanas frontais e duas abdominais, mas nenhuma no dorso, uma pequena barbatana caudal, grossa, e perto desta, uma pequena encima e outra embaixo. As escamas são muito grandes e rombóides e apresentam na orla livre uma lista vermelha, de maneira que o peixe pardo-amarelado parece coberto por uma rêde encarnada, sobretudo na cauda, do que tira também seu nome, pirarucu, peixe encarnado. Essa rêde vermelha dá-lhe bela aparência.

O peixe é, de julho até ao fim de dezembro, objeto duma perseguição geral. Grandes bandos de índios e outros habitantes da região dos rios deixam suas choupanas da floresta, e descem para as praias, para instalar uma feitoria. O aparelhamento para a pesca consta dum arpão ou dum arco e flechas.

As flechas para apanhar o pirarucu são dum feitio especial e altamente apreciadas pelos índios, de maneira que difìcilmente as trocam com os europeus. E todo o valor dessa arma consiste numa ponta de ferro, que não pode ser substituída por outro qualquer material.

A flecha para a pesca do pirarucu é a maior possível; escolhem para elas os melhores pendões do capim-flecha. A extremidade mais grossa é provida dum suplemento de madeira, como em quase tôdas as flechas. Mas êste acréscimo fixo tem por sua vez um móvel, com pontas de ferro e duas ferpas, de maneira a desligar-se fàcilmente dêle. Essa ponta móvel está seguramente prêsa por uma comprida corda de tucum ao cabo da flecha. A corda é cuida-

(*) *Sgr.* Abreviatura de *Silbergroschen,* moeda alemã de pequeno valor. N. do T.

dosamente enrolada neste. A flecha, disparada do arco por um pulso forte, penetra no corpo do pira. O violento movimento do peixe atingido faz com que o suplemento se desprenda, a corda corre e, para onde o peixe vai, segue-o o cabo da flecha, flutuando. O animal não tarda a emorecer e é então morto com o arpão, uma faca ou outra qualquer arma. Assim caçam também as tartarugas.

Levam então a prêsa à feitoria na praia. Aí deitam o peixe com o ventre para baixo, escamam-lhe as costas com uma machadinha ou um facão, de maneira a poderem enterrar uma afiada faca de cozinha entre o couro e a carne e esfolá-lo. Cortam depois as duas metades do corpo, no que revelam uma habilidade peculiar, dos dois lados da carcaça, separando-a das grossas espinhas da cavidade abdominal, esfregam-lhe sal e suspendem-nas por cima de varas, onde secam ràpidamente, dentro de um a três dias, sob o sol abrasador. A carne dum peixe, depois de sêca, produz cêrca dum têrço do seu pêso quando fresca, de maneira que um pirarucu de 120 libras, dá cêrca de 40 libras de peixe sêco. A sua pesca em todo o Amazonas monta a dois milhões de peixes anualmente, conforme cálculos de entendidos; embora eu ponha em dúvida êsse algarismo descomunal, centenas de milhares de arrôbas são salgadas; o restante é consumido fresco e constitui uma iguaria extraordinàriamente saborosa, sobretudo quando a carne passa dois dias polvilhada com sal. Tínhamos assim sempre a bordo, embora bem providos de comidas escolhidas, mais um prato saboroso.

À tarde presenciamos ainda curiosas cenas da vida índia. Passamos pela maloca de Amaturá, uma colônia de índios ticunas. Já antes depararáramos algumas cabanas escondidas na floresta, porquanto os ticunas amam sobretudo as matas. Os seus habitantes espreitavam-nos, curiosos, escondiam-se, quando percebiam que os tínhamos visto. Encontramos duas mulheres escondidas na mata, em cima dum tronco caído. Uma rapariga subira a uma árvore para poder espreitar-nos, escondida como uma arara. Descobrimo-la e rimo-nos. Ela deu um pulo, descendo amedrontada e escondeu-se num cacaual. O mais gracioso dos gatos bravos não teria procedido com mais agilidade.

Em cima, diante da maloca mesmo, estava enfileirada tôda a "indiada", homens, mulheres e crianças. Acenavam, saudavam e

riam, contentes e desembaraçados. Quando, porém, assestei meu óculo para elas, tôdas as mulheres meteram as saias entre as pernas apertando-as com as mãos em cima, a maioria acocorou-se mesmo em fila, como uma linha de atiradores em exercício. E quando eu, no meio duma risada geral, perguntei aos meus companheiros de viagem o que significava aquilo, disseram-me que tinham feito crer às mulheres ticunas, que se podia ver com um óculo através das roupas das raparigas e das mulheres. Por isso procuraram tornarem-se tanto quanto possível invisíveis quando me viram assestar o óculo.

A cena foi realmente divertida e provocou o riso de ambos os lados, tanto em terra como a bordo. Gente simples e realmente ingênua! Acreditavam em tudo o que lhes impingiam, até mesmo o mais inverossímil.

Na fresca manhã de 24 de julho, alcançamos S. Paulo ou Olivença, onde pudemos ancorar quase encostados à margem do rio.

Essa povoação não fica a mais de 80 pés sôbre o rio e é miserável, acima de tôda descrição. Não tem uma só casa que preste. Tôdas de barro pardacento, cobertas de palha, feitas aos pedaços e de remendos. A mais feia de tôdas é a igreja. Nem ao menos tem uma porta. Durante a semana pregam algumas ripas no umbral, para que o gado não tome a igreja por um estábulo aberto e se refugie dentro.

A povoação é constituída por apenas um ou dois renques de casas. Sob os beirais dos telhados corre uma calçada, que constitui tôda a rua. Em frente de cada casa, dois pequenos paus, sôbre os quais ficam vasos de barro com gordura e um pavio — isso é a iluminação pública. Realmente não se pode ver nada mais primitivo do que êsse sistema de urbanização e de iluminação de S. Paulo.

Comprei algumas armas dos seus ingênuos habitantes, que, na maioria, só falam um péssimo português, e apreciei o interior de suas casas tão simples como a própria gente. Arcos, flechas, apetrechos de pesca, remos, cabaças, rêdes etc. e sobretudo implementos para tecer rêdes, é o que se pode encontrar nessas choças.

Essas criaturas são muitas vêzes realmente acriançadas! Comprei a um ticuna um arco e uma bela flecha para pescar pirarucu. Quando ia saindo com êsses objetos, êle me disse com tristeza: "Mas você não pesca pirarucu, e eu não posso mais ir à

pesca!" Deixei-lhe então a flecha, recebendo em troca duas inferiores, e dei-lhe ainda uma pequena gratificação. Manifestou então grande alegria; porque podia agora ir pescar e tinha ganho dinheiro. O que, porém, podia um estrangeiro fazer com um aparelhamento índio completo de pesca e para que o queria levar, não compreendia o ticuna.

Desci depois a ladeira para a margem, levando minhas aquisições de arcos, flechas e sarabatanas. Na encosta relvosa, floresciam lindas rubiáceas, os inevitáveis melástomos em grandes árvores, o belo mulungu encarnado e amarelo, uma eritrínea (leguminosa). A bordo, porém, encontrei um monstro leguminoso, a vagem duma acácia trepadeira, chamada ingá-cipó, ou em peruano *Kidschuah gaoba,* com 40 polegadas de comprimento, de sulcos longitudinais, com 15 caroços, cada um de 2 polegadas de comprimento, envoltos numa polpa doce, lanosa, pouco consistente, agradável ao paladar. Os caroços crescem já tanto nas vagens, que formam uma pequena planta, em que se pode reconhecer as fôlhas aladas do ingá.

Às 3 horas da tarde, deixamos S. Paulo, depois de têrmos recebido a bordo mais um passageiro, o Sr. Batalha. Êsse senhor, já idoso, era quem fazia maior movimento comercial entre o Solimões e o Peru, mais acima. Havia 19 anos exercia seu comércio com muito trabalho e privações, sempre pessoalmente e na sua canoa, e, no entanto, não se podia avaliar sua fortuna em mais de 40 contos (30 000 táleres). Sôbre o comércio mais acima com o Peru falaremos mais adiante, quando tratarmos dos rios ali, e de Tabatinga.

Não apreciara ainda tarde mais bonita no rio do que a daquele domingo. As ilhas, a floresta e a água, tudo perfumado e florido sob o mais límpido céu! Grupos pitorescos de ticunas remavam nas suas leves canoas perto das margens; a animação nas praias cada vez maior. A variedade de pássaros sempre mais encantadora. Aos patos e gansos, às penelopídeas e às lindas espécies de faisões, juntavam-se ainda mictérias de grande tamanho, exatamente como as semelhantes a cegonhas do Rio Grande, mas com o pescoço e a cabeça pardos, e maiores. Êsses emplumados habitantes das praias voavam por todos os lados, enquanto os lerdos jacarés,

êsses horrendos ictiossauros do nosso tempo, a cujos dentes os habitantes da nossa terra, da época pré-adâmica, não ousavam expor-se, nadavam tranqüilamente no remanso das margens, muitas vêzes sem se poderem distinguir dos troncos escuros das árvores ou da lama da margem recém-descoberta. Duma vez contei onze dêsses monstros reunidos num espaço de poucas braças.

A manhã seguinte estava nevoenta e úmida, quase diria fria e molhada; porquanto só tínhamos 24ºC. Apareciam praias cada vez maiores e as margens enxutas animavam-se cada vez mais; um número cada vez maior de tuijuijos de pernas compridas, aquelas mictérias, vagava nelas dum lado para outro. O Solimões estendia-se imenso diante de nós, tão extenso que no dia 25 de julho ainda oferecia o fenômeno dum horizonte de água, dum mar de água doce no longínquo oeste! Vimos duas pequenas balsas encalhadas numa praia, balsas, que têm uma significação inteiramente própria.

No Huallaga, o afluente peruano do Solimões, há uma imensa jazida de salgema, de grande importância para tôda a região, sobretudo para a salga do pirarucu. Transportam o sal em balsas muito largas, sôbre a qual levantam um estrado muitos pés mais alto, rio abaixo, até ao território brasileiro, onde o descarregam, entregando a balsa à mercê das ondas. Sôbre o Huallaga mesmo teremos ainda algo que dizer mais adiante.

Às 4 horas da tarde, passamos à nossa direita, na margem sul do Solimões, por um lugarejo, Capacete, onde poderia haver cêrca de dez casas juntas, um povoado muito primitivo, exigindo ainda mão ativa e criadora.

Logo depois das 7 horas, já noite fechada, avistamos ao sul a embocadura dum rio brilhando na margem escura; a embocadura do rio fronteiriço, Javari, e pouco depois, na margem oposta, surgiram numa eminência luzes de fachos e lanternas. Nosso vapor parou mais perto dessa margem e ancorou. Eu chegara ao ponto mais oeste de minha viagem, ao seu término. Fundeáramos diante de Tabatinga, depois de ter feito, desde o Pará até ali, uma viagem fluvial de exatamente 500 milhas alemãs.

Admirei-me então de que, apesar da impetuosa corrente do rio gigante, as medidas do meu barômetro apresentassem um tão pequeno quociente de baixa.

Observara exatamente o meu barômetro aneróide na Bahia, em Pernambuco e depois no Pará.

É sabido que, enquanto os barômetros no norte sobem e descem com espantosa rapidez, no equador e sobretudo perto da costa, mantêm uma regularidade altamente surpreendente, que espanta qualquer observador.

Na Bahia e em Pernambuco meu barômetro, às 10 horas e 15 minutos da manhã, marcava 75,9, às 4 horas e 15 minutos da tarde, 75,5 da escala métrica francesa. Na Bahia essa posição era um pouco mais baixa, porquanto eu morava lá 40 pés mais alto do que em Pernambuco. No Pará, no nível médio da água, meu barômetro marcava no camarote, às 10 horas e 15 minutos, 75,96. No mesmo camarote marcava no rio Amazonas, no sopé do alto do Tabatinga, à mesma hora e minutos, 75,56, fato de que deduzo, pelos meus cálculos, uma queda do rio de Tabatinga até ao Pará de apenas 300 pés. Meus cálculos podem estar errados, não, porém, minha observação. Durante estas observações em Tabatinga, chamou minha atenção que, enquanto na costa meu barômetro, entre 10 horas e 15 minutos e 4 horas e 15 minutos, com admirável regularidade ia e vinha entre quatro linhas completas do meu instrumento, em Tabatinga só percorria três, mas igualmente com a mais perfeita regularidade, de sorte que dalgum modo se poderia determinar em ambos os pontos a hora, pela posição do barômetro.

CAPÍTULO VI

Tabatinga e a fronteira peruana. Seu comércio. Regresso a Manaus por S. Paulo e Tefé.

MAL ancoráramos, diversas canoas, vindo de terra, se aproximaram de nós. Não tardou muito, reuniam-se em nossa câmara 16 pessoas, brasileiros, peruanos, franceses; entre êles um húngaro, um alemão ou riguense, educado em Gumbinnen, um norte-americano e diversos outros. O grupo de homens com barbas de tôdas as côres, desde o vermelho da rapôsa até ao prêto de azeviche, um matiz sem dúvida interessante, mas nada agradável em si; faziam-me lembrar mais um grupo de fronteira nas margens do Uruguai. Quando nos sentamos à mesa do chá, fartamente iluminada, tive ampla oportunidade de fazer um estudo de fisionomias, e perguntava sem cessar a mim mesmo: "Que poderia ter reunido tôda essa gente naquela longínqua fronteira?"

Moeda falsa, exportação proibida de salsaparrilha, o naufrágio de duas canoas, mexericos políticos eram o assunto da conversa ao chá; veio também à baila um ou outro assassinato; até que, depois das dez horas, a reunião se dissolveu, e todos voltaram para terra.

O sol lutou na manhã seguinte por muito tempo com a névoa, que cobria a terra e o rio, antes que o panorama do longínquo oeste, destino de tôda minha viagem, se revelasse, e satisfizesse minha ansiosa expectativa.

O Solimões sobretudo, que, do Javari para cima e também no Peru, se chama Maranhão, tomara outro aspecto. Patenteava certamente ainda a mesma forte corrente de água doce, correndo num calmo remoinhar pardacento e com uma profundidade muito

maior; mas sua largura diminuíra consideràvelmente. Calculamos não medir mais de 300 braças de largura por 30 de profundidade.

Na margem, 10 a 12 canoas grandes ou igarités. Na praia, um grupo, de aspecto esquisito, de 30 a 40 homens, ia e vinha, levando e trazendo fardos de mercadorias.

Tabatinga mesmo ficava a cêrca de 30 pés acima da praia, um *Maimatschim of the far west* vivo. Diante dum pequeno quartel, porém bastante para a guarnição de 36 homens, erguia-se o mastro de bandeira; à sua esquerda, um canhão, fundido em Gênova em 1714; à direita, uma carrêta de peça vazia, e, entre ambos, uma sentinela de aspecto bonachão, com o uniforme da inocência, calças e jaquetas brancas. Ao lado ainda, um caravançará, que não tardaremos a examinar de perto. Seguia-se uma grande praça verde, onde pastavam 10 a 12 bois; na mesma, erguia-se uma igreja de barro excessivamente pequena, uma casa simples do Comandante, e uma maior, ainda em construção; junto a isso, ainda algumas casas, também de barro, pedindo socorro, rodeando a praça, e uma bonita casa nova, ainda não acabada, no fundo da praça; além dessas, outras, de barro e com telhado de palha, isoladas aqui e ali; e, rodeando tudo, a floresta verde como muralha inexpugnável. Êsse o quadro que me ofereceu "a fortaleza fronteiriça" de Tabatinga, quando, na manhã de 26 de julho, saltei em terra e me hospedei em casa de meu companheiro de viagem, Sr. Mendonça, que me convidara.

O Sr. Mendonça, de Setúbal, chegado moço ao Brasil e com uma educação regular, iniciara um bonito negócio naquela longínqua fronteira, onde terminavam todos os outros confortos e coisas agradáveis da vida. O armazém era um celeiro bastante grande, em volta do qual estavam arrumados os fardos de mercadorias. No meio, uma grande mesa, onde se faziam os serviços do escritório, a escrituração e as refeições. Entre os fardos, pendiam rêdes para o dono da casa, seu sócio, um caixeiro e os hóspedes. Dois bancos, uma cadeira e muitos caixotes constituíam os assentos, embora nem sempre fôsse fácil encontrar um ponto firme, no piso desigual de barro, para colocar o banco ou a cadeira.

No armazém, notava-se grande movimento de entradas e saídas, oferecendo uma pequena mas sem dúvida original imagem de

Kiachta, na Sibéria, ou duma feitoria chinesa, quando lá ocorre um movimento comercial diferente.

Para explicar êsse singular movimento comercial em Tabatinga, preciso dizer aqui algo sôbre as condições geográficas e comerciais que lá predominam.

Embora o Amazonas, graças ao seu maior volume e extensão, possa chamar-se um rio brasileiro, as províncias, ou antes repúblicas espanholas ao norte e a oeste do Brasil tomam parte na sua formação, e mandam-lhe afluentes, nos quais se praticam em maior ou menor escala, o comércio e a navegação fluviais.

Quando tratamos do Rio Negro, vimos como dos seus afluentes, o Içá e o Xié, se estabelece uma ligação mais fácil com a República da Venezuela, sem ser precedida duma viagem fluvial dalguma importância, porquanto o Rio Negro mesmo só é navegável até S. Isabel, onde forma impetuosa cachoeira, enquanto seu preferível confluente, o Rio Branco, oferece águas mais tranqüilas, navegáveis até a fronteira das Guianas.

Entre o Rio Negro e o Solimões, forma o Japurá um singular sistema articulado de águas. Nasce a oeste das fraldas da Cordilheira, nas terras altas de Popain, de cuja encosta noroeste flui o Madalena, numa direção bastante setentrional para o mar das Caraíbas, enquanto o Japurá toma a direção lessudeste e, depois de correr por algum tempo numa direção quase inteiramente leste, em território brasileiro, divide-se singularmente em muitos braços, e alcança com êles, por caminhos mais curtos ou mais compridos, por longos atalhos mesmo, o Rio Negro — ligações fluviais que me fazem lembrar a ligação do Rio Negro com o Orenoco, por meio do Cassiquiare, embora êste seja muito diferente.

Pouco antes de entrar no território brasileiro, o Japurá, por causa de uma cachoeira, tem impedida a sua navegação em direção à Cordilheira. Os braços, porém, que se estendem como tentáculos através das terras cobertas de florestas, entre o Rio Negro e o Solimões, são tão insalubres nas suas cercanias, que são os menos visitados de todos os afluentes do Amazonas, ou antes os mais evitados.

O Rio Içá oferece condições muito melhores. Nasce, sob o nome de Putumaio, no sopé daquelas cordilheiras de neve, por trás

das quais se eleva o vulcão Pasto, corre paralelamente com o Japurá para o Solimões, que o vimos alcançar em S. Antônio. Dêsse ponto de junção em diante, deve ser navegável até as cordilheiras, de maneira que do Putumaio se pode ir à cidade de S. Juan del Pasto, em quatro dias por terra.

Do Quatedama para baixo, saindo da gigantesca Serra do Chôco, donde, numa famosa queda de 1 200 pés de profundidade, a água das montanhas se despenha na planície, nasce o Rio Napo. Corre paralelamente com ambos os rios citados para o Amazonas, o qual alcança, antes de entrar êste no território brasileiro. O Rio Napo oferece também um futuroso trecho, porquanto é navegável até S. Rosa, enquanto um seu braço mais setentrional, graças à sua riqueza em ouro, já chamou por diversas vêzes a atenção dalguns aventureiros, isoladamente ou em sociedades.

Devemos depois dêste relancear de olhos por alguns rios das cordilheiras, voltar ao Amazonas e Solimões, que, como já disse, do Javari em diante se chama Maranhão.

Embora a navegação a vapor termine, no momento, na fronteira brasílio-peruana, o Maranhão está longe de não ser navegável até mais acima. Antes, já tem sido navegado até além da embocadura do grande Rio Ucaiali, onde a localidade Nauta constitui importante centro comercial na margem esquerda do Maranhão, pelos vapôres da linha brasileira, em viagens contratuais, de onde, então, dois pequenos vapôres peruanos deviam fazer um serviço mais extensivo no Ucaiali, de sorte que a cidade inca de Cusco ficaria mais perto do Atlântico do que do Pacífico. É verdade que vieram dos Estados Unidos dois vapôres desarmados, em peças separadas, que, depois dalgumas discussões interessantes entre o Brasil e o Peru, subiram o rio até Nauta, mas os deixaram ficar aí estragando-se, até se tornarem imprestáveis, sem terem realizado uma única viagem. A linha brasileira de vapôres limitou-se, desde então, a só ir até Tabatinga, onde se dá o encontro de transações comerciais entre o Brasil e o Peru, a que me referi acima.

Se formos, porém, pelo Maranhão até além de Nauta e mais acima pelo Ucaiali — porque o rio é ainda sempre navegável — encontramos, depois de percorrermos alguns afluentes menos im-

portantes, dois notáveis rios da Cordilheira, que, vindo de direções opostas, alcançam o Maranhão mais ou menos na mesma altura — o Huallaga, vindo do sul, e o Pastaca, que nasce no sopé do Chimborazo e Sangai.

Constituem os primeiros afluentes importantes do Maranhão, saindo da Cordilheira. Mas êste é ainda navegável acima dêsses dois grandes afluentes até a Garganta do Pongo, abaixo de S. Borja, onde, em tumultuoso remoinho, sai dentre paredes a prumo, como irrompendo duma porta na rocha, pondo têrmo à navegação. O rio é ainda navegável acima da cachoeira até Jaen de Bracamoros, mas êsse trecho não cabe mais aqui.

Temos assim diante de nós um rio fàcilmente navegável por 28 graus de longitude, graus que podemos calcular com bastante precisão em 15 milhas geográficas, porque, apesar das muitas curvas que faz o monarca dos rios, conserva-se constantemente entre o equador e o 5.º grau de latitude sul. Podemos, pois, calcular a extensão dessa bela via fluvial em 700 a 800 milhas geográficas. Que eu saiba, não se encontra igual na geografia dos países e bacias fluviais.

Não me posso estender mais aqui sôbre a geografia da continuação do Amazonas, para além de Jaen de Bracamoros, através do vale da Cordilheira até ao lago de Lauricocha. Aliás, muito desta parte do rio está também pouco explorado.

Por muito diferentes que sejam as vias fluviais, que sobem do Solimões e do Maranhão para a Cordilheira, por muito importantes que o Ucaiali e o Maranhão mesmo pareçam entre elas, e a última, sobretudo, possa levar vantagens sôbre as outras, é, contudo, uma via digna de especial atenção; empresta, afinal, tôda a importância à navegação para além de Tabatinga.

A importante província peruana de Mainas, ou, como é recentemente chamada, Província do Litoral de S. Loreto, apresenta um caminho muito difícil, através da Cordilheira para o Pacífico. A capital Moyabamba estabeleceu por isso, desde algum tempo, ligações com o leste na bacia do Amazonas, e recebe mercadorias do Pará, para onde, por sua vez, manda muitos produtos naturais e de sua indústria.

Nauta, quase defronte da foz do Ucaiali no Solimões, pareceu querer tornar-se o centro do comércio, que assim se desenvolveu.

Os vapôres brasileiros foram até lá, mas, como o Peru não foi ao seu encontro com vapôres peruanos, conforme estipulação contratual, os primeiros restringiram por isso suas viagens só até Tabatinga, desistindo de ir além, como já referi.

Mas o comércio iniciado e existente não podia cessar. E como a linha brasileira, de dois em dois meses, manda com absoluta regularidade um vapor de Manaus a Tabatinga, a chegada do paquête constituía um momento crítico na vida dos comerciantes do Peru e de Tabatinga.

Nos últimos dias, antes da chegada do vapor, aporta um igarité após outro, descendo o Solimões, trazendo chapéus-do-chile e salsaparrilha. A margem morta do forte passa a apresentar intensa atividade. Dez, doze e mais embarcações ancoram ao longo da praia. Suas tripulações, índios peruanos de fôrça gigantesca, armam suas tendas à noite na margem, enquanto os próprios comerciantes fazem suas camas numa "casa aberta da nação", sob os mosquiteiros, e se alojam lá, em estranhos grupos, inteiramente ao modo dos caravançarás orientais.

Assim que o vapor encosta, os peruanos vão imediatamente para bordo, para ver quem chega e o que traz. No dia seguinte, começam então os negócios com grande animação; porque o vapor só demora três dias, dentro dos quais todos têm que ser feitos. Nesse entretanto, procede-se ao mesmo tempo à carga e à descarga; os fardos de tecidos inglêses dão lugar aos pacotes de chapéus-do--chile, e os rolos de salsaparrilha substituem os barris de vinho. Fala-se espanhol, português, inglês, francês e até alemão, embora não se reúnam mais de 20 negociantes; ajusta-se, regateia-se ruidosamente, e, por fim, divergem ainda sôbre a moeda metálica peruana porquanto é tão falsificada, em parte, tão inteiramente falsa, que é preciso estar-se muito prevenido em Tabatinga, quando se recebe moeda metálica peruana, que, aliás, parece não gozar de boa fama no Amazonas.

Nesse ínterim, os índios peruanos, de compleição atlética, arrastam fardos e caixas, do rio para cima, e fardos e rolos de salsaparrilha e de maqueiras de tucum para o rio embaixo. Falam quíchua e inca uns com os outros e, muitas vêzes, uma gíria peculiar, de maneira que, quem fala sòmente línguas européias,

fica inteiramente alheio. Um curaca, ou coronel, que manda sôbre quinhentos, acompanha-os e guia-os, para que se conduzam bem. E assim fazem; são calmos, alegres, e contentam-se com pouco, vestem calças e um casaco largo, como uma camisa, geralmente duma fazenda parda, inteiramente chinês, portanto.

Além dêsses traficantes, recebi também visitas no armazém do Sr. Mendonça. Vieram ver-me um bom e amável vigário, o Comandante João Evangelista Neves da Fonseca e diversos espanhóis; além dêstes, um americano, vendedor ambulante de bíblias e negociante que, algum tempo antes, matara um índio e em Tabatinga vendera bíblias, irritando diversas pessoas. E ainda uma série de outros indivíduos de caráter limpo ou duvidoso, tudo misturado, um verdadeiro grupo típico de fronteira.

Com o pôr do sol, terminou a hora dos negócios, e puseram o jantar na mesa do armazém. As principais iguarias eram preparadas com tartaruga. Às vêzes não há carne fresca em Tabatinga por muitos meses. Os bois e as vacas, que pastam na praça, pertencem à Igreja e só são abatidos em ocasiões muito especiais. Mas a carne de tartaruga, preparada de diversas formas, é muito boa, e passa-se bem com ela. Ademais, bebemos um vinho muito ruim de Cette e um excelente vinho doce de Setúbal, que atraiu todo o comércio peruano.

À noite, ceamos em casa do hospitaleiro Comandante. Todo o comércio brasílio-peruano estava lá. O Comandante tinha mulher e sete filhos e mantivemos uma conversação animada, num agradável ambiente familiar.

Na manhã seguinte à de minha chegada, retribuí minhas visitas; porquanto a etiqueta do mundo não se acaba aqui. Estive no caravançará, o hotel público mais original que já vira na minha vida, em casa do vigário, onde tentei tomar algumas notas, mas fui tão perseguido pelos mosquitos, que tive por fim de fugir de lá, como um desesperado; em casa do Comandante, e, por fim, ainda em casa dum senhor, que, dias antes, me enviara seu cartão de visita — tudo na fronteira peruana de Tabatinga.

Para fugir a assuntos comerciais e atenções, penetrei por um momento na floresta e tentei dar um passeio.

Na realidade, não se pode passear nos arredores de Tabatinga, por ser a floresta muito espêssa em volta da clareira, onde está situada. Mas deve haver um caminho de Tabatinga para a localidade peruana — Loreto — que fica perto. Uma outra vereda leva a uma fonte cristalina, que supre a localidade de excelente água potável. Encontrei lá um aprazível retiro, mesmo na fronteira da humanidade, que partilhei com um grande magoari (garça parda). Chamaram aí minha atenção sobretudo as grandes solanáceas; tomei primeiro os grossos troncos, providos de espinhos muito duros, por espécies de bombáceas, porquanto tinham um diâmetro de 16 a 18 polegadas, mas, quando olhei para cima, descobri a bela flor azul da solânea e as fôlhas meio lanosas e profundamente serrilhadas. Deparei também troncos de melastomáceas, que cresceram além das medidas já de mim conhecidas, sobretudo daqueles lindos melástomos de florescência branca com flores de pétalas grossas e suculentas e estames não córneos — exceção rara — com frutos amarelos, bastante grandes e saborosos, que medram também em Tefé, e me fizeram lembrar a *Blakea triplenervis*. Crescia também aí, exuberante, rivalizando com as alpínias, o elegante capim-flecha; mas eu devia ver isso no dia seguinte, mais de perto e num mais amplo desenvolvimento.

Combináramos para o dia seguinte um passeio duma meia milha, numa pequena canoa, rio acima, para visitar também a última fazenda brasileira.

Seguimos por baixo da floresta onde, numa clareira já meio coberta de mato, se distinguiam os vestígios de antiga aldeia de ticunas. Mas tudo estava novamente deserto. Os índios tinham-se retirado diante do rude trabalho dos seus dominadores portuguêses; e só algumas belas palmeiras pupunha assinalavam o local onde bruxoleara uma civilização incipiente no remoto oeste.

Mais para cima e exatamente na fronteira, fica S. Antônio, uma pequena e bonita fazenda dum velho português, que tem ao seu lado um diligente genro, também português. Seus proprietários mantêm-se com o produto da madeira, a apanha de salsaparrilha, e alguma criação de gado. Aí viçam também belos e altos exemplares da palmeira pirijau ou pupunha, cuidadosamente tratados, como os coqueiros na orla do mar, por causa de seus frutos fari-

náceos nutritivos e, como aquêles, olhados como uma árvore abençoada da paz e da hospitalidade.

O mais extraordinário, na pequena fazenda S. Antônio, foi para mim o velho proprietário, Joaquim Gomes das Neves. Quando soube que eu era conhecido no Rio, perguntou-me, muito interessado, se o Dr. Riedel ainda vivia, e contou-me que servira como guia à conhecida expedição de Langsdorf e especialmente ao Dr. Riedel, na sua exploração do Rio Madeira. Lembrava-se também, com grande simpatia, do meu falecido e caro amigo Rugendas, de maneira que fiquei alguns minutos mais com o velho do que tencionara a princípio.

Pareceu-me muito singular que o último homem, no mais remoto oeste do Brasil, despertasse em mim tantas reminiscências de queridos amigos, que, depois de companheiros em viagens, o destino distanciara novamente para tão longe uns dos outros.

Ao descer da clareira da fazenda, fiz ainda uma idéia do enorme crescimento das águas por ocasião da cheia do rio. Muito em cima na encosta, seguramente 20 pés acima da superfície da água estava uma balsa, na qual, semanas antes, os índios tinham trazido salsaparrilha ao velho Neves e seu genro. Amarraram-na ali, abandonando-a, depois, como inútil. Apesar da altura, porém, em que se achava, o português disse-me que o rio ainda baixaria quase outro tanto. São realmente mudanças colossais nos níveis das águas. Nunca, porém, subiram tanto quanto no ano de 1859, quando o visitei.

Só pela formidável diminuição da pressão da água se pode compreender que dalguns barrancos da floresta se despenhem na torrente longos trechos de 40 a 60 pés de espessura e outro tanto de altura com a floresta em cima, arrastando também muitas vêzes ao abismo os que viajam sob êles, e fazendo-os desaparecer, sem que jamais reapareça qualquer vestígio dêles.

Quase tão traiçoeiros são também alguns bancos de areia no rio, as chamadas praias. Muitas vêzes o povo está alegre e seguro sôbre êles, ocupado na secagem do pirarucu ou no preparo da manteiga de tartaruga, quando de repente o grito de: "Embarca! Embarca!" faz com que todos corram com seus utensílios para as canoas. O banco de areia começa a esboroar-se e a afundar len-

tamente; parece derreter-se no rio e não tarda a desaparecer numa profundidade de muitas braças.

Descendo de S. Antônio para Tabatinga, vi, num ressalto da floresta, o já tantas vêzes citado capim-flecha, duma altura excepcional. Fiz cortar um exemplar e verifiquei ser de 28 pés o comprimento da haste nua, até ao leque de duas filas de fôlhas, a conformação do tronco inteiramente semelhante ao bambu. Talvez seja de tôdas as gramíneas aquela que mais mostra o parentesco, mesmo no aspecto, com as palmeiras.

O pequeno curso de água por onde seguia, é digno de reparo, por formar uma parte da linha da fronteira entre o Peru e o Brasil.

De 11° de latitude sul em diante, o Javari forma a fronteira entre os dois países. A linha da fronteira segue desde sua embocadura em linha reta para o norte. Como Tabatinga fica acima da foz do Javari, alguns acharam que a fixação da fronteira não está certa e que é duvidosa, no que concerne a Tabatinga. Isto absolutamente não se dá. Quem estiver ancorado no meio do rio, entre o Javari e Tabatinga, vê à noite a Estrêla do Norte exatamente no meio, sôbre o rio, a montante. Acima de S. Antônio, o rio descreve uma curva para o oeste, onde a fronteira entra na floresta. Então o Solimões corre por uma grande extensão em linha reta, subindo para o norte, onde fica Loreto, propriedade peruana. Tabatinga, porém, é, fora de tôda dúvida, brasileira.

A linha da fronteira, que corre do sul para o norte, corta o Rio Japurá exatamente na embocadura do Apapuri no Japurá, e segue pelo equador, até a latitude da fortaleza fronteira de S. Carlos no Rio Negro, donde se dirige para leste.

Os peruanos dizem que a linha da fronteira, muito perto e por trás de Tabatinga, deixa o rio e entra na floresta. Isso, porém, não é exato. S. Antônio, aquela última fazenda, com tôda sua terra, pertence sem dúvida alguma ao Brasil. Quem, como disse, se quiser certificar disso, fique numa canoa, numa noite estrelada, no meio do rio, e procure a Estrêla do Norte, a imutável, e a linha da fronteira se evidencia por si.

Além disso, quase não há mais que dizer de Tabatinga. Os poucos ticunas, que vivem lá em comum num ou dois ranchos, cuja

estranha habitação visitei, oferecem exatamente o mesmo aspecto que o de todos os outros tapuias. São calados, indiferentes, condições que seus alimentos — peixe e tartarugas — trazem consigo. O padre, que cuidava dêles, dava-lhes o melhor atestado. Mas êsses gurumis (gente) são tão preguiçosos quanto todos os outros no Amazonas, e nunca se fará nada dêles.

Falando dêles, devo citar um utensílio doméstico, muito original, cuja utilidade é inegável. Em Tabatinga pululam os ratos, que se encontram ali na fronteira como num pequeno entreposto, para viver de pirarucu, etc. Os ticunas, porém, não têm armários para resguardar suas minguadas provisões dos bandidos, que me parecem muito mais finos do que os ratos comuns. Se penduram seus poucos mantimentos em cordões de tucum, os ratos sobem pelas paredes e telhado e descem pelos cordões até êles. Os ticunas recorreram então ao mais simples dos meios. Fazem um furo bem no meio dum casco de tartaruga, de maneira que fique horizontal, pendurado na ponta dum cordão. Debaixo dêsse teto protetor penduram os seus escassos víveres. Os ratos podem subir ao telhado e descer até ao casco de tartaruga, de onde, porém, escorregam, assim que se aproximam da borda, caindo no chão, sem ter podido chegar até às provisões. O processo é extraordinàriamente prático.

Um outro habitante de Tabatinga mereceu-me muita atenção, embora eu só tenha visto quatro exemplares.

É um psofídeo prêto, com reflexos metálicos e encontros brancos. O psofídeo que vi no planalto de S. Catarina, na Estância dos Índios, era quase branco, com as asas côr de prata e os mesmos reflexos metálicos. A espécie de Tabatinga, porém, era preta, tendo os encontros brancos como neve, de maneira a parecer ter um escudo branco, com nítidos contornos nas costas, o que torna êste pássaro raro perfeitamente reconhecível. As penas são extraordinàriamente leves e pouco ligadas entre si, suas barbas parecem cabelos, de maneira que a ave parece um pequeno casuar.

O mais singular é seu grito. Dá quatro ou cinco gritos seguidos, bastante estridentes, mas não com uma expiração e sim com uma inspiração, com o que todo êle incha. Abre depois o bico, e o ar inspirado sai com um som alto, lento e extenso, um tão perfeito

som timpânico que parece vir dos intestinos. E realmente é quase isso mesmo. Os habitantes de Tabatinga disseram-me que êsses pássaros tinham uma longa e sinuosa traquéia que se prolonga pelo ventre até muito atrás; observação perfeitamente exata. O pássaro chama-se jaquimi entre os nativos. *

No dia 28, aprestou-se tudo para a partida. O "Tabatinga" tomou tanta carga que apenas saía fora da água. Os peruanos, que haviam descido o rio do Peru nas suas canoas, carregaram-nas de mercadorias para regressar. Entre êstes encontravam-se dos meus companheiros de viagem, que iam continuar a subir o rio, um francês, um brasileiro e em particular um espanhol, Sr. Murrielta, homem muito discreto e bem educado, como não se encontra por tôda parte. Domiciliado havia muito tempo em Moyabamba, deu-me muitas informações sôbre a vida ali e as condições do comércio.

Estas apresentavam sérias dificuldades. Como os vapôres não iam mais a Nauta, começava em Tabatinga uma trabalhosa viagem de canoa por entre dificuldades, privações e perigos de tôda sorte. Depois de muitas semanas, alcançava-se o Huallaga, que se subia até Yurimaguas. Aí o Paranapura desemboca no Huallaga. Sobe-se então por êste, até que se divide em dois braços, o do norte Yanayacu, e o do sul Cachiyacu. Segue-se por êste último até a localidade Balsaporto.

Daí por diante, começam os maiores tropeços. Não há muares; nada adiantariam, porém, em certos trechos da montanha. Só homens podem ainda andar por aquelas veredas. Os índios da região servem por certa taxa como carregadores. Carregam 78 a 80 lbs. através das montanhas. Para transportar suas mercadorias, um negociante precisa às vêzes de 300 a 400 índios.

Encontra-se aí o famoso Passo de Pumayacu. "A Água do Leão" — Pumayacu — despenha-se, bramindo, num vertiginoso abismo, deixando na rocha molhada só uma passagem de 16 a 18 polegadas de largura, e quando há noviços entre os viajantes, põem-lhes uma corda em cada mão e são guiados assim pelos índios. Contudo, muitos voltam dali. Contaram-me que um

(*) O autor quer provàvelmente referir-se ao jacami. N. do T.

viajante, tendo dominado o mêdo que a natureza selvagem lhe inspirou, enlouqueceu depois. Viajantes corajosos mesmo têm voltado dali.

Depois de cinco dias, chega-se a Moyabamba. Quem quiser avançar dali mais para o oeste, atravessa o Chachapoyos, passa o Maranhão em balsas, e atravessa Caramarca nas altas cordilheiras, descendo para Trujillo. De Chachapoyos em diante, encontram-se muares, e a viagem torna-se mais fácil.

Êsse o meu plano de viagem ainda em Pernambuco. Mas a tempestade política, que ameaçava o Velho Mundo, e notícias de famílias amigas proibiram-me um mais prolongado afastamento da Europa. Além disso, o Peru, desde que libertaram os escravos, tornou-se um país de bandidos, onde não se está absolutamente em segurança contra os ladrões, sobretudo nas regiões montanhosas, onde aparece o metal nobre. Podem calcular um valor metálico para cada viajante, e se êle não viaja com um grande séquito, a viagem pode sair-lhe muito cara. Nas proximidades de Lima não deve ser melhor.

Às 6 horas da tarde, devíamos partir com o nosso "Tabatinga", pelo que transportei para bordo minha bagagem, uma bela coleção de 300 exemplares, armas etc. e por fim a minha pessoa.

Esta última não foi muito fácil. Tabatinga é realmente muito pequena; mas a localidade inteira, acrescida dos peruanos, acompanha os viajantes até ao vapor. O Comandante, o padre, os negociantes, todos acompanharam. Na despedida, pisavam-se os pés, asfixiavam-se com abraços e comprimiam-se magoando-me. Depois que com isso se retardou por uma hora a partida, feitas as últimas despedidas, e tendo os acompanhantes voltado definitivamente para terra, voou o vapor rio abaixo. Os peruanos pretendiam partir também na manhã seguinte, para alcançar Moyabamba no meado de outubro, em 10 ou 11 semanas, portanto. E por oito semanas inteiras, a fortaleza fronteiriça de Tabatinga seria um cemitério, o mais solitário dos exílios.

Fazendo 14 milhas com o vapor e a corrente, alcançamos S. Paulo na manhã seguinte e, na noite imediata, Tonantins, sem entrarmos nos pequenos rios, de maneira que, durante a noite, fomos menos perseguidos pelos mosquitos.

O Jutaí ofereceu-nos na tarde seguinte (30 de julho) um espetáculo particularmente belo. Não sei por que motivo nosso Comandante subiu êsse rio por uma pequena milha. Não se poderiam ver em outra parte florestas mais espêssas e grupos mais bonitos de palmeiras javari. Muitas coroas de palmeiras elevavam-se acima das altas frondes da floresta, tão airosas e leves como nenhuma outra. Viam-se também lindas euterpes, muito semelhantes às inajás na folhagem, um delicado parênquima sussurrante de gramínea, em cima de troncos esguios, oscilando lentamente.

Paramos diante duma nova fazenda. Ninguém apareceu. Provàvelmente os índios, que a habitavam, tinham fugido para a floresta com mêdo do vapor, o que, aliás, nunca acontecera naquela região. Um pouco mais abaixo e na margem oposta, dois pequenos afluentes entravam na floresta. Nosso pilôto subiu com um passageiro de Tonantins, que fôra ao que parece, a causa de idêntico processo no Jutaí, por um dêsses pequenos afluentes, enquanto a canoa saía dum outro caminho da mata, dum igarapé, para embarcar mercadorias, que, porém, não foi possível receber. Surpreendeu-me bastante habitasse gente num lugar tão solitário.

Nesse ínterim, nuvens negras, precursoras de trovoada, foram-se acumulando sôbre a floresta profundamente silenciosa e a solidão do rio. Já caía uma chuva torrencial, quando nosso bote voltou. Mal se tinha içado o pequeno barco, rebentou violenta trovoada. As nuvens carregadas deslizavam lentamente por cima de nós; íamos descendo o Jutaí e não tardou nos encontrarmos novamente numa noite mais alegre no meio do Solimões e sua impetuosa corrente.

Alcançamos Fonte Boa, tarde da noite, e deixamo-la antes do amanhecer. O dia 31 de julho foi particularmente bonito. Já me referi vêzes demais à atividade do mundo fusco, nas praias, ao mundo animal, à água, ao ar e à plácida vida vegetal na orla das florestas, para permitir-me dizer ainda, como tudo isso se apresentava, na mais bela associação, naquela clara tarde de domingo. Seguíamos por um longo e estreito paraná, derramado na mata como uma avenida aquática. À nossa esquerda, formava a margem altos barrancos de diversas côres, às vêzes com 70 a 80 pés de altura.

Mais adiante, vislumbravam-se as íngremes encostas, quase verticais, por onde a floresta se estendia sem limites. Em muitos lugares, grandes massas de barro, com trechos de floresta em cima, com os troncos das árvores inclinados por cima da água, ameaçavam cair. Uma grande quantidade doutras árvores flutuava no rio, outras pendiam ainda prêsas a raízes mais fortes, enquanto suas frondes ainda verdes, havia pouco açoitadas pela tempestade, eram desfolhadas pela corrente.

Êsse admirável paraná levou-nos então àquele canal que desemboca no Tefé, a que eu já me referi, quando partimos de Tefé ou Ega. O quarto crescente acabava de desaparecer por trás da bela laguna do Rio Tefé, quando fundeamos diante de Ega. A amável família do Juiz de Direito mandou imediatamente apresentar seus cumprimentos a bordo, assim como a triste notícia de que morrera o filho mais novo do casal, pouco depois de têrmos partido, subindo o rio, e as doenças tinham visitado muitas vêzes a família.

Fui imediatamente a terra com o nosso Comandante, e encontrei a família muito aflita. Na casa miserável, da qual na Alemanha o mais que se poderia fazer seria um estábulo medíocre, o próprio chefe da família, que não podia estar satisfeito com o ato desastrado do Govêrno, adoecera também e sofrera hemoptises. A senhora chorava amargamente; as crianças, deitadas nas suas rêdes e camas, gritaram, contentes, quando ouviram minha voz, porque tínhamos sido bons amigos em Manaus e durante a viagem.

Na miserável localidade assolava uma moléstia endêmica, uma colerina, uma espécie de cólera sem a mesma violência. Contudo, vitimava sempre algumas pessoas. A 30 de julho, tinham morrido três dos 900 habitantes. As águas subiram mais do que nunca. Quando baixam, irrompem sempre febres — com tanto maior violência quanto mais alto elas tenham subido, inconveniente de que se ressente tôda a bacia do rio.

Além disso, faltam medicamentos, alimentação conveniente e habitações confortáveis em tôda ela. Demorar-me-ia de bom grado em Tefé, para ajudar, se alguém se tivesse mostrado dalgum modo desejoso do meu auxílio. O Juiz Municipal, porém, era um homeo-

pata, e eu me teria tornado irrisório com outro qualquer auxílio médico. Por isso não me ofereci. Nosso amigo, o Juiz de Direito, porém, decidiu não sacrificar-se nem a sua mulher e filhos a uma incapacidade ministerial, e resolveu voltar conosco para Manaus.

Nosso Comandante concedeu do melhor grado ao honrado pai de família algumas horas da manhã seguinte, para que pudesse embarcar com a família e bagagens. Para mim essa pequena demora foi muito agradável, porque pude reunir mais algumas armas e produtos da indústria dos índios, e tive ao mesmo tempo um convite para um batizado em casa dum tenente-coronel, para quem trouxera uma carta de Manaus.

O Sr. José Monteiro Crisóstomo, evidentemente de origem índia, era o homem mais rico da localidade, e morava no único sobrado lá existente. Possuía uma fortuna de 40 000 táleres, e a amável e bem nutrida espôsa já lhe dera nove filhos, dos quais o mais novo devia ser batizado naquele dia. Mas já tinha duas filhas casadas, das quais a mais velha, com 20 anos de idade, muito amável, era um belo tipo de meio índia. Casara-se muito jovem, com 12 anos; aos 13 tivera o primeiro rebento, e já era mãe de sete filhos, dos quais, porém, três haviam morrido. O belo e jovem rosto trigueiro da jovem senhora me fêz na verdade duvidar da história, mas tive de acreditar, depois de todos os circunstantes me terem afirmado ser verdadeira, sobretudo diante dos filhos, muito mais altos do que o tio, que corria dum lado para outro na sala, e em quem uma vez deram um valente tapa.

Quando perguntei, rindo, à jovem mãe: "E não se envergonha de ter casado com 12 anos?", ela envergonhou-se tão graciosamente que o mais rigoroso puritano lhe teria certamente perdoado êsse juvenil pecado de Eva.

As jovens senhoras, que estiveram presentes ao batizado, apesar duma ligeira timidez e acanhamento, eram bastante bem educadas para se portarem perfeitamente num meio polido. As bonitas espáduas escuras e os braços duma delicada côr de avelã, como os rostos trigueiros finamente delineados, contrastavam sem dúvida singularmente com as côres claras das fazendas francesas dos vestidos. E quando se bebeu à saúde da criança recém-batizada, e

vi as taças de champanha com o vinho perlejante nos encantadores lábios índios, não pude deixar de sorrir. Quão remota não fica também a champanha da terra dos ticunas!

Para a tarde, reunimo-nos novamente a bordo. Veio também a família do Sr. Dr. Estelita Cavalcante; acomodamo-nos tão bem quanto foi possível; éramos 20 passageiros. Eu saí-me ainda muito bem, porquanto fiquei com o meu pequeno camarote só para mim, como um recomendado especial.

Tôda a família fusca do tenente-coronel veio ainda a bordo para despedir-se das famílias que partiam. Eram certamente 16 pessoas ao todo, porque um grande estadão de criados tinha sempre que acompanhar. Belo e sadio grupo trigueiro, altamente atraente com suas maneiras calmas e discretas, e que se despediu do mesmo modo calmo, silencioso como chegara. Que diria a Europa destas índias?

Continuamos a viagem na corrente impetuosa, na "água negra" que, separada por uma linha nítida, corria ao lado da água pardacenta do Solimões, até que a primeira fôsse inteiramente engolida pela segunda. Na noite de 1 de agôsto, alcançamos Coari, de onde partimos antes do amanhecer. O Solimões tornava-se cada vez mais imponente, cada vez mais semelhante a uma cadeia de lagos ligados uns aos outros.

Na manhã de 3 de agôsto, o "Tabatinga" ainda navegava em água pardacenta. De repente, viu-se em águas negras. Estávamos no Rio Negro e logo depois fundeamos diante de Manaus, onde eu, satisfeitíssimo com a minha excursão até a fronteira peruana, desembarquei e tomei novamente posse de minha pousada na casa da agência da Companhia do Amazonas.

Quando deixei o vapor, o seu amável Comandante Nuno Alves Pereira de Melo Cardoso, um oficial da marinha brasileira, que durante tôda a viagem me cumulou de tôdas as atenções possíveis, deu-me ainda uma especificação das distâncias entre os diversos pontos no Solimões, com as suas longitudes, e latitudes como se segue:

						milhas
De Manaus	a Coari	cêrca	de	108 léguas	ou	324 inglêsas
" Coari	" Tefé	"	"	46 "	"	138 "
" Tefé	" Fonte Boa	"	"	58 "	"	174 "
" Fonte Boa	" Tonantins	"	"	63 "	"	189 "
" Tonantins	" S. Paulo	"	"	40 "	"	120 "
" S. Paulo	" Tabatinga	"	"	50 "	"	150 "
				365		1095 "
				= 274 milhas geográficas.		

No que concerne às longitudes e latitudes, ficam:

Manaus	3º 3' lat. sul,	317º 31' long.	Ferro*
Coari	4º 22' " "	313º 59' "	"
Tefé	3º 39' " "	312º 21' "	"
Fonte Boa	2º 30' " "	310º 40' "	"
Tonatins	2º 41' " "	309º 4' "	"
S. Paulo	3º 44' " "	308º 6' "	"
Tabatinga	4º 32' " "	307º 6' "	"

(*) *Ferro*: desde 1634 adotado como meridiano zero, em 1883 substituído por Greenwich. N. do T.

CAPÍTULO VII

Regresso de Manaus ao Pará e Pernambuco. Caminho errado para o Madeira. Serpa. Mais uma vez no Pará. Sua colônia. Os interportos. Chegada a Pernambuco.

COMO o primeiro vapor do Pará só era esperado daí a cinco ou seis dias, e só a 11 ou 12 partiria novamente de Manaus para o Pará, pensei em aproveitar êsse ínterim para uma excursão, havia muito projetada, do Rio Negro à aldeia de Pantaleão, onde, no pequeno rio das Uautas, acima da embocadura do Madeira, a numerosa tribo dos muras estabeleceu um aldeamento.

O amável Vice-Presidente, Sr. Miranda, veio em auxílio de meu projeto do modo mais obsequioso possível. O diretor das obras públicas, Sr. Bráulio Pinto, pôs uma canoa à minha disposição com a respectiva guarnição; adquiri provisões para alguns dias e pude fixar minha viagem de Manaus a Pantaleão para as 6 horas da manhã de 5 de agôsto, para de lá seguir para Serpa e prosseguir a viagem ao Pará, no vapor que vinha de Manaus.

Na hora marcada, achava-me na margem do rio; minha tripulação fusca, porém, não chegara ainda. Esperei meia, uma, duas horas; mas a minha montaria, minha "embarcação" não chegou. Por fim, descobri que canoa e tripulação haviam sumido. Soube que a frota fluvial da Presidência só dispunha duma canoa, e que a que Bráulio pusera à minha disposição era alugada. Quando pedi uma explicação a êsse senhor — porque, afinal, êle devia saber que espécie de barco e tripulação me estava oferecendo por ordem do Presidente — encolheu os ombros e respondeu que não podia ter evitado isso.

O incansável major Tapajós, que já me prestara amàvelmente tantos serviços, tirou-me também aqui de dificuldades. Possuía uma canoa debaixo dágua, que parecia servir para a expedição a Pantaleão. Fê-la flutuar, adaptou-lhe um pequeno teto de Palha, e já ia partir com três índios do Sr. Bráulio, dos quais um devia conhecer bem o caminho, quando se notou que a canoa estava fazendo muita água. Sua borda estava no momento só um pé acima da água, de maneira que, com mau tempo e nessa pequena embarcação, eu iria certamente correr perigo no meio do Amazonas.

Isso já previra o Sr. Guimarães, meu amável anfitrião em Manaus. Quando eu voltava, contrariado, da margem do rio para casa, já êle tinha por precaução escrito uma carta ao Sr. Miranda, requisitando a "canoa do Govêrno" para mim. Isso me foi concedido, e uma hora depois, estava pronto para a viagem. A tripulação de três índios era sem dúvida muito fraca, mas, como a viagem era rio abaixo, dois remadores e um timoneiro me pareceram suficientes, uma vez que conhecessem o caminho para Pantaleão.

Pude assim, finalmente, partir cêrca das 11 horas. Minha "capitânea" pintada de verde passou lentamente por baixo do lindo outeiro de Nossa Senhora dos Remédios e transversalmente pela embocadura do Igarapé de Manaus. Tive ainda uma alegre surprêsa, quando passávamos diante da Casa dos Educandos. Os pequenos músicos haviam tocado para mim, particularmente bem, quando os visitei, uma marcha composta pelo seu professor de música; êste escrevera tôdas as partes dessa marcha e me convidara para ouvir ainda uma vez os pequenos, na véspera de minha partida, quando a executaram em despedida. Dera-lhes então, em agradecimento, uma gratificação, com o que ficaram muito contentes.

Quando passei pelo igarapé de sua casa, e assim que minha canoa verde dobrou o ângulo da floresta, começaram a tocar sua marcha mais uma vez para mim; os remadores pararam, até que terminassem, e o Rio Negro nos tivesse arrastado lentamente mais para diante. Despedi-me assim com música de Manaus no Rio Negro. Isso deixou-me para sempre sua imagem na alma.

Chegamos lentamente até a embocadura do rio escuro, liso como um espelho, lançando-se numa direção leste, lesnordeste mesmo,

no Amazonas. Aí fica também na margem norte, uma enseada tranqüila, com belas colinas cobertas de matas, onde a Companhia do Amazonas tentara estabelecer uma colônia de imigrantes portuguêses.

Algumas casas na margem e mesmo um edifício junto a clareiras na floresta, tornam o local perfeitamente reconhecível. Mas todos os imigrantes, com pequenas exceções, se mudaram de lá. Não se satisfizeram com os pequenos proventos num rio cujas imensas terras marginais pareciam encerrar grandes tesouros. Senhores da língua do país, procuraram, nas diversas localidades situadas nas margens do Amazonas, tentar a fortuna no pequeno comércio.

Exatamente na embocadura do Rio Negro vê-se uma ilha comprida, de maneira que uma faixa do Amazonas corre impetuosamente entre essa ilha e o Rio Negro, podendo-se assim dizer que ela fica no Amazonas mesmo e não mais no Rio Negro.

Esta circunstância determina um duplo fenômeno, muito interessante, sobretudo por ocasião de calmaria. O Rio Negro apresenta-se liso como um espelho e aparentemente sem correnteza, ao passo que pela sua orla exterior passam as águas impetuosas e remoinhantes do Amazonas. Não posso descrever o singular fenômeno melhor do que lembrando a época do descongelamento dos rios nórdicos. Sôbre o gêlo derretido já há certamente água, lisa como um espelho. Nas orlas, porém, rói, come e ferve o elemento completamente livre do jugo. Isso produz também um som e movimento peculiares. Quase sob o equador, veio-me à idéia essa imagem do inverno, que se despede. A semelhança era por demais frisante.

Depois, a "água negra" dum rio corre sem se misturar, ao lado da água pardacenta do outro, para oeste, até que, depois de poucas milhas paralelas, o último faz desaparecer inteiramente o rio negro.

Minha canoa desceu então o caudaloso rio com ambas as águas, quase sem o auxílio dos remos de minha tripulação fusca, muitas vêzes sacudida e saltando no remoinhar e rodopiar das águas por tôda parte agitadas. Procurávamos quase sempre manter-nos no meio do rio, onde a correnteza é mais forte. Ao pôr do sol, abordamos a floresta. Meus tapuias fizeram uma fogueira, para assar

seu pirarucu, enquanto eu fazia minha refeição fria, muito frugal, e me distraía na floresta.

Na orla úmida da mata, apenas um pé acima da água, elevava-se uma árvore gigantesca, coberta por todos os lados de tôda espécie de trepadeiras. Nela, porém, o que chamava mais atenção eram as imensas divisões entre as raízes. Do tronco, já a 16 pés de altura da terra, descia oblìquamente grande quantidade de pregas, prolongando-se em forma de tapumes com reentrâncias e ângulos, de sorte que não existia mais pròpriamente um tronco. A árvore parecia crescer dessa multidão de rebordos das grossas paredes deformadas. Era uma sapopema, da qual os índios sabem cortar hàbilmente os seus remos redondos como pratos.

Para baixo, êsses esteios em forma de tapume se subdividem em inúmeras raízes. Mas nessa árvore a inundação lavara quase inteiramente a terra dessas raízes alongadas enrodilhadas centenas de vêzes umas nas outras. O prodigioso tronco parecia manter-se sôbre mil pés. Pude andar em volta dêle, a pés enxutos, sôbre a rêde de raízes, como sôbre uma grelha de ferro e examinar todos os seus recantos. Quando puxava um ou outro cipó das trepadeiras pendentes, ouvia o ramalhar, a 70 ou 80 pés de altura, por cima de mim, nas copas ocultas da floresta. Quem, na margem do rio gigante, ouve ramalhar assim em cima na floresta espêssa, pensa fàcilmente no puxar da corda do sino no alto do campanário, quando o sol se põe, na hora da Ave-Maria, *the hour of prayer!*

Mas meus índios estavam prontos e partimos. A noite que caía, a solidão entre as matas e o vasto rio, e a circunstância nada agradável de meus três homens cochicharem a miúdo na sua língua geral, premeditando visìvelmente algo que eu não devia saber, impressionaram-me sèriamente. Quem nunca se viu diante da Natureza, na sua desmedida imensidade não refreada por nenhuma civilização, e de homens primitivos sem nenhuma noção de justiça e injustiça, talvez não compreenda como alguém, completamente só, sem nenhuma arma, se possa aventurar num barco com três índios familiarizados com todos os recantos da floresta, que nem ao menos sabem falar o português, à procura duma aldeia de índios, a muitos dias de viagem do ponto civilizado mais perto.

Deitei-me, talvez um pouco preocupado, no fundo da canoa, disse ao timoneiro que me acordasse, se acontecesse alguma coisa, e adormeci. Depois dalgumas horas, acordei novamente; minha tripulação roncava um tranqüilo trio, o barco derivava no meio do rio e tornei a adormecer sem qualquer outra preocupação.

Um surdo trovão acordou-nos todos ao mesmo tempo. A bela constelação de Órion brilhava, fulgurante, na orla duma nuvem escura carregada. Ambas subiam lentamente. Aos primeiros albores da manhã, a trovoada ameaçava desencadear-se com violência; e a isso meu pequeno barco não poderia resistir. Remamos por isso para a floresta e paramos junto a um tronco flutuante, até passar o temporal e estarmos todos bastante molhados. A viagem pôde então continuar no desagradável crepúsculo matinal.

Seguiu-se um dia esplêndido. Um noroeste mais fresco amenizou o ardor do sol; ambos não tardaram a secar nossas roupas, e pude apreciar confortàvelmente a floresta das margens, em cuja orla a vida animal se movimentava num crescendo ininterrupto.

Grandes revoadas de patos bravos, nuvens de araras cruzavam os ares, bandos incontáveis de macacos uivavam na floresta, e mais sèlvagens se tornavam meus índios. Esqueceram-se dos remos e do leme, e com repetidos "Oh! Oh! Oh!" acompanhavam com olhos faiscantes e narinas dilatadas a caça que fugia. Apoderava-se sobretudo dêles uma espécie de desespêro, quando um grande pirarucu saltava perto da canoa, avistavam a cabeça duma tartaruga, ou algum peixe-boi, êsse singular cetáceo, mostrava o focinho resfolegando. Só nestes casos trocavam alguma palavra; e ouvia muitas vêzes, quando conversavam, as palavras *pira, tracaja, tambaqui* etc. até que se consolavam recìprocamente, ou eu lhes dava um gole de aguardente, de que trouxera duas garrafas cheias só para êles. Apenas um dêles falava um pouco de mau português. Quando, porém, eu perguntava: Querem um pouco de aguardente? todos três sabiam dizer com clareza: "É bom!". A bebida alcoólica é, infelizmente, o único meio de manter essa gente nalgum trabalho, e a que êles próprios chamam "bom".

À tarde, o índio que o Sr. Bráulio me dera, como conhecedor do caminho, reconheceu ao longe a foz do rio da Uautas ou Otas,

e de fato não tardamos a entrar num magnífico rio, quase sem correnteza, com cêrca de 1000 braças de largura e águas claras, prêto-esverdeadas, evidentemente ainda represadas, porquanto o Amazonas ainda estava bastante alto para impedir o escoamento das águas dos seus afluentes. Êsse represamento pareceu-me enorme, no rio das Otas, que deságua algumas milhas mais acima do grande Madeira no Amazonas.

O pequeno rio, pelo menos assim figura nos mapas e como tal me fôra descrito, pareceu-me um vasto lago, imensamente grande e largo para um afluente sem importância.

Depois dum pequeno descanso e do nosso jantar, os índios remaram, contentes como eu, pelo imponente rio acima, por estarmos tão perto do fim da primeira etapa da nossa viagem. Algumas canoas passaram ao longe por nós, sem que as chamássemos à fala. O taquiá florescia em esplendorosa abundância ao longo da água escura, lisa como um espelho; a vida animal agitava-se por tôda parte na floresta. As sombras maravilhosas da noite estendiam-se sôbre o rio negro e os mistérios de suas margens cobertas de espêssas florestas, embora o céu estivesse iluminado pelo quarto crescente.

Às 9 horas resolvemos descansar e amarramos a canoa seguramente numa árvore. Mas no mesmo instante ficamos de tal modo cobertos de carapanãs, que era literalmente insuportável. Êsses ataques dos mosquitos são realmente por demais terríveis. Ferram através das calças, do casaco, para não falar no rosto e nas mãos.

Por meia hora, tentamos em vão adormecer. A brincadeira tornou-se verdadeira praga, verdadeiro tormento. Os índios só viram uma saída, remar com tôda a fôrça por três horas mais, e alcançar Pantaleão, logo depois de meia-noite, onde poderíamos encontrar pelo menos um teto em casa do Diretor Lopes Braga.

Nossa canoa voou então mais ligeira rio acima. Quanto mais impacientes meus homens ficavam, quanto mais nos aproximávamos do nosso destino, com tanto mais fôrça remavam. Da meia-noite em diante, perscrutávamos todos os lados, mas nada aparecia que pudesse sugerir uma aldeia. Até mesmo a floresta adormecera. Rodeava-nos um silêncio de morte, só interrompido pelo ruído rítmico dos remos.

Avançávamos cada vez mais, os índios remando com redobrada fúria; não aparecia, porém, uma casa, nem ouvíamos um latido de cachorro ou canto de galo. E assim se passou tôda a noite, sem descanso, sem sossêgo; só Deus sabia onde ficara essa Pantaleão. Parecia que um mágico da floresta a engolira.

Finalmente, um tênue alvorecer clareou um pouco nossa viagem noturna e com grande alegria avistamos ao longe uma canoa com dois índios e uma índia que, no lusco-fusco da madrugada, queriam flechar tartarugas. Alcançamo-los, e meus índios perguntaram-lhes de longe, na língua geral, onde ficava Pantaleão. Um dos pescadores deu uma resposta, que arrancou dos meus três homens uma exclamação de aborrecimento.

Curioso, perguntei em português a um dos pescadores, que me pareceu o dono da canoa:

— Quanto falta ainda daqui até a aldeia de Pantaleão?

— Dois dias de viagem, senhor, — respondeu-me o interrogado em bom português.

Julguei que quisesse gracejar e repeti a pergunta; mas tive a mesma fria resposta; era evidente que não gracejava.

Nesse instante, passou-me como um relâmpago pela mente e perguntei depressa ao meu pescador:

— E como se chama êste rio onde estamos?

— O Rio Madeira, senhor, — respondeu-me no mesmo tom indiferente, e acrescentou: — Em cinco dias pode alcançar Borba!

Muito agradável, realmente! Agora via tudo claro. Meu pilôto, que falava um pouco português, contou na língua geral ao índio, para que me traduzisse, que uma vez, quatro anos antes, estivera no rio das Uautas e Pantaleão e pensara, em Manaus, que poderia encontrar o caminho novamente. Como a corrente do rio nos declives era muito forte, fôramos levados muito mais longe na noite em que adormecêramos, do que os índios tinham imaginado, de maneira que meu guia tomara a embocadura do Madeira pela do Uautas. Acrescentou ingênuamente, que já no dia anterior se tinha admirado em silêncio de que o rio das Uautas tivesse ficado tão largo.

No meu íntimo, desejei sobretudo que o Sr. Bráulio e seu guia fôssem não sei para onde, porquanto agora, se não queria

perder o vapor em Serpa, não podia mais pensar em Pantaleão. Além do mais, não me podia mais fiar em ninguém. Dada a parvoíce de meus índios, era bem possível não encontrassem Serpa.

Perguntei, então, ao pescador quando poderia alcançar a embocadura do Madeira. "Em oito horas", respondeu-me. De lá, como eu sabia pela minha viagem de Serpa para Manaus, poderiam ser apenas quatro horas até Serpa. Além disso, a corrente ajudava. E deixei-os voltar sem mais. Depois, se tivesse perdido alguns minutos para repreender meu pilôto chamando-o burro, boi ou tapiira — anta ou tapir — isso não teria afetado absolutamente, porquanto muitas tribos de índios têm nomes de animais, araras, coatis, e mesmo tapiiras, exatamente como na Alemanha algumas famílias usam também nomes de animais, rapôsa, urso, lebre e até ganso do norte,* para não falar nos muitos lôbos, que deram mesmo notabilidades famosas.

Descemos o Rio Madeira com muito menos pressa do que o subíramos na tarde e na noite da véspera, embora o incidente fôsse inteiramente indiferente aos índios. Penso mesmo que o meu guia, logo ao entrar no Madeira, conhecera seu êrro, sem ter querido confessá-lo, com mêdo de mim.

Alcançamos à tarde a embocadura do belo rio, pelo menos o ponto, de onde, quando se olha a jusante, sua água forma o horizonte, e aparentemente se sai do rio para o mar. Um fresco nordeste estorvou-nos muito aí. Levantava ondas curtas, mas não fracas, contra nós, e minha canoa lutou por umas duas horas com a proa dentro da espuma e dos borrifos da água. No entanto, o vento amainou; convenci-me, porém, de que com aquela pequena canoa, que o Sr. Tapajós me oferecera tão amàvelmente, não poderia certamente ter realizado meu intento.

Na embocadura do Madeira e mesmo no meio dela, repetiu-se exatamente o fenômeno já citado do Rio Negro, a luta de correntes e côres diferentes. A luta no Madeira é mais ruidosa e violenta. Até muito longe ouvem-se o bramir da arrebentação e o turbilhonar das águas e, não se conhecendo êsse fenômeno, poder-se-ia pensar na proximidade duma queda de água.

(*) Em alemão: Fuchs, Bär, Hase, Schneegans e Wölfe. N. do T.

O Amazonas estendia-se agora portentoso diante de mim, um verdadeiro mar de água doce. Minha montaria foi também mais ràpidamente arrastada pela sua corrente; e quando o sol, que se punha na longínqua margem do nordeste, irradiou seus últimos raios, pudemos avistar Serpa. Era noite fechada, quando alcançamos a chamada "Colônia", um quarto de hora mais acima de Serpa, no Amazonas, onde ia esperar o vapor, na sua viagem de volta de Manaus ao Pará. Fiquei deveras contente, quando saltei de minha canoa para terra.

Na colônia já estava tudo quieto. O Diretor do instituto fôra para Serpa. Mandei um negro lá, e, meia hora depois, era recebido e hospedado o mais amàvelmente possível pelo Sr. Moritz Becher. Dormi profundamente, depois de minha digressão errada pelo Madeira.

Às 6 horas da manhã seguinte (8 de julho),* fui despertado pelo toque duma campainha. A vida da Colônia começara.

Podia passar uma vista sôbre os melhoramentos iniciados recentemente.

Quando a poderosa pulsação da artéria do Amazonas — a navegação a vapor — começou no rio, fêz-se sentir a utilidade, a necessidade mesmo de, ao lado dêsse largo passo para o progresso, estimular-se também a atividade industrial e cuidar igualmente dalguma agricultura.

Quem me acompanhou na viagem ao longo do Amazonas, se convencerá comigo sobretudo da pobreza de tôdas as construções, desde as igrejas até a última das choças de índios. Aí tudo é miserável e triste, tão triste, como não se poderia fàcilmente encontrar em nenhum recanto do mundo, a que se dê o nome pomposo de vila ou cidade.

O fabrico de tijolos e telhas, a serragem de tábuas e barrotes deviam ser sobretudo o primeiro trabalho, o primeiro dever. E em parte alguma se poderiam localizar melhor instalações para o

---

(*) Evidentemente se trata de engano, devendo ser 8 de agôsto. N. do T.

preparo dêsse material indispensável, do que em Serpa, a antiga Itacoatiara. *

Essa localidade e seus arredores ficam bastante altos para estar perfeitamente seguros, no caso mesmo das mais inconcebíveis enchentes. Diagonalmente defronte da vila, abre-se o vasto Madeira, de dimensões colossais, cuja riqueza em madeiras deve considerar-se inesgotável. Além disso, Serpa é pôrto de escala dos vapôres, o entreposto natural para o grande rio, para Borba e Crato e até para além das últimas cachoeiras, até onde o comércio pode penetrar.

Numa viagem de 12 horas, o vapor vai de Serpa a Manaus no Rio Negro. Aí se encontram dois grandes rios, o Solimões e o Negro, de maneira que se pode realmente dizer que começa em Serpa a colossal ramificação do Amazonas.

Por isso, a apenas um quarto de hora acima de Serpa, exatamente onde um pequeno afluente do Amazonas entra num lindo lago, foi instalada uma colônia industrial.

Desbravaram uma grande área da floresta, perfeitamente enxuta e saudável, transformando-a numa vasta chã, num terreiro onde depois erigiram, com largos espaços intermediários medidos à trena, em cinco quadriláteros, bons prédios caiados de branco, para 20 pequenos lares. Havia também vastos edifícios destinados à administração, para a instalação duma serraria a vapor e máquina a vapor para moldar e prensar tijolos e telhas, tôda espécie de artigos de barro para construção.

Por tôda parte reinavam ordem e salutar nitidez nessa bela fundação, cujas altas chaminés se elevavam, com singular surprêsa, diante da floresta virgem, como um dedo escrevendo nela: Aqui há progresso! Aqui há Europa!

E quatro partes do mundo concorreram também com o seu contingente para animar o pequeno mundo de Serpa. Engenheiros inglêses e norte-americanos, alguns inspetores alemães de armazéns,

---

(*) Itacoatiara, palavra formada de *coati*, variegado, e *ita*, pedra, que fica no rio e descoberta, quando as águas estão baixas. Tem figuras pintadas, a que depois acrescentaram números. *Coatiar* significa pintar-se com côres como um quati, e *tatuar* pintar-se como um tatu.

26 trabalhadòres chineses, um magote de negros, muitos índios e índias, levam lá sua laboriosa existência, dum lado para outro, cada um na sua esfera, uma população, que, se jamais uma localidade mereceu êsse nome, deve de chamar-se muito apropriadamente um pequeno mundo.

O tato seguro do Barão de Mauá, êsse homem realmente grande, porém modesto, a quem o Brasil no presente deve indiscutìvelmente seu melhor impulso e incitamento, deu-lhe como chefe um honrado e bem educado alemão.

O Sr. Moritz Becher, engenheiro e oficial alemão, que, como tal, fêz a campanha do Schleswig-Holstein, e que com o desmoronar-se da situação, lá, deixou a Europa, juntou-se ao grupo dos militares contratados pelo Brasil; e quando a maior parte das tropas engajadas se dissolveram, foi mandado para o Amazonas, a fim de assumir a direção da Colônia Industrial de Serpa. Originário duma boa e mesmo distinta família — seu tio é o muito conhecido Binzer, dos últimos tempos dos cavaleiros e trovadores alemães — revela à primeira vista o homem de educação perfeita, morigerado, como é indispensável para a direção duma fundação de elementos os mais heterogêneos.

Percorri o novo estabelecimento com êle. Nesse momento estavam ajustando grandes toros de cedro. Depois, a máquina começou a zumbir, e as serras entraram comendo no tronco amarelo-claro, que se transformou em belas pranchas largas e perfeitamente iguais.

Tôda a encosta até ao rio estava cheia de toros prontos para serem serrados em tábuas. Dum modo maravilhoso, que na Europa pareceria incrível, não fôra preciso derribar uma só árvore, para manter essa reserva. Encontram as melhores madeiras nos depósitos naturais que o rio, escavando e reconstituindo constantemente suas margens, formou por tôda parte, ao longo de suas praias, até muito acima dos mais longínquos afluentes. Muitas vêzes êsses troncos, por muitos séculos atirados ali, parecem exteriormente apodrecidos. Mas olhos de conhecedor fàcilmente descobrem o cerne sadio. Apenas serrada a camada exterior nos quatro lados, logo aparece o cerne amarelo-tostado. Assim muitos séculos poderão

ainda passar, antes que se esgotem êsses depósitos de madeira já desgalhados e privados de raízes, nas proximidades de Serpa, nas margens do Madeira e do Solimões, porque as enchentes do rio substituem anualmente a parte consumida.

São serradas de preferência amirídeas, sob o nome de cedro vermelho e amarelo, como também os troncos da maçaranduba, macacaúba, itaúba, espécies de madeiras de mais consistência do que o cedro, pertencentes certamente às famílias das leguminosas, sapotáceas ou mesmo amirídeas. Seja, porém, qual fôr sua família, em pouco tempo essas espécies de madeiras aromáticas (com exceção duma laurínea, que cheira horrìvelmente a excremento humano), êsses troncos aparentemente apodrecidos, com uma casca de lama e lôdo, depressa se transformam em belas pranchas, que serão transportadas para o mesmo rio embaixo.

Ao lado dessa serraria, fabricam-se tijolos e telhas de excelente qualidade. Os tijolos, de bela solidez, tinem como sinos, e, no entanto, são extraordinàriamente baratos em relação a outros produtos semelhantes.

Ambos êsses artefatos, tábuas e tijolos, constituem agora artigos de grande extração, da melhor qualidade. E quando chegar o tempo, em que Govêrno e povo se convencerem de que as casas de Deus no Amazonas não devem ser miseráveis pocilgas cobertas de palha; de que não se tem direito de mandar funcionários do Govêrno morar em buracos e deixá-los morrer em conseqüência, como eu, por exemplo, vi em Tefé; quando o próprio povo se envergonhar de morar nessas barracas côr de barro, e de chamar sua cidade ao aglomerado das mesmas, — então se reconhecerá a alta significação da colônia perto de Serpa, e os importantes resultados, que dela se podem esperar, compensarão as despesas e o muito trabalho, que ainda agora implica.

Enquanto, porém, não vier de cima o auxílio para isso; enquanto no Rio se goza e se constrói um teatro lírico, que custa dois a três mil contos, para um primeiro tenor e uma arrogante primadona, pagando-se somas astronômicas a cantoras e dançarinas, e se deixa por isso a casa de Deus no Amazonas parecer um canil; enquanto, na capital as esferas dominantes se movem numa

meia ciência sem base e falam de notável "ilustração"; enquanto no Amazonas tudo se arruína e já estaria arruinado, se o Barão de Mauá não movimentasse a vida e o comércio lá; enquanto isso continuar assim, tudo será em vão, tudo será debalde no Amazonas, até mesmo a bela e tão bem situada colônia perto de Serpa.

Quando percorríamos os edifícios da colônia, chegou o vapor "Solimões" com o seu Comandante Catrambry, que vinha subindo o rio na sua viagem do Pará para Manaus, e ancorou diante de Serpa, perto da margem.

O "Solimões" tem quase 200 pés de comprimento; é construído conforme o modêlo de vapôres fluviais americanos. As grandes rodas são movidas por máquinas de alta pressão, oferecendo infelizmente muitos perigos. As máquinas ficam situadas na coberta. Por cima delas, construíram enorme coberta de madeira. Um grande salão, de 60 pés de comprimento, muito quente embora ventilado, serve de sala de estar e de jantar; em volta, camarotes pequenos, porém bastante espaçosos para dois passageiros. Por trás do salão ainda, no fim dêsse andar, uma bonita câmara para senhoras. Em volta de todo êsse andar, corre uma galeria coberta, uma varanda agradável para se estar e para longos passeios ao abrigo da chuva e do sol, ambos bastante incômodos nas viagens do Amazonas.

Percorremos o navio, que, com as suas duas chaminés encostadas uma na outra, e as enormes caixas das rodas, parecia um monstro antediluviano, um *Capnotherium* com grandes chifres, que começou imediatamente a cuspir de suas entranhas uma porção de sacos, fardos, caixas e caixões. Minha nova espécie de animal antediluviano estava rodeada de igarités e canoas; tudo foi descarregado o mais depressa possível, numa aparente confusão, tôda a carcaça de madeira vibrando com o estrépito da descarga, até que a preamar da atividade comercial passou lentamente e o "Solimões" continuou viagem até Manaus, donde o esperávamos de volta, muito cedo, na manhã de 12 de agôsto.

Apreciei então um pouco Serpa. A pequena localidade, uma vila, apresenta, inegàvelmente, os indícios duma vida que desperta cada vez mais. Uma fila de casas bonitas, caiadas, cobertas de

telhas novas, ostenta muitos armazéns bem arranjados e lojas, não se podendo compreender como podem existir tantos comerciantes ao lado uns dos outros, sem que se vejam fregueses. Êsse comércio compõe-se quase todo de portuguêses e brasileiros brancos, a maioria dos quais vive com uma índia, de maneira que as crianças mestiças pululam por tôda parte.

Quem não vive dum "negócio", numa casa branca, coberta de telhas vermelhas, forma, em Serpa, um pequeno mundo tapuia, quieto e pouco afetado pelos tormentos e pelos prazeres da vida, que mora em casas de barro, cobertas de palha, e se alimenta exclusivamente de pirarucu e tartaruga. Muitas raparigas e mulheres tapuias, parece que dado o maior número de homens, vão viver mesmo até na colônia de Serpa, circunstâncias que, tratando-se duma civilização apenas iniciada são difíceis de se evitar.

Numa grande praça coberta de mato alto, ergue-se uma igreja, caiada e coberta com telhas, bastante grande para Serpa, que pelo menos tem um aspecto decente e podia servir de modêlo às que estão sendo construídas em Tefé e S. Paulo. Mostraram-me também uma Câmara Municipal com uma Cadeia, uma casa de segunda classe. Fiquei conhecendo igualmente um padre; não pude, porém, descobrir um médico na vila de Serpa, nem na colônia próxima. Todos os habitantes são homeopatas e conhecem tôda a espécie de meios e modos de se curar. Mas centenas de pessoas necessitam dum bom médico, dum cirurgião e dum parteiro, embora êste só raramente seja necessário.

A situação da justiça, igualmente, parece não estar ainda bem definida em Serpa. Ocorrem desavenças políticas e compadrios. Há os que se odeiam, se perseguem, e não se reconciliam nunca; e Serpa não poderia acrescentar ao seu brazão, se o tivera, o belo lema *Viribus unitis*.

Mas alguns negociantes, até onde os pude conhecer e com êles conversar, pareceram-me pessoas amáveis, decentes; com isso porém, não quero absolutamente formar um juízo definitivo sôbre êles.

De Serpa parte uma vereda, numa extensão de cêrca dum quarto de hora, através do campo roçado, mas já novamente inva-

dido pelo mato, para a colônia, por meio da qual esta se comunica muito fàcilmente com a vila, o que lhe é incontestàvelmente de grande vantagem. Tentaram plantar algodão nesse campo; mas não deu resultado. No Amazonas nenhuma cultura prosperou até agora e nem se criou pastagem mais extensa para o gado. Serpa ressente-se em alto grau da falta de carne fresca e de gado de corte, e os sinais de clorose, que atribuo especialmente à falta de carne suculenta de animais de sangue quente, se refletem em muitos rostos na vila e mesmo na colônia.

Resta ainda muito que fazer lá e de que cuidar. Mas enquanto a administração pública não se dedicar séria e continuadamente a tudo isso, não se poderá pensar em promover qualquer aumento de população nos arredores de Serpa.

Quem pode, afinal, estar satisfeito nestas condições? Quando, na minha segunda noite na colônia, voltei a pé para Serpa, entabulei uma pequena conversa com os chineses, que ali trocavam suas idéias de rabicho, e dos quais dois já falavam bem o português.

Êsses chineses mesmo, que pareciam nascidos e predestinados para viver e prosperar no Amazonas e recebiam certamente um bom tratamento na colônia, sentiam-se profundamente saudosos do seu Macau. Que dirá então o europeu nas longínquas margens do rio, sujeito a tôdas as privações e renúncias possíveis? Os últimos vestígios mesmo do estado primitivo ainda chegam até muito perto da colônia tão excelentemente localizada! À noite, quando, sentado só, escrevia algumas notas, ouvia o horrível uivar dos macacos roncadores. As numerosas peles de onças, no piso do meu quarto, indicavam a proximidade dêsse desagradável inimigo. Diante de minha rêde, como tapête, a pele rajada dum gato bravo e a pardo-clara duma suçuarana ou da onça clara sem malhas. Por cima de mim esvoaçavam e chiavam os morcegos, que no Amazonas mordem e chupam o sangue de sêres humanos também. Isso, de longe, é muito romântico e bonito; mas a quem, com mulher e filho, tiver de mudar-se definitivamente para êsse cenário romântico, isso poderá, diante do aspecto da mulher e filho, levar ao desespêro, e aconselho a todo homem honesto que evite a experiência.

Serpa foi minha última parada no Amazonas. Minha estada no "rio das mil ilhas" devia terminar do modo mais esplendoroso que a Natureza podia oferecer.

Combináramos uma excursão a um pequeno lago no meio da floresta, por trás de Serpa, cujo silencioso encanto todos me haviam gabado. Remamos por alguns minutos, subindo o Amazonas numa pequena montaria e entramos depois num igarapé, onde não tardou que a floresta verde nos envolvesse.

Tarde luminosa. A floresta refrescante amenizava o calor do dia. Por cima das frondes verdes pouco densas, o límpido céu azul tropical sem nuvens. Alguns pássaros da floresta chilreavam seu canto sem regra; periquitos ralhavam nos galhos das árvores, ao longo dos quais corriam bandos de macacos com incrível agilidade, enquanto, nos galhos mais altos, muitos gaviões se expunham ao sol e passeavam os olhos penetrantes por sôbre a mata. Pontedereáceas floresciam sôbre a água escura; cássias e leguminosas doutras espécies formavam matizes azuis e amarelos; uma graciosa asclépia branca pendurava-se em longos festões até ao rio em baixo, no qual a canoa avançava sempre com algum trabalho por entre os galhos de árvores caídos da margem.

Mas a selva já se abria; já avistávamos o lago do igarapé, agora mais largo, quando fomos atraídos e presos pelo aspecto duma maravilhosa planta aquática.

De ambos os lados de nossa canoa, 10 a 12 exemplares de *Victoria regia* ostentavam suas fôlhas colossais e soberbas flores.

As primeiras mediam mais de 3 pés de diâmetro. Verde-claro, lisas e redondas, com um rebordo fortemente voltado para cima na orla, o espêsso parênquima flutuava, não mostrando nenhuma veia, porém estendido dum modo altamente peculiar sôbre uma espêssa e forte rêde de veias, como sôbre uma grade. Logo que o comprido e grosso pecíolo chega ao meio da fôlha, divide-se em oito ou dez grossas veias, tão distanciadas da fôlha, a ela ligadas por um parênquima intermediário, até que, afinando para a orla prendem-se diretamente à fôlha, unidas entre si por veias cruzadas, que cercam quadrados regulares, ìntimamente ligados e conexos.

Enquanto a fôlha, na parte de cima, é perfeitamente lisa, quando completamente desenvolvida, tendo apenas pequenos es-

tigmas semitransparentes, na parte de baixo, tôdas as veias e todo o pecíolo são providos de espinhos, de sorte que só se pode pegar-lhes com muito cuidado. Uma fôlha, com a parte inferior voltada para cima, apresenta aspecto muito singular; e mais ainda um renôvo de fôlha, quando acaba de chegar à superfície da água. Tem o tamanho dalguns punhos, e a fôlha, quando nova, é enrolada da orla para dentro e coberta de espinhos muito densos, exatamente como um ouriço embolado.

Mais longe, brilhava uma flor encarnado-vivo azulada entre as fôlhas gigantescas. Quando a alcancei e ia examinar sua estrutura, encontrei-a cheia duma espécie de besouros, muito pròximamente aparentados com os melolontas, e tôda roída. Doze a quatorze dêsses animaizinhos procediam juntos a êsse trabalho destruidor. Quando o nosso jacumã índio os viu, apanhou-os imediatamente, porque êsses besouros, como me disse, têm um extraordinário efeito calmante, sobretudo nas dores de cabeça. Conhecia tão bem o parasitismo dessa espécie de bezouro na *Victoria regia* que os pediu ao Sr. Becher antes de os ver.

Os habitantes da margem do Amazonas, que falam português, chamam a planta forna, porque as fôlhas chatas, com a orla levantada, têm exatamente a forma dessas assadeiras ou fornos — fornas — em que se costuma torrar a farinha de mandioca.

Por fim encontrei ainda um botão inteiramente desenvolvido, quase desabrochando, do feitio duma alcachôfra. Não sem algum trabalho — porquanto o pecíolo da flor e as sépalas são inteiramente cobertas de espinhos — consegui apanhá-lo para tranqüilamente examiná-lo em casa. Pu-lo debaixo do banco da canoa e entramos no lago.

Se palmeiras inajá, javari e murumuru não erguessem suas belas palmas acima das frondes da floresta, poder-se-ia tomar o lago estreito e comprido por uma lagoa duma floresta de Holstein. Reinava profunda solidão e a tranqüilidade da tarde na mata em volta, como se ninguém tivesse jamais procurado aquêle verdadeiro lago da floresta. Mas descobrimos na sua extremidade norte os evidentes vestígios duma antiga plantação, e perto daí deparamos logo um rancho duma família índia, no qual um genro português

com o velho chefe da família e mais alguns trabalhadores viviam de cortar lenha para a Companhia do Amazonas, da pesca e duma lavoura muito limitada. O índio velho tinha também uma pequena forja, e fabricava ganchos de ferro para pescar e pontas de arpão para a pesca de pirarucu e tartarugas.

Receberam-nos amistosamente e permitiram-nos de boa vontade uma exploração na sua floresta, na sua vida de pescadores ao modo índio, porquanto ali o europeu que a êles se unira, aquêle genro, transformara-se num verdadeiro tapuia.

Sob uma varanda estavam sentadas diversas índias, com um bando de crianças bronzeadas, de tôdas as idades, e na mais inocente nudez. Faziam pequenos trabalhos manuais, rêdes, etc., enquanto os homens gozavam do *dolce far niente* a que têm direito em todo o Amazonas. Arcos e flechas para a pesca, arpões com pontas móveis, anzóis, remos etc., constituem principalmente os utensílios domésticos, tudo o mais sendo inteiramente rudimentar. Uma das mulheres preparou-nos a bebida nacional dos muras, chamada cacacá, que não ousamos recusar. E como eu em minhas viagens no Brasil, me habituara a engolir tudo o que serviam selvagens e mansos, bebi também com a maior naturalidade essa cacofonia, verdadeiro *τρια χαππα χαχιϐτα*, e achei-a bem saborosa. Preparam-na com o amido da mandioca macerada, e até com o suco da raiz mesmo, aliás muito venenoso. Na língua da terra chamam a êsse suco tucupi. Cozido dum modo especial, perde, porém, a qualidade venenosa e dá à bebida glutinosa um pronunciado sabor acidulado, que tornam mais picante, adicionando-lhe pimenta. Não há dúvida que essa bebida é nutritiva; mas parece-me que qualquer descuido no seu preparo a torna um pouco perigosa. O Sr. Becher sofreu cólicas nessa noite, mas não posso dizer se causadas pelo suco da mandioca; pela manhã já estava bom. Nada senti depois de a ter ingerido.

Por volta do pôr do sol, deixamos a bela lagoa da floresta, e seguindo pelo pequeno igarapé, fomos sair no grande rio. Mas o aroma singular das vitórias, na entrada da lagoa, parecia seguir-nos. Procurei os meus botões, que, dum modo singular, tinham começado a se transformar em enormes flores vivas, e

levantei na mão um nelumbo meio aberto, um nenufar com quase um pé de diâmetro. Mal tive tempo, quando cheguei em casa, de pô-la num vaso com água. Desenvolveu-se em todo seu esplendor, dum modo extraordinàriamente rápido.

No pecíolo grosso e redondo da flor e no rijo ovário — ambos cobertos de espinhos duros — as quatro sépalas, igualmente armadas de espinhos, tinham-se separado inteiramente. Alternando-se com estas, e descansando a metade sôbre elas, quatro pétalas brancas como a neve rodeavam uma outra coroa de oito pétalas, esta uma terceira, uma quarta e uma quinta, tôdas alvas e sempre alternando-se. Essas admiráveis pétalas brancas, semelhantes às da magnólia, formavam a parte aberta da flor. Seguia-se então uma outra série de oito pétalas brancas semeadas de salpicos e listras encarnadas, e duma outra coroa de oito pètalazinhas duma delicada côr de púrpura, estas últimas curvando-se sôbre os estames, cobrindo assim o epitálamo da flor.

Contei, portanto, no botão que desabrochava, quatro brácteas e 36 pétalas centrais, brancas como neve, oito brancas com pintas e listras encarnadas, e oito purpúreas no centro, ao todo 56 sépalas e pétalas. Seguiam-se então os numerosos estames, cônicos, achatados e grossos, azul-purpurinos nas pontas. Os 30 externos eram estéreis e mais grossos do que os internos, portadores das anteras. A êstes seguiam-se, na disposição circular, 171 estames férteis, todos providos de duas anteras em cima e, para dentro, aderidos ou antes encravados em tôda sua extensão no filamento carnudo, e excedidos pela sua ponta azul-avermelhada. Seguem-se ainda, como cercadura mais profunda da coroa de filamentos, 34 apêndices mais curtos, grossos e carnudos, semelhantes a filamentos, e olha-se então para dentro da cavidade mais profunda da flor, circundada por um friso formado por 34 trabéculas carnudas, portadores dos 34 apêndices filamentosos, que acabo de descrever.

Sôbre a superfície circular do ovário em forma de escudela, com um diâmetro de 2 polegadas, em cujo centro se eleva uma coluna em forma de pirâmide, com mais de meia polegada de altura, ficam, irradiando dessa coluneta, 34 estigmas como ligeiras saliências com suas fissuras. Levam a 34 lóculos, os quais contêm muitas sementes compridas, penduradas nas paredes divisórias.

É também ainda admirável o aparêlho respiratório nas flores. Através de todo o pecíolo da flor correm quatro vias respiratórias que se cruzam. Alternadamente, com cada uma destas, correm duas traquéias muito juntas, de muito menor calibre do que as quatro primeiras. Entre êsses pares de traquéias mais finas, formam um círculo, com elas, quatro pares de tubos de ar ainda mais finos. Todos sobem juntos dentro do ovário, onde formam numerosas pequenas células de ar na substância esponjosa. Quando, porém, com o amadurecimento das cápsulas, as sementes incham, os compartimentos da cápsula expandem-se, comprime a substância esponjosa e deixam escapar-se o ar, que mantém a flor flutuando na água, e a cápsula afunda novamente.

Já à meia-noite, a linda e fragrante flor da vitória, que mal desabrochara no seu pleno esplendor, começou a murchar. Na manhã seguinte, as pétalas brancas estavam bastante murchas e tinham tomado um ligeiro tom encarnado, de maneira que tôda a flor se transformara dum nelumbo branco num nelumbo encarnado.

Assim é que a flor da *Victoria regia*, encontrada inesperadamente no lago manso graças ao seu esplendor, o acêrto, ordem e pureza das côres, a par do seu perfume, oferece ao viajante e naturalista um dom da Natureza, e uma satisfação íntima, realmente raros, e que aquêles que vêem a rainha das ninfas do mundo tropical enlanguescer nas estufas européias, saudosa da pátria e das queridas amigas no lago do país distante, nunca poderão sentir, nem mesmo imaginar.

Oferece assim, aos que escutam, contentes, os ecos poéticos da Natureza — e êles ressoam por tôda parte no maravilhoso Cosmos — uma maviosa e elegíaca despedida. O acerbo manto de espinhos do original botão, seu súbito desabrochar ao pôr do sol, o branco puro da flor perfumosa, o diluir-se das côres dentro dela, do encarnado vivo até a púrpura carregada, as pètalazinhas velando o epitálamo envergonhado, e o rápido murchar da graciosa flor virginal, coberta na madrugada dum ligeiro rubor, e que, murcha, não tarda provàvelmente a pender outra vez para terra, para o último desenvolvimento do fruto — êstes momentos na curta vida da *Victoria regia*, são vozes da vida duma flor, que talvez emocionem muitos corações e os comova, fazendo-os vibrar em ressoantes acordes em tom menor.

Uaupé apona, caçarola de pássaro, chama-se a vitória régia na linguagem da floresta e deviam ter-lhe deixado êste nome. Com efeito, quando o vento do dia inunda a larga bacia da fôlha com algumas ondas pequenas, os pássaros da floresta, pousados na orla levantada da sua *apona*, acham ali o melhor lugar para beber. No norte poético, far-se-ia os silfos banharem-se à noite nas fôlhas da *Uaupé apona*.

Entretinha-me com o exame do belo botão que murchava, quando me trouxeram um chinês, que acabara de esmagar um dedo na máquina a vapor. Tive que amputar metade do dedo do pobre portador de rabicho. E contudo estava mais satisfeito com isso do que se tivessem querido cortar-lhe o rabicho. É bem triste que em parte alguma na vizinhança de Serpa haja um médico, que em Serpa e nos seus arredores centenas de pessoas estejam expostas a tôdas as espécies imagináveis de moléstias e eventualidades. Nos poucos dias passados lá, tive ensejo de atender a consultas médicas, tendo sido bastante singular ter encontrado um maquinista com uma pequena ferida no pé, que eu já tratara, 14 anos antes, no Rio, quando gravemente doente no hospital daquela cidade. Reconheceu-me, assim que me viu.

Preparei-me para deixar êste singular pôsto avançado da civilização, Serpa e sua Colônia, esta última um pequeno acampamento Wallensteineano, com uma guarnição de quatro partes do mundo. Até ao último momento despertou-me o maior interêsse. Quando ia pela última vez de Serpa para casa, pelo caminho do campo, encontrei ainda algumas árvores do sabão (*Sapindus*), cujos frutos redondos contêm um suco gordo, viscoso, que substitui o sabão. Mas o sucedâneo parece-me bastante inferior.

Muito mais notável foi ainda uma gigantesca sumaumeira, poupada graças ao seu tamanho e por isso abandonada inteiramente só no campo.

Era na verdade um gigante. Mas o terem-na considerado um gigante extraordinário e terem-na por isso poupado, por causa de suas dimensões, de forma alguma inauditas, prova que, muitas vêzes, viajantes, julgando o porte de árvores, só pelo seu aspecto, as exageraram ou não foram exatos na expressão das medidas.

Se quiser dar as dimensões da circunferência que os contrafortes da árvore atingem sôbre a terra, calcularei em 76 pés. Mas, medindo essas colossais sapupemas, como se chama essa formação de raízes achatadas fora da terra, não se pode falar dum verdadeiro tronco. De fato, só se pode falar dum complexo de divisões, recantos angulosos e reentrâncias que, subindo obliquamente para o seu ponto comum de reunião, a cêrca de 24 pés de altura acima da terra, fundem-se num tronco firme e perfeitamente redondo. Aí, porém, o tronco não media certamente mais de 5 pés de espessura. Sua altura até a copa podia ser de 40 a 50 pés. Alguns de seus galhos têm a espessura de troncos medíocres de árvores e não se lhes pode negar o nome de gigante da floresta. Que ela pareça mais gigantesca do que de fato é, deve-se ao extraordinário desenvolvimento de suas raízes chatas fora da terra. Numa lenta subida formam uma pirâmide de madeira, que embaixo, na sua extremidade mais distante, pode ter um diâmetro de 22 a 24 pés. Mas, em boa consciência, não se pode absolutamente dar o diâmetro dessa pirâmide de madeira como sendo dum tronco; é apenas um panejamento, as vestes da princesa da floresta.

Entretanto, êsse singular panejamento de madeira do tronco escondido, onde as pregas se encontram, concorre sobretudo para dar à árvore um aspecto realmente fantástico. Ereta, e inteiramente afila, com dois grandes galhos horizontais, de respeitável calibre, estendendo-se até longe, representava uma imponente, porém horrível metamorfose dum velho rei Harald encanecido, em redor do qual tinham derribado e queimado os companheiros. Aos primeiros raios baços da lua cheia recém-nascida, o tronco hirto, em cujos galhos mais altos ainda luziam os últimos fulgores do poente, parecia realmente espectral. Ademais, começavam os macacos a uivar seu melancólico noturno na floresta por trás dêle, e os golfinhos davam fortes e repetidas pancadas com suas caudas chatas na água, para se atrair. É crença popular no Amazonas que êsses cetáceos, nas noites de luar, se transformam em gente e vagam pela terra, para seduzir criaturas humanas, sobretudo mulheres, e levá-las consigo para o reino das águas, onde, por sua vez, se mudam em golfinhos. Essa crendice chega ao ponto de, como me contaram em Serpa, um ingênuo soldado de polícia ter seguido de longe, um dia inteiro, com grande zêlo profissional,

porém com muita cautela também, um forasteiro que, por galhofa, se fêz passar por um dêsses peripatéticos golfinhos, para apanhá-lo em flagrante. Os golfinhos do Amazonas parecem-me, aliás duma espécie peculiar.

Não se ocultará, numa noite de lua cheia no Amazonas, nessa lenda dos golfinhos, na hirteza duma princesa da floresta e na encantadora flor da *Uaupé apona* todo um sonho duma noite de verão tropical e o mais belo texto para uma futura ópera wagneriana, com coros de palmeiras inajá, de cabeleiras verdes, e alegres recitativos das arirambas esvoaçando nas margens tranqüilas? A palavra profundamente romântica do Padre Tieck:

> Noite mágica de luar
> Que se apodera dos sentidos
> Mundo maravilhoso de fadas
> Que se eleva ao velho esplendor

pode sempre reviver no Amazonas. Matéria para isso lá certamente não falta.

A "noite mágica de luar" de 11 para 12 de agôsto estava quase terminando, quando o "Solimões" passou com grande ruído, em baixo, pela Colônia, e ancorou diante de Serpa — um Caliban num mundo de Miranda.

Era o decampar, a partida. Depois dalguns minutos, chegaram passageiros do vapor à Colônia, para ver as instalações; sobretudo, porém, para a venda de chapéus de palha, trazidos do Peru.

Esta não se realizava sem algum humor, o que eu presenciava, sempre que alcançávamos algum ponto de nossa escala. Jovens *commis voyageurs* peruanos, moços de chapéu de palha, dos quais havia cinco ou seis no "Solimões", assim que uma embarcação encostava no vapor atiravam-se para dentro dela, com um pacote de chapéus metidos uns dentro dos outros. Com isso percorriam, vendedores ambulantes, judeus do oeste, tôda a localidade, procurando por entre louvores humorísticos vender sua mercadoria, no que eram bem sucedidos. O processo causava sempre uma impressão singular, pensando-se na dignidade do antigo comércio hispano-americano.

Às 11 horas deixamos Serpa. As acomodações do navio eram confortáveis, porém mais próprias para o clima frio do norte do

que para uma viagem no Amazonas; sofremos muito com o calor. Entretanto tive a vantagem de dispor de um camarote exclusivo, que retive por tôda a viagem, não importando o número de passageiros que se pudessem encontrar a bordo.

Ao anoitecer, ou antes, na noite de luar, alcançamos Vila Bela da Imperatriz, da qual, apesar da "mágica noite de luar", se podia ver tão pouco como sob o sol abrasador do dia de S. João, quando saltei pela primeira vez em terra.

Na manhã seguinte, 13 de agôsto, avistamos Óbidos, já antes citada, que me pareceu, depois de experimentar a solidão do Solimões, duplamente civilizada e aprazível sôbre sua arejada margem elevada, e onde mais uma vez desembarquei de bom grado.

Poucas horas depois, a caudalosa torrente arrastava nosso vapor, e não tardou que a pequena cidade ficasse longe, atrás de nós.

U'a marcha mais rápida de 14 nós salientava cada vez mais, dum momento para outro, a fôrça e impetuosidade da corrente. Menos perto da orla da floresta do que quando subíamos o rio, o vapor resfolgava, avançando nas águas pardacentas; tôda a vida da floresta, tôda a vida animal distanciavam-se, à medida que crescia a fôrça da corrente, e o horizonte de água se mostrava em diversas direções. E avançamos assim até ao cair da tarde. Saímos depois, do rio largo, entrando no já citado paraná, que desemboca no largo Tapajós.

O sol se punha, quando ancoramos diante de Santarém. O belo afluente do Amazonas, semelhando um lago sem fim, cintilava no arrebol do poente; todo o céu no oriente, tôda a superfície da água formavam um grande mar de fogo, que numerosos golfinhos, vindo à tona, faziam ondear em trêmulas enciclias. A cidade à beira da água, plácida e silenciosa. Demos um passeio pela mesma e chegamos ao longo da margem do rio, a um lugar onde as águas, ao baixar, formaram uma praia de areia sêca, na orla descoberta do Rio Amazonas, por trás de cuja margem mais distante, coberta de florestas, a lua cheia vinha surgindo com raro esplendor. Supunha-me à beira-mar.

Na areia limpa fervilhavam lavadeiras, pescadores e grupos de banhistas, enquanto crianças, no costume nacional pardo-escuro da completa nudez, se rebolavam na areia, formando com todos os

outros um quadro alegre da vida natural no remoto oeste. Mas a noite caía ràpidamente. O velho comendador Pinto, a quem estávamos visitando, levou-nos na sua bonita canoa para bordo, onde já se achavam meus companheiros de viagem e tarde da noite, depois de rápida visita a Santarém, deixamos o Tapajós seguindo, sob o maravilhoso luar, rumo à caudalosa via fluvial, estendida diante de nós como um mar largo.

Na manhã seguinte, divisei um triste grupo de pessoas, sentadas na proa, separadas dos outros passageiros; uma mulher, três homens e um menino. Todos apresentavam mais ou menos sinais de morféia, aquela chamada elefantíase grega, tão disseminada no Brasil, e que ocasionou a descoberta de muitos remédios exaltados, mas sempre ineficazes.

Por ocasião da primeira visita a Santarém, referi-me àquele Costa de Paracari e seu remédio, com o qual se acabaria com todos os morféticos. A presidência do Pará mandou três médicos a Santarém e Paracari para examinarem os casos, e depois de acurado exame ficou averiguado, como o *Monarchista Santaremano* de 11 de agôsto publicou, que tudo não passara duma intrujice e o próprio Costa, que tinha solicitado importantes subsídios do Govêrno, pedia agora insistentemente o livrassem dos doentes, o que se procurava fazer por todos os meios, fornecendo aos infelizes tão cruelmente burlados, passagens nos vapôres da Companhia do Amazonas para onde quisessem ir.

E assim êsses infelizes de Paracari e Santarém se espalharam ao longo de todo o Rio Amazonas, afligindo os habitantes ribeirinhos, a quem causavam asco. Eram repelidos quase por tôda parte. Como um dêsses infelizes tivesse ficado em Prainha ou Vila Bela, perseguiram-no por tal forma, ameaçando-lhe até a vida, que construiu uma pequena cabana na floresta próxima, e só nalgumas ocasiões se aventurava secretamente na localidade, para se prover das coisas mais necessárias à vida, exatamente como se vivesse na velha Palestina.

Com os nossos doentes a bordo deu-se naturalmente o contrário. Deram-lhes um bom alojamento arejado e dispensavam-lhes tôda a atenção, prestando-lhes todos os serviços; não notei uma única vez que alguém a bordo os evitasse visível e inamistosamente, embora todos penosamente se comovessem diante do seu aspecto.

Logo na manhã seguinte, alcançamos Prainha, para deixá-la pouco depois. Daí em diante, a corrente não pareceu diminuir de sua impetuosidade. De fato, até ali, até Santarém, como afirmam algumas pessoas, dá-se um retardamento periódico da corrente, certo represamento da água, uma espécie de preamar.

Na floresta de Prainha já aparece, entre a vegetação, um representante mais importante da última seção do Amazonas. Apertados em magníficas colunatas e constituindo, nalguns lugares, tôda uma floresta, surge novamente a palmeira miriti, a altiva rainha da floresta, sobretudo no Tocantins e Grão-Pará. Tivera pouco antes oportunidade de observar de perto uma maurícia que crescia. O grosso pecíolo da fôlha, suculento, porém firme, tinha mais de doze pés de comprimento, antes de abrir em leque. Um homem precisava recorrer a tôda a sua fôrça, para carregar uma só dessas fôlhas. E cada tronco apresenta de 12 a 20 delas enquanto sob elas pendem em círculo 6 a 12 cachos de frutos, cada um com até 200 grandes frutos pardos. A nobre árvore eleva-se, porém, a grande altura, a imagem perfeita de calma, majestade e, ao mesmo tempo, de encantadora graça, suportando, sem se curvar, o enorme pêso da coroa.

Essas maurícias são com a pupunha ou pirajau, com as diversas astrocárias, javari, tucumã e murumuru, com a inajá e as esguias euterpes, certamente os mais nobres exemplares da floresta nas margens do rio das mil ilhas.

O rio das mil ilhas! Essa expressão se impõe realmente cada vez mais ao viajante, que voa Amazonas abaixo. Um braço de rio entrelaça-se com outro, um separa-se do outro, um após outro cerca um grupo de ilhas e descobre um horizonte de água doce após outro, nos quais os barqueiros, vindo do Peru, crêem sempre ver o mar, sem encontrar água salgada, pensando sempre na velha expressão de curiosidade: *Mare, an non*? Não é êsse então o mar largo?

Descemos assim todo o dia o rio e passamos por aquela bela cadeia de montes, que, começando em Monte Alegre, vai encontrar a pequena Serra da Velha Pobre, nos altos tabuleiros de Paru e Almeirim. Atravessamos depois o mar de água doce, diante da embocadura do Xingu, onde tudo se inflamava sob o fulgor dos raios do sol poente. A floresta parecia resplandecer, chamejando;

o fogo líquido do rio coruscava, ondeando. Já escurecia, quando fundeamos diante de Gurupá. Aí embarcamos ainda mais duma dúzia de passageiros, um *reverendíssimo padre* com a sua concubina e um filho, cunhada e sogra, que com tôda a ingenuidade *du vice* continuaram a viagem conosco. Êsses pequenos *penchants* carnais do clero brasileiro não devem mais admirar, como teremos ocasião de ver mais tarde, encontrando nos seus caminhos amorais êsses senhores que, na sua licenciosidade, são muitas vêzes realmente cômicos.

À meia-noite exatamente, chegamos àquele lugar, onde, no meio dum canal estreito e comprido, a ilha Itacoara, aquêle singular tufo de floresta, se mostra como um poste indicador, assinalando o ponto de onde o Amazonas irradia seu braço estreito de ligação e os múltiplos canais para o Grão-Pará. Deixamos o gigantesco Amazonas e seguimos por uma vereda fluvial escura, no meio da mata, rumo ao Grão-Pará.

A silenciosa viagem noturna através da selva, onde a lua tentava em vão filtrar sua claridade, foi por algum tempo ininterrupta. Encontramos um junco carregado de mercadorias, afundada, e que só com o auxílio duma grande fôrça poderia salvar-se. Dessa fôrça, porém, só dispunha o vapor; e o capitão Catrambry julgou não poder recusar o auxílio e a assistência. O trabalho teve êxito e continuamos a viagem, sem ter perdido mais do que algumas horas.

O largo "Solimões" quase não podia atravessar a Atúria, a passagem apertada da floresta a que já me referi. Parecia, à luz do luar, que a cada momento ia roçar pela floresta à direita ou à esquerda e ficar prêso aos galhos. Atravessamos, porém, intactos, e por algumas horas da manhã ainda navegamos por um mundo de canais, de águas quase estagnadas. Ter-se-ia realmente pensado numa cidade transformada em mata, numa Veneza vegetal, a floresta cortada por milhares de mansas lagoas verde-escuras, na qual numerosas pontedereáceas flutuavam dum lado para o outro, como gôndolas venezianas.

Em Breves havia — porquanto estávamos a 15 de agôsto, dia da Assunção de Maria — festa de igreja e uma alegre cena matinal, em que figuravam índios ao lado de muitos brancos. É aqui onde

mais se vendem aquêles utensílios de barro pintado, característicos do Amazonas. Comprei uma quantidade de tigelas e vasos originais para flores, enquanto o navio tomava lenha pela última vez; e às 10 continuamos viagem, depois de receber ainda passageiros e algum gado.

A grandiosa vastidão do Grão-Pará abriu-se então diante de nós, depois de deixarmos o mundo de palmeiras tão perto, ao longo dos intricados canais, ao sul e sudeste da Ilha de Marajó. Os horizontes de água doce tornavam-se cada vez mais freqüentes e mais largos, recordando-me o vasto oceano. Um fresco e forte oeste soprava por sôbre o rio e a baía de Marajó. Uma multidão de velas brancas, aqui em pequenas canoas, além em igarités maiores, e mais além em ligeiras escunas de proas muito finas, brilhavam até longe, ao longo da superfície agitada; um pequeno mar, pleno de atividade comercial.

Como o Grão-Pará toma parte muito ativa nas marés, não nos podíamos admirar de que, à tarde, sobreviesse uma estagnação da imensa superfície da água, cuja corrente até então nos favorecera, e que, ao pôr do sol, essa estagnação tivesse cessado e todo o mar de água doce começasse a refluir. Só pudemos prosseguir lentamente, percorrendo apenas uma pequena distância.

As marés altas de agôsto e setembro são importantes na costa brasileira, de sorte que o mar, entrando, leva suas águas até muito longe rio acima. Sentimos isso também. Ou fôsse porque a baía de Marajó estivesse agitada pelas ondas longínquas do oceano revôlto, do qual nos achávamos sempre distante 30 milhas geográficas em linha reta, ou porque o fresco oeste só por si açoitasse a superfície: a baía, a princípio encrespada, tornou-se um lago agitado, e êste num mar ligeiramente encapelado. Nosso "Solimões", um barco de 200 pés de comprimento, começou a arfar rìtmicamente, como uma pequena embarcação, enquanto mulheres e crianças começaram a gritar e a gemer, descompassadamente, e acabaram enjoando.

Só depois de meia-noite voltou algum sossêgo às águas revôltas e com êle o sono aos que sofriam e se lamentavam.

Quando, porém, a "Erigenéia dos dedos róseos" nos acordou, o "Solimões" já estava, havia muito, ancorado diante de Belém do Pará. Houve um despertar geral em todo o vapor e a multidão

de gente — brancos e de côr, doentes e sãos de ambos os sexos — e de animais, segundo suas espécies, se escoava para a terra defronte.

Minhas malas e caixões foram logo transportados para terra. Ainda não entrara em casa do Sr. Tappenbeck, quando seu amável e incansável sócio, Sr. Brambeer, veio ao meu encontro, para, exatamente como seu amigo, Sr. Tappenbeck, que logo depois chegara à cidade, vindo de sua casa de campo, prenderem-me e cumularem-me de novas atenções e sua velha amizade.

Entrei em sua casa, quando vim de Pernambuco, como um estranho e receberam-me como alguém a quem conheciam desde muito. Voltando de Cametá, tinham-se tornado amigos queridos, e na volta do Amazonas eram os mesmos amigos e companheiros amáveis e prestimosos. Apesar das muitas amabilidades recebidas, em tôda minha viagem, de pessoas amáveis e boas, não posso contudo calar, que os mencionados Srs. Tappenbeck e Brambeer, de Belém do Pará, conquistaram o primeiro lugar entre tôdas.

À amabilidade dêsses senhores, no meu regresso, juntou-se a alegria de encontrar gratas notícias da Europa, embora entre elas a dum acontecimento terrível. Como nem príncipes nem nações querem ouvir, não obstante, em tempo algum, a Providência ter deixado de advertir a uns e outros, o Senhor teve por isso de proceder a um terrível julgamento nas margens do Míncio e nos arredores de Solferino, castigando-os todos, de maneira que milhares de imperialistas e realistas cobriam o campo. O mundo horrorizado não participara de nenhuma fanfarra da *grande victoire;* ao contrário, os condutores das nações voltaram para casa, curvados e envergonhados — porque Deus os castigara — e sôbre os cadáveres dos que tombaram já tinha crescido a palma da paz, a mais nobre e linda de tôdas as palmas.

Que elas continuassem a crescer em infinita quantidade, mais ainda do que os milhões de maurícias nas margens do Grão-Pará e do Amazonas!

Passei ainda uma semana agradável no Pará, à espera do vapor, em que pretendia regressar a Pernambuco, relembrando com prazer os acontecimentos dos últimos meses e a estação desfavorável, embora, pela rapidez de minha viagem e pelo nível

elevado das águas no rio, me tenham escapado muitos aspectos essenciais daquele mundo de rios.

Escaparam-me, em particular, duas espécies de animais. Só uma vez pude ver, e isso mesmo por um instante, um pequeno lamantim (*Manatus americanus*) que vivia cativo num viveiro de peixes, embora tivesse descoberto muitas vêzes essas sereias peculiares do Amazonas, na sua mais vasta devesa, quando punham o focinho fora da água, resfolegando, para respirar. Em Manaus mesmo, onde a carne dêsse peixe mamífero (peixe-boi) aparece no mercado como alimento ocasional, nenhum lamantim fôra apanhado, quando estive lá. O nível alto do rio impedia sua captura.

Não se pôde também encontrar nenhum poraquê ou a enguia elétrica (*Gymnotus electricus*), embora muito conhecido do povo como habitante das baías tranqüilas e dos lagos. A descrição imortal de Humboldt, da luta entre cavalos e *gymnotus*, diz tudo sôbre êsse estranho animal.

E por fim não me foi também dado ver a rápida entrada duma maré viva no rio, a pororoca, no Pará, fenômeno certamente bastante violento e perigoso para embarcações pequenas. Não me encontrava no Pará por ocasião de nenhuma maré viva.

No domingo, 21 de agôsto, a Colônia de Nossa Senhora do Ó, muito perto do Pará, deu-me oportunidade para uma bonita excursão.

Desde que a fundação de colônias no Brasil, entrou na ordem do dia, têm surgido por tôda parte emprêsas colonizadoras, boas e más; no Pará interessaram-se também por êsse empreendimento e tentaram por vários modos atrair gente, fôsse donde fôsse.

O Sr. José do Ó de Almeida, ex-funcionário da Marinha, tentou então fundar, do outro lado de Guajará, o braço do Grão-Pará onde fica a cidade do Pará, na Ilha das Onças, uma colônia e pô-la sob a proteção de Nossa Senhora do Ó, uma potenciação da Mãe de Deus, de que tanto se tem abusado, cujo fundamento e causa não conheço.

Velejei com vento fresco por uma boa meia hora para a ilha do outro lado, onde fui recebido com muita amabilidade pelo empresário. A vista da colônia é muito bonita. Do outro lado do Guajará, que mede aí certamente 3 000 braças de largura, ergue-se

a cidade do Pará em tôda a sua extensão e largura, e tem um belo aspecto.

No que, porém, concerne à colônia, apresenta um aspecto mais miserável. Para não melindrar o ativo empresário, que luta com sua colônia verdadeiramente *pro aris et focis,* porquanto tem seu dinheiro empregado nela, tratarei da Colônia de Nossa Senhora do Ó, de conformidade com o relatório que o próprio José do Ó de Almeida publicou na *Gazeta Oficial* do Pará, de 20 de julho de 1859, pouco depois da visita do Presidente Frias de Vasconcelos.

Depois dalgumas palavras de introdução do empresário, cujos próprios dizeres queremos citar, segue-se:

Topografia do terreno. A situação da colônia é pitoresca e agradável, separada da capital pelo belo Rio Guajará, que forma na margem uma pequena enseada. É reconhecida como tal por aquêles que a julgam sem paixão.

A travessia do rio pode ser feita a qualquer hora do dia ou da noite e na preamar ou na vazante.

Essa facilidade de travessia habilita os colonos a levar seus produtos a qualquer hora do dia para o grande mercado da Capital, sem perda de tempo, e dá-lhes ao mesmo tempo oportunidade de se abastecerem do necessário a suas famílias; e vivem contentes e satisfeitos. [?]

O terreno é realmente baixo e sujeito às inundações equinociais. Esta circunstância, longe de prejudicar a lavoura, que se pratica naquele solo, favorece-a, tornando-a mais produtiva. As irrigações que a Natureza realiza nas suas terras é feita por meios artificiais, nos países de agricultura mais adiantada.

O exemplo das grandes instalações agrícolas na Europa confirma esta verdade. E não são as abundantes colheitas, obtidas nas margens do Nilo, devidas às inundações, que as regam em determinadas épocas do ano?

A experiência dos moradores da colônia confirma também esta asserção. A fértil vegetação demonstrada pela fôrça de exuberância dêsse solo é prova evidente do que acabo de dizer. É cortada por pequenos igarapés, que servem de vias fluviais e ao mesmo tempo drenam as águas estagnadas, encontradas talvez nalguns pontos. Os colonos transitam por êles nas suas embarca-

ções ou pequenas canoas quando saem de suas casas, levando os produtos da terra para a Capital. O nível da terra não é mais baixo do que aquêle em que está situado o palácio do govêrno, conforme medições exatas a que se procedeu.

Êste é o campo sôbre o qual os inimigos da colônia brandem as armas da calúnia, declarando o solo impróprio para qualquer espécie de cultura. As lavouras que aí se podem ver provam o contrário.

Reconheci que o solo nalguns lugares não se presta a certas culturas, de fevereiro a abril, todos os anos. Nos outros nove meses, tudo floresce e frutifica, desde que se lance a semente à terra e se guardem os cuidados necessários.

Estradas e caminhos. Abrira estradas, continua o Sr. do Ó, para facilitar as comunicações no interior da colônia; mas a falta de braços para mantê-las sempre limpas fêz com que o mato as invadisse, tornando-as intransitáveis.

Essa dificuldade obrigou-me a abrir apenas picadas através da mata, que facilitavam as comunicações com certos pontos da colônia.

Nas zonas cortadas pelos igarapés, êstes constituem as vias de comunicação, como já disse.

Agricultura em geral. A lavoura praticada na colônia não corresponde ao número de colonos nela existente.

Não obstante as férteis colheitas, produzidas no solo cultivado em pequena escala pelos colonos, êstes entregam-se mais à indústria extrativa de produtos naturais. Aos meus conselhos e discretas advertências respondiam que, como homens livres, faziam o que lhes parecia melhor. Não prestam a menor atenção aos cálculos aproximados com que procuro convencê-los das vantagens da lavoura.

Se pela persuasão não se convencem homens que não querem trabalhar com a enxada e o arado, muito menos se conseguirá pelo rigor. Já aconteceu algumas pessoas retirarem-se da colônia, por eu tê-las obrigado a trabalhar para não desistirem de sua indolência e vagabundagem. Que poderá um diretor de colônia fazer com gente dêste jaez? Esperar algo do tempo e da persuasão para o trabalho?

Não obstante êsse obstáculo, pratica-se a cultura em pequena e grande escala. Cana de açúcar, cacau, arroz, algodão, urucu, milho são sobretudo as plantas cultivadas neste solo. Embora êle seja particularmente adaptado à cultura da cana de açúcar, presta-se também à cultura de legumes e plantas industriais, se os colonos a elas se quiserem dedicar.

Oficinas. Das oficinas que montei na colônia, — continua o Sr. do Ó — apenas mantive a serraria. Esta não posso realmente suprimir, por causa de sua utilidade para a colônia. Trabalha no período da enchente, quando os engenhos de açúcar não podem trabalhar por falta de matéria-prima, isto é, quando os colonos não lhes levam a cana. Além disso, é um benefício para os jornaleiros, dado o salário que ela lhes paga.

Suprimir com desvantagem, vendendo máquinas e utensílios, as oficinas de ferreiro, marceneiro, torneiro e a fábrica de conservas e licores, porque a renda não cobria as despesas; tôda ela era consumida pelos salários e manutenção das oficinas e fábricas.

Além dêstes ponderosos motivos, obedeci às recomendações do nosso amado Monarca, de que só devia ocupar-me da agricultura e pôr de parte tôdas as manufaturas, por achar que a mistura de diversos ramos da indústria prejudicava o desenvolvimento agrícola.

Atendi a essa judiciosa recomendação, como era do meu dever.

Instrução e hospitalização. Instituí uma escola elementar na colônia, na qual um professor lecionava das 6 da manhã às 6 da tarde. Estava aberta aos colonos de ambos os sexos e qualquer idade, como também para os moradores na vizinhança da colônia, que se quisessem utilizar dela. Dos 150 colonos, apenas 31 a freqüentavam, e êstes graças à minha insistência para que cumprissem êsse primeiro dever que a todos incumbe. Os freqüentadores da escola, antes analfabetos, hoje lêem e escrevem sofrìvelmente.

Como visse que os colonos só compareciam à escola, obrigados, aborreci-me e fechei-a novamente, para evitar uma tarefa que não correspondia aos meus desejos.

Fiz imprimir numa tipografia própria e publicar um jornal da colônia, intitulado *O Colono de Nossa Senhora do Ó,* visando divulgar os processos agrícolas e industriais, como são praticados nos países civilizados, e animar e estimular a colonização nesta

província. Tive, porém, de desistir dessa emprêsa, porquanto as assinaturas não davam para as despesas, e os poucos recursos disponíveis não podiam suportar êsse *deficit*.

A vantagem resultante da publicação dêsse jornal foi a compilação duma série de processos industriais e agrícolas da maior utilidade para a província. Essa compilação está à disposição de todos que quiserem conhecer êsses processos.

Como, porém, a tipografia se tornou inútil, sustada a publicação do jornal, estou procurando vendê-la.

Duas enfermarias foram postas à disposição dos colonos doentes de ambos os sexos. Tive de fechá-las, porque não podia atender às despesas delas resultantes. Enquanto estiveram abertas, tive para com os doentes, que nelas se trataram, a caridade que deve informar todo bom cristão.

Construções. Sôbre êste assunto, devo apenas acrescentar que as existentes bastam aos serviços da colônia, e não empreendi mais nenhuma. As existentes são simples e sem nenhum luxo, mas sólidas e seguras.

Salubridade. A moléstia local endêmica é a febre intermitente; as outras aparecem e desaparecem conforme a estação, como em outras localidades. Os colonos, que estão acostumados ao clima local, são robustos e resistem às moléstias endêmicas. No momento nenhum colono está doente.

Essa peculiaridade da moléstia foi o pretexto para a guerra, com que os inimigos da colônia saíram a campo, declarando a localidade inabitável. Não se lembram que essa peculiaridade de tôdas as terras sujeitas a inundações desaparece com o arroteamento e a cultura do solo, e já se viram terras insalubres se tornarem saudáveis e habitáveis por meios a que recorre o gênio humano nesses casos.

Hoje os habitantes desta colônia gozam mais saúde, depois do arroteamento, cultura e derivação de águas.

A experiência mais para diante livrará também dêsse preconceito aquêles que pertencem a esta colônia, onde quer que vivam.

Religião. A capela de Nossa Senhora do Ó não está pronta, porque tive de atender a outras necessidades, tão importantes quanto dar graças ao Altíssimo. Penso sèriamente na conclusão

dêsse edifício e a realizarei, assim que os recursos pecuniários permitirem.

A religião da maioria dos colonos é a católica apostólica romana. Mas não forço ninguém, que tenha religião diferente, a seguir a nossa. Deixo-os seguirem os ditames de sua consciência e educação, contanto que não construam igreja. A tolerância em matéria de religião é uma necessidade numa colônia, pressupondo-se que nelas se encontram diversas nacionalidades e credos.

* * *

Segue-se no relatório do Sr. do Ó de Almeida, sob a epígrafe "Colonização", a confissão de que colonizar é difícil; seu próprio "gênio empreendedor", como êle chama a essa tendência especulativa, de que a Providência divina o dotou, convenceu-o dessa dificuldade, depois das mais severas lições.

O Tesouro provincial emprestou-lhe oito contos de réis (6 000 táleres) para começar com colonos estrangeiros; mas "a soma assim empregada ficou perdida, dada a fuga dalguns e a morte de outros". Vivem contentes e felizes, disse o Sr. do Ó, a princípio. Com isso queria que a soma citada lhe fôsse dada de presente; negaram-lha, porém, e foi para o Rio solicitar auxílio ao Imperador e ao Ministério. Fizeram um contrato com êle, mas a má fama de que gozava o clima do Pará impediu o aliciamento de colonos estrangeiros, embora se tivesse perdido muito dinheiro com agentes, caçadores de gente e aliciadores. Os cônsules estrangeiros são também muito acusados de terem concorrido para impedir o aliciamento, e os parentes sobreviventes dos mortos de exagerar as condições em que se encontraram, e que tiveram de suportar. "Vivem contentes e satisfeitos", disse, porém, o Sr. do Ó, falando sério. No meio dessa confusão de inconseqüências, disse êle, então, com tôda razão: "O Sul do Brasil pode ainda ser conveniente para a colonização, porque lá o clima, a agricultura e a alimentação são semelhantes aos dos colonos. No Norte, porém, a colonização, embora não seja inviável, será, contudo, muito lenta e difícil".

O homem, sem coragem e sem fôrças, pediu, todavia, lhe mandassem "órfãos abandonados e gente pobre de ambos os sexos para

colonizar"! No Rio conseguira obter do Govêrno 30 contos (24 000 táleres) e agora solicitava abrogassem as condições a êles ligadas, e o presenteassem com êsse dinheiro ou o deixassem pagar em pequenas prestações.

Se, finalmente, devo dar minha opinião, a Colônia de Nossa Senhora do Ó é bem a mais lamentável que já vi no campo da colonização. Caracteriza-a perfeitamente a escolha inadequada do local, a má disposição interna e a maneira fácil, inadvertida, de atrair colonos e prendê-los. No fundo, tôda a razão de ser da colônia cifra-se em ter o fundador julgado a Ilha das Onças um solo excelente para a cultura da cana de açúcar. Mas, para fazer uma plantação de cana, no velho estilo, com negros escravos, êle não tinha dinheiro. Invocou, então, a Mãe de Deus, e empurrou-lhe aquela burla, sob o nome de colônia, burla em que o empresário ainda se arruína.

Por felicidade, apesar de todos os projetos do Sr. do Ó, só existem 127 pessoas na colônia, e entre elas apenas 37 trabalhando no campo. Esperemos que ninguém mais caia em ir para essa pequena Caiena.

Aconselhei-o a passar aquilo tudo ao Govêrno. Isso êle faria de bom grado; mas o Govêrno dá dinheiro para especulações coloniais, entretanto não gosta de trabalhar êle próprio nesse terreno.

Quando se vê com os próprios olhos, e se examina esta miséria no remoto Pará, e depois se lê o discurso laudatório, pronunciado nas câmaras legislativas pelo Marquês de Olinda, sôbre a colônia de Nossa Senhora do Ó, não se pode reprimir uma dolorosa indignação, e só desejar que tornem por fim o velho e bom Marquês inofensivo.

O mais bonito na Ilha das Onças, defronte da cidade do Pará, são os rizóforos polimorfos e seus compridos apêndices germinantes — as aéreas, graciosas bignônias, trepadeiras, a esplêndida florescência das esterculiáceas, numerosas pontedereáceas e sagitárias, com grandes flores de três pétalas, balançando-se como borboletas, dum lado para outro.

Deve-se ir a Nossa Senhora do Ó apenas por causa dessas lindas criaturas. Tudo o mais é burla.

No dia seguinte ao de minha excursão à famosa Colônia de Nossa Senhora do Ó, o vapor "Paraná", em que eu já tinha ido uma vez do Rio para a Bahia, veio resfolegando rio acima. Pouco depois que chegou, soube que o velho e jovial Santa Bárbara, o marinheiro cuja perícia eu tantas vêzes comprovara, era seu comandante nessa viagem.

Aprontou-se tudo para a partida. Minhas arcas e caixas com muitas bonitas coleções foram trancadas e pregadas, e como a escuna hamburguesa "Alexander", da casa do Sr. Tappenbeck, estava sendo carregada e dentro dalguns dias devia fazer-se de vela para o Canal, eventualmente para Hamburgo, êsses meus já tão citados amigos tiveram também nessa ocasião a grande bondade de encarregar-se do embarque de minha bagagem.

A 24 de agôsto acompanharam-me até a bordo, e despedi-me dos honrados moços, que tinham sabido conservar intacto todo o valor de seus leais corações nórdicos.

Ao meio-dia, o "Paraná" descia o canal rio abaixo, e não tardou que a imponente Belém do Pará ficasse muito para trás de nós.

O rio gigantesco patenteava-se em tôda sua grandeza. Reconhecemos apenas a Ilha de Marajó ao noroeste; o horizonte de água tornava-se cada vez maior e o aspecto do rio cada vez mais oceânico. Uma multidão de velas, pequenas e grandes, singravam afoitas e impávidas a superfície pardacenta, agitada numa movimentada dança marinha, na qual o "Paraná" não tardou a tomar parte muito ativa, num compasso mais lento, o que não agradou aos passageiros.

Um forte nordeste e a maré entrando com impetuosidade no rio, muito mais, porém, do que isso, um desarranjo na máquina do vapor, que não pudemos identificar, retardou tanto nossa marcha que, ao anoitecer, ainda nos encontrávamos na foz do rio. Embora contássemos com um excelente pilôto, fomos forçados, porquanto a margem longínqua da terra firme não tardou a sumir-se a tentear nosso caminho com a sonda, o que torna sempre perigosa uma viagem em águas, cujo fundo não está tão provecta e exatamente sondado como no Mar do Norte.

Às nove horas da noite, rumamos ao norte. À 1 hora, suspendeu-se inteiramente a sondagem, e rumamos ao Maranhão. Avistamos, porém, ainda ao romper do dia 25 de agôsto, o farol de Salinas, atrás de nós, e devemos confessar que, em 18 horas de viagem, navegáramos muito pouco. Durante todo o dia, avistamos a sudoeste uma costa arenosa, deserta e quase inóspita. O mar ligeiramente agitado e quase todos os passageiros muito enjoados. Só a 26 de agôsto, ao cair da tarde, divisamos o Itacolomi do Maranhão com o seu farol, um outeiro ou monte, pelo qual se orientam os navios vindos do norte. Aproximamo-nos prudentemente da larga, porém perigosa barra de S. Luís do Maranhão. As luzes de S. Marcos e Ponta da Areia indicaram-nos o caminho, mas a nossa sonda se obstinava em prevenir-nos contra a falta de profundidade, de sorte que largamos ferros já bem distantes da cidade, para grande consôlo e maior sossêgo dos ânimos dos enjoados do vapor.

A baía do Maranhão surgia diante de nós, na manhã seguinte, na plenitude de sua beleza, exatamente como da minha primeira visita. Uma fresca brisa marinha soprava de leve por sôbre a terra e o mar. Um brigue dinamarquês, uma barca francesa e numerosos barcos menores, passavam voando por nós, levados pela maré vazante, e velejando oblìquamente contra o vento, para começarem a dança do mar, logo por trás da Ponta da Areia. Erguia-se um banco de areia após outro; no período das grandes marés da lua nova em agôsto, correspondentes a uma baixa extraordinária das águas, tôda a baía parecia realmente querer tornar-se em terra enxuta. Perto do vapor, estendeu-se um comprido banco de areia, de maneira que o "Paraná" quase encalhara sôbre êle. Os restos duma barca naufragada, de que na preamar só víramos o cesto da gávea, mostrava-se agora tão perfeitamente em sêco, que algumas pessoas vieram a pé enxuto até êle, para passear em volta do navio.

Imediatamente começou um variegado formigar de barcos em redor do vapor. Chegaram grandes alvarengas carregadas de carvão para abastecer-nos de combustível; os negros passavam atirando uns aos outros com incrível destreza os cestos em que o carvão era levado para bordo; descarregavam-se mercadorias e carregavam-se sacos de farinha para o Ceará, embarcavam e de-

sembarcavam passageiros. A balbúrdia não acabava, sendo o mais divertido ver a luta dos barcos com as ondas que se entrechocavam.

Soubemos então por que nossa viagem decorrera tão lenta e algo receosa. Um martelar incessante nas caldeiras do vapor advertiu-nos de que alguns dos seus tubos haviam estourado, que era preciso aquecê-las com muita cautela, o que me fazia lembrar outra pequena aventura no mar, no pequeno costeiro "Paraná", na viagem da Bahia para Canavieiras, na costa de Ilhéus, onde perdi todo meu dinheiro, quando o navio, fazendo muita água, estourou mais um tubo, e derivamos por algum tempo sem govêrno e quase afundando.

Fui para terra a fim de fugir ao fragoroso retintim do consêrto das caldeiras e fazer algumas visitas médicas e sociais. Perambulei mais uma vez pelo aprazível Maranhão. Num jardim público floresciam plumiérias e plumbagíneas; na Praça do Quartel brilhavam os leques de estames, pendentes de esterculáceas purpúreas. De qualquer ponto de onde se avistava a bela baía em baixo, viam-se velas desfraldadas; por cima delas piavam gaivotas; bandos de garças passavam voando, tôda uma revoada de colheireiros encarnados voava por cima dos mangues dum lado para outro; uma vista bonita como poucas.

Depois dalgumas horas agradáveis num amável círculo de família, voltei ao cair da noite novamente para o vapor, não sem algum trabalho, porque a preamar entrava com impetuosidade. Só no dia seguinte, domingo, 28 de agôsto, e isso mesmo às 6 horas da tarde, nos fizemos novamente ao mar.

Depois de dois dias muito agitados, durante os quais um vento inconstante soprou ora do norte, ora do sul e oeste contra nós, e fazendo o vapor jogar dum modo sumamente incômodo, avistamos, tarde da noite, o farol do Ceará, sem que pudéssemos ancorar. Noite muito desagradável. Nas muitas voltas que dava, o vapor tomou tôdas as posições e fêz todos os movimentos possíveis, só se estabilizando um pouco na manhã seguinte (31 de agôsto), quando nos aproximamos da praia um pouco encoberta, e pudemos ancorar ao lado duma barca inglêsa.

Já contei que o Ceará fica no meio dum oásis africano. O mar dum lado, dunas do outro, e coqueiros em volta não eram,

contudo, ainda, o bastante para completar o quadro líbico. Há algum tempo, chegaram ainda 14 camelos, com os respectivos beduínos, e esperam-se muito bons resultados dos novos animais e homens, que parecem dar-se muito bem lá.

De todos os lados, voavam para nós as procelárias, as leves jangadas, num contínuo vaivém, trazendo sacos de carvão, côcos, galinhas e carga, entre esta até um cavalo, cujo embarque foi muito divertido. Essa azáfama das jangadas, que muitas vêzes consistiam ùnicamente em cinco troncos, durou todo o dia, e vimo-las durante tôda a viagem até Pernambuco. Ora aparentemente mergulhadas nas ondas e na espuma, ora flutuando e deslizando livremente sôbre elas, enxameavam por tôda parte como peixe-voador dum lado para outro, muitas vêzes tão longe da terra que os temerários jangadeiros difìcilmente ainda poderiam avistá-la! E, contudo, nada acontece a êsses singulares argonautas!

No Ceará tomamos, como no Maranhão, diversos grupos de passageiros, e às 5 horas fizemo-nos ao mar. Mas encontramos um vento mais fresco e um mar mais encapelado, e a noite do último de agôsto para o 1.º de setembro, na fase da lua nova, fêz-nos sentir vivamente que nas proximidades do Cabo S. Roque e para além podia reinar um tempo outonal.

Setembro começou com um aspecto mais ameno. Nossa rota, muito perto da costa, onde a corrente marítima, em nossa direção, era muito menos forte, estava protegida por alguns recifes mais distantes, como por exemplo, as Lavadeiras. Depois de passarmos as pontas mais salientes do Mel, do Tubarão e dos Três Irmãos, entramos em águas mansas, num verdadeiro canal, cujo resguardo do lado do mar não se podia ver, por estar submerso, a alguns pés de profundidade. À tarde avistamos muito perto um lugarejo de onde nos olhavam curiosos, e já tarde, ao anoitecer, aportamos em Tôrres, pequena localidade a noroeste do Cabo S. Roque, que não se deve confundir com a pequena Toiras, já mencionada, escondida entre coqueiros, logo ao sul do mesmo cabo. Fundeamos diante da citada Tôrres, porquanto, à noite, não poderíamos fàcilmente sair do canal, ao longo da costa, entre esta e os arrecifes, e também porque, de noite, diante do Rio Grande do Norte, onde devíamos apanhar passageiros e mala postal, nada teríamos que fazer em pleno mar alto.

Graças ao tranqüilo ancoradouro diante de Tôrres, os passageiros desfrutaram duma noite agradável e a Companhia dos vapôres poupou algumas toneladas de carvão, pelo que ambos devem certamente agradecer ao velho Santa Bárbara.

Na madrugada de 2 de setembro, prosseguimos em nossa viagem, não sem novo motivo de gratidão ao nosso velho Nereu. Ao norte do nosso rumo, montada em cima dum pequeno recife submarino, ainda não constante de nenhuma carta, uma bela e grande barca. O mastro do meio já havia caído; a não ser isso, o navio parecia ainda inteiro. Era uma barca austríaca, que naufragara, vindo de Antuérpia para Pernambuco. Quando o navio, algumas semanas antes, se aproximara mais da costa, à noite, encontrara ainda profundidade bastante; mas um quarto de hora depois, estava tão seguramente encalhado em cima do rochedo, que nenhuma manobra o pôde fazer flutuar novamente. Foram forçados a decidir-se pelo naufrágio. Do Rio Grande do Norte, que ficava perto, mandaram socorros, e salvaram a carga, certamente avariada. Não houve perda de vida humana; tôda a tripulação pôde abandonar o navio e seguir para o Rio Grande do Norte.

Logo depois, passamos diante das encostas de barro vermelho, os únicos sinais distintivos do Cabo S. Roque, só com alguns pés de altura, e fundeamos, novamente no mar alto, diante do Forte dos Três Reis Magos do Rio Grande do Norte. O forte balouçar do vapor até ao cair da tarde foi muito incômodo. Eram, porém, sobretudo dignos de lástima alguns passageiros que haviam tomado um bote para alcançar o "Paraná". As vagas sacudiam-nos rudemente. Entre êles encontrava-se o capitão austríaco Lusina, de Fiume, daquela barca naufragada e sua mulher, um casal realmente bonito e bem educado. Ambos tinham pago bem caro a excursão pelo mundo; o navio pertencia-lhes e só uma parte estava segurada.

À agitação do dia seguiu-se uma noite ruim e algumas senhoras enjoadas e crianças, que gritavam, sentiram-se aliviadas quando, na manhã seguinte, o vapor entrou em águas mais calmas. Encontrávamo-nos na barra do Paraíba do Norte, onde um navio novamente, uma barca também, sob a bandeira chilena, encalhara sôbre um recife. Parecia, contudo, poder ainda ser salva, embora

a tripulação duma pequena escuna de guerra brasileira, ancorada junto do forte de Cabedelo, tivesse em vão se esforçado para fazer flutuar novamente o navio carregado de carvão. Subimos o rio até perto da cidade; tivemos, porém, uma hora depois, de abandonar o ancoradouro, por causa da maré vazante, e descer novamente até à povoação de Cabedelo, para não encalhar na lama. Não pude por isso visitar a cidade da Paraíba do Norte, realmente sem importância, e só a vi, desta vez também, através do óculo.

Cabedelo, um idílio de pescadores sob denso coqueiral, ofereceu-nos um belo ancoradouro, um cenário verdadeiramente indígena que animou nossos passageiros a irem a terra, esquecidos de que todo cenário índio é muito mais bonito, quando apreciado dalguma distância. Homens e senhoras tentaram passear; mas isso não foi possível, por falta de bom caminho. Sentaram-se sob uma grande árvore; tiveram, porém, de mandar buscar cadeiras, por causa das formigas. Pude observar do navio, através do óculo, seus gestos nervosos e estou convencido de que foram mordidos a valer pelas formigas e mucuins.

A primeira casa comercial, a do Sr. Vinagre, abrira uma grande bancarrota, ao que parece, um tanto suspeita, de 600 contos (500 000 táleres). Logo que se soube disso em Pernambuco, as firmas interessadas enviaram seus agentes para salvar o que fôsse possível; e com isso parece que as coisas ainda se complicaram mais. O enxame de *commis voyageurs* queria voltar pelo "Paraná" e assaltou-nos como uma nuvem de gafanhotos.

Essas aves de arribação são agora tão incômodas na América do Sul quanto no norte da Europa. Sua presença no "Paraná" foi-nos bastante desagradável. No salão era grande o apêrto; todos os camarotes repletos, todos os leitos tomados. As lamentações dum jovem casal brasileiro, chegado um pouco tarde a bordo e sem leito, comoveram-me, e ofereci-lhes o meu belo camarote, sem que encontrasse um para substituí-lo, o que para mim não era desdita, porquanto um viajante não precisa de cama; dorme sôbre qualquer superfície horizontal.

Um jantar algo barulhento seguiu-se ao tumultuoso congestionamento de passageiros, e nossa partida foi adiada para tão

tarde, que apenas saíramos até ao forte de Cabedelo, quando tivemos de ancorar novamente, tendo nosso pilôto declarado estar muito escuro para passar a bóia vermelha e levar o navio barra a fora.

Começou a fazer-se sentir um mau humor geral com muitas pilhérias boas e más. Seguiu-se-lhe uma noite original. Tudo regurgitava de passageiros; sofás, bancas, mesas e cadeiras, tudo ocupado. E contudo, nem todos estavam ainda deitados. Até tarde da noite, esgueiravam-se vultos na meia claridade do comprido salão, apalpando, à procura dum lugar e encontrando tudo ocupado. Na minha juventude, gostávamos muito dum brinquedo: metade dos que tomavam parte, devia sentar-se nas cadeiras indicadas em segrêdo pelo outro partido; se sentasse em cadeira errada, apanhava.

Era mais ou menos o que se passava a bordo. Um ou outro sentava-se com muito receio e cautela na ponta dum banco já tomado, ou duma mesa, para se ir acomodando melhor, lentamente. Recebia, porém, em regra, uma pancada muito demonstrativa com a mão ou eventualmente um ponta-pé do ocupante, que acorda, e tem que mudar-se novamente. Bem uma dúzia de pessoas erravam assim longamente dum lado para outro, cada uma com um travesseiro debaixo do braço, por entre os roncadores e praguejadores, até desistir de qualquer plano de encontrar um agasalho sob um teto. Julgo que todos ficaram contentes, quando o dia amanheceu e partimos.

Fizemo-nos ao largo. A princípio a viagem transcorria sofrìvelmente. Mas o vento começou logo a soprar com fôrça e o "Paraná" a arfar muito. A tarde trouxe, além disso, um tempo chuvoso muito interessante e realmente quase não se podia suportar mais o vento e a chuva na coberta e o enjôo no salão.

Avistamos por fim Olinda, através do véu cinzento da chuva, e não tardamos a reconhecer Pernambuco, por trás da rebentação elevada muito alto. O pilôto do pôrto chegou, mas com a triste notícia de que teríamos de ficar bordejando lá fora, até às 6 horas, antes que o navio pudesse transpor a barra.

Enquanto os passageiros, enjoados, irromperam em lamentações ao ouvirem esta notícia, os sãos sentavam-se à mesa do jantar,

onde eu, sentado pela última vez ao lado do meu velho comandante, bebia à saúde do Capitão Santa Bárbara. Que tudo corra bem ao velho lôbo do mar!

Duas ou três vagas formidáveis, que fizeram o "Paraná" jogar como se fôsse virar, advertiram-nos de que estávamos entrando no pôrto. No meio da tempestade, chuva e escuridão da noite, dissolveu-se o caos humano, na maioria macilentos e pálidos. Pensei involuntàriamente naquele:

Não vos envergonheis, vós os pálidos!
Na onda está o *viking* mais forte!

CAPÍTULO VIII

Minha última estada em Pernambuco. Regresso pelo vapor inglês "Tyne", por S. Vicente e Lisboa, à Inglaterra e, pelo continente, a Lübeck.

COM o meu regresso a Pernambuco, a 4 de setembro, terminava minha viagem no Brasil. Esperava com a mais viva saudade o vapor inglês "Tyne", que, tendo tocado, como sempre, em Pernambuco pouco antes do meu regresso a esta cidade, voltava agora, 10 dias depois, do Rio de Janeiro, e devia levar-me ao pátrio Norte.

Nesse entretanto, flutuavam em minha imaginação os grandiosos e lindos quadros que presenciara no Amazonas. Todo o Norte do Brasil se comprimiu numa imagem geral, para ficar para sempre gravado em minha memória.

Contudo, ao despedir-me da parte setentrional dêsse imenso país, lançando um olhar retrospectivo, não podia olhá-lo sem alguma amargura, ou antes, desalento.

A parte mais importante do Brasil fica na zona tropical. Seu portentoso rio, o rei dos rios, corre em tôda sua extensão, de Tabatinga para baixo, para o mar, entre o equador e quatro graus de latitude sul, e oferece infinitas dificuldades a uma agricultura regular.

Enquanto o despotismo português manteve o trabalho obrigatório, enquanto os índios foram conservados numa escravidão modificada, enquanto se pôde importar negros da África em quantidade suficiente, a agricultura e a pecuária floresceram, e o Norte do Brasil desenvolveu-se.

Desde, porém, que os índios vivem livres, desde que o tráfico de escravos ou antes a importação de escravos da África cessou,

— porque o comércio e a propriedade de escravos continuam ainda legalmente em todo o Brasil — desde então a produção obtida pelo trabalho forçado dos índios e dos negros comprados, e o desenvolvimento da agricultura deram formidáveis passos para trás, evidentes em todo o Norte brasileiro e notado com apreensão no comércio em geral.

Resta, então, apenas, a vigorosa fôrça européia. O Brasil, dentre todos os países situados na zona tropical, deve demonstrar pela primeira vez que um país tropical pode ser cultivado pelo trabalho europeu, pelas energias européias e pelo trabalho e energia de descendentes de europeus, enquanto no Extremo Oriente, na Índia e nas Ilhas de Sunda as energias indígenas, ou as que lhes ficam mais próximas, trabalham e os europeus quase não fazem senão dirigir êsse trabalho.

No Brasil isso é inteiramente diferente; poderia mesmo dizer que no Norte do Brasil se dá o contrário. Aí os nativos — como devemos chamar o elemento humano resultante ou nascido do agrupamento de antigos imigrantes europeus, negros e índios — querem atrair europeus para substituir a escravatura moribunda e auferir proventos do trabalho de estrangeiros. Pelo menos esta é a idéia dos proprietários de terras naquela região, que já começaram a auferir lucros por êsse sistema.

À consecução dêsse desígnio parece-me, porém, anteporem-se obstáculos insuperáveis, enquanto perdurarem as atuais condições no Brasil, pondo-lhe estorvos no caminho. O imigrante europeu livre, se o houver para o Norte do Brasil, conhece bem o valor do seu trabalho, com o qual desejariam mantê-lo prêso em benefício dum proprietário de terras. O imigrante, por isso, só quer trabalhar em terra própria e gozar só com sua família os frutos do seu trabalho. Um proprietário de terras, acostumado ao sistema da escravatura, porém, não tem nenhuma noção dêsse anseio de independência num europeu pobre, não o pode tolerar, se não quiser arruinar-se no meio dos seus latifúndios. Enfrentam-se aí dois elementos opostos, irreconciliáveis, numa eterna luta de extermínio. Já tivemos exemplos concludentes disso em tôdas as emprêsas particulares, na Mucuri, na de Almeida do Ó, e até mesmo na fundação colonial, na embocadura do Rio Negro, no Amazonas.

A isso vem juntar-se ainda outra circunstância muito séria. Ao passo que no Sul do Brasil, um clima perfeitamente salubre torna as terras acessíveis ao emigrante europeu e abençoa seu trabalho, o mesmo não podemos dizer do Norte, dum modo igualmente absoluto.

Aí todo o rio, tôda a terra cultivável é, a falar verdade, insalubre e hostil a tôda emigração livre da Europa; aí tôda tentativa de colonização tem de ser feita com o maior cuidado, com a mais ansiosa precaução, ou antes, para falar francamente e dizer a verdade, deve ser evitada com todo o cuidado e precaução. Quem subir e descer os rios que visitei ao norte do Rio, observar imparcialmente a pouca gente que por lá se fixou, informar-se sôbre as moléstias que lá ocorrem, deverá julgar-se muito feliz, se escapar vivo das águas, que acarretam as pestes.

Pode-se dizer isso dum modo mais extensivo do Amazonas, êsse grande representante dos rios tropicais brasileiros. Já na cidade do Pará, onde tanto se fêz para a manutenção da saúde, começa o flagelo das moléstias. De 350 alemães lá entrados em 1836, só viviam 90, um ano depois. Registou-se horrível mortandade entre êles. O clima insalubre ofereceu-lhes um tratamento miserável e, talvez, uma vida desregrada dêles mesmos a mão assassina. Dêsses alemães, em tôda a viagem de 500 milhas alemãs pelo rio gigante, só pude encontrar ainda e falar a dois. Contaram-me muitas histórias tristes e revoltantes.

Defronte da cidade do Pará fica aquela colônia atrofiada de Nossa Senhora do Ó! Três meses são aí inteiramente perdidos por causa da enchente, e dois outros por causa das febres intermitentes entre os colonos. Disseram-me isso na presença do próprio empresário Almeida. Êsses fatos são muito sérios.

E se se fundasse também uma série de núcleos coloniais por meio de imigração, e com muito trabalho os fizesse florescer um pouco, e se mantivesse no período crítico dos primeiros tempos, quais seriam as conseqüências? Isso mesmo que torna, sem dúvida, a cidade do Pará temerosa para os europeus, a febre amarela. Do Pará até Tabatinga o rio forma uma linha ininterrupta, que aparenta as mais perfeitas condições dum bom campo para a febre

amarela e nela se encontra gente com predisposição para essa moléstia.

E quando se considera o serviço de saúde por parte do Estado, do Govêrno, então a negligência, a falta de consciência excedem realmente tôda concepção. Onde encontrei um médico, depois que dei as costas à cidade do Pará? Em Santarém, Óbidos, Manaus, Tefé e Olivença? E se nada fazem pelos seus próprios filhos, que fariam por colônias de estrangeiros? Quem quiser conhecer a indolência duma administração, viaje, subindo, ao longo do Amazonas!

Minha última estada de dez dias em Pernambuco foi, afinal, apenas uma despedida da cidade e de muitas pessoas amáveis, que lá conhecera. Se êsse ligeiro conhecimento dá direito a uma manifestação, direi, com prazer e de bom grado, que o pequeno grupo de alemães que encontrei em Pernambuco me causou a melhor das impressões. Sua vida e seu trabalho pareceram-me uma existência sã, amando igual e ìntimamente a Natureza e a Arte.

Não sem alguma preocupação, quanto mais se aproximava a chegada do paquête inglês do Rio, eu vinha observando o mar da janela do meu hotel. O equinócio de setembro, que se aproximava, fazia suas ondas agitarem-se com mais violência, indicando a impetuosidade das grandes marés. Enormes vagas rebentavam com estrondo de encontro aos arrecifes do pôrto e passavam-lhes por cima, em ondas de espumas. Quanto mais se aproximava o período da lua cheia, mais alto subia a maré, que alcançou o seu máximo, exatamente, a 14 de setembro, um dia depois da lua cheia, no mesmo dia em que o "Tyne" devia chegar do Rio, como de fato chegou, para tomar a mala postal e passageiros diante de Pernambuco.

O grande vapor fundeou no mar alto muito agitado, a boa meia milha de distância do pôrto. Alcançá-lo num barco aberto era problema muito perigoso, que eu devia resolver, se quisesse ir para a Europa. Em 4 de setembro, quando vim do Pará para Pernambuco no "Paraná", já me haviam exposto as dificuldades a enfrentar no mês de setembro no embarque em vapôres ancorados ao largo, fora do pôrto, e tinham-me aconselhado a seguir no mesmo "Paraná" para a Bahia, a fim de tomar com mais segurança

o vapor inglês naquele pôrto. Nessa ocasião julguei isso desnecessário. Mas quando, a 14 de setembro, pude apreciar *de visu* a situação, arrependi-me de não ter seguido para a Bahia.

Numa baleeira perfeitamente apropriada, com uma tripulação de cinco homens, tentei, cêrca de 5 horas da tarde, minha fortuna. Todo o pôrto interno estava agitado; mas isso me importava muito pouco. Quando, porém, junto ao farol, que o mar salpicava até a lanterna, demos volta à Tartaruga, e, no instante seguinte, me vi no meio do tumultuoso rolar do mar, minha respiração tornou-se um pouco mais curta, e as 1000 braças seguintes em que eu era jogado para cima e para baixo pelas montanhas de água de diversas alturas foram um belo comêço de minha viagem de regresso à Europa.

O mar ao longe não me parecia tão revôlto; chegou, porém, um momento de verdadeiro perigo, o de atracar e subir para bordo. O navio gigantesco subia e descia como um pequeno pedaço de cortiça sacudido pelas ondas. A caixa da roda, onde eu devia saltar, tão depressa mergulhava na água como segundos depois, se elevava novamente 12 pés no ar. Ora gritavam-me de cima que era melhor voltar, e não tentar atracar; ora que devia apressar-me, quando sobreviesse um instante de calma. Atiraram-me um cabo. Quando queria segurá-lo, um oficial gritou-me: "Não segure com fôrça!" larguei-o e meu barco voou, afastando-se novamente. Não faltavam conselheiros que gritavam, mas a verdade é que não me podiam prestar auxílio.

Uma forte vaga, ricocheteando do navio, encheu minha baleeira de água até ao meio, encharcando-me completamente, e decidiu tôdas as dúvidas. Agarrei, apesar de tôdas as advertências de bordo o cabo que me atiraram de cima, arrancando-me do barco; trepei por êle de maneira a poder alcançar a escada na caixa da roda. A minha bagagem seguiu-me logo depois, e estava embarcado.

Soube então, a bordo, o motivo por que aguardavam minha chegada com certo receio. Pouco antes de mim, chegara um bote com caixotes contendo ouro, no valor de 25 000 libras esterlinas. Deixaram-no entrar debaixo da caixa da roda e aí foi despedaçado e afundou com a valiosa carga. Os remadores puderam salvar-se.

Devíamos partir às 9 do dia seguinte, depois duma noite agitada. A perda de tão importante soma e a circunstância de se achar o mar, a 15 de setembro, mais calmo, ensejaram a demora e o envio dum escafandrista de Pernambuco. Todos os preparativos para a tentativa de mergulho indicavam que os homens vindos com o aparelho, não entendiam do assunto, antes o tratavam com visível displicência, tagarelando e bebendo aguardente. No entanto, chegaram ainda diversos passageiros, até mesmo algumas senhoras e crianças a bordo. Colocaram cordas numa cadeira de vime, de maneira a poder pendurá-la num guindaste do navio. Essa cadeira era arreada para cada bote que chegava; as pessoas, que deviam ser içadas, sentavam-se e eram amarradas nela. O pêso era levantado imediatamente, como se se tratasse dum saco de café, e chegava sempre bem a bordo, embora algumas senhoras mostrassem uma palidez mortal, quando chegavam ao navio, e um homem desmaiado tivesse de ser deitado num banco para voltar a si.

Todos chegaram assim felizmente a bordo. E como os preparativos para o mergulho não chegassem a um resultado e, não sendo possível o vapor esperar mais tempo, o capitão mandou levantar ferros.

O sol punha-se côr de sangue por trás do majestoso Pernambuco e irradiava seus raios vacilantes até muito alto no céu a oeste, quando o nosso possante vapor, inteiramente livre do laço de ferro, que desta vez o prendia ao solo brasileiro, descreveu um grande arco e rumou a oeste, com vigorosos impulsos das rodas. No vasto e bonito convés, numerosos passageiros contemplaram por muito tempo ainda o continente, que mergulhava cada vez mais fundo no oceano e se esvaía no crepúsculo — talvez nenhum com sensações tão sérias quanto eu. Desde janeiro do ano de 1838 pertencera ao país, empregara nêle minhas melhores energias, os melhores anos de minha vida, sacrificados certamente não sem grande utilidade. Desde que em agôsto de 1857 desembarcara da fragata austríaca "Novara", novamente no Rio, trocara confiante com o Govêrno brasileiro, que confiava plenamente em mim, minhas idéias sôbre viagens, e executara meus planos de conformidade. Pensava, como muitos que na sua vida se julgam chamados a exercer uma atividade de maior alcance, que poderia talvez vir a ser o protetor, o

promotor do que poderia ser melhor para o vasto Império do Brasil, do que poderia conceder o Estado jovem, porém sofrendo sob os pecados herdados dos antepassados, ao elemento imigrante alemão livre, uma fôrça civilizada, controlada por uma cultura íntima, refreada por uma moral própria, não oprimida e tiranizada pela antiga sujeição aos senhores de escravos e especuladores. Para isso o Govêrno pareceu querer concorrer com tôdas as fôrças e meios à sua disposição até que a mim, por mais dum acontecimento, por mais dum reajustamento de situações duvidosas, por mais duma ansiosa consideração por interêsses privados de prestigiosos e arrogantes oclócratas, a maioria dêles os piores tiranos, se tornou evidente que o tempo do liberalismo, da franca complacência, do simples acolhimento dêsse elemento imigrante livre ainda não era chegado, que mesmo a livre e legítima confissão de puro Evangelho só era tolerada na letra da constituição. Enquanto o Brasil não quebrar as cadeias duma chamada religião católica do Estado, todo o Estado permanecerá território da Igreja, uma capitania de Roma — e para fazer qualquer coisa para a promoção de interêsses da Cúria romana, nunca senti vocação, da mesma forma que só podia alimentar a maior aversão àqueles que, para promoção de seus interêsses, espezinham tôda a humanidade.

E assim foi que, quando a luz do farol de Pernambuco e, com ela, os últimos vestígios do país em muitos sentidos caro e inesquecível, mergulhava no oceano, não pude reprimir inteiramente as palavras do fulgurante poeta da liberdade: *A land of slaves shall never be mine!*

O "Tyne", porém, sulcava calmamente seu caminho no mar ligeiramente ondulado, cujos movimentos, depois de têrmos perdido inteiramente a costa de vista, se tornaram regulares e suaves. Já no dia seguinte, e em cada um dos que se seguiram, me convencia cada vez mais de que não poderia ter feito melhor escolha para minha viagem. Embora o vapor fôsse inferior em elegância e mesmo em velocidade a muitos outros transatlânticos, era no entanto, um bom vapor, seguro, de cêrca de 2 300 toneladas e 315 pés inglêses de comprimento, com suficientes acomodações na coberta para os 150 passageiros, porque êste devia ser o nosso número. Eu tinha meu pequeno camarote só para mim no corredor,

em cima, de maneira que gozava sempre de aragem e não era incomodado por ninguém. O salão comum e a sala de jantar eram bastante espaçosos para todos. Além disso, o comprido convés, ao longo do qual se podia ir, sem nenhum obstáculo, desde o leme até a proa, oferecia um magnífico passeio, enquanto com tempo chuvoso a espaçosa entreponte oferecia a todos um excelente lugar para se estar. Da mortificante etiqueta, de que costumam queixar-se nesses paquêtes, não havia resquício. Observava-se, porém, uma conduta decente nos costumes e maneiras, embora os passageiros portuguêses e brasileiros não se abstivessem, no vapor inglês, do querido hábito de cuspirem no convés.

À atitude agradável, que nada podia ter de constrangedor para qualquer pessoa bem educada, juntava-se um excelente serviço — o mais perfeito asseio, que, no que concernia à baldeação diária do convés se tornava mesmo algo aborrecido para os passageiros, que se levantavam cedo — e uma farta mesa, que contentava tôdas as nacionalidades: às 9 horas, almoçava-se; ao meio-dia, merendava-se; às 4 horas, servia-se um superabundante jantar e café. Às 7 horas era a hora do chá. Depois do chá, havia, às vêzes, música de quarteto, que só apresentava de comum com o célebre quarteto dos irmãos Müller, ser tocada por quatro pessoas ao mesmo tempo. A não ser isso, a música era quase insuportável. Os músicos eram os camaroteiros de bordo.

A maioria das nações estavam representadas entre os 150 passageiros e os de cada nacionalidade, sem se separarem uns dos outros, formavam um pequeno grupo. Foi-me, portanto, sumamente agradável, que a Alemanha estivesse muito bem representada por muitos honrados alemães que, vindos de Buenos Aires e Montevidéu, Rio Grande e Rio de Janeiro, tomavam novamente o caminho do pátrio Norte. Quero mesmo crer que a nossa sociedade alemã era a melhor a bordo do "Tyne". Tê-la-ei sempre em mente como tal.

Contudo havia entre as outras nacionalidades presentes, entre os inglêses, por exemplo, figuras dignas da maior consideração. Um conhecido comandante de Fragata, inglês, revelava, além dos seus conhecimentos regulares sôbre navegação, outros também mui-

to completos sôbre as costas gregas e italianas, adquiridos na sua longa permanência ali. O capitão austríaco Lusina e sua senhora, a quem já conhecia devido ao seu naufrágio ao norte do Cabo S. Roque, e com quem me relacionei, como companheiros de viagem no vapor "Paraná", do Rio Grande do Norte até Pernambuco, estavam também a bordo conosco, um casal vistoso, bem educado e modesto, certamente bem visto por todos.

Tôda a sociedade, homens e mulheres, se excetuarmos, entre os primeiros, duas ou três figuras vulgares, era assim perfeitamente respeitável e em parte muito agradável mesmo. Idiomas diferentes, passeios juntos, leituras, xadrez etc., matavam o tempo do pequeno mundo a bordo do grande paquête, no que era ajudado por um bando alegre de crianças, brincando e correndo dum lado para outro. E para que não faltasse no "Tyne" nada do que é necessário e não pode faltar num pequeno mundo, tínhamos para nós que o célebre: "Um tolo está sempre pronto, quando uma tôla quer", de Heine, se confirmava também no vasto oceano. De leve, como só os silfos andam, passeava o terno e nascente amor para cima e para baixo, no convés, com um ditoso sorriso no semblante. E quando a lua pairava sôbre o mar tranqüilo e rota propícia, ouvia-se aqui e ali um manso sussurrar de namorados, que não provinha certamente de idílios de tristões e nereidas de fora do navio. Gente singular essa! Em baixo, no vestíbulo da entreponte, a música zangarreava por cima das fornalhas chamejantes do vapor veloz, e das portas abertas via-se o mar espumante passar correndo ao lado. No convés, em cima, as duas chaminés ardiam quase tôdas as noites de tal forma que as labaredas, dum fulgor vermelho-escuro, se elevavam até 6 e 8 pés, oferecendo um espetáculo medonho, muitas vêzes domadas pelas mangueiras de bordo. E, entanto, êles representavam Hüon e Rezia no convés; essas criaturas inconsideradas dançavam polcas, galopes e quadrilhas na entreponte.

Não irrompendo nenhum fogo a bordo, uma viagem através do oceano tropical é bastante despida de acontecimentos. Raro se conhece, nesta parte do Atlântico, uma tempestade, de modo que se pode prever, com grande exatidão, uma viagem entre o Rio e Lisboa. Nossa viagem, nos trechos vindouros, obedeceu às indicações

constantes da carta, em milhas inglêses, afixadas diàriamente pelo Comandante, ao meio-dia, para o conhecimento de todos.

No dia 16 de setembro, ao meio-dia, estávamos a 5º 42' latitude sul e 33º 9' longitude oeste de Greenwich, até onde fomos perseguidos alternativamente por aguaceiros e algumas rajadas de vento. A ilha de Fernando de Noronha ficou 119 milhas inglêsas distante de nós. A 17 de setembro, a 2º 12' de latitude sul e 31º 32' de longitude oeste, com bom tempo. Navegamos sempre no rumo nornordeste do equador, e a 18 de setembro, estávamos a 1º 58' de latitude norte e 30º 13' de longitude oeste, uma longitude de triste memória para mim, porquanto me lembrou nossa longitude 34º oeste, sob a qual nossa "Novara", na viagem da Madeira para o Rio, atravessara sem necessidade o equador e por isso levamos 50 dias de viagem daquela ilha até ao Rio. Ao capitão Lusina, porém, ela ainda pesava mais. Depois do que acontecera àquela fragata, cortara o equador por puro patriotismo, tão longe a oeste, que devia a esta circunstância ter sua barca "Giuseppa" naufragado perto do Cabo S. Roque, a oeste das afamadas Lavadeiras.

A 19 de setembro, fomos despertados por um vento norte, logo mudado em nordeste, a verdadeira monção do norte, e daí por diante soprou contra. Ao meio-dia, estávamos a 6º 3' de latitude norte e 28º 46' de longitude oeste, a 20 de setembro a 9º 45' latitude norte e 26º 57' de longitude oeste.

A 21 de setembro, atravessamos a região do mar a sudeste das ilhas de Cabo Verde, na qual os navios, vindos do norte, passam por êsse grupo de ilhas, para ganhar alguma longitude, rumam a sudeste, para depois seguir a sudoeste, com a esperada monção dêsse quadrante. Êsse singular roteiro nas monções do Atlântico forma, por muito modificado que possa ser nos diversos meses, com tôdas as suas alterações, um paralelismo sumamente constante. Por isso avistamos, pela manhã, num espaço de tempo muito curto, quatro navios diferentes. O cálculo do meio-dia deu 13º 38' de latitude norte e 26º 10' de longitude oeste.

A 22 de setembro, pela manhã, os passageiros estavam reunidos em maior número no convés. Devíamos alcançar a ilha de

S. Vicente, nessa manhã, e com ela a estação, no meio da rota dos vapôres, onde deveríamos tomar carvão.

Não posso dar aqui a geografia das ilhas de Cabo Verde. Há 22 anos, em dezembro de 1837, visitara êsse arquipélago deserto e muito interessante, pelo menos as ilhas do Sal e Boa Vista, e publicara uma ligeira descrição dessas ilhas solitárias, no periódico alemão *Ausland*. Referi-me então, se não me engano, à neblina sêca que as cobre quase constantemente e torna ainda mais sombria a sua côr cinzento-escura, do que com bom tempo e céus claros.

Essa neblina sêca cobria-as também, a 22 de setembro, quando as demandávamos. Pelos nossos cálculos e tôdas as observações, devíamos estar perto delas; a espêssa neblina sêca, porém, que diminuiu nosso campo visual, aconselhava prudência, e moderamos a marcha por um momento. Avistamos então uma extensa cadeia de montanhas, delineando-se nìtidamente muito alto no céu — a ilha ocidental de S. Antão. Um número cada vez maior de massas pardacentas emergia da neblina cinzenta, enquanto um vento cortante soprava contra nós. Divisamos em seguida, a leste, altos e íngremes penhascos, entramos por um canal e chegamos a uma enseada, a leste da Ilha de S. Vicente, abrigada por todos os lados, onde ancoramos.

Como o emprêgo do vapor atuou sôbre o globo terrestre, animando-o de múltiplas formas! Quem pensou antes na enseada de S. Vicente, êrma, triste e quase sem vida? Apenas um navio navegando ao longo da costa africana, algum navio negreiro, ou algum navio de guerra português procurava a baía entre as ilhas rochosas. Ofereceu sempre um excelente pôrto. Abrigado de três lados pela própria ilha, sua entrada está também perfeitamente protegida contra os ventos do noroeste pela comprida e grande ilha escarpada de S. Antão, e isolada do mar. Mas, a não ser isso, a ilha nada mais oferecia de agradável.

Lembrava-me a solidão das ilhas do Sal e Boa Vista.

Ofereceu-nos, todavia, quando chegamos, um quadro agradável, porquanto nos proporcionava quanto desejávamos. Chovera a miúdo ùltimamente. Embora muito íngremes e serrilhadas por todos os lados, essas grandes massas de rochas vulcânicas, fendidas

e despedaçadas, erguidas em volta de nós, por tôda parte onde havia qualquer possibilidade de vegetação, um verde suave cobria as encostas menos íngremes, dando-lhes o aspecto dos primeiros renovos do trigo, depois da neve derretida. Parecia ter desabrochado uma primavera nos penhascos áridos, para ser depois crestada pelo abrasador sol tropical.

Desde, porém, que os vapôres estenderam suas viagens até em redor da África e mesmo da América do Sul, reconheceu-se a excelente situação do pôrto de S. Vicente para depósito de carvão. Ergueram-se logo filas de novas e bonitas casas e armazéns na praia morta, e as mais várias embarcações animaram a baía, dantes tão sossegada. Veleiro após outro levava carvão para os depósitos na ilha, vapor após outro abastecia-se ali de combustível, o que acentuava ainda mais o aspecto de queimada da ilha vulcânica. Parecia que aquêles fragmentos de carvão de pedra constituiam as massas de pedra negra mesmo ou resto de antigas florestas na atual Pelagosa despida de árvores.

Observamos também, no meio da baía, entre aquelas formações de escórias mortas, uma vida muito singular, que realmente só podíamos apreciar de certa distância; porquanto o vapor, tendo chegado do Brasil, imediatamente foi pôsto de quarentena, e içou a bandeira amarela, com grande pesar para todos os passageiros, que, para evitar o incômodo do transbordo do carvão, teriam de bom grado preferido passar o dia em terra.

Confesso que teria também visitado a ilha com grande interêsse. E, contudo, alegrava-me, como um fervoroso crente na transmissibilidade da febre amarela, ver que um govêrno, certamente depois de dura lição, se convencera inteiramente da grande e positiva verdade de que a febre amarela é contagiosa e tomava daí por diante medidas para evitar êsse contágio. As medidas tomadas pelas autoridades em S. Vicente deixaram-nos prever que seríamos tratados de igual modo em Lisboa.

Nada mais nos restava senão apreciar do convés do "Tyne" o panorama em volta de nós. O vapor "Avon", que devíamos ter encontrado na baía, na sua viagem de Southampton para o Rio de Janeiro, já deixara a ilha na véspera, porquanto o "Tyne" per-

dera quase um dia inteiro com a sua pescaria de ouro diante de Pernambuco.

Além duma pequena frota de veleiros e dois navios de guerra portuguêses, estava ancorada, não muito longe de nós, uma corveta americana, de exíguas e desajeitadas dimensões, na qual reconheci imediatamente a mesma corveta, que fundeara na Madeira com a nossa "Novara", e zarpara para o sul com ela no mesmo dia.

Mais adiante, sobressaía sob a bandeira de sua nação e a da Companhia de Navegação a Vapor do Pacífico, o "Bogotá", grande e imponente vapor, para o qual um pequeno, porém possante rebocador rebocava uma após outra as alvarengas de carvão. Mal nos tínhamos voltado para êle, quando vimos entrar do norte, pelo canal que separa a Ilha de S. Vicente da de S. Antão, um vapor de guerra, inglês, que largou ferros e saudou com tiros de canhão o Forte português. Êste correspondeu à saudação. Quando os ecos das salvas dos canhões cessaram, e a fumaça da pólvora se dissipou, entrou um vapor de guerra americano, maior, de construção esquisita, porém apropriada, pelo mesmo canal do norte, e ancorou. Repetiram-se as mesmas salvas de diversos lados, muitas idas e vindas de pequenos barcos de guerra, sob bonitas bandeiras, tripulados por marinheiros muito asseados, e reboques de grandes alvarengas de carvão, com suas tripulações negras, cuja côr plutônica escura contrastava singularmente com as côres claras daqueles filhos do claro Helios e da azul Talassa.

No nosso vapor tudo o que podia ser atingido pelo pó do carvão estava coberto e trancado. O carvão foi transbordado, por meio duma pequena e delicada máquina a vapor no convés, de cuja existência só então tive conhecimento, quando ela, com incrível rapidez e a mais decidida expressão de impertinência de pequena porém impertinente personagem, começou a içar os sacos de carvão. Mas a concorrência, que nos faziam os outros vapôres, sobretudo o "Bogotá" e o vapor de guerra inglês, não foi de molde a apressar o nosso despacho. Ao anoitecer, já êste último pôde fazer-se novamente ao mar pela saída ao sul. Na manhã seguinte, o "Bogotá" também já tinha desaparecido; em seu lugar, entraram pelo norte um navio baleeiro americano e um pequeno barco português. O

vento soprava fresco do nordeste, na costa rochosa e árida de S. Antão e no singular penhasco na entrada da baía de S. Vicente as ondas rebentavam, elevando até muito em cima sua espuma alva como a neve, enquanto um vento coado, moderado, soprava sôbre o nosso ancoradouro. Ficamos então livres do pó de carvão. À tarde tudo estava pronto e o "Tyne" deixou a tranqüila baía.

Fomos recebidos por um mar um pouco revôlto no canal entre as duas ilhas, cujas formas grotescas, rígidas, contrastavam singularmente com a água muito movimentada. No momento o mar perdeu a côr verde, substituída por um azul-escuro, prova de que o fundo caía abruptamente. Destarte, a baía de S. Vicente será possìvelmente uma cratera, uma conformação que se encontra num e noutro lugar, como por exemplo, nas ilhas Paulo e Amsterdam, cuja baía, singularmente arredondada, forma um pequeno lago de água salgada, como está traçado e descrito com grande exatidão por Lord Macartney, na viagem da embaixada à China, no ano de 1792. Querem até que essa cratera de água tenha sido vista uma vez em plena erupção ígnea. O que Deus não há de permitir que aconteça à cratera de S. Vicente, embora na ilha mais ao sul da cadeia de Cabo Verde, na do Fogo, ainda hoje flameje fogo vulcânico.

Todos os passageiros do "Tyne" contemplaram até muito longe os alcantilados vultos das ilhas de S. Antão e S. Vicente, a que se ia juntar também a silhueta mais distante da de S. Lúcia. Não se podem ver ilhas mais desoladas do que aquelas. Recordavam-me a cratera da Madeira, no Curral das Freiras, sob o "pico côr de ferrugem", o Pico Ruivo.

Depararamos em S. Vicente alguns marinheiros doentes, que levamos conosco, embora um estivesse moribundo. Morreu poucas horas depois da nossa partida e, na manhã seguinte, quando almoçávamos, foi sepultado no túmulo dos homens do mar. Só mais tarde fomos informados do acontecido; isso, porém, não impediu o zangarrear da música à noite na entreponte, nem a doce música das almas no convés; porque o doce amor pensa em notas musicais. Quão perto estará meu fim! nisso, apesar do funeral

da manhã, nem um só pareceu pensar perto do calor do fogo e das ondas do mar.

Houve na manhã seguinte, domingo, um susto geral, quando, em lugar do sino para o serviço divino, soou o alarme de incêndio e todos, ràpidamente e em boa ordem, tomaram seus postos. As mangueiras foram atarrachadas e as bombas postas de prontidão, trouxeram cobertores e machados. Em resumo, movimentou-se todo o aparelhamento, para o que pode acontecer de mais horrível no alto mar: lutar contra um incêndio, num paquête com muitos passageiros. Não se podiam ainda ver chamas em parte alguma, mas ninguém podia saber onde e com que violência ardia o fogo. Essa cena terrível, no meio da qual o capitão comandava calmamente, e os oficiais, sem responder as perguntas que lhes eram dirigidas, cumpriam suas ordens, durou bem dez minutos — dez minutos de angústia mortal! Quando, porém, antes de se ver qualquer sinal de fogo, foi dado pelos tantãs chineses o sinal ressonante de abandonar o navio, e os marinheiros saltaram para dentro dos botes, a fim de arreá-los no mar, a cena séria transformou-se em alegre; porquanto com isso terminara o exercício de incêndio e os marinheiros desceram de novo. O alarme fôra simples rotina.

Em cada viagem dum transatlântico deve, por lei, ser feito pelo menos um dêsses exercícios. Se não me engano, porém, os passageiros devem ser prevenidos antecipadamente em segrêdo, para evitar sustos desnecessários. Teria o nosso comandante querido castigar seus passageiros pela indiferença no dia do entêrro do marinheiro, na véspera, ou não seria necessário preveni-los, com antecedência, do próximo exercício? Nenhum de nós fôra prevenido, ninguém sabia, durante todo o exercício, se no momento seguinte estaria ardendo ou se afogando. E muito menos poderíamos pensar num exercício de incêndio, numa manhã de domingo, quando todos se preparavam para o ofício divino. Aliás, não haveria serviço divino nesse domingo, mas estou convencido de que todos os 150 passageiros nesse domingo, 25 de setembro, tinham mais Deus no pensamento, no convés, do que se se tivesse realizado o serviço divino no salão de jantar.

Fiquei altamente impressionado com aquêle suposto alarme, que apresentava ainda uma agravante. No mesmo ano em que

ocorrera a terrível catástrofe do paquête "Amazonas", no Canal da Inglaterra, a poucas milhas da costa, e morreram tantas pessoas queimadas e afogadas, o paquête "Severn" partia também do Rio para a Europa. Quando deixou a Madeira com 200 passageiros, os que dormiam foram despertados, à 1 hora na noite seguinte, por um terrível alarme de incêndio, para uma cena de angústia mortal, indescritível. Tôda minha família, espôsa doente, cunhada e cinco filhos achavam-se a bordo. Todos gritaram, apelando para Deus, e Deus ajudou. Um homem com um braço só, mas um braço de herói, o almirante Greenfell, e o posteriormente comandante Strutt, foram sobretudo aquêles a quem se deve a proteção e a salvação da angústia mortal e do perigo de morte. Pensei nisso naquele dia 25 de setembro de 1859.

Depois de nos acharmos, ao meio-dia de 24 de setembro, a 19° de latitude norte e 23° 24' de longitude oeste, o cálculo para o dia do susto, 25 de setembro, deu 21° 41' de latitude norte e 21° 28' de longitude oeste. A atmosfera estava um pouco mais turva, o tempo menos agradável, e nossa saída da zona tropical foi assinalada por um mar bem mais agitado. A 26 de setembro, estávamos a 24° 12' de latitude norte e 19° 26' de longitude oeste. O dia 27, quando estávamos a 26° 35' de latitude norte e 17° 35' de longitude oeste, transcorreu muito mais agradável. À noite passamos Tenerife, mas o grupo completo das Canárias ficou tão longe a oeste, que não se podia ver de bordo, embora um belo tempo favorecesse nossa viagem. A 28 de setembro estávamos a 29° 23' de latitude norte e 15° 16' de longitude oeste, a 29 de setembro a 32° 44' de latitude norte e 13° 14' de longitude oeste, de maneira que passamos também as Desertas, Madeira e Pôrto Santo, sem as têrmos avistado; tôdas ficaram a oeste de nós.

Alguns aguaceiros e ventanias não perturbaram nossa viagem. Dada a latitude do estreito de Gibraltar e por nos aproximarmos da Europa, avistamos muitos navios, que muitas vêzes chegavam até muito perto de nós. A 30 de setembro, quando nos achávamos ao meio-dia a 36° 16' de latitude norte e 10° 56' de longitude oeste, podíamos ver à tarde 11 navios ao mesmo tempo. Não se poderia apreciar tarde mais agradável no mar. O maravilhoso tempo de outono pairava sôbre o mar dum azul profundo,

ligeiramente encapelado; um vento brando enfunava as velas das embarcações, que velejavam de todos os lados. Alcíone, a nora de Febo, podia chocar sem perigo num ninho flutuante.

No convés reinava a alegria, conversava-se e observava-se o horizonte. Ansiávamos todos por avistar as costas da Europa, que deviam estar tão perto. Por mais duma vez alguns dos lusitanos entre nós julgavam ver ao longe, em tênues fímbrias de nuvens, terras de seu amado Portugal.

Mas as saudades de uns e a curiosidade que excitavam noutros admirarem, ainda em setembro, as maravilhas da cidade de Lisboa, não deviam ser satisfeitas. Quando, porém, entrou o mês de outubro, seriam 3 horas da madrugada, avistamos o farol de Espichel, que não tardamos a transpor. Subi ao convés com a maior parte dos portuguêses, para com êles celebrar dignamente o grande momento de reverem a pátria amada.

Era ainda noite fechada. As estrêlas cintilavam maravilhosamente; a Estrêla da Manhã irradiava um brilho mágico. Mas do belo Portugal só se via uma estreita faixa escura ao longe. Quando chegamos diante da embocadura do Tejo, a maré vazava com fôrça, de maneira que só podíamos avançar lentamente, tanto mais devagar por ir o nosso "Tyne" só a meia fôrça, para não ter de passar a barra do rio antes do amanhecer, e sofrer alguma avaria. Um frio da noite, sumamente desagradável, fustigava-nos, enervando-nos; até mesmo os ardentes lusitanos acharam aquela situação prosaica algo ridícula e riram mais tarde de seu ardor patriótico, que, aliás, o sereno da noite arrefecera um pouco. Encontrávamo-nos exatamente naquela disposição estranha dos companheiros de viagem de Seuma sôbre o Etna:

Me thinks, I hear the dogstar bark
And March meets Venus in the dark,

êste último verso não se adaptando também ao nosso "Tyne".

Um fraco e claro arrebol e, ao mesmo tempo, um café prêto e forte fêz, porém, todos voltarem à disposição e entusiasmo anteriores. Enquanto numerosas embarcações, pequenas e grandes, saíam do rio, nós entrávamos na sua embocadura ao longo dum

cenário, como só em poucos pontos no mundo se poderá encontrar igual.

Tôda a beleza e encanto concentravam-se na margem norte. Um forte imponente, S. Julião, impõe respeito, ou pelo menos lembra tempos dum poder reconhecido. Acima dêle, estende-se o solo fértil, dominado até longe pelo soberbo e maravilhoso ninho de águia, o Palácio de Cintra, em situação tão altiva e amena como outrora Hohenstaufen e o castelo feudal de Hohenzollern. Segue-se num encadeamento encantador uma casa de campo, uma aldeia após outra. Os campos e os jardins não se acabam nunca, todos revestidos do manto do fim do outono, mas aprazíveis à vista. Passamos outro forte, depois uma praia livre, com muitas tendas para banhistas, e, não obstante o adiantado do outono, numerosas senhoras ainda se banhavam em longas túnicas de banho, brincando e fazendo-me lembrar as náiades fuscas do Tocantins dos infindos palmeirais.

Passamos a "Tôrre de Belém", um singular edifício antigo-moderno, com fortificações anexas, onde devíamos aguardar nosso destino. Êste foi logo decidido: o "Tyne", procedendo do Brasil, não podia comunicar-se com a terra. E ficamos de quarentena.

Um belo dia de outono em Lisboa teria sido algo sumamente desejável e invejei todos os que podiam passar lá alguns dias. Mas um dia diante de Lisboa tem também um raro encanto, que podíamos desfrutar em tôda sua plenitude, favorecidos pelo belíssimo tempo outonal.

Ancoramos diante de Belém, um arrabalde, o *Westend* de Lisboa. À beira da água, um velho mosteiro com extensas dependências, chamado de S. Jerônimo, penso eu. Um pouco mais acima, elevava-se um palácio, formado por uma série de casas reunidas, e mais acima ainda, no alto da colina, um palácio inacabado, dum belo estilo arquitetônico. Mais para diante, a cidade, uma babel de casas erigidas no tôpo dalgumas encostas, de longe, aparentemente em desordem, porém muito interessante de contemplar-se. Embaixo, o rio coalhado de navios, entre os quais muitos vasos de guerra. A margem escarpada defronte da cidade, a margem esquerda do rio, parecia menos construída, em parte deserta

mesmo. Estranhei não ter notado comunicação por barco a vapor entre as duas margens. Aliás, notava-se grande negligência, desleixo e desordem em tudo o que se podia ver, o que me recordava muito as ruas de Messina. E contudo êsse vasto e majestoso anfiteatro muito nos encantava.

Como não pudéssemos ir à cidade, — grande parte dela veio até nós. Numerosos botes rodearam nosso navio. Uma multidão de vendedores de frutas oferecia-nos suas mercadorias e mandava-nos, quando lhes jogávamos dinheiro bom nos seus barcos, mercadorias muito ruins. Ao lado dêles, um musicante exibia sua arte, mais adiante alguns mendigos tinham alugado um bote, para esmolar ao longo do "Tyne".

Nesse ínterim, chegaram dois batelões, para levar nossos passageiros portuguêses para o lazareto. Num dêles embarcaram as bagagens e no outro os homens, mulheres e crianças, todos juntos. O embarque levou um tempo enorme; demoraram, porém, ainda mais para largar. Ora era o vento desfavorável, ora era a corrente. Visavam, porém, sobretudo os bolsos dos viajantes. Pelo menos observei e ouvi um longo regatear e discutir entre aquêles homens, realmente insuportável. Em tôdas as organizações quarentenárias é preciso senso e compreensão. Naqueles batelões e seus galegos * nada disto se notava.

Podia muito bem ver que, com um forte sudoeste, aquêles batelões não podiam chegar ao lazareto. Um estabelecimento como êsse exige necessàriamente um barco a vapor, se o Govêrno não quiser que se diga dêle que fêz dum lazareto um instrumento de tortura para os viajantes.

Em Lisboa tomamos novamente carvão. O pessoal, trazido de terra para isso, trabalhou com extraordinária rapidez. Em poucas horas o trabalho ficou pronto. Mas os trabalhadores tiveram que ir para o lazareto.

Um grande batelão com provisões frescas recebido com muitos agradecimentos, sobretudo por causa das belas frutas com que nos regalamos nesse dia.

(*) Em português no original. N. do T.

Às 3 horas estava tudo pronto para a partida. Metade dos passageiros pelo menos ficara em Lisboa e o convés parecia muito vazio, quando descíamos lentamente o rio. Diante do Forte de S. Julião, fomos recebidos por um mar bastante revôlto, prognóstico, embora muito fraco, de que a barra do Tejo poderia achar-se muito agitada.

Perto da costa, rumamos ao norte, e gozamos ainda uma vez a vista do altaneiro castelo de Cintra. Encontramos diversos navios, como dois vapôres também, um dos quais era o paquête, que fazia o serviço entre Lisboa e Vigo. O outro, singrando mais longe, a oeste, não parecia dirigir-se para Lisboa e sim para o Estreito de Gibraltar.

Quase ao pôr do sol, avistamos ainda mais para o interior o colossal mosteiro de Mafra, o Escurial português, não muito menor do que o espanhol. A costa parecia mais agreste e suas eminências rochosas menos férteis. Sobrevindo o crepúsculo, perdemos de vista a terra, e a noite encontrou-nos no alto mar. Não obstante a noite fria e úmida, fiquei ainda por muito tempo no convés. Uma bela claridade boreal iluminava o céu e causava no meio da solidão do oceano uma singular impressão misteriosa.

No domingo, 2 de outubro, encontrávamo-nos a 41º 52' de latitude norte e 9º 48' de longitude oeste. Mas o cenário à tarde era algo nórdico, graças a um espêsso nevoeiro úmido, através do qual só se podiam ver até algumas braças de distância. O intenso tráfego de navios naquela zona, tornava necessário fazer soar cada cinco minutos o silvo estridente da sirena, para advertir alguém, que estivesse por perto, da nossa perigosa vizinhança. A fosforescência à noite era maravilhosa. Podíamos avistar perfeitamente cardumes de peixes passando por nós e distinguir cada indivíduo luzente. Alguns, na sua rápida carreira, vinham quase até a tona e traçavam então um risco luminoso na água, fenômeno tão maravilhoso no mar quanto a claridade boreal da noite da véspera, no céu ao norte.

Depois duma noite admiràvelmente tranqüila, fomos despertados a 3 de outubro por uma bela manhã. O tão mal afamado Mar de Biscaia semelhava um imenso lago, sôbre o qual se eleva-

vam e baixavam as ondas lenta e mansamente. O cálculo de meio-dia deu 45º 47' de latitude norte e 8º de longitude oeste. Nesta bela e mansa situação, presenciamos um raro fenômeno. Encontramos um vapor da maior elegância e graça, em cujo convés de pôpa se postavam alguns senhores, em finos trajes civis, e que, por estarmos muito perto, nos cumprimentaram muito amàvelmente, ao mesmo tempo que a vistosa bandeira do navio subia e descia na pôpa. Nosso vapor correspondeu ao cumprimento, como de praxe. O mais singular, porém, foi que ninguém, nem mesmo o comandante, reconheceu a nacionalidade dêsse realmente belo iate a vapor. Pareceu-me um russo modificado.

Um tempo chuvoso pareceu, na manhã de 4 de outubro, querer dificultar nossa viagem. Mas levantou à tarde, quando nos achávamos a 49º 13' de latitude norte e 4º 36' de longitude oeste e, portanto, no meio da entrada do Canal Inglês. Avistamos numerosos vapôres longe e perto, e não tardou surgisse terra também ao norte, na qual, à noite, brilhava um farol de Star Point. A êste juntou-se logo depois outro, o de Portland. Entretanto, uma noite escura e nevoenta impediu-nos de navegar mais depressa. Tivemos de parar, e nas primeiras horas da manhã seguinte, só ousamos avançar devagar, até que o dia clareou inteiramente. Encontrávamo-nos entre a pequena Ilha Wight e a terra firme, e logo reconhecemos a pequena cidade de Cowes. Em volta de nós, cenário maravilhoso, verdadeiramente encantador mesmo, cuja continuidade nenhum véu outonal interrompia. Tudo o que se via de parques, jardins, campo, casas de campo e outros edifícios, revelava ordem, zêlo e asseio. Parecia-me nunca ter visto tanta atividade em terra e no mar, tanta beleza natural com tantos adjutórios, reunida a tanta arte.

Navegamos assim ao longo da encantadora costa, por entre numerosos navios, desde o pequeno iate a vela até a altiva fragata.

Vimos então Southampton diante de nós, e nossa viagem chegara ao fim. O "Tyne" foi levado, lentamente, como um parelheiro para a sua baia, depois de percorrer a pista, para as magníficas docas onde se aglomeravam gigantescos paquêtes, o "Oneida", o "Saxônia" e outros. Quem, há 50 anos teria pensado num con-

gresso de vapôres como êsse, pois assim o sugeriam, se visse os monstros negros amontoados sôbre a água?

Poucas horas depois, voou o trem para Londres, e chegávamos à grande cidade, rodando por um trecho acima de seus telhados.

Mas, assim como pouco me estendi sôbre Veneza, ao partir de Trieste, quase nada direi sôbre Londres, onde apenas me demorei dois dias.

A torrente do Amazonas e o caudal de gente nas ruas de Londres! Correntes impetuosas, contrastantes, mas igualmente arrebatadoras.

Tinha certamente razão quem chamou Paris a cidade das mulheres e Londres a metrópole dos homens. Se um forte, ponderoso predomínio dos homens jamais se manifestou, se jamais se encontrar uma nobre ciência do Estado em tudo e por tudo perfeita, Londres, a Inglaterra, a pequena ilha, é o seu berço e ao mesmo tempo sua arena, o teatro dos fatos e sua prova.

Mas basta. A 7 de outubro nossa pequena sociedade alemã, vinda da América do Sul, dissolveu-se em Londres. Parti para Dover, à noite, com um jovem alemão, de Lübeck também. Uma noite chuvosa, triste e desagradável levou-nos na mais fastidiosa disposição no paquête belga para Ostende. Atravessamos, voando, em poucas horas a Bélgica, e entramos contentes em território alemão. Saudamos, emocionados, do fundo dos nossos corações, Aquisgrana e Colônia, ambas cidades alemãs — que Deus as conserve sempre alemãs. Vira antes a catedral de Colônia; ao seu lado, a nova ponte sôbre o Reno causava uma impressão muito desagradável e Colônia perdera com isso algo de seu antigo esplendor renano.

Partimos novamente à tarde. Durante tôda a noite, até a 1 hora, pelo menos, a locomotiva levou-nos a tôda velocidade, passando por muitas fábricas fartamente iluminadas, por muitas chaminés chamejantes.

Não tardou que o Elba corresse na nossa frente, sob os raios dourados da manhã. Hamburgo brilhou defronte de nós. Recebeu-me fiel amor fraternal.

Faltavam apenas poucas horas dali para a familiar Lübeck e os entes queridos. Entrei lá no dia 9 de outubro, depois das 8 horas, e exaltei a misericórdia e onipotência do Senhor.

E assim todos os que conheceram a obra e os prodígios do Altíssimo, quando Êle falava e provocava uma ventania, levantando as ondas, erguendo-as para o céu e precipitando-as no abismo, enchendo de mêdo suas almas, de maneira a não saberem màis o que fazer, gritarem, apelando na sua angústia para Êle, que os livrava, dela, amainando o temporal, aplacando as ondas, alegrando-os por tudo se ter acalmado novamente e Êle os ter levado a salvo para terra, conforme seus desejos, devem dar graças ao Senhor pela sua bondade e milagres operados para a humanidade, louvá-lo junto à congregação e glorificá-lo junto aos mais velhos.

EPÍLOGO

HÁ muito terminou minha viagem, há muito as observações reunidas durante a mesma foram entregues à imprensa e em grande parte ao público, por seu intermédio; e, sem embargo, volto ainda uma vez num epílogo, às minhas peregrinações por terra e por mar.

Permito-me anexar êste epílogo à descrição de minha viagem, depois de ter sido recebida pelo público com extraordinária indulgência e a mais evidente benevolência, de modo a superar minhas mais ousadas expectativas ou antes meus tímidos receios. Seria para desejar que, no terreno das descrições de viagens, até aqui não cultivado por mim, minha boa vontade fôsse posta inteiramente à margem e se apreciassem apenas os meus serviços.

Num sentido sòmente, ergueram-se paixões contra mim. Quando escrevi elogiosa e benevolentemente sôbre tantos núcleos coloniais incipientes que prosperam ràpidamente no Sul do Brasil, creram ver nisso uma tendência, uma espécie de propaganda de emigração. Referiram-se aos meus escritos com um ligeiro toque de suspeita, que, no entretanto, pareceu desaparecer, quando eu condenei enèrgicamente tôdas as condições de sujeição, assalariação, parceria e servidão de emigrantes alemães e outros; ao assinalar e reprovar como tumores pestilentos, envenenamento para todos os lados, a próspera e produtiva colonização alemã no Brasil, tôdas as emprêsas particulares dessa espécie, qualquer que fôsse o nome que lhes quisessem dar.

Graças a essas francas declarações, caí na crítica doutra espécie de julgadores e classe de gente, que se tornava conspícua na imprensa — e classe dos agentes de emigração, dos aliciadores de colonos e expedidores de gente, que deviam recear que parte de seus prêmios por unidade e comissões, e também de seu nome e honra aparente estariam perdidos, depois de terem, havia muito,

perdido a consciência e o respeito de si próprios. Assim acontecera aos antigos negociantes de escravos, que sabiam dar a suas negras emprêsas tôda espécie de nomes favoráveis e coonestantes, ganharam dinheiro com isso e alcançaram mesmo tôda sorte de títulos e comendas, até que a opinião pública os reconheceu como negociantes de escravos e os ferreteou como aos nossos negociantes de carne humana. Para êstes, a fim de incluí-los no dicionário da língua dos embusteiros, desejaria propor a palavra não muito áspera: "nepheschgänger" (da palavra hebraica ŬJJ, alma), que se adapta aos tempos modernos, e que, permitindo Deus, se adaptará para sempre a êles a despeito dos títulos e comendas com com que se cobrem, enganando faculdades universitárias e testas coroadas!

Êsses "nepheschgänger" ficaram muito excitados e saíram a campo contra mim, quando inspecionei a mais abominável das más organizações coloniais encontradas até então, o matadouro humano no Mucuri, na raia sul da Província da Bahia, que se estende até muito dentro da Província de Minas Gerais, e assinalei-a na imprensa alemã como a mais perigosa, para onde se poderiam enviar colonos alemães.

A grande atividade do empresário, a imensa extensão do plano, a enormidade dos recursos prometiam espaço para milhares de colonos e, portanto, belos prêmios por unidade e comissões para agentes aliciadores e expedidores de emigrantes, o que a emprêsa, dando então publicidade a belas e atraentes histórias de florestas virgens e botocudos, tornava muito plausível, inteiramente no estilo horaciano — *late qui splendeat unus et alter adsuitur pannus.*

O violento abalo que a minha visita e atitude no Mucuri causaram, atraíram-me uma rude campanha de descrédito. O triste remate da história como eu contara (Vol. I) redundou num triunfo para o empresário e seus fiéis companheiros. Fui atassalhado na imprensa de ambos os lados do oceano, e em nenhum outro mais do que no jornal alemão *Brasília,* que se publica em Petrópolis, perto do Rio de Janeiro, e até ao qual Teófilo B. Ottoni prepara o caminho mediante vultosa soma, depois que no Rio mesmo dois bem intencionados periódicos alemães lhe haviam recusado seus tipos e seus prelos para a publicação das diatribes contra mim. Oferecera-se

para colaborar no trabalho alemão um homem que já se malograra em diversas carreiras e perdera a honra em duas partes do mundo, até que aderiu ao negócio de "nepheschgänger", vendendo-se ao que lhe fêz melhor oferta, para prestar-lhe todo o auxílio possível.

Enquanto eu era invectivado assim, a Emprêsa do Mucuri entoava hinos de júbilo. Mas os nossos compatriotas continuavam a sofrer e a morrer no rio maldito, enquanto no *Correio Mercantil* do Rio de Janeiro apareciam mensalmente róseas correspondências de Filadélfia sôbre a prosperidade da Emprêsa e a situação dos míseros — porventura conhecida no Rio, era escarnecida com uma ironia realmente diabólica.

Profundamente indignado com o moderno Brutus, eu escrevera do Mucuri uma carta a um homem que ocupava um cargo de importância, em que afirmava que levaria meu contendor até a arena das filípicas.

Como passara os fins de março de 1859 no mar alto a bordo do vapor "Tieté" com meus infelizes companheiros, e depois em maio e junho o Senado, o Ministério e até o Imperador, influenciado por maus conselhos, concederam novos subsídios àquela carnificina, não poderia nunca pensar que já os fins de março seguinte trariam essa batalha das filípicas.

Em vista do vivo interêsse que o triste episódio colonial despertou na Alemanha, quero contar minha história do Mucuri até ao fim, porquanto ela chegou ao fim. Dado o violento ataque que Ottoni e seus "nepheschgänger" dirigiram contra mim, não posso silenciar sôbre a liquidação do caso, porquanto ela representa a mais brilhante satisfação para mim, satisfação que eu jamais poderia ter esperado naquele ambiente. Diante das sombras, afinal, que as resoluções de maio e junho de 1859 do Senado e do Govêrno devem ter projetado sôbre muitas situações no Brasil, é meu dever narrar os acontecimentos muito recentes no Rio de Janeiro como uma última palavra de compreensão e uma conciliação final depois de acerba e justa contenda.

Para dar uma idéia clara de como era grande a miséria que perseguiu até aos últimos tempos os emigrantes situados nas Colônias Mucuri, devo publicar novamente algumas cartas e documentos, que me chegaram de lá, depois da publicação do primeiro volume de minha *Viagem pelo Norte do Brasil*.

Assim é que recebi a seguinte carta:

"Excelentíssimo Sr. Doutor!

"Já dirigi na primavera uma carta a V. S.ª por intermédio do Sr. Schlobach, mas parece que não chegou às suas mãos, embora êle me assegurasse que, quanto a isso, êle próprio providenciaria [! — nunca a recebi.]

"Estamos ainda na mesma situação em que nos encontrávamos por ocasião de sua visita, isto é, no sentido corporal, no sentido político, porém, numa situação de muito maior desesperança. É verdade que estiveram aqui algumas comissões por parte do Govêrno brasileiro, mas não receberam os colonos. Por ocasião da última, detive com minha mulher o Sr. Dr. Machado na sua viagem de regresso ao Rio de Janeiro, numa estrada de minha fazenda e supliquei-lhe nos tirasse desta colônia. Tivemos, porém, como resposta, que não estava autorizado a levar-nos daqui, e sim só a examinar estas colônias e verificar se ainda se achavam em condições de se empregar dinheiro nelas. Desde então as coisas pioraram muito aqui, etc."

Seguem-se queixas amargas, como as que já ouvira na minha visita à colônia. Depois o missivista continua:

"Por êste justo motivo, 45 pais de família reuniram-se para dirigir um memorial a S. M. o Imperador, por intermédio de dois delegados, que deviam partir hoje; mas, quando solicitaram do vice-diretor Ernesto Ottoni a licença para a viagem, êle lhes respondeu com estas palavras: que deviam ir para suas fazendas e trabalhar. Ressalta claramente disso, mais uma vez, que caminhamos para uma miséria sem fim e completa escravidão, somos prisioneiros e nos roubaram todos os meios de nos libertar de nossa situação de desespêro. Como meu cunhado, o saboeiro Thiele, depois de muito trabalho e de pagar 40 mil-réis (30 táleres) conseguiu uma licença para ir ao Rio de Janeiro e já se encontra em S. Clara para a viagem, estou tentando informá-lo por êste meio de nossa situação e pedir-lhe encarecidamente, embora já tenha feito e sofrido muito a bem dos seus compatriotas, que nos livre e a nossos infelizes companheiros, se possível, desta miséria. Praza a Deus dar-lhe meios e fôrças para

isso — essa a nossa prece diária. Coragem e vontade sabemos que não lhe faltam. Com plena confiança em V.S^{a}, saúda-o de todo o coração.

"Nova Filadélfia, 5 de dezembro de 1859.

"O colono de Mucuri Júlio Gertach, com sua mulher e em nome de seus infelizes companheiros."

Uma outra carta dizia-me o seguinte:

"Rio de Janeiro, 6 de janeiro de 1860.

"Meu prezado Sr. Doutor!

"...Como pode ver pela data desta carta, não estou mais no abençoado Mucuri; forçado pela dura necessidade, tive de deixar minha família, para tentar aqui outra carreira. Tôdas as nossas esperanças, mesmo as mais modestas, falharam, não só graças às condições desfavoráveis, como ao destino.

"A colheita de milho, sôbre a qual se baseavam tôdas as nossas esperanças para o futuro, falhou totalmente em conseqüência da sêca prolongada; o mesmo se deu com o feijão plantado três vêzes; não colhemos siquer um prato cheio, e assim por diante. A terra parecia tão esgotada que o milho plantado êste ano não prometia nada. Essa é a tão apregoada fertilidade daqui, onde depois de três plantações a terra fica esgotada. Vimos um triste futuro diante de nós; tôda a coragem, energia e alegria de viver desapareceu; todo o trabalho que fazíamos era sob a impressão desalentadora de que tudo é em vão!

"Pode calcular, prezado Sr. Doutor, que mundo de dor, desespêro, arrependimento havia para mim em ver minha pobre mulher quase desmaiando de fome; sim, de fome! Eu ou nós não podíamos mais pela angústia, saudades da pátria e desesperança balbuciar outra prece senão: Senhor Deus, dai-nos a morte, livrando-nos desta vida!

"Havia ainda outras preocupações que me prendiam à terra — dívidas! Há para mim algo indivisìvelmente terrível nesta palavra; é o grilhão, impedindo o vôo do espírito humano. Tive

de contraí-las, e precisamente com o Sr. Maia em Monte Cristo, para poder arranjar trabalhadores para a construção da casa e os trabalhos da roça, que não podíamos fazer sós, como também comprar provisões que, especialmente toicinho, café e açúcar, eram muito caras. Devia pagar juros de 24%, e a 20 de dezembro vencia-se a primeira prestação de 200 mil-réis. Eu tinha que esperar ser desapossado da casa e da terra ou perder nossos haveres. E sentia cada vez mais que não estava na altura daqueles trabalhos pesados da lavoura, que nada conseguiria. Que me restava então, senão tentar minha sorte no Rio de Janeiro? Solicitei de Ottoni uma licença para vir aqui a negócio; não lhe falei na minha intenção de ficar, e dêle não se podia esperar nenhum consôlo, nenhum auxílio. Os pobres colonos não têm direito de se queixar! Imagine que percorri descalço as 9½ léguas (7 milhas alemãs) até Filadélfia, para ir buscar a licença. As distâncias são grandes aqui, não é verdade? Pensei, com uma risadinha irônica, o que diriam meus amigos em casa, meu bom velho pai, se me tivessem visto descalço e com uma pequena trouxa às costas!

"Cheguei ao Rio a 22 de dezembro, e em ... [lugar perto onde o missivista obteve um lugar de professor que estava vago]. Agora algumas palavras ainda sôbre o Mucuri em geral. Quando estive em Filadélfia, no fim de setembro, reinava entre todos os colonos em geral uma atmosfera de desagrado, de descontentamento, até mesmo pessoas como Kern, Huber, Schlobach estavam acabrunhados diante da indiferença que Ottoni mostrava para com os colonos e seus interêsses; estêve mais de quatro semanas em Filadélfia sem ter visitado um só dêles. Os colonos de S. Jacinto tinham feito uma tentativa de constituir-se em comunidade e tinham eleito um conselho municipal, que se apresentou a Teófilo, solicitando um pequeno empréstimo de dez contos aos colonos com garantia mútua — todos por um e um por todos — para, com êsse dinheiro e sob administração própria, instituir um fundo de auxílio mútuo. Ottoni riu-lhes na cara, indeferiu essa e outras petições, negando mesmo em absoluto promessas feitas diante de testemunhas. Os colonos tinham trabalhado muito e bem todo êsse ano e agora começava a lamentação: "Quem comprará nossos produtos? O Diretor não os quer ou só os quer por preços baixos e dessa maneira nos aniquilaremos". Quando cheguei aqui em

dezembro, veio uma deputação de colonos de S. Jacinto para, em nome de 47 pais de família, se fôsse possível, apresentar ao Imperador um libelo acusatório contendo muitos artigos. Dirigiram-se primeiro ao Cônsul prussiano, que foi então com êles a Ottoni. Estive presente à entrevista e ouvi, com intensa dor, como o Cônsul se pôs inteiramente do lado de Ottoni. Êste fêz sem dúvida concessões; mas, mantê-las-á? É pena que o libelo não tenha podido ser impresso; seria um valioso documento oposto à defesa de Ottoni, e uma aclaração das cartas e declarações de dedicação solicitadas, que foram a seu tempo publicadas. Foi mesmo dito nessa petição, isto é, nesse libelo, que as assinaturas dos colonos foram apostas a essas cartas e declarações de dedicação da autoria dos interessados, sem seu conhecimento e aquiescência — Kirsten, Huber e outros foram subornados para escrever favoràvelmente. Vê-se por tudo isto claramente que organização corruta é a Emprêsa de Colonização do Mucuri, acima e abaixo no país. Se estivesse livre com minha família dos seus grilhões, escreveria também uma palavrinha. Deus guarde a V. S.ª etc.

Böschenstein = Elmiger"

* * *

Da mesma forma que o destino me proporcionou uma cópia do relatório de Lachmund sôbre a situação em S. Clara, possuo também uma cópia do libelo apresentado ao Imperador, a que se referem muitas vêzes as cartas transcritas.

Êsse libelo não é nenhum documento escrito por um erudito pago. É o grito angustioso de criaturas de classes humildes, vendidas e desamparadas, que fazem uma tentativa desesperada para salvar-se de sua Caiena no Mucuri. A redação do documento é inteiramente desordenada e, como um memorial ao Imperador, inteiramente imprópria; a ortografia, em parte horrível, deturpa algumas frases, de maneira que sua leitura provoca o sorriso, mesmo do mais medíocre, a par da profunda revolta que provoca.

Declararam que tinham reunido seus últimos haveres para poder mandar ao Rio dois colonos, Augusto Hirle e Henrique Frick, "que não se deixariam transviar por palavras ou presentes, para

não sobrecarregar suas consciências e sim prometiam desempenhar-se fielmente de sua incumbência, como também nada temer e só dizer a pura verdade, para que Deus os ajudasse e lhes desse a salvação".

"Somos alemães", assim diziam os chefes de família signatários, "que fomos aliciados por agentes alemães e induzidos a ir para a Colônia Mucuri; enganaram-nos, dizendo que essa colônia era um verdadeiro paraíso. Essa, porém, não é a verdade; é justamente o contrário, devendo ser considerada como um inferno.

"Chegamos aqui à Colônia, bem dispostos, sadios e robustos, com as nossas numerosas famílias. Agora, porém, infelizmente, todo pai de família e sua mulher, quando entram na fazenda, para se entregar a suas ocupações, vêem os túmulos dos seus mortos e falta-lhes coragem para o trabalho! Muitos esposos perderam suas espôsas, muitas espôsas os seus esposos e filhos em quem depositavam suas seperanças. E não obstante tudo isso, temos que criar novo ânimo, para manter nossas plantações em perfeita ordem.

"Isto se refere aos casos de morte! Os que ainda estão vivos, sofrem de clorose e moléstias do coração. Para êstes também não há assistência médica; talvez pudessem ser transferidos para outro lugar, salvando-se assim vidas e evitando-se muitos sofrimentos."

Pedem, por conseguinte, um médico consciencioso e um farmacêutico, queixam-se da falta de cumprimento de muitas promessas por parte da Companhia, do mau clima, dos gêneros alimentícios, feijão estragado, toicinho verminado, falta de roupas, preços excessivos das coisas que têm de comprar, por exemplo 1 libra de toicinho 25 Sgr., 1 libra de café 12 Sgr., preço igual para uma libra de sabão, etc. e inteira desvalorização dos produtos cultivados.

Queixam-se também da falta dum padre e dum bom professor. "Vivemos como no paganismo; é verdade que se construiu uma igreja alemã, mas falta um pregador, etc."

Segue-se então uma referência muito decidida a "uma publicação em alemão e brilhante relatório sôbre as boas condições, por certo Adolfo Kersten", cujas mentiras são contestadas nos mais vivos têrmos, e que deve ter remetido seu relatório para a Alemanha mediante certa soma.

"Ademais há um relatório do farmacêutico Kern ao Sr. Diretor da Companhia no Rio de Janeiro, declarando que estamos em muito boas condições. Êsse relatório deve estar assinado pelo próprio punho de todos os colonos. Não é verdade. Não tivemos conhecimento dêle, exigimos, portanto, que nos seja apresentado no seu original para que cada um de nós possa examinar *de visu* a assinatura de próprio punho."

A esta refutação seguem-se ainda algumas contestações de mentiras noutras publicações, a par de exposições de diversas condições calamitosas. Depois o memorial prossegue:

"O último relatório do Sr. advogado Dr. Machado, que estêve aqui ùltimamente, foi escrito pela Companhia. Nenhum colono foi ouvido. Nosso maior desejo é que nos tirem da Colônia Mucuri..."

Por fim, mencionava ainda o fato de alguns colonos do Rio S. Benedito, para salvar seus filhos doentes, se terem dirigido ao Diretor, solicitando alguns benefícios, a que, por declarações anteriores, se julgavam com direito. Êle lhes respondeu que não se regulava por declarações e sim pelas leis, que na Colônia Mucuri ainda estavam em pleno vigor, e nossa petição foi indeferida com um discurso irônico.

Êsse apêlo de socorro ao Imperador estava, como ficou dito, assinado por 47 chefes de família. Quando li seus nomes pareceu-me realmente como se eu, além de tê-los ouvido no Mucuri e visto lá alguns dos seus portadores, já os tivesse visto impressos algures. Examinei um maço de jornais e documentos impressos concernentes ao caso do Mucuri, e certifiquei-me da exatidão do que me tinha parecido.

No ano passado de 1859, apareceu em Hamburgo, impresso por Wilhelm Iowien, um opúsculo de 29 páginas: "Notícia acêrca da Colônia Mucuri na Província brasileira de Minas Gerais", sem o nome do autor, embora no opúsculo mesmo, sob aquêle título, se lesse: (D. Herausg.) *

Êsse autor apresenta-se como um fidalgo. Que devemos, porém, dizer, quando lemos à página 5: "Gente cuja cabeça cheia das brilhantes e vãs promessas de agentes sem consciência na Europa,

(*) Herausg, abreviação de Herausgeber — publicado por. N. do T.

falsa e vergonhosamente informada por miseráveis negociantes de carne humana sôbre as condições existentes aqui..." e vemos assinado em baixo os mesmos nomes dos que se queixavam tão amargamente no memorial ao Imperador?

Depois de muitos extraordinários documentos, vem no opúsculo impresso em 1859 por W. Iowien, publicado por um anônimo, à página 17, uma: "Explicação públiica de colonos alemães nas Colônias do Mucuri" na qual "os méritos do nobre fundador" são incensados com a assinatura de 74 nomes.

Êsse deve ser o relatório do farmacêutico Kern. E na verdade encontrei logo à primeira vista 20 nomes, que figuram embaixo de ambos os documentos. E assim é que no Mucuri se reúne nomes para louvar os "méritos dum nobre fundador" e se recrutam nomes para uma Caiena brasileira!

Se eu deduzisse dos 74 nomes aquêles 20 "anexados" e perguntasse aos restantes, a Kern mesmo, a Huber mesmo e a Rihs também, se suas consciências estavam perfeitamente limpas, quando assinaram, penso que muitos dêles ficariam vermelhos. E o que diria o Dr. Machado Nunes — "Sua Excelência" como Ottoni gostava de chamá-lo e como êle também fizera ao honrado von Tschudi — o que diria o Dr. Machado, quando lesse as queixas dos colonos do Mucuri e tivesse de justificar-se perante seu soberano, o Imperador?

A propósito de dois nomes no relatório de Kern para o "nobre fundador", preciso contar uma pequena anedota, da qual se conclui que mesmo firmas alemãs irrepreensíveis foram arrastadas pela burla do Mucuri, apanhadas de surprêsa e logradas. Êsses dois nomes são: Reinhold e Otto Sommerlatte, filhos dum mestre ferreiro Karl Sommerlatte de Schkeuditz; a irrepreensível firma alemã é a venerável e respeitada Schlobach e Morgenstern de Leipzig.

Esta firma fêz o seguinte contrato com os Sommerlatte:

"Entre Schlobach e Morgenstern, de Leipzig, co-proprietária duma serraria em S. Clara no Brasil, duma parte, e o mestre ferreiro Karl Sommerlatte, de Schkeuditz, de outra parte, ficou acertado e fechado hoje o seguinte contrato:

"Os Srs. S. e M. contratam o mestre ferreiro Sommerlatte para a sua serraria em S. Clara, por três anos, mediante as seguintes condições:

1) Farão o adiantamento do dinheiro necessário para a passagem, partindo de Hamburgo;
2) Os Srs. S. e M. prometem ao contratado um ordenado de 40 táleres (quarenta táleres) por mês, com casa e comida grátis.
3) Darão ao mestre ferreiro Sommerlatte um lote de terra e um dia de folga, além dos domingos e santificados, para cultivá-lo.

Por outro lado Sommerlatte obriga-se:

1) A executar durante três anos consecutivos, dentro de suas possibilidades, os trabalhos que lhe forem ordenados e a não abandonar seu pôsto durante êsse prazo, sob pena duma multa convencionada de 80 táleres.
2) A amortizar seu adiantamento de 75 táleres (setenta e cinco táleres) para a passagem, com o seu ordenado no primeiro ano, e
3) cumprir tôdas as suas promessas e obrigações pontualmente e agir sempre no interêsse dos Srs. S. e M.

"Depois de decorridos os três anos de contrato fica livre o mestre ferreiro Sommerlatte ir para a Colônia Saxônia, e os Srs. S. e M. prometem providenciar junto à Companhia do Mucuri para que lhe venda lá um lote de terra com 130 acres saxônios, que só será obrigado a começar a pagar em dois ou três anos e, em geral, investi-lo nos direitos (!) dos demais colonos, de conformidade com seus programas.

"Ambas as partes declaram-se de acôrdo com as cláusulas acima e ratificam êste contrato com as suas assinaturas.

Leipzig, 19 de maio de 1856

(L. S.)

(assinado) SCHLOBACH e MORGENSTERN

KARL SOMMERLATTE"

Depois dêste extraordinário contrato ratificado e selado, Sommerlatte abandonou tudo e transferiu-se com tudo o que era seu para Hamburgo. Aí lhe juntaram a seguinte adenda:

"Dada a situação financeira, não podemos engajar o portador dêste, Karl Sommerlatte, de Schkeuditz, como trabalhador para S. Clara, pelo que o engajamos para a Companhia, para a Colônia Saxônia, com adiantamento. Podemos, porém, recomendar êste Sommerlatte como um ferreiro competente e rogamos ao Sr. Vogt que, se fôr possível, fique com êle em S. Clara, por conta da Companhia do Mucuri.

Hamburgo, 11 de agôsto de 1856

(assinado) SCHLOBACH e MORGENSTERN"

Sommerlatte nada podia fazer contra essa quebra de contrato e foi muito atraído pela Saxônia para o Mucuri.

Quando eu ia de S. Clara para Filadélfia, encontrei no meio da floresta um homem com um pequeno carro de bois, a quem saudei — era Karl Sommerlatte, de Schkeuditz. Estava muito irritado e prometeu contar-me sua história, se alguma vez nos encontrássemos a sós, o que não queria fazer num rápido encontro na floresta e em presença do Dr. Ernesto Ottoni. Mais tarde, encontrei-me com êle no Rio, e contou-me a história que resultou do seu contrato.

Sofrera a mais amarga decepção. A "serraria de S. Clara" ou nunca tinha existido ou não existia mais, quando estive lá. Não vi o menor vestígio dela. Isso porém não importava mais a Sommerlatte. Tinha-lhe sido prometida a Saxônia.

A Saxônia no Mucuri é uma burla nominal. Talvez alguns saxônios alegres, alguns *schlobachs* como Ottoni chamava no *Correio Mercantil* os colonos engajados para êle por Schlobach e Morgenstern, tivessem tido alguma vez em mente uma associação de compatriotas com êsse nome; isso porém nunca passou dessa pilhéria. É uma parelha da "serraria de S. Clara". O mestre ferreiro procurara por muito tempo notícia dessa Saxônia e por fim desesperara, tendo ido ao Rio procurar auxílio consular, que encontrara tão pouco quanto a serraria e a Saxônia. Procuraram, porém, aliciar os filhos para a homenagem de Kern; essa dupla assinatura deveria certamente ser o melhor meio de paralisar uma ação hostil à Mucuri por parte do pai ludibriado.

O alferes Mamoré, o novo comandante da colônia militar do Rio Urucu, passara-se também para o lado de Ottoni. No seu re-

latório ao Ministério chamara-me a pior epidemia do Mucuri, por eu ter pôsto a nu tantas misérias. Pelo menos Ottoni declarou isso pùblicamente no jornal, e devia saber, porquanto a êle os amigos do penúltimo Ministério mostraram de modo mais cordial todos os papéis, inclusive minha carta dirigida ao Sr. Manuel Felizardo.

Nessa carta eu tinha na verdade declarado uma guerra de morte a essa história de Cagliostro na margem do Mucuri. Em maio e junho do ano anterior, pareceu sem dúvida estar preparada a mais brilhante vitória para Ottoni, de maneira que pôde com razão declarar pela imprensa: "Navegamos num mar de rosas". Os negociantes alemães de carne humana podiam a seu bel-prazer levantar-se contra mim com acusações imprudentes, podia-se publicar à vontade, sobretudo no jornal alemão *Brasília*, de Petrópolis, de acôrdo com os dados de Ottoni e sob o nome dum alemão — Uhland's "Unstern", não um caráter e sim um vilão — tudo o que uma criatura que, como já disse, perdera a honra em ambas as partes do mundo, podia mandar imprimir. Tudo parecia certamente favorável a êsses, e perdido para os nossos compatriotas, até que aí também, exatamente como outrora no Mucuri, mesmo com a chegada do "Tieté", o destino interveio com o éreo pulso e contra o mesmo a quem eu prometera seu campo de batalha de Filipes, se apresentou um César Augusto na poderosa pessoa do próprio Imperador, exatamente nos idos de março! Êste é o último episódio da história das florestas do Mucuri.

As imensas vantagens que os habitantes da Província de Minas Gerais deviam auferir da estrada via Mucuri, conforme as enganadoras promessas de Ottoni, cuja natureza devia ter o assentimento de numerosas multidões nas margens do Rio S. Francisco, granjearam-lhe grande popularidade, abrindo-lhe o caminho para a senatoria, como eu já dissera com muita certeza.

Já no ano de 1857, os habitantes de Minas, na expectativa das vantagens que lhes proviriam da estrada via Mucuri, tinham dado ao seu conterrâneo muitos votos na eleição para Senador, de maneira a figurar em sétimo lugar na lista dos candidatos.

Preciso, todavia, esclarecer com algumas palavras essa situação.

A dignidade de Senador é a mais elevada a que pode aspirar um cidadão brasileiro. É uma dignidade vitalícia, paga, mas não hereditária. Quando morre um dentre os Senadores duma provín-

cia, os eleitores eleitos para essa legislatura (um período de quatro anos) reúnem-se e dão seus votos aos candidatos que se apresentaram para a eleição. Os três mais votados (chamada lista tríplice) são então apresentados à Coroa para eleição. O Imperador tem que nomear um dêsses três candidatos, mas pode nomear o que quiser.

O mais darei numa tradução literal do *Correio Mercantil*, o mesmo jornal importante da oposição, no qual Ottoni publica sempre sua correspondência sôbre a Mucuri, e onde há poucos meses exclamara, feliz: "Navegamos num mar de rosas!"

Agora, porém, diz de repente:

"Rio, 28 de abril.

"Nos doze anos decorridos desde 1848 a Província de Minas Gerais tem sido dirigida sob a influência dos adversários políticos do Sr. Teófilo Ottoni.

"O chefe ou o vulto principal dentre êsses adversários era o Sr. Conselheiro Luís Antônio Barbosa.

"Deu-se uma vaga de senador. O Sr. Ottoni, em concurso com o Sr. Barbosa, foi pela Província colocado no primeiro lugar da lista tríplice.

"O triunfo do Sr. Ottoni neste caso era uma demonstração estrondosa de simpatia popular. Convinha compensar o seu adversário: o Sr. Barbosa foi o preferido para o Senado.

"Fôra muito que o mesmo cidadão tivesse duas distinções ao mesmo tempo, — a do voto do povo sem interferência do Govêrno e a da escolha sem quarentena.

"Segunda vez a morte ceifou no Senado uma de suas maiores ilustrações. Vergueiro, o deputado tribuno, que pela energia e nobreza de seu caráter vencera as repugnâncias da Coroa em 1828, desceu ao túmulo.

"A Província de Minas, tendo de apresentar uma nova lista senatorial, colocou ainda em primeiro lugar o nome do Sr. Teófilo Ottoni.

"Ainda também desta vez o Sr. Ottoni teve o inconveniente da popularidade.

"Foi-lhe preferido na escolha o Sr. Manuel Teixeira de Sousa.

"O Sr. Teófilo Ottoni tomou então o acôrdo que era próprio de seu caráter. De hoje em diante aceita a posição de impossível e não expõe a sua Província a tristes decepções.

"Eis aqui a circular que êle dirige ao corpo eleitoral de Minas:

"Ilm.º Sr. — Pela quarta vez na presente legislatura o corpo eleitoral da Província de Minas Gerais é convocada para a formação de listas senatoriais.

"Em 1857 duas vagas se preencheram, e, bem que nessa eleição eu não me houvesse diretamente apresentado, coube-me a glória de obter cêrca de 800 votos.

"Opiniões valiosas me davam o sexto lugar da lista; mas eu aceitei agradecido o sétimo, abstendo-me de qualquer reclamação, por deferência para com o distinto mineiro cujo nome foi anteposto ao meu.

"Sobreveio a eleição de 21 de agôsto do ano passado, na qual solicitei a honrosa confiança dos Srs. eleitores mineiros. O resultado excedeu às minhas mais exageradas aspirações.

"Foi-me conferido o primeiro lugar na escala geral da votação, e sufragou-me a maioria absoluta dos eleitores que concorreram à eleição.

"Fui o primeiro votado em 14 colégios e não me faltou votação em um só círculo eleitoral.

"Apresentada a lista tríplice ao poder moderador, foi escolhido senador o Sr. conselheiro Luís Antônio Barbosa, que era o segundo votado.

"Em seguida, vagando a cadeira que tão dignamente fôra ocupada pelo venerando patriota Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, novamente apelei para os meus co-provincianos.

"E não foi em vão. Na eleição de 12 de fevereiro dêste ano segunda vez me couberam as honras do primeiro lugar na lista tríplice, avantajando-me em 174 votos sôbre o segundo votado e em 294 sôbre o terceiro.

"E tão uniforme se manifestou a vontade da Província que, se a eleição de senadores se fizesse por círculos, como a dos deputados, eu teria tido a glória de ser apresentado à Coroa por

todos os distritos eleitorais de Minas Gerais primeiro da lista tríplice em 13 círculos, segundo em 5, terceiro no décimo nono, e ficando empatado em terceiro lugar no vigésimo.

"Em 19 dos círculos eu teria sido apresentado à Coroa pela maioria absoluta dos eleitores, só o sendo por maioria relativa em um círculo, onde aliás obtive 43 votos em 85 eleitores.

"Talvez nenhum cidadão brasileiro tenha ficado a dever aos eleitores de sua província tamanha distinção.

"Submetida à ilustrada consideração de Sua Majestade o Imperador a última lista tríplice, foi escolhido o segundo votado, o Sr. Manuel Teixeira de Sousa.

"Eu não desconheço que dos três cidadãos, cujos nomes foram apresentados à Coroa, sou o mais obscuro e talvez o que menos serviços tenha prestado ao país.

"Eu não desconheço que, segundo o preceito constitucional, a prerrogativa da Coroa na escolha dos senadores não tem limitação.

"Devem-se preferir, diz a Constituição, aquêles que tiverem prestado serviços ao Estado; mas o juiz é o poder moderador.

"No entanto, quando o corpo eleitoral de uma província como a de Minas Gerais solicita com tamanha instância a escolha de um seu candidato; quando a eleição dêsse candidato, longe de ser a expressão e o triunfo de um partido, é o produto da mais manifesta espontaneidade: o indeferimento parece que significa menosprêzo, com que se não trataria o Rio Grande do Sul, a Bahia ou Pernambuco.

"Essencialmente mineiro, se me faltam os predicados para ser escolhido senador do Império, sobra-me patriotismo para zelar o nome e pundonor de minha província.

"Não serão minhas solicitações importunas que hão de expor a novo desar o corpo eleitoral da briosa Província de Minas Gerais.

"Quanto a mim, basta-me a glória das três últimas eleições, que têm cativado para sempre a minha gratidão.

"Na obscuridade a que estou condenado procurarei proceder de maneira que nenhum eleitor do para mim memorável qüinqüênio de 1857 a 1861 venha a arrepender-se dos votos que me concedeu.

"Declinando, pois, de qualquer aspiração na próxima eleição senatorial, eu sou com distinta consideração e estima

"De V. S. patrício e amigo obrigado

TEÓFILO BENEDITO OTTONI.

Rio de Janeiro, 28 de abril de 1860."

* * *

Esta circular dirigida à Província de Minas Gerais, fácil de impressionar-se por um homem como Ottoni, para quem a revolução era também um meio de alcançar seus fins particulares, causou no Rio de Janeiro, por ocasião da partida do último paquête inglês (8 de maio), grande sensação, porquanto seu sentido era muito compreensível, e encontrara já no *Jornal do Comércio,* o primeiro jornal do Brasil, a 3 de maio, uma excelente resposta, escrita com muita moderação, sátira causticante e decidida verdade. Acusa êsse homem presumido de ofender os eleitores de Minas, de ofender seus concorrentes, a Província inteira e o insigne cidadão, que foi escolhido para Senador, e continua:

"O Sr. Ottoni tem certamente razão para pensar que não pode ser colocado sob uma mesma rubrica, com um dêsses nomes dignos da maior consideração, quando se trata de serviços que êle julga ter prestado. Sem querer negá-los inteiramente, êsse senhor tem que nos permitir a declaração de que, além de sua infeliz Emprêsa do Mucuri, não sabemos que outros serviços tenha prestado.

"As estradas são certamente uma necessidade real para o país, a introdução de braços diligentes é também outra necessidade, que não queremos contestar. Mas ainda mais certo é que não podemos prestar benefício a qualquer ponto do Império, com a ruína de nossos amigos e das pessoas que nos confiaram seus capitais, levados pelas nossas sedutoras promessas, e com enormes prejuízos para o tesouro nacional; porquanto tal empreendimento se transformaria, afinal, num verdadeiro mau serviço.

"O país nada lucra, quando um ponto quer enriquecer-se com a ruína de outro. E na realidade perde, quando os capitais, que podiam ser úteis num lugar, são transferidos para outro, onde, ou

nada produzem ou se perdem inteiramente. É neste caso que se encontra, em nossa opinião, a Emprêsa do Mucuri, se o Govêrno não se apressar em tomar a si essa onerosa aventura, para não ver totalmente perdido tudo que está investido lá.

"Qual foi o outro serviço que êsse senhor prestou? A não ser os constantes favores que há dez anos vem recebendo de tôdas as administrações do país, como já confessou pùblicamente; a não ser o espírito de revolta, que tem o hábito de insuflar no país, sempre que êste contraria seus interêsses, como está fazendo agora novamente: nada mais vemos que o pudesse colocar acima de ambos os seus nobres competidores, e muito menos que o autorize a declarar que a preterição de sua escolha tenha sido um menosprêzo, que encerra em si uma ofensa, um insulto à Província por parte da Coroa."

Por fim, diz ainda e com tôda a razão:

"No Brasil, graças à generosidade do Imperador, nenhum nome pertence ao rol dos impossíveis, se não se torna por si mesmo. Além disso, o Sr. Ottoni, depois de ter recebido tantos auxílios pecuniários do Govêrno Imperial para sua emprêsa, devia tratá-lo com mais respeito e não romper com êle, pela forma desabrida como fêz. E, finalmente, quando declina de sua candidatura, mas incita o sentimento de honra de Minas para que seja novamente eleito, parece como uma espécie de sugestão coercitiva, que ninguém aprovará."

Concordamos plenamente com esta correção. A Coroa, no caso presente, só fêz uso de suas prerrogativas. Mas o exercício dêsse direito teve algo de aniquilador para um homem que arrancou ardilosamente somas enormes do povo, para enriquecer parentes, arranjar-se e alcançar um lugar oficial de destaque. Praza a Deus que, sob a direção do Govêrno, tudo melhore no Mucuri! Aos vivos será, assim, é de esperar, permitido, se ainda o quiserem, livre saída; os mortos estarão vingados.

Assim é que minha penosa expedição ao longo do Mucuri e minha cruzada contra a prepotência ali reinante não foram em vão. Na verdade, o castigo, a vingança dos malefícios, chegou um tanto tarde. Chegara, entretanto, e alcançara também todos aquêles que estavam a serviço daquele Diretor da Mucuri e queriam

ganhar dinheiro, tendo esquecido o velho e conhecido: "*Discite justitiam moniti, nec spernere divos*".

Sirva, todavia, essa nova feição de todo êste caso para formar um ambiente conciliatório na Alemanha, criar e fixar no atual Ministério brasileiro, sob o seu ilustre presidente Ângelo Moniz da Silva Ferraz uma atmosfera de confiança recíproca.

Ao último estadista citado cabe exatamente, por amor ao seu país, agir como de direito e sèriamente com tôdas as suas conseqüências, o que êle deixa prever. Como Ministro da Fazenda, negara à Emprêsa Mucuri, que já recebera 240 000 táleres, por conta do empréstimo de um milhão, a juros de 7%, garantidos pelo Govêrno, quaisquer novos adiantamentos, pelo que a significação dos últimos acontecimentos se tornava mais frisante.

Quer as conseqüências sejam pacíficas ou tumultuosas na luta contra casos e gente desonesta, a tempestade e a guerra não podem ser evitadas. Há, milhares de vêzes na vida, circunstâncias, dentro das quais, nosso valor não pode ser aquilatado pelo número dos nossos amigos, e sim pelo número e grito de guerra dos nossos inimigos. Um dêsses períodos de minha vida foi também a luta que tive de manter no Mucuri e depois, mais longe, por entre a gritaria de muitos inimigos e de todos os negociantes de carne humana, que esperavam ganhar ainda muito dinheiro e fazer esplêndidos negócios, e, em vez dêstes, recebiam de volta, protestados, os saques contra o "nobre fundador da Emprêsa do Mucuri".

Lübeck, 16 de junho de 1860.

SUMÁRIO

NO RIO AMAZONAS

CAPÍTULO I

CAPÍTULO II

CAPÍTULO III

CAPÍTULO IV

CAPÍTULO V

CAPÍTULO VI

CAPÍTULO VII

CAPÍTULO VIII

COLEÇÃO DE OBRAS RARAS

Volumes Publicados

I — *As Primaveras, Casimiro de Abreu.* Fac-símile da edição original. 1945. *Esgotado.*

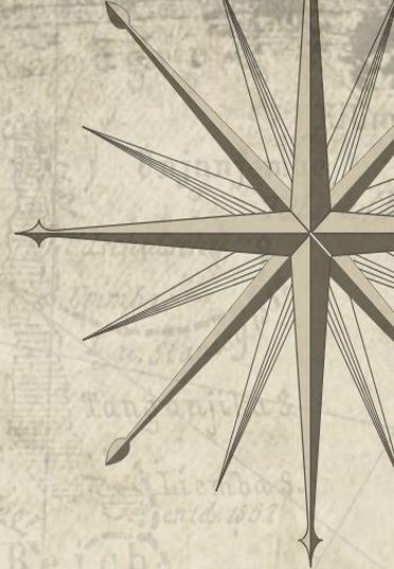
II — *Corografia Brasílica,* Aires de Casal. 1945. *Esgotado.*

III — *Viagem no Interior do Brasil,* João Emanuel Pohl. 1951. *Esgotado.*

IV — *Viagem pelo Sul do Brasil no Ano de 1858* (2 volumes), Robert Avé-Lallemant. 1953. *Esgotado.*

V — *História Natural e Médica da Índia Ocidental,* Guilherme Piso. 1957.

VI — *Uma Peça Desconhecida sôbre os Holandeses na Bahia,* J. Carlos Lisboa. 1961.

VII — *Viagem pelo Norte do Brasil no Ano de 1859* (2 volumes), Robert Avé-Lallemant. 1961.

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS

https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804

cdmam@cultura.am.gov.br

acervodigitalsec@gmail.com